



RAQUEL PAGNO

SEABLUE

QUAL O PREÇO DA SOBREVIVÊNCIA?

RAQUEL PAGNO

SEABLUE

QUAL O PREÇO DA SOBREVIVÊNCIA?





RAQUEL PAGNO

SEABLUE

QUAL O PREÇO DA SOBREVIVÊNCIA?

2ª EDIÇÃO
2014

RAQUEL PAGNO

PRIMEIRA PARTE

01- Pesadelos...

Eduardo acordou assustado. Tivera um pesadelo terrível, no qual ele e Daniele comemoravam seu casamento a bordo de um navio, mas em certo momento, Daniele enlouquecia e se atirava ao mar. Logo em seguida, ele percebia que os demais passageiros da embarcação eram zumbis e ameaçavam atacá-lo. Ele demorou a abrir os olhos, espreguiçou-se, olhou o relógio na cabeceira da cama e viu que passavam alguns minutos das seis horas de sexta-feira. Não quis se levantar embora soubesse que não conseguiria voltar a dormir. Ficou pensando em coisas agradáveis, tentando esquecer-se do sonho ruim que insistia em permanecer em sua memória. Pensou em Daniele, que em poucos dias a teria em seus braços para sempre. Ligou o rádio e tornou a fechar os olhos.

Sempre fora apaixonado por música e logo descobriu sua aptidão. A música lhe causava uma espécie de transe, tirando-o da realidade e transportando-o para um mundo mágico, no qual ele se sentia como um super-homem, capaz de realizar todos os seus sonhos e desejos. Queria gravar um disco com suas composições, mas esse sonho acabou ficando na gaveta.

Ele não queria fazer fama como cantor, mas adorava ensinar as crianças. Foi Eduardo quem criou a primeira escola de música para crianças carentes da cidade de São Paulo. Lutou durante anos em busca de patrocínios, materiais, projetos e doações de instrumentos e finalmente conseguiu realizar esse sonho.

Via a sua vida como uma série de surpresas agradáveis. Assim também ocorreu quando ele encontrou Daniele. Foi no final de

uma tarde de verão, enquanto fazia sua corrida diária, logo após o expediente na escola de música. Estava passando na ponte do Parque Ibirapuera, distraído, com seus fones de ouvido e quando percebeu, viu-se no chão, caído sobre uma moça que corria em sentido contrário. Era a moça mais linda que ele tinha visto em toda a sua vida.

Ele se lembrava daquele dia como se tivesse sido ontem e mal podia acreditar que já estava noivo de Daniele. Não via a hora de tê-la ao seu lado para o resto de seus dias, por isso havia apressado o casamento, marcando-o para o próximo mês.

Ed, como costumavam chamá-lo, era contra essa história de formalidades e cerimônias. Não queria uma festa exuberante, mas Daniele se preocupava muito com a mídia e queria publicidade, o que lhe cabia pela fama de seu pai. Entraram num acordo: ele aceitaria a festa como Daniele quisesse, mas não queria, de forma alguma, sair em lua-de-mel. Eduardo sabia que os repórteres não iam dar sossego, por isso queria viajar antes do casamento. Partiriam no navio no dia onze de fevereiro, dia de aniversário do namoro, e aportariam de volta no dia vinte e dois, sexta-feira. Marcaram o casamento para domingo, dia vinte e quatro. Assim, ficariam livres das fofocas nas revistas.



Daniele era uma mulher rica, filha de um grande ator. Fora criada pelo pai, que lhe fazia todas as vontades, e pelas babás contratadas por ele, já que viajava muito por conta das gravações.

Era famosa por seus escândalos e por sua beleza. Era alvo constante das revistas de fofocas. Havia encontrado Eduardo na véspera do seu aniversário de 20 anos. Não era acostumada a correr no parque, apenas se exercitava na academia particular do seu pai

quando passava longas temporadas na casa de praia, em Santos. Mas naquele dia, Daniele tivera uma séria discussão com seu namorado Roberto. Ela descobrira naquela tarde, que ele tinha um caso com uma das empregadas da sua casa.

Ela se descontrolou e acabou agredindo Roberto. Depois da briga, o então ex-namorado e a empregada foram até uma delegacia e registraram um boletim de ocorrência, movendo assim um processo contra Daniele. O resultado foi uma indenização bem graúda, e um corretivo aplicado por seu pai.



Roberto era um ator em início de carreira. Era um belo rapaz, mas não sentia amor por Daniele. Encontrou-a em uma festa de ricos e badalados, quando ele arranhou um jeito de entrar sem convite, porque sabia que ela estaria lá. Precisava de uma forma de subir na carreira e o romance com Daniele lhe traria a fama quase imediata.

Roberto sabia que não tinha muito talento, mas gostava de ganhar dinheiro fácil e achava que seu casamento, seguido por um rápido divórcio, lhe arranjaría a vida e finalmente poderia viver com Eloísa, a empregada.

Sem profissão, vindo de uma cidadezinha do interior e não sendo muito adepto ao trabalho, Roberto não tinha muitas alternativas de vida. Lia sempre as revistas sobre celebridades e assim ficou conhecendo a vida de Daniele Cascais. Começou a perseguir-la, mas não conseguia chamar sua atenção, até que soube de uma festa em homenagem ao pai dela. Aquela era uma ótima oportunidade para aproximar-se da garota. Sabia que nas festas em geral, Daniele costumava beber demasiadamente e dar escândalos. Não seria difícil contar-lhe umas mentiras e levá-la para a cama. E estaria feito.

Fez tudo como planejou. Subornou um segurança para entrar pelos fundos. Mentiu para Daniele que havia trabalhado com seu pai, embebedou-a e passaram a noite juntos, sem nada acontecer.

Daniele estava tão bêbada, que no dia seguinte não fazia a menor ideia de quem era o rapaz que estava em sua cama e nem se lembrava do que tinha acontecido. O jeito foi acreditar no que Roberto lhe contou. Marcaram um encontro para o dia seguinte, quando Roberto apareceu com um lindo ramallete de flores campestres, o preferido de Daniele, como ele lera nas revistas. E o namoro durou dois anos, até o incidente daquela tarde, que os separou para sempre.



Rudson Cascais agradecia todos os dias pelo ocorrido. Não gostava de Roberto e notara seu mau caráter desde a primeira vez que o vira. Estava muito satisfeito pelo fato de ela ter conhecido Eduardo. O pai sabia que ele era a pessoa ideal para fazer sua filha feliz. Já tinha planos para ajudá-lo a expandir sua escola de música após o casamento.

Conversaria com seus amigos empresários para que contribuíssem com doações à escola e tinha certeza de que assim conseguiria expandir o negócio de Eduardo bem depressa. Também gostava da ideia que Daniele tivera, de contribuir e interagir com as crianças. Ela estava até pensando em estudar música para ajudar Eduardo com a escola.

Ele tinha certeza de que os esforços da filha a estavam transformando em uma pessoa melhor, mais conectada com a realidade. Finalmente Daniele encontrara um namorado à sua altura! Uma pessoa de caráter, que apesar de ter passado por dificuldades, conseguiu passar pela vida sem se corromper. Eduardo era uma verdadeira

bênção na vida da filha e Rudson desejava que fossem felizes e lhe dessem muitos netos para compensar sua família pequena.



Rudson era filho único e teve apenas uma filha. Sua esposa morreu, grávida de oito meses de um menino. Daniele, na época com pouco mais de um ano e meio de idade, também estava no carro atingido por um caminhão desgovernado que vinha na contramão. Sua mãe e o motorista não tiveram a mesma sorte, morreram no local do acidente antes que o socorro tivesse chegado. O homem jamais voltou a se casar. Teve alguns casos com colegas de profissão, lindas atrizes, mas nunca se prendeu a mulher alguma.



Daniele gostava de ter o pai só para ela, não queria ter que dividi-lo com mais ninguém. Eles cuidavam um do outro, como tinha de ser. Era ela quem escolhia as roupas certas para ele em cada ocasião importante e quando estava fora da cidade, sempre telefonava antes das gravações para lhe desejar boa sorte. Ele sabia que sem isso nada sairia bem, era sua superstição, que a filha adorava.



Já era quinta-feira e faltavam apenas oito dias para a lua-de-mel antecipada de Eduardo e Daniele. Os dois planejaram a viagem minuciosamente, para que não houvesse imprevistos. Ela queria ir para Paris, mas ele não gostava de frio e apesar de fazer sempre as vontades de Daniele, desta vez ela teria que reconsiderar.

Eduardo queria ir para o Caribe, mas Daniele não gostava de muito calor. Cogitaram a possibilidade de irem para o Egito ou a algum lugar no Oriente. Pensaram em Buenos Aires, nas cordilheiras do Chile, mas acabaram resolvendo fazer um cruzeiro marítimo.

Escolheram o *Seablue*, que fazia um percurso completo pelas Américas. Os dois estavam ansiosos, esta seria a primeira viagem que fariam sozinhos, sem a companhia do pai ou dos amigos de Daniele.

02- A Viagem dos Sonhos...

Igor mal conseguia esperar para mostrar as passagens à Joana. Haviam feito economia por quase dois anos para fazer essa viagem e agora ele finalmente comprara as passagens. Ficava imaginando qual seria a reação dela quando soubesse que o embarque seria dali a sete dias. Já podia sentir Joana radiante de felicidade. Igor havia planejado tudo: convidaria Joana para um jantar e no decorrer da noite, contaria a novidade. Então passariam a noite juntos, como de costume.



Joana trabalhava no comércio e morava num quartinho de aluguel, casa de Dona Carolina, próximo à faculdade onde cursava a sétima fase de arqueologia. Seu sonho era participar de expedições para o Egito, em busca de novas descobertas sobre as pirâmides e quem sabe, ajudar a esclarecer todo esse mistério que a fascinava.

Viera de uma cidade do interior para continuar seus estudos. Os pais, que não eram adeptos às novas tecnologias, lhe escreviam cartas periodicamente, às quais ela respondia mandando-lhes notícias.

Era a mais velha de quatro irmãos. Seus pais eram agricultores e possuíam uma pequena propriedade onde plantavam para abastecer os mercados da região. Não podiam enviar à menina auxílio financeiro, mas incentivo nunca lhe faltou. Seu pai foi quem sempre a encorajou a seguir em frente.

Mesmo com todo o apoio do pai, Joana sentia-se insegura em viver sozinha na cidade grande. Mas sua insegurança não a impediu

de seguir seus sonhos.

Foi na primeira semana de aula que ela conheceu Brigitte, uma menina de classe média que morava com a mãe num bairro nobre da cidade, para onde levava Joana quase todos os finais de semana. Brigitte tinha a mesma idade da amiga, não por ter demorado a ingressar na faculdade, mas porque tinha trocado de curso várias vezes.

A mãe de Brigitte, uma advogada de carreira, sempre a aconselhara a demorar o máximo para se formar, o que garantiria a pensão que o pai lhe enviava mensalmente para suas despesas estudantis. Brigitte ficava no máximo dois semestres em cada curso. Até gostava dessa troca constante. Era muito curiosa e com toda certeza se sairia bem em qualquer área. Não era boa em cálculo, mas se esforçava bastante e poderia acompanhar qualquer turma mais adiantada na qual ingressasse. A esperteza de Brigitte compensava sua falta de aptidão. Sempre tinha um jeito criativo de impressionar os professores.

Através de Brigitte, Joana conheceu Igor.

Igor gostava de paquerar Brigitte, mas a moça não queria nem conversa com o homem. Ela o julgava muito velho. Gostava dos garotos mais jovens do que ela. Igor estava com quarenta e um anos e para Brigitte, isso era demais.

No dia do seu aniversário, Brigitte resolveu dar uma festinha em sua casa e convidou toda a turma da faculdade, inclusive os colegas de cursos dos quais ela desistira. A casa ficou cheia e acabou faltando bebida...

Brigitte não podia sair e deixar seus convidados, então pediu à Joana que fosse até a lanchonete que ficava a quinze minutos dali.

A garota não hesitou, pegou o carro da amiga e seguiu até a lanchonete. Ao chegar, deu de cara com uma placa em letras vermelhas e garrafais: “FECHADO”.

Joana telefonou para Brigitte e perguntou se havia algum outro local aberto aos domingos. A resposta foi negativa, porém Brigitte explicou que o dono da lanchonete morava nos fundos e que se Joana batesse com força na porta, certamente ele viria atendê-la. Foi o que ela fez. Bateu, e bateu forte, fazendo o vitral todo tremer, mas ninguém apareceu. Ela bateu novamente, e outra vez, e mais uma, e nada.

– Será que o dono da lanchonete está dormindo a essa hora?
– perguntou para si mesma. Resolveu tentar a sorte. Pulou o muro na lateral da lanchonete, para bater na janela e acordar o dorminhoco. De repente, veio correndo do fundo do terreno, um pastor alemão latindo e rosnando.

Joana não sabia o que fazer. Numa fração de segundo, pensou em pular o muro de volta, mas sabia que não daria tempo. Cogitou pegar uma pedra no chão e ameaçá-lo (sempre dava certo com os vira-latas da sua rua). Achou que não seria uma boa ideia com este cão feroz. Ficou imóvel, congelada, esperando a reação, quando ouviu uma voz forte:

– Fica, Monstro! Senta! – Era Igor chegando a casa. O nome que dera ao cão não poderia ser mais apropriado, ele realmente parecia um monstro.

Joana não conseguia falar, estava pálida e continuava imóvel olhando para o Monstro a sua frente, que agora estava sentado, mas continuava latindo para ela. Igor tirou um biscoito do bolso e o colocou na boca do cão, mandando-o ir para seu canil no fundo do terre-

no. Assim que ele entrou, Igor trancou o portão de tela com um cadeado.

– Posso saber o que você está fazendo no meu pátio? – perguntou com tom de ironia.

– Eu... era... só... eu... – balbuciou a garota e depois não conseguiu falar mais nada. Igor, percebendo o estado de choque da garota, levou-a para dentro e ofereceu-lhe um copo de água. Joana aceitou.

– Está mais calma? – perguntou ele, agora com uma voz completamente doce.

– Estou, sim.

– Pode me contar o que faz aqui a esta hora?

– Eu queria... as cervejas.

– Ah! Entendi! Uma viciada! Eu logo percebi seu hálito de álcool. Usa drogas também? – disse ele com ar de desprezo.

– Não! Você não está entendendo! – Joana ainda tentava reorganizar os pensamentos. – A minha amiga, Brigitte, pediu para que buscasse as cervejas e...

– Ah! Está explicado! Só podia ser amiga da louca da Brigitte! Onde está aquela safada? Eu ainda pego aquela garota! – disse interrompendo-a.

Joana achou que agora ele estava furioso, ele não parava de xingar Brigitte, atitude que Joana realmente não entendeu. De repente, Igor aproximou-se da moça e segurando-a forte em seus braços, beijou-a com força, meio com raiva, mordiscando seus lábios. Joana empurrou o corpo forte de Igor e no fim daquele beijo, que pareceu uma eternidade, ele a soltou.

– Você é louco?! Seu tarado! – e deu uma bofetada na face es-

querda do homem.

– Por que se fazer de difícil? Você deve ser como sua amiguinha, mas eu vou ensinar a vocês que não se pode dizer *não* para um homem como eu! – e tornou a agarrar Joana, que empurrava o peito de Igor o máximo que conseguia.

Sua força não podia ser de forma alguma comparada com a dele. Ele pressionava o peito forte contra o corpo de Joana e fazia com que ela sentisse os músculos de seu tórax, que a deixavam zonzas. Foi aos poucos perdendo o fôlego e sentia que tudo girava ao seu redor por consequência da bebida que tinha ingerido na festa. Caiu desfalecida nos braços de Igor.

Acordou no dia seguinte, totalmente despida, na cama do homem.

Em seu celular havia trinta e uma ligações não atendidas de Brigitte, que ficara tão preocupada com a amiga que suspendera a festa.

03- Doloroso Regresso...

Quando Joana chegou à casa de Brigitte, ela já havia saído. Joana precisava encontrá-la e contar o que o dono da lanchonete tinha feito com ela.

Sáira tão depressa da casa do rapaz, que ainda estava toda descabelada e se esquecera do casaco que a amiga havia lhe emprestado.

Achou melhor telefonar para Brigitte e dizer que estava bem. Aí se deu conta de que estava com o celular da amiga, mas mesmo assim resolveu tentar, pois sabia que Brigitte às vezes usava o do pai.

– Você está me dizendo que passou a noite com Igor? Não acredito! Você ficou maluca? – dizia Brigitte furiosa do outro lado da linha.

– Por favor, Brigitte eu não sei o que aconteceu e preciso da sua ajuda...

– Pode deixar que eu vou pessoalmente falar com aquele canalha! Onde já se viu abusar assim de uma mulher inocente?! – exclamou.

– Não faça... – Brigitte desligou o telefone antes que Joana pudesse terminar.

Joana tinha que impedir Brigitte de chegar até Igor. Não queria que os dois conversassem, até que a amiga lhe esclarecesse suas dúvidas. Precisava saber se Igor era mesmo o canalha que parecia.

Joana não se lembrava do que ocorreu na noite que passara na casa dele, mas do beijo ela lembrava bem. Os lábios gulosos de Igor devorando-a, forçando sua língua quente a entrar em sua boca... Ela teve muito medo, mas também sentiu desejo. Agora não sabia

como iria olhar para ele, estava com vergonha e uma espécie de repulsa. Duvidou se devia culpá-lo, afinal fora ela quem invadiu sua casa. Certamente isso não justificava a atitude dele de tê-la violado, mas Joana estava se sentindo culpada. Mais cedo ou mais tarde teria que enfrentá-lo cara a cara, então não adiaría isto. Iria até a lanchonete.



Igor sorriu ao vê-la.

– Preciso conversar com você.

– Não temos nada para conversar – respondeu Joana.

– Por favor, me ouça, é muito importante o que eu tenho para dizer.

– Eu não gosto de você e não vim aqui procurá-lo!

– E veio fazer o que, então? Buscar seu casaco? – Na verdade ela nem se lembrava do casaco, mas aproveitou o gancho:

– É isso mesmo! O meu casaco! Quero o meu casaco, agora!

– Está ao lado da minha cama – disse ele apontando para a porta que ficava atrás do balcão. Joana entendeu que ele queria que ela fosse buscar o casaco lá dentro e entrou, sem desviar os olhos de Igor.

Ele deixou seus clientes e foi atrás da moça. Atravessaram a sala de estar e chegaram ao quarto, onde Joana reparou que na cama ainda desfeita havia apenas um travesseiro no lugar onde ela dormira.

– Você percebeu? Eu não passei a noite com você. Dormi lá no sofá para que você pudesse descansar e sabia que hoje não se lembraria de nada.

– É verdade, então...

– É sim. Não houve nada entre nós. Desculpe-me, eu também bebi um pouco além do limite, ontem. Mas você não me disse o seu nome, não é mesmo?

– Joana. Meu nome é Joana.

– E então, Joana, você me desculpa? Não, não responda agora. Pode pensar e hoje à noite eu farei um jantar especial para você, para ver que realmente estou arrependido de tê-la beijado daquele jeito.

Joana ficou um pouco decepcionada por ele ter dito que se arrependera do beijo que ela gostou tanto, mas não deixou que ele percebesse.

– Eu não posso jantar com você. Preciso estudar, eu tenho prova na faculdade, amanhã. Fica para a próxima.

– Por favor – insistiu Igor. – Eu prometo que levo você para casa bem cedo para dar tempo de estudar, hein? Podemos jantar às sete? É cedo o suficiente? Prometo que a devolverei sã e salva até às nove, está bem?

– Ah! Está bem! – respondeu a garota, achando melhor resolver isso de uma vez.

– Onde posso apanhá-la?

– Não há necessidade, eu chegarei pontualmente, às sete.

– Então está bem, *my lady*. – brincou Igor curvando-se na frente de Joana – Espero-a às sete, então. Pontualmente.

Joana pegou o casaco que estava no chão ao lado da cama e saiu pela mesma porta por que entrara. Ouviu a voz de Brigitte que estava cruzando a calçada em frente, esbravejando, furiosa. Joana achou melhor se apressar e impedir a amiga de causar um escândalo.

Ao chegar à casa de Igor, ainda faltavam alguns minutos para as sete horas. Como disse que seria pontual, decidiu esperar do lado de fora.

– Olá! Chegou cedo, hein! Vamos entrar? – Igor a flagrara. Joana ficou envergonhada e Igor percebeu.

Elogiou-a, porque realmente estava linda, com um vestido preto de crepe que descia até a altura dos joelhos. Seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo. Usava meia-calça preta, com um sapato de verniz, estilo boneca. Igor vestia uma camisa canelada cinza e calça jeans azul-clara.

A garota foi recebida com um ramalhete de rosas brancas, que Igor afirmou serem para lhe trazer paz. O cardápio da noite fora preparado pelo próprio, que era um excelente cozinheiro. Ele preparara carne vermelha, salada mista com frutas tropicais e arroz branco para acompanhar.

Joana sentou-se no sofá da sala de estar, mas Igor logo a levou para a sala de jantar. Serviu vinho enquanto terminava de preparar a refeição. Conversaram bastante, sobre assuntos corriqueiros. Quando Igor se sentou à mesa, Joana já estava meio tonta por causa da bebida. Ainda não tinha se recuperado da bebedeira do dia anterior. Quase não conseguiu comer, mas a companhia agradável fez com que ela tivesse a sensação de estar com outro homem e não aquele com quem tivera o incidente da noite anterior.

O jantar estava delicioso, mas já eram nove horas, e como o prometido, Igor perguntou se ela queria ir para sua casa. Joana estava cansada e confessou que a história da prova era inventada, para livrá-la do jantar, mas que não se arrependia de ter comparecido.

Igor segurou a mão da garota, que estava completamente ge-

lada, e perguntou se estava com frio. Ela respondeu que sim e o rapaz conduziu-a de volta para a sala de estar, onde acendeu a lareira e o ambiente se aqueceu rapidamente. Joana pediu para que Igor ligasse o rádio e ele o fez.

A música que tocava, falava de um amor impossível. Igor convidou-a para dançar e ela aceitou. Encostou a cabeça no peito largo e forte do homem e lembrou-se do beijo que ele lhe dera na noite anterior.

Sem perceber, Joana olhou-o nos olhos e entreabriu os lábios, como se estivesse esperando por aquele beijo, mas Igor tocou seus lábios muito suavemente. Joana deixou escapar um gemido do fundo de sua garganta, seu corpo estava queimando de desejo. Ele então a afastou. Joana reaproximou-se e abraçou o homem puxando o corpo dele para junto do seu. Igor queria resistir, queria afastá-la, mas não conseguia, como se sua força o tivesse abandonado. Só conseguia pensar no corpo nu de Joana na noite anterior, em como ele observara cada detalhe de sua anatomia e como a tocou sem que ela percebesse.

Podia sentir o calor de sua pele, o mesmo calor de quando a despira na noite passada. Torturou-se lembrando de como tivera que se esforçar para conter seu desejo, seu corpo desejava aquela garota desfalecida e nua sobre seu leito.

A mão tocou o rosto de Joana, descendo pelo pescoço muito branco e percorreu os ombros de forma que as alças de seu vestido caíssem, deixando à mostra o colo e parte dos seios. Joana desabotoou sua camisa, beijou-lhe o peito musculoso e emaranhou seus dedos nos pelos abundantes, puxando-os levemente, causando-lhe uma sensação irresistível. Deixou o vestido cair aos poucos, tirou a meia

calça e deitou-se no tapete felpudo em frente à lareira em chamas.

Ficou à espera de Igor, que se despia rapidamente. Ela estremeceu ao sentir o peso do corpo do homem sobre o seu, friccionando a pele, como fizera na noite anterior, forçando-a a aceitar sua língua que empurrava os dentes de Joana. Os dedos longos de Igor lutavam para tirar-lhe a calcinha. Ela arranhava suas costas, apertava lhe o corpo contra o seu, que ardia e latejava de desejo. Ele sentiu o seu gozo, apertando-o dentro do corpo e encharcando-o de prazer.

Ficaram deitados lado a lado. O suor escorria de seus corpos. Joana adormeceu nos braços de Igor ali no chão.



Os dois nunca mais se separaram. Igor e Brigitte também acabaram se tornando amigos. Ele percebeu que a julgara mal. Enquanto a relação do casal ficava mais séria, Igor insistia constantemente para que Joana se mudasse para sua casa, com a desculpa de que era mais perto de seu trabalho e da faculdade. Joana se recusara durante os três anos em que estavam juntos.

Igor não era mais um menino e não tinha tempo para perder longe de Joana. Queria estar com ela todos os minutos, que ela largasse seu emprego de vendedora e viesse trabalhar com ele na lanchonete, mas ela sempre dizia que só pensaria nisso depois de sua formatura. Ele esperava que durante a viagem, pudesse convencê-la a reconsiderar.

04- A Hora Certa...

Finalmente a noite chegou. Igor estava esperando que Joana retornasse do trabalho. Tinham marcado um jantar juntos, mas desta vez, não seria na lanchonete e não seria ele quem iria cozinhar.

Ele havia colocado o presente que comprara para ela numa caixa enorme, com um galante laço de fita branca, e deixado embaixo de um ramalhete de rosas, iguais às que ele lhe dera quando se conheceram. Comprara um anel e pretendia pedi-la em casamento naquela noite.

Estava muito nervoso. Joana estava atrasada. Eram apenas dez minutos, mas parecia uma eternidade. Passaram-se mais quinze minutos e nada, até que finalmente, ela chegou. Usava um vestido branco de cetim, com uma faixa cinza claro na cintura, marcando seu corpo esbelto. O decote deixava à mostra um dos ombros e o colo, que exibia um colar de madrepérolas brancas, presente que Igor lhe dera em seu último aniversário. Ela sentou-se na frente dele e perguntou se já tinha feito o pedido.

– Para que tanto mistério, meu amor?

– Querida, eu a amo, e quero que fique comigo – disse ele, sem conseguir pensar no que dizer.

– Mas nós estamos juntos, meu amor e vamos continuar juntos, certo? – disse ela, sem entender aonde ele queria chegar.

– Sim, mas eu não quero que continuemos como estamos.

Por um momento, Joana achou que Igor tinha se cansado dela e que na verdade, estava procurando uma forma gentil de lhe dizer isso. Um gelo súbito percorreu seu estômago e ela empalideceu.

Lembrou-se dos conselhos que Brigitte lhe dera no início do namoro: “Homens mais velhos não nos darão futuro algum. Querem apenas brincar conosco, como se fôssemos suas bonequinhas”.

– Tudo bem, mas não precisava me trazer até aqui para dizer isso. Poderíamos ter conversado em casa mesmo, eu... – os olhos de Joana encheram-se de lágrimas, mas ela não ousou derramá-las.

Igor percebeu o olhar triste da garota e achou que ela iria dizer não ao seu pedido de casamento. O garçom aproximou-se da mesa e eles fizeram os pedidos.

De repente, Igor tirou de baixo da mesa a caixa de presente e a entregou à Joana, sem dizer uma palavra.

Ela olhou para o embrulho e imaginou que ele estaria lhe dando um prêmio de consolação por deixá-la. Joana ficou olhando para o pacote, sem tocá-lo e Igor pensou que ela estava recusando o presente. Ele teve medo de que ela o abandonaria ali, mas finalmente ela pegou o presente.

– Não precisava, meu amor! – exclamou ela.

Igor sentiu sua voz triste e estremeceu.

Quando a garota abriu a caixa e viu as rosas brancas, seu coração sentiu um imenso alívio, pois elas significavam que Igor ainda a amava e que não pretendia deixá-la. Tirou o buquê de dentro da caixa, com um profundo suspiro, aliviada e percebeu que havia uns papéis no fundo da caixa. Olhou para Igor, sem entender de que se tratava. Ele fez sinal positivo com a cabeça, afirmando que ela devia tirá-los da caixa.

Quando Joana pegou as passagens, nem foi preciso ler o que diziam. Ela reconheceu o Seablue estampado no envelope da agência de viagens. Tornou a olhar para Igor e não conseguiu mais conter as

lágrimas. Levantou-se da cadeira e puxou-o pela mão, fazendo com que ele também se levantasse. Antes que Joana pudesse pendurar-se em seu pescoço, Igor ajoelhou-se e tirou um pequeno estojo vermelho do bolso direito. Tomou a mão de Joana e pediu-a em casamento.

Joana não teve como recusar. Adorava Igor e queria estar com ele pelo resto de sua vida. Todas as pessoas no restaurante começaram a aplaudir e o próprio *chef* trouxe-lhes um *champagne* para que brindassem ao casamento.

05- Um Susto...

Daniele acordou cedo, ainda eram seis e meia e o sol estava começando a nascer. Pensou em se levantar, mas ainda estava sonolenta. Pensou em Ed, que não quisera passar a noite com ela. Pensou em seu pai que havia viajado para as gravações e lembrou que a empregada estava de folga e que teria de fazer seu próprio café da manhã.

Não gostava da sensação de estar sozinha. Vivia rodeada de pessoas. É certo que nem todos eram amigos verdadeiros, mas mesmo assim ela preferia estar com alguém a estar sozinha. Pegou o telefone que estava no criado-mudo ao lado da cama e discou o número de Ed, mas antes que o telefone pudesse chamar, ela desistiu da ligação. Lembrou-se de que ainda era abusivamente cedo e que ele deveria estar dormindo. Decidiu encher a banheira e tomar um banho bem demorado enquanto o tempo passava, até que Ed pudesse estar acordado. Então ela pediria uma cesta de café da manhã para os dois e ligaria para ele.

Colocou todos os sais de banho e espuma possíveis, esquentou bem a água, pegou várias toalhas e o seu roupão felpudo favorito e entrou na banheira. Achou que a água estava muito quente, mas logo seu corpo se acostumou com o calor e ficou ali, imersa, esperando o tempo passar.

Tinha muitas coisas a fazer, muitos preparativos para o casamento. Ainda não tinha resolvido qual seria a emissora de TV que teria exclusividade em transmitir suas bodas. O vestido já estava quase pronto, faltando apenas alguns ajustes, que seriam feitos antes

do embarque. Ainda tinha que escolher o cardápio, provar os canapés, selecionar as bebidas e tudo o que tinha relação com o *buffet*. Também tinha que começar a arrumar as malas para partir em sua lua-de-mel antecipada.

Só de pensar em tantas coisas, Daniele sentiu-se fatigada. Afundou mais um pouco na banheira e mudou seus pensamentos para longe, para o dia em que conhecera Ed e pensou no quanto o amava e que sua vida não faria o menor sentido sem ele. Ela sorriu ao lembrar-se do primeiro encontro. Ficou tão concentrada em seus pensamentos que nem sequer ouviu quando o telefone tocou. Era Ed, que já estava acordado e queria convidá-la para tomar o café da manhã com ele.

Como Daniele não atendeu, ele ficou preocupado, sabia que ela estaria sozinha em casa. Chegou a pensar em assalto, ou quem sabe, sequestro. A ideia o deixou apavorado e ele saiu em disparada para a casa da garota. Ao chegar, tocou o interfone várias vezes, sem resposta. Bateu com força no portão de madeira, chamando por Daniele, que não respondia. Ed então telefonou para a polícia, que em pouco mais de dez minutos, estava em frente à casa de Rudson.

Daniele ouviu a sirene e foi até a janela. Viu que Ed estava conversando com um policial, do lado de fora do carro. Logo imaginou que algo de ruim havia acontecido com ele. Vestiu o roupão e desceu as escadas em direção ao pátio frontal.

– Eduardo! O que está acontecendo? Você está bem? – perguntava aos berros.

Quando ele a viu abrindo o portão, percebeu que havia exagerado e desculpou-se com os policiais. Abraçou Daniele, que tremia de frio e afagou seu cabelo molhado.

– O que aconteceu, meu amor? Por que não atendeu o telefone nem o interfone? Vamos para dentro, você está tremendo de frio!

Ele envolveu-a em seus braços enquanto entravam na casa em direção ao banheiro, onde a água da banheira ainda estava morna.

Ela explicou que estava distraída e não ouvira nenhuma das suas chamadas. Ed falou da vergonha que passara perante os policiais Daniele voltou para o banho, soltando um pouco mais de água quente, enquanto Eduardo fazia café para os dois. Logo viria juntar-se a ela.



Depois do café, Daniele pediu para que Eduardo a ajudasse a fazer as malas.

– Ainda é cedo demais, meu amor – alegava ele – você pode arrumar suas malas no dia anterior ao embarque, que ainda sobrar tempo.

– Acontece que eu não quero esquecer-me de nada – disse Daniele, sorridente – e além do mais, nós, mulheres, não somos como vocês, homens. Precisamos de nossos cosméticos, secador de cabelos, roupas para as mais diversas ocasiões...

– Está bem, está bem! Já me convenceu! Vamos às malas, então! Mas vou querer ajuda para arrumar as minhas também, viu?!

Daniele riu, pegou três malas que estavam em um armário baixo no closet e colocou-as sobre a cama. Ed achou graça do tamanho das malas da garota e pensou que com certeza ela não chegaria a encher nenhuma. Daniele começou a tirar roupas do closet e colocar também em cima da cama. Eduardo ficou boquiaberto com a quantidade de coisas que ela pretendia levar.

– Meu amor, você não acha que está exagerando, não? – disse docemente.

– Mas eu já falei para você: é melhor sobrar do que faltar! – riu Daniele.

– Está bem. – Ed achou melhor concordar.

06- Presságios e Presentes...

Já era quase meio-dia e as malas da garota ainda não estavam prontas. Ed estava cansado de dobrar as blusas, os vestidos e até as roupas íntimas de Daniele e já começara a ficar irritado.

Daniele achou melhor parar, visto que já tinha enchido duas malas e o que precisava para terminar a terceira, ainda usaria até o dia do embarque. Convidou Ed para irem a um restaurante japonês, que ele adorava. Ed esperou na sala da suíte da moça, enquanto ela se trocava para saírem.

Quando voltou, estava lindíssima. Daniele usava um vestido negro, modelo tomara-que-caia, que contrastava com os cabelos louros cacheados que caíam sobre seus ombros, com uma faixa larga demarcando a cintura fina e descia até o meio das coxas, destacando as pernas bem torneadas.

Ed tinha que admitir que a noiva sabia se vestir como ninguém e que além da sua beleza estonteante e de seu temperamento meio extrovertido demais, ela sabia ser elegante quando queria impressionar.

Saíram em direção ao restaurante e depois se deliciaram com as iguarias que ele adorava. Conversaram bastante sobre a viagem e Ed resolveu contar para a noiva do sonho que tivera na noite anterior.

– Você acha que é um mau presságio? – perguntou preocupado

– Não seja bobo, Ed! – disse ela com um sorriso radiante – Sonhos não passam de besteiras. E além do mais, não acredito nessa

história de presságios, visões e papai-noel!

– Você tem razão, mas não consigo tirar as imagens da minha cabeça.

– Você está preocupado, meu querido, o que é completamente normal. A viagem, o casamento, o fato de ter que se afastar da escola por esses dias, tudo isso um pouco. Eu sei que não queria deixar as suas crianças com um estranho, mas temos que pensar um pouco em nós dois.

– Eu sei. Precisamos viver também, não é mesmo?

– É sim, meu amor – disse Daniele segurando suavemente a mão de Ed – temos que ser felizes. Você já pensou quando tivermos nossos filhos?

– Filhos? Não sabia que já estava pensando em ter filhos! – exclamou ele, surpreso.

– É claro que estou! Vou querer dois meninos e duas meninas, tá?

– Dois casais? É mesmo? Eu penso a mesma coisa. E um cachorro também, as crianças precisam aprender a ter responsabilidades.

– Nossa, os coitadinhos nem foram concebidos ainda e você já quer lhes dar responsabilidades? – disse Daniele antes de soltar uma gargalhada. Ed também riu alto.

Dissera aquilo porque de uns tempos pra cá, esteve lembrando muito da sua infância. Seu pai lhe dera um cão quando completou nove anos. Ele disse que o fato de ele ter que cuidar de um ser vivo que precisaria dele para crescer e se desenvolver, faria com que se tornasse responsável. Ele tinha razão. Ed e Lobinho tornaram-se inseparáveis. Corriam pelas ruas da cidade, pelas praças onde Ed

encontrava seus amigos para brincar.

– Ei, Ed! – Chamou Daniele tirando-o de seus pensamentos.

– Desculpe, querida, eu estava longe.

– Ed, eu comprei uma coisa para você. Este será meu presente de casamento.

– Presente de casamento? – perguntou surpreso.

– Sim, queria que lembrasse que eu o amo muito e faria qualquer coisa por você. Eu sei que o presente que lhe darei é o sonho de qualquer músico e acho que vai ser de grande ajuda para sua escola.

– Daniele retirou da bolsa uma pequena chave, com o nome de um banco e o número de um cofre, onde estava guardado o misterioso presente.

– Nossa! É tão valioso assim?

– Você terá que esperar para ver, meu querido. Depois do almoço iremos até a agência e você o verá. Mas eu tenho certeza de que vai adorar!

– Nossa! Quanto mistério...



Depois da refeição, tomaram chá, em silêncio, cada um imerso em seus pensamentos. Daniele estava preocupada com os preparativos do casamento e Ed não conseguia tirar o pesadelo da noite anterior de sua mente. Estava com um pressentimento de que algo de terrível aconteceria, e chegou a pensar em adiar a viagem, mas não seria justo com a noiva, que estava tão empolgada arrumando as malas e fazendo planos. Ele sabia que ela tinha razão, eram apenas bobagens de sua cabeça. Parou de pensar nesse assunto e prometeu para si mesmo que pararia com aquelas besteiras.

Terminaram o chá e Daniele conduziu-o até o banco, onde o

gerente veio recebê-la sorridente.

– Como vai, minha caríssima menina! – perguntou o homem grisalho engratado, com um sorriso falso nos lábios.

– Muito bem! – respondeu Daniele com a mesma expressão – Poderia abrir o meu cofre agora?

– É claro que sim! Queiram me seguir, por gentileza – disse o homem e encaminhou-os até um pequeno elevador com uma portinhola de ferro vazado na frente.

Aquela sensação de elevador aberto causou arrepios em Ed.

Os três subiram até o terceiro andar, onde seguiram por um corredor estreito até uma sala trancada com fechaduras eletrônicas, que só o gerente conseguiria abrir. Dentro dela havia várias gavetas numeradas. Daniele dirigiu-se até uma das maiores, situadas na parede leste, quase ao lado da porta por onde entraram.

– Poderia nos deixar a sós, um momento? – perguntou ao gerente.

– É claro, se precisarem de minha ajuda estarei ao lado da porta. – respondeu, como se para avisar que não arredaria o pé da porta enquanto os dois permanecessem ali.

Daniele introduziu a chave e abriu a gaveta, retirando desta uma caixa, forrada em veludo vermelho e entregou-a para Ed.

– Foi muito difícil consegui-lo, meu amor, mas você e suas crianças merecem.

Ed abriu a caixa. Tamanho foi o susto quando se deparou com um legítimo Estradivarius. Realmente era o sonho de qualquer músico possuir um desses, mas como havia apenas quatro em todo o mundo, não fazia ideia de como Daniele o conseguira.

– Meu Deus! Você é louca! Isto custa uma verdadeira fortuna!

– disse ele com surpresa.

– Quatro milhões de dólares, para ser mais exata.

– Você é mesmo mais louca do que eu pensava! E o que seu pai achou disso?

– Meu pai adorou a ideia. Você pode ficar com ele para sua escola, se preferir.

– É claro, eu nem sei o que dizer! Nunca imaginei sequer ver um destes e agora...

– Agora ele é seu! – interrompeu ela.

– Eu não sei como agradecer, eu...

– Não há o que agradecer – insistiu Daniele – ter você ao meu lado já é o suficiente, meu querido.

– Meu Deus! Acho que estou sonhando!

– Não, meu amor, você não está sonhando – disse ela com tom zombeteiro e começou a beliscá-lo de leve, como que para acordá-lo.

– Vamos guardá-lo aqui mesmo, até retornarmos da viagem. Depois pensamos como vamos tirar proveito desta preciosidade.

Daniele deu-lhe um beijo. Guardou o violino de volta na caixa e o pôs na gaveta, trancando-a. Ao saírem, Daniele avisou ao gerente que o embrulho permaneceria no cofre.

Ed deixou Daniele em casa, para continuar os preparativos do casamento. Despediram-se com um beijo demorado e ele seguiu para a escola de música, onde seus alunos já estavam esperando.

07- Substituto...

Eduardo estava nervoso por ter que arranjar outro professor em tão pouco tempo. Já tinha entrevistado alguns candidatos, mas nenhum lhe parecera suficientemente qualificado. Alguns tinham experiência, mas não possuíam a formação adequada, outros eram devidamente formados, mas não possuíam experiência alguma, o que preocupava Ed.

Após sua aula ele teria que entrevistar mais três candidatos à vaga de professor substituto. Torcia para que um deles tivesse as qualidades necessárias. Pretendia deixar o seu funcionário com mais tempo de casa no comando enquanto estivesse fora e tinha plena certeza da sua competência. Charles tinha cinquenta e sete anos e era aposentado por conta de um acidente de trabalho que lhe causou a amputação de uma das pernas. Depois da lenta recuperação e várias seções de fisioterapia, Charles conseguiu voltar a andar com dificuldade portando uma perna mecânica. Começou a estudar música, uma paixão desde a infância. Concluía o curso superior havia oito anos e começara a tocar em bares e restaurantes da cidade. Gravou um CD independente com suas próprias composições.

Quando soube da escola beneficente de Ed, decidiu que poderia contribuir com seu trabalho para ensinar as crianças, para dar-lhes esperança de ter uma vida melhor. Foi ele quem sugeriu que abrissem espaço para alunos pagantes, o que faria com que a verba fosse revertida em benefício dos alunos carentes. Charles tornou-se o braço direito de Ed e a pessoa a quem ele recorria quando precisava de conselhos e por isso mesmo, Ed fazia questão de que Charles par-

ticipasse das entrevistas.

Logo após a aula, os dois dirigiram-se para o escritório da diretoria onde os candidatos já estavam aguardando. Entre eles, estava um rapaz jovem chamado Luís, com pouco mais de vinte anos, que cursava a faculdade de música.

Apesar de não ter concluído seus estudos, Luis contou que já atuava no ramo desde os quinze anos, cantando nos bares, assim como Charles. Trazia duas cartas de recomendações, o que Ed achou ser suficiente para contratá-lo. Além do mais, o rapaz parecia ter facilidade em trabalhar com crianças e muita paciência. Mesmo assim, não podiam dispensar os outros candidatos sem ao menos entrevistá-los. Ficaram com o currículo do rapaz e assim que terminaram as outras entrevistas, chamaram-no de volta, pedindo-lhe para passar os dias seguintes na companhia de Ed, a quem ele substituiria, inteirando-se com os alunos. Charles ficou satisfeito com a simpatia e a simplicidade de Luís, e logo percebeu sua origem humilde, o que certamente iria fazer com que se identificasse com muitas das crianças que ali estudavam.



Eduardo voltou para a casa de Daniele no final de seu expediente com a consciência aliviada. Conversara com Charles e ele lhe garantira que cuidaria de tudo enquanto ele estivesse viajando. Conseguira um professor adequado para suas crianças, como Ed costumava referir-se aos seus alunos. A partir do dia seguinte, Luís começaria a acompanhar suas aulas e se pegasse o jeito com facilidade, ele não precisaria mais ir até a escola, poderia arrumar suas coisas com calma para o embarque. Seriam apenas dez dias, mas depois do casamento Ed pretendia diminuir seu tempo na escola e dar mais aten-

ção a Daniele.

A contratação do novo professor poderia não ser temporária, visto que Ed e o pai de Daniele pretendiam abrir filiais da escola de música em toda a região e como teriam que supervisioná-las, não sobraria tempo para que ele voltasse a lecionar.

08- Angústia...

—  lá, meu amor! – cumprimentou Daniele quando Ed chegou. Ele lhe retribuiu com um beijo nos lábios. Daniele o abraçou fortemente, puxando o corpo dele para junto do seu.

Ed empurrou a porta atrás de si com o pé, fazendo barulho. Subiram as escadas até o quarto de Daniele, onde ela tinha preparado uma mesa com flores, sucos, pães e geleias, para que pudessem lanchar juntos. A banheira estava cheia de espuma e pétalas de rosas e na cabeceira da cama, também coberta por pétalas, estava uma garrafa de vinho tinto forte e duas taças.

Daniele passara quase a tarde toda se preparando para esperar Ed. Vestia um baby doll azul-claro e tinha os cabelos presos em um coque alto, do qual se desprendiam alguns cachos, tocando-lhe os ombros.

Ed ficara impressionado com o que ela preparara para os dois. Era a coisa mais romântica que alguém já lhe fizera em toda a vida. Agarrou-a com força apertando o corpo quente dela contra o seu, enquanto Daniele o ajudava a livrar-se das roupas e então se deitou na cama dela e esperou que ela fizesse os carinhos mais intensos, revelando o fogo que crescia dentro dela.

Depois da avalanche de sensações, Daniele deitou-se ao lado de Ed e ele serviu o vinho que ela tinha escolhido para os dois. Ficaram abraçados por um tempo, beberam e começaram a maratona de prazer que se prolongaria pelo resto da noite.

Pela manhã, Ed acordou e viu que Daniele não estava mais ao seu lado, na cama. Levantou-se e percebeu que a porta da sacada estava aberta. Foi até lá e viu Daniele sentada num canto, toda encolhida e chorando.

– O que foi, meu amor? Eu machuquei você? – perguntou, abraçando a garota e sentando ao seu lado na sacada gelada.

– Não, Ed. – respondeu em meio aos soluços – Eu estou angustiada. Deve ser por causa da proximidade do casamento.

– Não tem por que se preocupar, minha querida. Já está tudo encaminhado, não está? – Ela balançou a cabeça afirmativamente. – Então não temos com o que nos preocupar. Vai sair tudo como o planejado. Viajaremos sozinhos, como estávamos querendo há muito tempo. Não teremos que nos preocupar com a imprensa em nosso pé, eca! – brincou Ed bem humorado, arrancando um pequeno sorriso de Daniele.

– É, você está certo, Ed.

– Você não está querendo voltar atrás, está? Eu sei que apressei um pouco as coisas, mas é que quero ter você ao meu lado de uma vez por todas. Eu não imaginava que você ainda tinha dúvidas, você estava tão empolgada com o nosso casamento...

– Não é nada disso, meu amor. Eu tenho certeza absoluta de que quero ficar com você até o fim de nossos dias. É só nervosismo e vai passar, está bem?

– Que bom, porque não quero ver este rostinho triste assim outra vez. Venha, levante-se, vamos tomar café. Ainda está tudo tão lindo. Eu adorei a surpresa que você fez ontem, meu amor.

– É mesmo? – perguntou ela com um sorriso. Ed tomou-a pela mão e conduziu-a até a mesa que ainda estava posta.

– Espere aqui um pouquinho, meu amor. Vou passar um café quentinho para nós. – Deu um beijo na testa da noiva e desceu as escadas.



Daniele estava sentindo um aperto no peito e uma sensação de perda. Como se soubesse que aquele romance acabaria logo, ou como se achasse que ele não a amava mais.

Era quase inacreditável que, depois de uma noite como aquela, ela pudesse estar com esses pensamentos. Era quase inconcebível que estivesse duvidando do amor dele, que sempre a tratara com tanto carinho. Ela acreditava nesse amor, tão diferente dos outros que havia vivido. E além do mais, ele não tinha dado motivos para que sentisse ciúmes, ou abandono, ou qualquer outra coisa ruim. Sabia que não havia outra mulher na vida de Ed e que ele só tinha olhos para ela, então não precisava se preocupar, afinal ele não teria motivos para deixá-la.

Tentou se concentrar em outras coisas, pensou no vestido de noiva, na pequena igreja do interior que tinha escolhido e que fora a mesma escolhida por seus pais. Pensou em como seria se a mãe estivesse presente para lhe ajudar com os preparativos, que talvez ela quisesse ver a sua filha se casando, e no motivo pelo qual seu pai nunca mais se casara. Talvez se tivesse sido criada por uma madrastra desde a morte de sua mãe, pudesse amá-la como se fosse mãe legítima. As lágrimas brotaram novamente dos olhos de Daniele, que tentou se conter. Ed já estava subindo com o café e ela não queria que ele a visse chorando novamente.

– Prontinho! Viu como estou ficando prático? Já consegui me entender com a cafeteira! – disse ele rindo para Daniele – Oh! não!

Continua triste? Por que essa aflição, aconteceu alguma coisa que eu não sei?

– Não, eu só estava pensando que se minha mãe... – disse ela não conseguindo mais conter as lágrimas – se ela pudesse estar comigo...

– Calma, minha querida, então é isso? – disse ele envolvendo-a num abraço – Eu estou aqui e nunca vou deixá-la, nunca! Eu vou cuidar de você.



Ficaram por um longo tempo abraçados, em silêncio. Daniele chorou até soluçar, mas depois se acalmou.

– O café já está frio – disse ela, com a voz ainda trêmula – me desculpe.

– Não tem do que se desculpar, querida.

– Eu não queria extravasar assim na sua frente.

– Que bobagem! Estou com você para o que precisar, entendeu?

– Não, eu não queria que me visse assim.

– Tudo bem, esqueça esse assunto. Vamos fazer de conta que nada aconteceu.

– Está bem.

Ed pôs um pouco de suco de manga no copo de Daniele, e em seguida no seu. Beberam o suco em silêncio. Depois Ed a serviu com torradas e geleia. Apesar de tudo, a tristeza de Daniele não lhe havia tirado o apetite.

Depois da refeição, ele despediu-se e foi para a escola. Já estava atrasado para sua aula, mas não poderia ter saído deixando Daniele naquele estado. Também estava nervoso e ficava inseguro

toda vez que Daniele tinha uma crise daquelas. Sempre achava que a tinha magoado ou que poderia ter feito algo de que ela não tivesse gostado.

09- Melhores Amigos...

— **A**inda bem que se recuperou rápido – disse para Charles, enquanto lhe contava o que havia acontecido, para justificar seu atraso.

– Não se preocupe, meu amigo, é normal que ela esteja nervosa, afinal não é todo dia que uma garota se casa.

– É, você tem toda razão. Eu antecipei o casamento e talvez ela ainda não estivesse preparada. Mas não podia esperar mais, entende?

– É claro, que sim. Eu sei como você a ama.

– E o Luís, onde está?

– Ah! Ele não quis esperar você chegar, quer dizer, na verdade não quis deixar os alunos esperando. Já está na sala de aula. O garoto leva jeito, viu?

Os dois seguiram pelo corredor até a sala de aula de Ed, que se aproximou da porta espiando pelo vidro, mas não quis interromper a aula. Luís estava de costas para a porta e não viu que Ed o observava. Ele estava tocando flauta para as crianças que estavam sentadas em um círculo a sua volta e por incrível que pareça, estavam em silêncio ouvindo a música.

Os dois voltaram ao escritório da diretoria. Charles entregou para Ed os últimos papéis que deveriam ser assinados para que ele pudesse assumir a diretoria geral da escola por aqueles dias. Ed os leu e assinou em seguida. Deu uma última conferida nos pagamentos pendentes, nos recebimentos, constatou que não estava faltando nada. Deixara tudo em ordem para que Charles pudesse assumir a diretoria sem problemas.

– Então é isso! – disse, entregando os últimos papéis a Charles. – Eu tenho de ir para casa, ver como está Daniele e arrumar minhas malas.

– Ainda não arrumou as malas? Então é melhor se apressar.

– Certo, então eu já vou indo – disse Ed com um aperto no peito por ter que deixar a escola, mesmo que por poucos dias.

– Boa viagem, meu amigo. E aproveite bastante a lua-de-mel antecipada!

– Obrigado, Charles! – despediu-se do amigo com um abraço.

Ed estava se sentindo como se fosse deixar uma parte dele mesmo para trás. A escola era sua vida, o único sonho pelo qual trabalhara todos esses anos arduamente. Nunca tinha se afastado por mais de um dia, e mesmo quando era necessário passar um dia sem ir até lá, sempre dava uma passadinha depois do expediente, só para saber como tinha sido o dia. Ele estava se sentindo um bobo. É só por alguns dias, repetia ele para si mesmo o tempo todo. Foi direto para sua casa, onde sua mãe já estava fazendo suas malas.

– Só estava dando uma ajudinha – disse ela como se pedisse desculpas.

– Obrigado, mas não precisava, mamãe – respondeu Ed, retirando alguma coisa da mala – Olha só, esta blusa de lã eu não vou precisar, mamãe. Nem esta, nem esta outra aqui. Pode deixar que eu termino. Por que a senhora não passa um cafezinho pra nós, hein?

– Mas, meu filho, você não pode deixar estas blusas de lã. E se esfriar? Se chover vai esfriar. Leve as blusas e leve também este moletom que seu pai lhe deu. E não se esqueça da calça social, pode ter alguma ocasião em que precise dela – disse a mulher saindo do quarto para fazer o café.

Ed sabia como era sua mãe: sempre preocupada demais, mas

ele não considerava isso um problema, muito pelo contrário, ele até gostava da preocupação dela e isso fazia com que soubesse como era amado por ela.

Observou melhor a mala e viu que a mãe colocara quase todas as suas coisas lá dentro, e perto da porta havia outra mala já fechada e cheia. Ed não podia imaginar de quê. Olhou para as blusas de lã sobre a cama e pensou se realmente não devia levá-las. À porta, viu a mãe, que ao voltar para o quarto, ficara ali olhando para ele com os olhos marejados de lágrimas.

– Ora, mamãe! São apenas dez dias! Não precisa ficar assim – disse Ed apertando a mãe contra o peito.

– Não é só a viagem, meu filho. Você sabe que eu não aprovo esse seu casamento, não é? Não gosto nada da ideia de você ir morar com aquela moça. O que as pessoas vão falar? Que meu filho é um aproveitador? Que está se casando por dinheiro?

– Mamãe, já conversamos sobre isso. Você sabe que eu não pretendo ficar lá por muito tempo, é só até comprarmos nosso próprio apartamento.

– É, eu sei disso e você também sabe, mas o que vai sair nas revistas do país inteiro?

– Mamãe, eu não vou discutir com você mais uma vez. Vamos, me ajude a terminar as malas. E sabe de uma coisa? Vamos guardar de volta estas blusas de lã na mala. Talvez chova e esfrie e então vou precisar delas – disse ele, achando melhor concordar e mudar de assunto.

Quando terminaram, Ed estava com três malas cheias de roupas, livros e ainda pen drives cheios de músicas, entre outras coisas que sua mãe julgou necessárias. Ele achou melhor deixá-la fazer do seu modo, mesmo que depois que chegasse à casa de Danie-

le, tirasse tudo o que sabia que não iria precisar.

10- Véspera...

No final da tarde, já com tudo em ordem, Ed seguiu até a casa de Daniele de onde saíam juntos no dia seguinte pela manhã, para o embarque. Despediu-se do seu pai, e como sempre enxugou as lágrimas da mãe. Quando chegou à casa de Daniele, deparou-se com Rudson.

– Olá, Eduardo! – disse o homem, que nunca o chamava de Ed – Gazei as gravações para vir desejar uma boa viagem para vocês. Entre logo, a Daniele está lá em cima e sei que vocês ainda têm muitas coisas para arrumar, certo?

Ed subiu as escadas até o quarto da noiva. Ela estava terminando de arrumar as últimas coisas que faltavam.

– Oi, meu amor! – disse Ed abrindo a porta – Como você está?

Eu estou muito bem, querido! – disse ela abraçando-o – Viu que o meu pai voltou só para se despedir de mim? Isto não é incrível?

– É, sim. Já terminou as malas?

– Quase, só está faltando a escova de dentes e pronto! E você, onde estão as suas bagagens?

– Deixei lá embaixo. Você nem vai acreditar! Minha mãe conseguiu encher três malas, acredita nisso? Eu nem sabia que tinha tanta coisa assim!

– Sua mãe está certa, Ed, nós não sabemos como vai estar o clima, não é?

– Até aí tudo bem, mas para que tantos livros, músicas e até

mesmo um mini-game? Será que ela está com medo de que não tenhamos nada melhor para fazer? – Daniele riu alto. – Vou ter que deixar a metade das coisas da mala aqui na sua casa. Quando voltarmos, eu coloco tudo de volta nas malas e digo a ela que acabei precisando mesmo de tudo aquilo.

Os dois riram e depois Ed deu um longo beijo na noiva. O pai de Daniele ajudou Ed a trazer as malas, que haviam sido deixadas na garagem. Levaram-nas para o quarto de hóspedes, onde ele ficaria até a manhã seguinte, quando o casal sairia junto até o aeroporto. Lá pegariam o jatinho que os levaria até a cidade portuária. Daniele ajudou Ed a aliviar as bagagens, mas não deixou que ele levasse apenas o que julgava necessário. Ela fez com que ele mantivesse a metade da parafernália que a mãe havia enfiado nas malas.

– Meu amor, eu disse que queria me livrar das coisas inúteis para a viagem e ainda estou com muitas! Eu pedi a sua ajuda para tirar algumas, se fosse para deixar aí, eu não precisaria de ajuda!

– Mas, Ed, você realmente pode precisar de alguns livros, de algumas músicas, das suas vestes mais pesadas ou mais leves e além do mais, o que não for usado ficará guardado em nossa cabine e o único trabalho que você terá será o de trazer tudo de volta.

– Está bem, então levo tudo isso. Não quero que nada estrague a nossa viagem. Eu já vou dormir – disse ele envolvendo-a com os braços – boa-noite, meu amor.

Quando chegou ao quarto de hóspedes, ainda tirou mais algumas roupas e objetos da mala e escondeu no armário. Com certeza se a empregada achasse, guardaria para ele.



Ed dormiu um sono profundo, assim como Daniele, que ha-

via tomado calmantes na noite anterior. Acordaram antes do nascer do sol, quando Rudson despertou Daniele, que por sua vez, acordou Ed. Tomaram café todos juntos e em seguida o pai de Daniele levou-os até o aeroporto.

– Faça uma boa viagem, minha filha! – disse ele enquanto dava um abraço apertado na garota – E se cuide bem!

– Obrigada, papai, e não se preocupe, eu vou ficar bem.

– Boa viagem para você também, rapaz, e cuide bem do meu tesouro no mar, certo?

Rudson estendeu a mão para Ed fazendo cara de mau e depois lhe deu um sorriso brincalhão. Ed apertou a mão do homem, depois pegou na de Daniele e os dois embarcaram. Antes de subir, Daniele ainda deu um último aceno para o pai, que já a observava de longe.

11- Confissão...

Igor estava no banho, enquanto Joana terminava de escrever a carta para seus pais, na qual contava sobre o noivado e a viagem. Ela sabia que eles não iam gostar nada de saber que viajaria sozinha com Igor, mas mesmo assim contaria a verdade. Ela chegava a visualizar a cena: sua mãe lendo a carta em voz alta para o pai até que chegasse o assunto da viagem. Aí a mãe engasgaria, fingiria que estava passando mal, até que seu pai, de tão irritado que ficava quando a esposa tentava omitir alguma coisa, tomaria a carta da mão dela e leria sozinho.

Joana podia ver as irmãs reclamando e morrendo de ciúmes dela, tanto pela viagem, quanto por Igor, porque Joana também mandara uma foto dele, para tentar acalmar o pai. Ela achava que quando ele visse que Igor não era nenhum adolescente, ficaria mais tranquilo. Como faltavam apenas alguns dias para o embarque, não haveria tempo para proibições e agora que Igor seria seu marido, não tinha por que se privar da companhia dele.

Joana terminou de escrever a longa carta, cheia de explicações desde quando e como conhecera Igor, até quando ele a pedira em casamento. Colocou no envelope e selou-a. Deixou sobre a mesa, para que se lembrasse de postá-la no dia seguinte bem cedo. Levantou-se da mesa e foi até a porta do banheiro da suíte de Igor.

Assim que ele saiu do banho, Joana pôs o pijama, pegou-o pela mão e o conduziu até a cama, para que pudesse se aconchegar em seu peito largo confortavelmente, e ali repousou até o amanhecer.



Quando Igor acordou, pela manhã, Joana já não estava ao seu

lado. Levantou-se e foi até a cozinha. Viu um bilhete escrito em um pedaço de pacote de pão, onde Joana lhe desejava um bom-dia e explicava que teve de sair mais cedo para postar a carta aos seus pais antes do trabalho. E que ele estava dormindo tão profundamente que não tivera coragem de acordá-lo. Ele sorriu ao ler o bilhete. Foi até o fogão para aquecer a água do café, mas viu que Joana já o havia feito. Achou estranho ter uma mulher em sua casa depois de tanto tempo vivendo sozinho. Desde que se mudara para São Paulo, Igor nunca tinha dividido a casa com mais alguém e por um instante achou que não iria se adaptar a dividir suas coisas, o seu espaço.

Ele gostava de arrumar as suas próprias bagunças, gostava de fazer as próprias refeições na lanchonete, gostava de ter liberdade para fazer o que bem entendesse sob seu teto e tinha medo de que Joana fosse tirar essa sua liberdade depois do casamento, apesar de os dois terem o mesmo ponto de vista no que dizia respeito às regras do dia a dia.

Ele riu sozinho da grande besteira que pensara, realmente não fazia sentido, já que os dois se davam tão bem. Terminou de tomar o café e seguiu para a lanchonete, era hora de abrir as portas. Pensou mais uma vez em Joana, em como ela estava feliz com a proximidade da viagem. Não via a hora de embarcarem, sabia que era um grande sonho dela e ao menos este, ele iria realizar. Chegou ao balcão e começou a atender os clientes que estavam a sua espera. De vez em quando, suspirava com saudades da amada.



Joana chegou cedo à agência dos correios e foi a primeira da fila. Tinha que mandar a carta para seus pais e sair correndo para o trabalho. Era ela quem abria as portas da loja às oito horas, todos os

dias. Não podia se atrasar. Chegou tão exausta que mal conseguia pôr a chave na fechadura. Parou, olhou em volta e viu que a rua estava quase deserta. Conferiu o relógio, ainda faltavam dez minutos para as oito horas. Joana respirou aliviada e abriu a porta devagar, erguendo as grades e empurrando a pesada porta deslizante. Foi direto para a copa, nos fundos. Tomou um grande copo de água, o que fez com que se sentisse descansada. Sentou-se um momento na banqueta atrás do balcão do caixa.

Ficou pensando em Igor, em como ele estava radiante com a viagem e o casamento. Joana sabia que os dois seriam muito felizes. Encontrara em Igor a figura paterna da qual precisava naquela cidade estranha, longe de sua família; era ele quem cuidava dela. Era a ele que recorria quando precisava de um ombro amigo, ou quando estava infeliz. Igor não era o tipo que aparentara ser quando ela o conhecera, pelo contrário, era pacato, companheiro e estava longe de ser considerado um mulherengo. Quando contou sua história para ela, de como perdera sua mulher e filho, Joana mudou a opinião que tinha sobre ele. Ela sabia que o rapaz tinha sofrido muito e por isso criara uma defesa que o impedira de amar novamente por todos esses anos. Mas agora eles estavam juntos e ela não o faria sofrer jamais. Um barulho a despertou de seus pensamentos. Eram as colegas vendedoras que chegavam. Logo o movimento de clientes iniciaria, fazendo daquele dia mais um dia de trabalho como tantos outros...



No final da tarde, não voltou para a casa de Igor, foi direto para seu quartinho na pensão para arrumar sua bagagem. Estava muito ansiosa pelas merecidas férias que a esperavam. Já havia en-

caminhado tudo na loja: instruído a colega que a substituiria, treinado a nova vendedora, avisado aos seus clientes mais fiéis, enfim, ficaria tudo bem na sua ausência. Joana sairia apenas um dia antes do embarque, o que era suficiente para que pudesse tomar as providências de última hora. Também havia ajudado Igor a selecionar o rapaz que iria tomar conta da lanchonete até a sua volta. Ela tinha certeza de que por lá também tudo correria muito bem na ausência de Igor.

– Chegou cedo hoje, filha! – disse Dona Carolina ironicamente ao vê-la entrando na casa após vários dias sem aparecer por ali. Ela estava dormindo com Igor desde o dia em que ele a pedira em casamento, mas achou melhor omitir essa parte.

– Pois é eu passei uns dias na casa da Brigitte, porque sua mãe estava viajando.

– Sei. Mas não foi isso que eu fiquei sabendo. Sabe, filha, nesta cidade as notícias correm rápido! A propósito, meus parabéns pelo casamento!

Joana subiu a escada da frente e abraçou a velha senhora, agradecendo. Joana sabia que Dona Carolina não deixava escapar nenhum detalhe da vida alheia. Não só controlava os passos da moça, mas da vizinhança inteira também. Sempre sabia das novidades da cidade, e quando Brigitte precisava saber se algum boato era verdadeiro, sempre recorria a ela.

Apesar de ter se sentido um pouco constrangida, Joana sabia que a senhora ficara feliz com a notícia do casamento. Ela gostava de Igor e sabia que os dois estavam completamente apaixonados. Só lhe restava agora torcer pela felicidade de sua inquilina.

– Obrigada, e me desculpe. Eu devia ter-lhe avisado.

– Tudo bem, filha. Seu quarto a está esperando, como sem-

pre. Não tenho reclamações sobre seu comportamento. A minha única regra é que as minhas garotas não tragam seus namorados para dormir aqui e você não a descumpriu. O que você faz lá fora não me diz respeito. Quero que saiba que estou torcendo muito por vocês. Igor é um bom homem. Ele saberá cuidar de você.

– Dona Carolina, tem mais uma coisa que quero lhe contar...

– Eu sei, filha, vai desocupar o quarto para ir morar com Igor, certo? Eu até já conversei com seu pai sobre...

– A senhora o quê? – interrompeu Joana – Meu Deus! Meu pai vai me matar! Ele não sabe... quer dizer, não sabia nada sobre Igor, eu mandei uma carta hoje cedo, explicando a situação.

– Desculpe, filha, eu não fazia ideia de que estava se casando escondida, me desculpe mesmo! – disse a velha senhora envergonhada, enquanto Joana descia as escadas em direção ao seu quarto, com a mão na cabeça, imaginando como estaria seu pai neste momento.

Abriu a porta, entrou e deitou-se na cama, de barriga para cima. Ficou imóvel por um instante. Então pegou o celular que estava no criado-mudo e viu que havia nove ligações não atendidas. O código de área era da região do sítio onde moram seus pais, provavelmente do posto telefônico de onde eles sempre ligavam para saber notícias dela. Ficou esperando um novo telefonema. Não desgrudou do celular o tempo todo, até o levou para o banheiro quando foi tomar banho. Seu coração parecia que ia sair pela boca.

Ela podia imaginar a reação de seu pai e estremecia só de pensar no tamanho da bronca que levaria. Isso se ele não inventasse de levá-la de volta para casa, mesmo antes de terminar a faculdade. Alegariam que essa história de estudos a levou para o mau caminho, e que pensaram que ela fosse uma mulher honesta, como gostariam

que fosse e em seguida colocariam a culpa em Brigitte, dizendo que as más companhias é que a desencaminharam e citariam a bíblia: “diga-me com quem andas e eu te direi quem és”.

Podia ver sua mãe chorando, arrumando suas coisas e xingando Igor por ter desonrado a família. Diriam que se estivesse em casa, ele teria que pagar com sangue a humilhação que os fizera passar, mas que desta vez, não o fariam por consideração a Dona Carolina.

Joana pensava na vergonha que passaria diante de Igor e nas coisas horríveis que ele teria de escutar. Era até admissível que desistisse do casamento, achando sua família um bando de loucos desvairados. Sentiu uma pontada no peito ao se imaginar desprezada.

Viu Igor indo embora, afastando-se cada vez mais. Viu-se forçada a voltar para o sítio onde nasceu, sozinha, e com a certeza de que trabalharia o máximo possível, de preferência sem comer nada, nunca mais, até que morresse de fraqueza e solidão, como a primeira esposa de Igor.

Morreria por amor, como nos romances que lia escondida antes de dormir. Seria uma mártir, talvez fosse beatificada, ou quem sabe se tornasse santa! Imaginou o Papa em uma missa, rezando para uma multidão: “Eu canonizo Santa Joana, que morreu por amor, que desejou um homem mais do que tudo em sua vida, mas foi arrancada dos braços dele nas vésperas do casamento e preferiu morrer a passar o resto de seus dias longe do seu amado!”. Riu alto, ao pensar nessa hipótese. Era lógico que não seria santa.

Tinha exagerado e muito!

Mesmo assim seu coração doía ao pensar em deixar Igor para trás. Sabia que seu pai queria levá-la de volta. Mas não poderiam obrigá-la. Ela já era maior de idade e não seria separada de seu noi-

vo. Escolheria ficar com ele, mesmo que fosse excomungada pelos pais. Então se casaria com Igor e teria um filho homem a quem daria o nome do pai, e quando chegasse ao sítio para visitá-los ele não resistiria ao netinho com seu nome e então fariam as pazes novamente.

E era isso! Joana desligou o chuveiro, secou-se e pegou a velha mala debaixo da cama. A mesma mala que usara para trazer suas roupas quando se mudou para cá, a fim de estudar. Começou a tirar as roupas do armário.

Ouviu uma buzina incessante na rua da frente. Admirou-se que Dona Carolina ainda não tivesse ido atender. Provavelmente era visita para ela, ou alguém pedindo informações. A buzina continuou. Joana foi até a janela e viu um automóvel velho parado em frente a sua janela.

Reconheceu-o logo. Era o carro do homem que morava no sítio vizinho. Ele trouxera seus pais.

Ela mal podia acreditar que eles estavam ali! Foi até a porta, bem devagar, estava tão gelada que mal conseguia se mexer. Seu pai já havia descido do carro e estava bem próximo da porta quando Joana abriu-a.

– Oi, papai! – disse ela tentando parecer que não sabia de nada. – Que saudade do senhor! Onde está a mamãe? E as meninas também vieram?

– Não, Joana, só eu e a sua mãe. Ela já vem, está desembarcando. – disse o pai com ar severo. – Você sabe por que viemos, não é, filha?

– Sim, sim... eu também estou morrendo de saudade de vocês... – gaguejou.

– Por que você fez isso? Não foi esse o futuro que planejamos

para você.

– Mas papai, não é nada disso... eu... não sei o que a Dona Carolina lhe disse, mas eu e Igor...

– Igor? Esse é o nome dele?

– Sim, papai, mas...

– Espere aí, vou ajudar a sua mãe.

Os dois entraram no quarto de Joana e o vizinho que os trouxera entrou também. Joana estava confusa. O pai tinha uma mania de não ouvir o que ela tinha para dizer. Despejava sua ira em cima sem saber sua versão das coisas e isso a irritava profundamente. Sentaram-se na cama e o vizinho em uma cadeira ao lado do criado-mudo, perto da porta do banheiro. A mãe reparou imediatamente na mala em cima da cama e disse:

– Você está se mudando? Certamente para a casa do rapaz, como Dona Carolina nos contou!

– Não quero filha minha vivendo no pecado! – completou o pai. – Viemos para buscá-la! Ou você vai por bem, ou a levaremos por mal! Onde já se viu? Acabou de se mudar para a cidade e já está cheia das modernidades! Não vou deixar que a levem para o mau caminho, minha filha! Eu vou tirar você daqui antes que aconteça o pior! Falando nisso, me diga: você não está grávida, está?

Por um momento, Joana pensou em confirmar a suspeita do pai, assim ele não a proibiria de casar-se e ao contrário, ainda apresaria o casamento. Mas pensou em Igor, no sofrimento por que havia passado com a morte do filho e não achou justo brincar com esse tipo de coisa. Colocou as mãos atrás do corpo, tirando a aliança escondido e a guardando no bolso da calça.

– Não, papai, eu não estou grávida – disse baixando a cabeça.

– Graças a Deus! – suspirou a mãe aliviada.

– Ainda bem que chegamos a tempo, antes que essa menina fizesse uma grande besteira. Pode continuar fazendo as malas, mocinha, mas para ir para casa conosco.

Joana permaneceu imóvel, sem dizer nada.

– Vamos, menina! Você é surda? – esbravejou o pai.

– Não! – disse ela.

– O que foi que você disse?

– Eu disse não – respondeu Joana calmamente, com o tom de voz inalterado – não posso voltar com vocês para casa, papai.

– Mas por que não pode? Você está louca, menina? Quer ser uma perdida na vida? Sabia que não é fácil arranjar um bom casamento na sua idade? Aliás, eu e sua mãe já conversamos com o compadre Pedro, aqui – disse ele apontando para o vizinho sentado na cadeira – você não vivia grudada no filho dele? Pois então! Já acertamos o casório.

– Papai, o senhor está louco? Eu vou me casar com Igor! Eu o amo! Não voltarei para casa com o senhor, não vou casar com filho de vizinho nenhum! É o Igor que eu quero! O senhor não entende?

– Você está fora de si! Estes canalhas daqui gostam mesmo de iludir garotas idiotas como você! Ele está te fazendo de boba, será que não vê?

– Como o senhor pode dizer uma coisa dessas se nem o conhece? – argumentou ela.

– Eu entendo das coisas da vida, filha! Posso não ter estudo, mas tenho cabelos brancos! Eu já tive a sua idade! Eu sei que certas vezes queremos o que nosso coração manda, mas nem sempre esse é o caminho mais seguro. Eu sempre ouvi meu pai e casei com sua mãe, como meu pai escolheu e não me arrependo. Se lhe tivesse desobedecido, sabe-se lá o que teria me acontecido. Se eu aprendi a

amar a sua mãe, você pode muito bem aprender a amar o filho do compadre Pedro, não pode?

– Não, pai, eu não posso! – respondeu ela pela última vez. Ouviu uma batidinha na janela. Era Igor. Ele sempre batia assim na janela para não acordar Dona Carolina.

– Ei, Joana! Você está aí? – perguntou alto o suficiente para que todos ouvissem.

– É ele, não é? – perguntou o pai – Pode deixar que eu abro a porta pro safado! – disse empurrando Joana do caminho. Quando abriu e deparou-se com um homem feito, quase caiu para trás, surpreso. O garoto a quem Dona Carolina se referira ao telefone, não era nada parecido com o Igor que estava em pé diante da porta.

– Olá! A Joana está? – perguntou ele alegremente.

– É claro que estou – respondeu ela lá de dentro. – Entre, Igor. Precisamos conversar.

12- Discussões...

O pai da moça estava imóvel na porta, obstruindo o caminho de Igor. Joana aproximou-se, tomou a mão do pai e fez sinal para que Igor adentrasse.

– Igor, estes são meus pais. Pai, mãe, este é o Igor.

– Muito prazer em conhecê-los – disse o rapaz, estendendo a mão na direção do pai de Joana. O pai apertou a mão de Igor e viu imediatamente a aliança de noivado. Em seguida olhou para a mão da filha e percebeu que ela não estava usando aliança. “É como eu imaginava”, pensou consigo “o maldito está enganando a minha Joana. E nem sequer teve o bom senso de tirar a aliança para visitá-la. Canalha! Será que ela sabe do noivado?”.

– Você chegou em boa hora, rapaz. Estávamos justamente falando de você, agora!

– É mesmo? Já receberam a carta? E como chegaram aqui tão depressa?

– Não sei de que carta está falando. Não recebemos carta nenhuma e nem estamos interessados! Viemos buscar Joana. Ela vai voltar para casa e se casar com o filho do compadre Pedro, aqui – disse o pai batendo no ombro do compadre.

– Acho que está havendo algum engano...

– Não tem engano nenhum – interrompeu o pai. – Já está decidido, marcamos até a data do casório.

– Não. O senhor está enganado, nós estamos noivos, Joana cadê a sua aliança? Você não contou para eles?

– Não, mas Dona Carolina contou – disse o pai, antes que Joana pudesse intervir. – Você é mais um desses aproveitadores que

andam por aí, não é? Eu conheço o seu tipo, enganando uma moça inocente como ela! Ponha-se daqui pra fora!

– Eu não saio, a menos que Joana me mande embora! – Igor aproximou-se de Joana que chorava num canto e tomou a sua mão. – É isso, meu amor? Você quer que eu vá embora?

– É claro que ela quer, não está vendo? – disse o pai, novamente respondendo por Joana.

– Responda, meu amor. Por favor – pediu ele com os olhos cheios de lágrimas.

– Pode responder – autorizou a mãe, com pena dos dois.

– Não, Igor. Eu amo você e não quero que vá embora e se você for mesmo assim, vai ter que me levar com você – respondeu ela se atirando nos braços de Igor, sem conseguir conter os soluços.

– Então é isso que você quer? – disse o pai – Vai trocar sua família por um desconhecido? Não foi assim que eu te criei, Joana!

– Eu não vou trocar coisa alguma, papai. Vou me casar com Igor – disse ela tirando a aliança do bolso da calça – veja. Nós estamos noivos. Eu postei uma carta hoje pela manhã explicando tudo, mas a Dona Carolina chegou na minha frente, não é?

– Parece que sim, filha, – disse a mãe.

– Ela me disse que vocês estão morando juntos, já faz um bom tempo. Que você, Joana, não aparece mais para dormir em casa e que é o assunto preferido na cidade toda. Contou-me sobre este rapaz aí também.

– O que disse sobre mim? – perguntou Igor, cheio de desconfiança.

– A verdade! Tirando o fato de que ela o fez parecer bem mais jovem do que realmente é. Mas isso não importa, o fato é que é um irresponsável! Estou sabendo da sua vida, rapaz! Você não é ho-

mem o bastante para minha filha!

– O que o senhor falou? – disse Igor se virando para encarar o homem – eu lhe mostro quem não é homem o suficiente!

– Igor, não! – disse Joana se agarrando ao corpo de Igor. – Por favor, ele é meu pai!

– O senhor vai ter que retirar o que disse!

– Não retiro nem uma palavra! E se quiser, ainda repito!

– Então repita e o senhor vai ver quem não é homem o suficiente! – disse Igor tentando se libertar de Joana. Nesse momento, Pedro já estava segurando o pai da moça no outro canto do quarto, que ameaçava bater em Igor.

– Tire ele daqui, filha! Depois conversamos! – pediu a mãe.

– Você ouviu, Igor, vamos sair! – disse Joana levando-o até a porta.

Igor não resistiu. Ele nunca quis criar atrito com os pais de Joana, mas nunca imaginou que seria recepcionado por eles daquela forma.

– Volte aqui, menina! – gritava o pai, enquanto a mãe tentava acalmá-lo. – Joana, você está desobedecendo a seu pai? Volte aqui! E traga esse covarde também, pra eu mostrar pra ele quem é que manda em você!

13- Ira...

Foram caminhando até a casa de Igor que apressado, puxava Joana pela mão. Não conversaram durante todo o caminho, apesar de Joana continuar chorando e soluçando. Igor abriu a porta da frente com força, fazendo balançar os vitrais. Entrou apressado e sentou-se em uma das cadeiras da lanchonete, baixando a cabeça sobre a mesa.

Joana entrou em seguida e encostou a porta sentindo um pouco de medo da reação de Igor. Ficou parada, olhando para o chão. De repente, de um salto, Igor levantou-se da cadeira e começou a chutar as mesas ao seu redor num súbito ataque de raiva. Joana, sem saber o que fazer, encostou-se na parede atrás de si e escorregou devagar para o chão, onde permaneceu sentada, com os joelhos flexionados, tapando os ouvidos com as mãos, pensando em como poderia fazê-lo parar.

Igor pegou uma cadeira e atirou-a contra a parede, sem se dar conta de que Joana estava lá. Quase a atingiu. Então ele parou. Olhou para Joana, seus olhos estavam cobertos de lágrimas e expressavam um pavor quase incontrolável.

Era como se estivesse assistindo a um filme de terror, não conseguia acreditar que era a sua noiva quem estava ali. Estava se sentindo rejeitado e humilhado e a culpava por isso, porque não havia avisado sobre a vinda de seus pais, e porque não lhes contara sobre o casamento. E ainda havia aquela história de casar-se com o filho do compadre... Joana poderia estar fingindo o tempo todo e ter deixado seu grande amor no lugar de onde viera, esperando sua volta?

Ele sentia tanta raiva, como jamais sentira em toda sua vida. Já havia sofrido muito e jurou para si mesmo que não deixaria ninguém mais machucá-lo e Joana não seria uma exceção. Teve vontade de expulsá-la de sua casa e de sua vida. Não pôde deixar de imaginá-la nos braços de outro homem, feliz e sorrindo para ele. Seu sonho havia se tornado um pesadelo. Seu ciúme era quase incontrollável, tanto quanto era incontrollável o desejo que sentia por ela.

Aproximou-se da garota que olhava para ele, do chão, tremendo apavorada. Ficou ali olhando para ela por um momento, mas que para Joana pareceu uma eternidade. Ela nunca imaginara ver Igor assim. Ela podia ver a raiva em seus olhos, ciente de que era dela e para ela. Sabia que se ele quisesse, poderia agredi-la, machucá-la ou até mesmo assassiná-la. Já ouvira casos assim antes, movidos pelo ciúme.

Ele abaixou-se em frente à Joana. Ela estremeceu e apertou os olhos, como se estivesse esperando um golpe. Igor tocou-lhe o queixo suavemente. Ela reuniu forças para encará-lo. Abriu os olhos e só então percebeu que ele também chorava. Ele segurou as duas mãos da garota, apertando-as.

– Diga a verdade, Joana. Eu não quero assustá-la, mas eu preciso da verdade!

– A verdade?

– Isso, meu amor. A verdade!

– Eu amo você, Igor. Mais do que qualquer coisa neste mundo.

– Então por que essa história de casamento com o...? Sei lá com quem!

– Meu pai inventou isso. Não sei o que Dona Carolina disse para que ficasse tão enfurecido. Eu não o esperava por aqui. Chegou

de surpresa e ainda não recebeu minha carta.

– Então você não me enganou? – ele ainda estava descrente da resposta de Joana.

– Não, Igor. Eu nunca vou enganá-lo. É com você que eu vou me casar.

– Tem certeza?

– É claro, que sim.

– Então prove isso para mim. Agora.

– O que quer que eu faça?

– Que fuja comigo! Agora! Sem se importar com nada. Só eu e você pra sempre!

– Calma, Igor. Essas coisas não se resolvem dessa forma...

– Então volte para sua família, e não me procure mais!

– Você não pode estar falando sério! É brincadeira, não é?

– Olhe para mim. Eu pareço estar brincando?

– Eu não posso... eu... não faça isso comigo, meu amor!

– Escolha, Joana! O que é mais importante para você?

– Eu não acredito que esteja me pedindo isso! Não é justo,

Igor!

– Não estamos discutindo sobre justiça, estamos falando de amor! E o amor é totalmente inconsequente, impulsivo, exagerado ou o que você quiser que seja!

Joana olhou-o pensativa e desesperada ao mesmo tempo. Não conseguia se imaginar sem Igor. Pensou em como seria sua vida se voltasse com seu pai e como seria se fugisse com Igor. Uma coisa era certa: não iria se casar com o filho do vizinho. Se não fosse com Igor, não seria com mais ninguém.

– Para onde vamos?

– Você vem comigo, então?

– É claro, meu amor, não poderia deixá-lo jamais! Para onde vamos?

Nesse momento, Igor não pôde se conter. Abraçou a garota com força e apertou-a contra o peito. Agora tinha certeza do amor que ela sentia por ele, que era tão intenso quanto o seu. Apertou os olhos e respirou fundo.

– Vamos ficar aqui até amanhã, quando as coisas estiverem mais calmas e depois vamos procurar seus pais.

– Mas você disse que...

– Eu sei o que eu disse. Eu precisava ter certeza do seu amor e agora eu já tenho. Concordo com o que você disse, não é justo mesmo. Eu jamais faria uma coisa dessas com você!

– E se eu tivesse escolhido minha família?

– Então eu partiria sozinho e você nunca mais voltaria a me ver. Eu teria certeza de que não me ama o quanto diz e ficaria grato por ter acabado antes mesmo de começar.

– Para mim, já começou faz tempo. Eu não estou brincando quando digo que preciso de você. Eu não ficaria mais nem um dia longe de você, meu amor.

– Então, vamos entrar. Desculpe-me pelo descontrole, mas seu pai me tirou do sério. Eu precisava extravasar de alguma forma. Eu não queria machucá-la...

– Mas você me assustou. Muito.

– Eu sei. Será que pode me perdoar? – perguntou ele levantando-se e puxando Joana pela mão.

Ela não respondeu. Ficou em silêncio e acompanhou-o até o quarto. Passaram o resto da noite em claro, ela preocupada com seu pai e ele preocupado com Joana.

Quando amanheceu, assim que surgiu o primeiro raio de sol,

Joana levantou-se. Igor já não estava na cama. Foi até a cozinha e o viu sentado à mesa, de cabeça baixa, mas ao contrário do dia anterior, hoje ele inspirava muita calma. Joana aproximou-se, puxou a cadeira e sentou-se ao lado.

– Então, o que vamos fazer? – perguntou Igor. – Você deve conhecer seus pais melhor do que eu, não é? Pode me dizer o que devo fazer e como devo agir.

– Eu vou até lá falar com ele.

– Eu vou com você.

– Não, é melhor que eu vá sozinha. Preciso conversar a sós com o papai. Eu ligo para dar notícias.

– Eu não posso correr o risco de deixar que eles a levem embora à força. Eu vou com você de qualquer jeito, nem que seja para esperar do lado de fora...

– Está bem. Mas quero conversar com eles a sós. Quando estiverem calmos eu o chamo. Certo?

– Eu a levo até lá. E espero lá fora; assim, se você precisar é só dar um grito, que em um segundo eu estarei lá.

Os dois saíram em direção à casa de Dona Carolina, onde seus pais haviam ficado. Chegando lá, souberam que eles haviam ido embora ainda antes do amanhecer. Joana ficou preocupada. Igor propôs que a levaria até os pais, já que não puderam conversar ali mesmo.

Pedi para que Joana entrasse no carro e saíram às pressas para o interior. Seriam quatro horas de viagem até a casa dos pais de Joana e eles chegariam antes do meio-dia. Igor não correu muito na estrada. Procurou demorar um pouco mais que o habitual para que os pais tivessem mais tempo para se acalmar. Quando estavam quase na metade do caminho, Joana avistou um triângulo de sinalização na

estrada. Igor diminuiu a velocidade. Ao se aproximarem, viram que era nada mais do que o carro de Pedro que quebrara. Igor parou atrás. Quando o pai de Joana viu que ela descia do automóvel, ficou muito irritado e gritou, apontando:

– O que você está fazendo aqui? Sua peste, você não é mais minha filha!

– Pai, eu quero conversar...

– Não tenho nada pra falar com você! Nem com esse aí! – disse ele apontando para Igor.

– Por favor, pai. O senhor está exagerando. Pelo menos, me escute. O senhor me ensinou a ser justa com os outros e eu sei que ninguém pode ser condenado sem ao menos ser ouvido antes!

Ao ouvir suas próprias palavras repetidas pela filha, o pai ficou sem argumentos. Não teve escolha senão ouvi-la.

– Tá bom! Mas sejam rápidos, ainda precisamos consertar o carro. Temos que chegar a casa antes do anoitecer.

Joana percebeu que ele já estava baixando a guarda. Estava quase se arrependendo por ter acreditado nas mentiras da Dona Carolina antes de ouvir o que a filha tinha a dizer.

– Papai, eu não sei o que a Dona Carolina disse para o senhor, mas eu não estava morando na casa de Igor. Além disso, escrevi uma carta contando para vocês sobre o pedido de casamento. Coloquei-a no correio ontem e por isso vocês ainda não receberam.

– Como assim, escreveu uma carta? Você decide se casar com um estranho que não conhecemos, não sabemos de onde vem e manda uma carta para nos comunicar? Nem sequer vai até nossa casa para nos apresentar seu noivo? Por acaso você já conheceu a família dele?

– Nós não pudemos ir visitá-los ainda por causa do trabalho.

E não, papai, não conheci a família dele porque ele já não tem mais o pai, e faz muitos anos que não vê a mãe.

– Deu para perceber, pela idade. Ele está com quantos anos?

– Quarenta e um, papai.

– Tudo isso? Ele não é nenhum garoto bobo, sabe bem como a enganar, filha! Você não percebe isso?

– Não, ele não é nenhum garoto bobo e não está me enganando. O Igor já passou da idade de ficar brincando com garotinhas por aí. Se ele não quisesse mesmo se casar comigo, por que estaria aqui, agora?

– No meu tempo, primeiro o homem pedia ao pai a mão da moça, para depois consultá-la. Se não fosse da vontade do pai, não haveria casamento. Hoje em dia vocês fazem tudo o que querem e é por isso que o mundo anda desse jeito!

– Eu não posso resolver os problemas do mundo, pai, mas ainda dá tempo para eu ser feliz e eu só serei se for ao lado do Igor. O senhor não quer a felicidade da sua menina? – disse Joana com ar brincalhão, sorrindo para o pai.

– Tudo bem, vocês conseguiram. Chame o rapaz. Vou conversar com ele e depois vamos ver se abençoo esse casamento, ou não.

– Obrigada, paizinho! Eu sabia que podia contar com o senhor! – agradeceu ela, beijando o pai no rosto.

– Eu só disse que vou pensar no seu caso, mocinha!

Joana foi até o carro, onde Igor a estava esperando. Quando ela abriu a porta do carro, com um olhar radiante, ele logo percebeu que seu pai tinha mudado de ideia.

– E então? – perguntou, apreensivo.

– Ele quer falar com você.

– Agora? Então ele voltou atrás?

– Vai depender do que você disser para ele, meu amor. Seja convincente.

– Pode deixar. – Igor respirou fundo e saiu do carro. Quando se aproximou, ouviu a mãe de Joana acalmando o homem, antes que ele se virasse para encarar Igor.

– E então, rapaz, o que tem para nos dizer? – disse o pai de Joana ainda irritado.

– Em primeiro lugar, quero me desculpar por ontem à noite.

– Se está querendo nos impressionar, já vou lhe adiantando que não vai conseguir. Vamos direto ao assunto.

– Está bem. Eu quero me casar com a sua filha e vou fazer isso com ou sem o seu consentimento. Como sei que a sua bênção é muito importante para Joana, estou aqui.

– Isso é jeito de pedir a mão da minha filha em casamento? Se vai fazer com ou sem o meu consentimento, não precisava se dar ao trabalho de vir até aqui!

– Como eu já disse, é por Joana que estou aqui. Eu sei que ela gostaria muito de ter sua bênção, mas apesar disso, nós dois somos maiores de idade e podemos fazer o que bem entendermos. Acho que ela já se decidiu.

– Você está muito seguro de si, não é rapaz?

– Eu não vejo motivo algum para não estar seguro. Depois do que o senhor me disse ontem, eu e Joana temos todos os motivos do mundo para não lhe dar mais explicações de nossas vidas. Mas não queremos começar assim. Acho que nós dois podemos ceder um pouquinho, já que amamos Joana e queremos a felicidade dela.

– Gostei disso, rapaz, mas não é o suficiente. Como eu já disse, não conhecemos sua família, nem sabemos de onde você vem.

Pode ser que seja um bandido, um drogado ou um ex-presidiário, quem sabe. Não vou entregar minha filha de mão beijada para um estranho.

– Entendi. O senhor prefere vê-la infeliz para o resto de sua vida, vivendo com um João Ninguém a quem ela não ama.

– Não leve as coisas para o lado pessoal, mas para mim, a felicidade da minha filha está em primeiro lugar. E vai estar sempre, com ou sem você. – Igor deu um profundo suspiro e resolveu uma última tentativa:

– Eu lhe faço uma proposta: vamos até a sua casa e eu lhe conto toda a minha vida, desde a infância. Depois, se o senhor achar que não devemos nos casar eu respeitarei sua opinião.

– Então vamos, o guincho já está chegando para levar o carro do compadre Pedro. Nós vamos com vocês – disse o homem e seguiu até o carro de Igor. Entraram ele e a esposa no banco de trás e seguiram para o sítio.

14- Casamento...

Joana foi a primeira a descer do carro e correu a abraçar as irmãs, que vieram ao seu encontro, trazendo consigo a carta que Joana postara no dia anterior. Igor esperou que os pais de Joana descessem e depois desligou o motor e saiu do carro também.

– Vamos entrar, então – disse o pai da moça, seguindo para a porta. – Tudo bem por aqui, meninas?

– Sim, pai – responderam as quatro em uníssono. Igor ficou de pé perto da porta. Reparou que as irmãs de Joana olhavam para ele e davam pequenos risos. Cochichavam o tempo todo, o que o deixava meio encabulado. Logo a mãe chamou-as para fora, para deixar que Igor e Joana conversassem em paz com o seu marido. Ele andou até a mesa e pegou a carta de Joana, deixada pelas filhas ainda sem abrir.

– Esta é a carta, filha?

– Sim, pai – responderam. O homem abriu a carta e leu com atenção. Olhou a foto, olhou para Igor. Era ele mesmo. Pensou um instante, em silêncio. Depois tornou a olhar para o rapaz.

– Viagem de navio? Era só o que me faltava!

– Pai, por favor! Nós vamos nos casar, lembra?

– Eu lembro que vocês ainda não casaram e não podem viajar sozinhos!

– Pai, você leu o que eu escrevi aí? Nós estamos nos preparando faz dois anos para esta viagem, e agora que conseguimos...

– Casaremos antes da viagem! – interrompeu Igor. Joana e o pai imediatamente voltaram suas atenções para ele. – Casaremos

amanhã mesmo e estará tudo resolvido. O senhor pode falar com o pároco e com o juiz. Casaremos na igreja amanhã de manhã e no civil à tarde. Essa viagem será nossa lua-de-mel. Embarcaremos depois de amanhã. Está bem para você, Joana?

Joana não sabia o que dizer. Gaguejou por um instante e depois respondeu.

– É claro, que sim...

O pai da moça se levantou e chamou a esposa. Contou a novidade e, mesmo contrariado, saiu para falar com o padre. As irmãs correram para o quarto e chamaram Joana. Estranharam o casamento assim de uma hora para outra. Depois que Joana lhes contou toda a história, foi a vez de a mãe entrar no quarto e começar a perguntar tudo de novo. Enquanto isso, Igor cochilava sentado numa cadeira de palha, na cozinha. Seu corpo reclamava o sono que perdera na noite passada.

Ouviu um forte barulho lá fora. Era o pai de Joana que batera a porteira. As mulheres saíram do quarto às pressas para ouvir o que o homem tinha a dizer.

– E então, pai? Conseguiu? – perguntou Joana, aflita.

O pai pendurou o chapéu num prego atrás da porta, caminhou em direção à filha e disse:

– Parabéns, minha filha! Amanhã você será esposa deste rapaz que tanto ama! – Em seguida baixou a cabeça e foi para o quarto, de onde não saiu até o dia seguinte.

A mãe de Joana fez a cama de Igor no quarto de uma das irmãs, enquanto esta dormiria com Joana no quarto que lhe pertencia. Ficaram acordadas até tarde estudando o que arranjariam para Joana vestir, já que não haveria vestido de noiva, nem festa. Encontraram um vestido branco que sua irmã usara na crisma e acharam que po-

deriam dar um jeito nele aquela noite. Ajustaram daqui e dali e finalmente Joana tinha um vestido de noiva. Simples, mas bonito o suficiente.

Joana, ao deitar, logo caiu no sono. Estava muito cansada e não conseguia mais ouvir nenhuma palavra da irmã que falava ao seu lado. Sonhou com Igor, mas não conseguia vê-lo com clareza no sonho. Acordou com a sensação de que dormira uma semana inteira. Levantou-se devagar. A mãe estava na cozinha. Foi até ela, deu-lhe bom-dia e perguntou por Igor.

– Ele está lá fora com seu pai – respondeu a mãe. – Filha, eu preciso conversar com você. De mulher para mulher, entende?

– É claro, pode dizer, mãe.

– Eu sei que já lhe perguntaram, mas você sabe que pode se abrir comigo, não é? – Joana fez sinal afirmativo com a cabeça – Você está esperando um filho deste moço?

– Mãe, eu sei que já respondi isso um milhão de vezes, mas posso me abrir com a senhora... – A mãe fez uma expressão de pavor. – Não! Eu não estou grávida, mamãe. Mas, sim, para sua outra pergunta...

– Eu não fiz outra pergunta.

– Mas vai fazer. E a resposta é sim. Eu tenho certeza de que amo Igor e que ele me ama muito. Seremos felizes, mamãe!

– Está bem, para mim já é o suficiente – disse a mãe, enxugando as lágrimas.

Joana pôs o vestido que as irmãs improvisaram para o casamento. Igor já estava na pequena capela junto com o pai da noiva. Ela, a mãe e as irmãs foram na carroça, enfeitada com margaridas brancas. Joana chorava. Não era assim que imaginava seu casamento, mas ao mesmo tempo estava muito feliz por estar se juntando de

vez a Igor.

Não houve música na igreja. Não havia convidados, apenas os vizinhos, amigos de seu pai que testemunhariam junto com as irmãs de Joana. A igreja não estava decorada, mas Joana estava muito feliz. Igor também chorou quando a viu, linda no vestido branco, entrando na igreja. O pai não lhe deu o braço. Ficou no altar ao lado da mãe. Joana teve de entrar sozinha. Depois da cerimônia religiosa, todos foram até o cartório e assinaram os papéis que oficializavam a união perante a lei.

Ninguém parabenizou os noivos, como se estivessem cometendo um crime, ou como se seu casamento fosse a maior vergonha para todos.

– Não passam de um bando de caipiras – cochichou ela ao ouvido de Igor. Ele não respondeu, apenas apertou a mão da moça.

Não voltaram para a casa dos pais, embarcaram no carro e foram embora. O pai não se despediu da moça, mas a mãe abençoou os dois e as irmãs desejaram uma boa viagem.

No caminho de volta, Joana estava calada e com os olhos vermelhos de chorar. Igor encostou perto de um posto de combustível. Era quase meio-dia e poderiam almoçar ali.

– Você é a noiva mais linda que eu já vi. – Joana sorriu envergonhada.

– Eles nos trataram como criminosos, meu amor. Eu não queria que tivesse sido assim.

– Eu sei, querida, mas agora estamos juntos de verdade e não vou mais deixar que ninguém a machuque – respondeu ele passando a mão no rosto da garota. Ela deu-lhe um beijo na palma da mão e em seguida desceram para o restaurante. Igor pediu champagne para comemorar o casamento. Joana sorriu.

– Mas não se anime ainda, o melhor está por vir... – disse ele com ar de mistério.

– E posso saber qual é o segredo? – retrucou ela, divertida.

– Claro, que pode! A noite de núpcias! – disse ele rindo alto. Joana também riu da insinuação.

– Podemos antecipar? Não pode ter uma tarde de núpcias antes?

– Hum! Vou pensar no seu caso – respondeu irônico, beijando-a. Ela correspondeu ao beijo.

Estava um pouco entorpecida pelo champagne, nem pensava mais no que havia acontecido e pouco importava, pois agora eram marido e mulher. O desejo que ela sentia por Igor continuava ardendo dentro de seu corpo e chegava a doer quando ele não estava ao seu lado. Voltaram para o carro e só pararam em um motel à beira da estrada.

Antes de entrarem no quarto, ele fez questão de carregá-la no colo, mesmo que fosse por menos de dois metros. Colocou-a sobre a cama e deitou-se ao seu lado, tocando seu rosto suavemente.

– E então, como está se sentindo?

– Além de tonta? – disse aos risos.

– Você sabe do que eu estou falando. Eu sonhei com esse dia, assim como você e faria qualquer sacrifício para tê-la ao meu lado. Eu me casaria com você nem que o mundo fosse acabar no dia seguinte. Eu preciso de você, amor – disse ele beijando os lábios de Joana suavemente. Ela gemeu ao sentir o peso do corpo dele sobre o seu. Era o paraíso para ela aquela sensação de satisfação que só ele podia lhe proporcionar.

– Eu o amo, Igor, mais que tudo. – Fechou os olhos, sentindo o quarto rodar, e se deixou levar pelas caricias de seu amado. Dormi-

ram abraçados.

Joana acordou antes do clarear do dia. Percebeu que Igor ainda dormia profundamente e não lembrava direito o que acontecera na noite anterior. Teve a sensação de estar perdida e não reconhecia o lugar onde estava. Levaram alguns segundos até que sua mente voltasse ao seu estado racional. Não quis acordá-lo e foi para o chuveiro. Ficou um longo tempo pensando em seus pais. Depois fechou o chuveiro e voltou para o quarto. Deitou-se silenciosamente ao lado de Igor. Ficou calada e quase imóvel por alguns momentos. Igor revirou-se na cama e abriu os olhos.

– Já está acordada, meu amor?

– Sim. Estava pensando nos meus pais.

– Acho que somos só nós dois agora, não é mesmo? Está arrependida?

– É claro, que não. Vamos embora? Ainda preciso terminar minhas malas. Nosso embarque é amanhã, lembra?

– Claro, como poderia esquecer?

Ele vestiu-se rapidamente. Ficaram em silêncio a maior parte da viagem. Quando chegaram, Joana foi direto para seu quarto. Não queria falar com Dona Carolina. Pegou suas coisas e pôs no carro de Igor. Foram para a casa dele terminar de arrumar as bagagens.

Quando terminaram de fazer as malas, já estava entardecendo e sequer tinham almoçado. Joana estava exausta. Igor convidou-a para jantar fora, mas ela achou melhor descansar.

Igor fez um espaguete e abriu um vinho para acompanhar. Foram cedo para a cama, a fim de relaxar o corpo e a mente. Igor achava que aquela situação toda com os pais de Joana a tinha deixado muito estressada, o que certamente prejudicou seu entusiasmo pela viagem. Talvez nem houvesse mais clima para viajar. Não se atreveu a

dizer isso para ela. Ele sabia que essa viagem era um dos sonhos de Joana e o quanto eles tinham se esforçado para chegar àquele momento. Ele esperava sinceramente que depois do embarque a tensão desaparecesse e tudo voltaria a ser como era antes, sem nada que pudesse atrapalhar sua felicidade junto a Joana.

Igor dormiu pensando nela e teve sonhos agradáveis. Joana esteve um pouco inquieta, estava muito ansiosa e não conseguiu dormir direito. Debatia-se na cama de um lado para o outro. Às vezes abria os olhos e admirava o sono tranquilo de Igor.

Levantou-se muito cedo, como nos últimos dias. Passou o café para os dois e em seguida foi até o quarto. Igor já estava acordado, mas não quis se levantar. Ficou deitado e conferiu as horas. Achou muito cedo para acordar, queria dormir de novo, mas sabia que não conseguiria. Resolveram pegar a estrada um pouco mais cedo do que o combinado, assim poderiam ir devagar e fazer uma ou duas paradas antes de chegar ao porto. Estavam muito felizes, apesar de tudo.

15- Sonho...

O navio era majestoso, tinha capacidade para quase dois mil passageiros e mais 540 tripulantes. Eram dez deques, três piscinas, sendo uma aquecida e coberta, além de teatro, danceterias, restaurantes e bares.

A cabine de Daniele e Eduardo ficava no ponto mais alto, ela escolheu assim para ter uma vista mais abrangente das paisagens ao longe.

Igor e Joana ficariam no primeiro deque, mais perto da piscina.

Pouco mais de uma hora depois do embarque soou o apito, levantou-se a âncora e o Seablue começou a mover-se lentamente.

Já em alto-mar, chegou a vez das boas-vindas aos passageiros, dadas pelo capitão Geoffrey Cyrdemman, um inglês que aparentava uns setenta anos de idade, com cabelo e barba brancos. Era baixo e magro, apesar de uma barriga saliente que se deixava ver por debaixo da farda apertada. Sua simpatia era tão notável quanto seu sotaque carregado. Dava a sensação de que era muito apaixonado por sua profissão e que realmente estava feliz por estar ali mais uma vez. Fez um discurso breve, porém aprazível. Foi aplaudido.

Em seguida, uma espécie de apresentador, vestido em um exuberante terno vermelho e com luvas brancas, seguiu até o pequeno palco no convés, onde se encontrava a maioria dos passageiros e leu a programação das atrações para a primeira noite a bordo, iniciando com um show musical que começaria ali mesmo.



Joana e Igor já se haviam instalado em sua cabine. Estavam

muito cansados pela longa viagem até o porto e não saíram para assistir ao show. Mais tarde, quando quase todos já se haviam recolhido, os dois foram até a proa e sentiram o vento gelado em seus rostos, enquanto observavam a velocidade com que o navio se movimentava.

– Parecia tão lento visto de longe – comentou Igor.

Joana estava muito enjoada e se debruçou um pouco, mas logo um dos marinheiros ali presentes veio pedir para que os dois se afastassem do peitoril. Assim o fizeram. Dirigiram-se até o teatro, que lhes pareceu imenso. Depois caminharam um pouco em volta das piscinas e foram até o restaurante. Tomaram uma sopa bem leve para amenizar o enjoo.

Igor agora sentia-se bem melhor, mas Joana ainda estava bastante nauseada. Sentia seu estômago dando voltas e pediu para Igor levá-la para a cabine. Ele queria passear mais um pouco, conhecer o resto do navio, mas não insistiu, vendo que Joana estava pálida e ele sabia que teriam tempo suficiente para isso. Quando entraram, Joana agradeceu intimamente por terem escolhido o primeiro deque. Não conseguiria subir um lance de escadas se fosse preciso. Foi direto para o banheiro. Permaneceu lá por mais de meia hora e Igor já estava preocupado com a esposa.

– Tudo bem aí? – perguntou ele, mas não obteve resposta. Joana ainda não conseguira colocar para fora o que estava lhe fazendo mal. Permanecia sentada no piso, meio tonta para tentar levantar-se.

– Joana? Você está bem? – insistiu Igor. Ela não respondeu, mas destrancou a porta. Igor entrou e colocou a mão na testa de Joana, que parecia estar um pouco febril.

Ele não podia acreditar que ela ficara doente logo agora. Ajudou-a a sentar-se na cama e chamou um dos tripulantes. Deram-

lhe dois comprimidos, e ela se deitou ao lado de Igor aconchegando-se em seu peito como era de costume.

– Você está feliz, querido? – perguntou ela.

– É claro que estou. Só espero que amanhã você se sinta melhor para aproveitar esta lua-de-mel maluca! – Joana riu, mas seus olhos já estavam se fechando e não conseguiu responder. Igor permaneceu acordado por muito tempo, velando o sono dela. Enfim, adormeceu...



Daniele estava excitadíssima e não conseguia parar de caminhar com o pobre Ed para cima e para baixo. Ele estava um pouco enjoado, mas não quis dizer nada para não estragar o passeio. Assistiram ao show e andaram pelos bares e por todos os deques. Daniele ainda quis dar um mergulho àquela hora, mas não era permitido, o que não a chateou, afinal ainda tinha muitas coisas para ver e teriam muito tempo para nadar. Ela corria exorbitante de um lado para outro.

Ed estava cansado e queria se recolher, mas nem passava pela cabeça de Daniele ir dormir. Ela queria dançar. Havia duas dance-terias e ela adorava agitação e calor humano e Ed bem o sabia. Dançaram por pouco tempo, até que Ed se sentiu mal. Ficou muito tonto, parecia que ia desmaiar. Estava quente lá dentro. Daniele percebeu que ele estava pálido e suava frio. Saíram para apanhar um pouco de ar fresco e Ed recuperou a cor da face aos poucos.

– Desculpe, meu amor. Eu devia ter ouvido você quando disse que estava cansado – desculpou-se ela.

– Está tudo bem, agora.

– Vamos subir? Já é tarde e amanhã podemos acordar cedo e

vir direto para a piscina, o que acha?

– Ótimo, mas vamos ficar aqui mais um pouquinho. Este vento gelado está me fazendo bem. – Ela abraçou-o e dez minutos depois estavam na cabine. Ed já se sentia bem melhor, mas estava com sono. Daniele não queria dormir e iniciou uma seção de caricias às quais ele não pôde resistir. Ambos dormiram exaustos.

16- Perigo...

Os passageiros saíam das cabines e se aglomeravam em torno das piscinas. O clima era de festa e estavam todos muito felizes por estar ali. Aquela era, para muitos dos passageiros, a realização do sonho de suas vidas.

Havia um grupo de idosos que esperaram a vida toda por aquele momento e agora esbanjavam felicidade e queriam compartilhá-la com os outros passageiros. Conversavam com um e outro, porém estavam todos muito excitados para prestar atenção ao que diziam.

O capitão Geoffrey observava tudo da cabine de comando, situada no ponto mais alto do convés, quando Stewart, o responsável pela parte mecânica do navio, entrou às pressas.

– Capitão! Temos um problema lá embaixo! – disse ele batendo continência.

– O que foi, Stewart?

– Estamos perdendo força, capitão. Não sabemos o que aconteceu ainda, mas preciso da sua permissão para mandar um mergulhador.

– Você tem ideia do que possa estar acontecendo?

– Acho que algo deve ter enroscado nas hélices. Devemos ter sugado alguma coisa para dentro da turbina durante a noite, o que fez com que girasse mais lentamente. Devemos comunicar a marinha? – perguntou ele, preocupado.

– Tudo bem, chame um mergulhador. Não vou avisar a marinha sobre qualquer problema antes que tentemos resolvê-lo. Seria um alerta desnecessário. Eu vou com você até lá embaixo – disse

Geofrey.

Stuwart achou incoerente por parte do capitão negar-se a enviar ao menos um alerta à marinha. Poderia ser um problema sério que comprometeria toda a viagem! Mesmo assim, não contestou.

Os dois seguiram até a casa de máquinas, dentro do casco do navio. O mergulhador já estava em alerta, faltando apenas o tubo de oxigênio para que descesse. Assim que Stuwart e o capitão chegaram, ele dirigiu-se às profundezas, tentando ver o que estava errado.

Isso atrasaria o cronograma da viagem, mas precisavam estar com cem por cento da capacidade de operação quando chegassem aos lugares de difícil acesso, coisa que Geofrey nunca tinha feito com um navio deste porte, com sua lotação máxima, como se encontrava agora o Seablue. Existiam arrecifes medonhos a serem superados no decorrer do percurso e o risco era considerável.

Depois de quase meia hora no fundo, o cabo foi puxado, era o sinal do marinheiro para que o içassem. Ele estava exausto.

– E então, conseguiu? – Perguntou Stuwart.

– Sim, senhor. Era uma espécie de rede que estava obstruindo a turbina. Devemos ter passado por um local muito raso, durante a noite. Tem marcas no fundo do casco.

– Isso é impossível! – disse Geofrey, com espanto – O mar daqui é bem profundo. Não é possível haver um local raso o suficiente para encontrarmos qualquer tipo de redes!

– Sim, capitão Geofrey, mas então como o senhor pode explicar todas estas malhas entrelaçadas nas turbinas? – perguntou Stuwart, intrigado.

– Eu não sei, mas não estamos em águas rasas, meu caro. Isso eu posso lhe garantir – concluiu o capitão, dando dois tapinhas no ombro de Stuwart, antes de voltar para a cabine de comando. Pensou

seriamente na sugestão de Stuwart, avisar a marinha, visto que não conseguia encontrar explicação lógica para o ocorrido, mas achou ser possível que viessem lhe interromper a viagem, a fim de estudar as marcas deixadas no casco e o tipo de rede que obstruíra as turbinas.

– Estes malditos estudiosos! – disse Geoffrey para si mesmo. Mas estava tranquilo sabendo que o problema já tinha sido resolvido. As turbinas estavam funcionando novamente e teriam que viajar em velocidade considerável para recuperar o tempo perdido. Os passageiros com toda certeza não perceberiam a diferença.

17- Mentiras...

Daniele levantou cedo e acordou Ed, que foi direto para o banho. Ela estava ansiosa para conhecer o restante do navio e já vestira seus trajes de banho.

Apressava Ed a todo o momento. Aquele banho parecia não acabar. Estava impaciente e já pronta para bater pela oitava vez à porta quando ele saiu.

– Nossa, querido, pensei que ficaria no chuveiro o dia todo! – riu ela.

– Eu levei apenas quinze minutos, apressadinha! – disse ele debochando de Daniele.

– Temos que aproveitar nosso passeio, querido. Eu não quis esta viagem para perder tempo aqui na cabine. Quero sair! Tem tanta coisa boa para se fazer lá fora! Vamos! – ela puxava Ed pelo braço. Ele teve que acompanhá-la, mesmo nem tendo se penteado direito ainda.

Desceram quase correndo até as piscinas. Daniele não se acalmou enquanto Ed não entrou na água com ela. Brincaram e nadaram durante muito tempo. Daniele era tão incansável ali quanto era quando estavam a sós. Eduardo estava feliz. Aquela viagem era mais do que ele esperava para si, mais do que julgara fazer na vida.

Nunca havia imaginado que pudesse ser tão feliz, até encontrar Daniele. Sempre viveu para o trabalho e para as crianças, não sabia que conseguiria relaxar tanto estando longe deles. Agora sabia que era de Daniele que realmente precisava e o resto parecia muito distante e ele iria aproveitar os momentos ao lado dela. Às vezes ficava parado, só a observando. Ela era linda e parecia saída de um

conto de fadas.

Ed tinha medo de que ela acordasse um dia e descobrisse que não o amava mais. Não suportaria a dor de viver sem ela. Não conseguiria se adaptar à solidão mais uma vez. Ela era agitada, segura, sabia bem o que queria e até meio frenética, totalmente o contrário dele, que era calmo e ponderado, racional. Achou graça ao pensar que os opostos se atraem, mas era isso mesmo o que acontecera entre os dois. Um completava o outro. Precisavam estar juntos, sempre.

Um respingo de água tirou-o de seus pensamentos. Era ela de novo a provocá-lo para uma luta aquática, da qual ele sempre saía vencedor.

– Assim não vale, Ed! – choramingava ela. – Você é mais forte e sempre ganha! Não tem graça!

– Não precisa fazer beicinho, foi você quem começou! – Daniele apenas riu. Pareciam duas crianças e isso era maravilhoso! Enquanto se divertiam, Eduardo ouviu uma voz que chamava:

– Ei, moça! Moça! – mas não deu atenção. O chamado persistiu. Era uma voz de mulher. Olhou em volta e viu uma senhora que devia ter uns sessenta anos de idade, vestindo um vestido de algodão branco, leve e confortável, com um chapéu cor-de-rosa de grandes abas e um laço generoso de fitas na lateral. Ela chamava por Daniele, que distraída, não ouvia. Ed a alertou sobre o chamado da desconhecida. Daniele dirigiu-se à senhora que estava recostada a uma das pequenas mesas redondas no entorno da piscina.

– A senhora me chamou? – perguntou ela.

– Sim, querida! Você não é Daniele Cascais? Eu vi você na revista!

– Sou eu sim, mas como a senhora lembrou? Já faz muito tempo que não apareço em nenhuma revista, especialmente nas de

fofocas.

– Não faz não, menina. Eu vi você semana passada, na capa de uma, com um rapaz. Acho que é colega do seu pai. Como se chama ele mesmo? Roberto, não é?

– Não, eu não estive com nenhum Roberto na semana passada – respondeu Daniele. Ed notou que ela começara a ficar enfurecida.

– Não era o que dizia na revista. Se eu tivesse trazido o exemplar comigo, poderia lhe mostrar. Você é mesmo uma danadinha, menina! Tinha umas fotos bem picantes de vocês dois no encarte principal!

– A senhora deve estar enganada! Isso é impossível!

– Não é não! Eu ainda não estou caduca, minha filha! Eu vi você com o rapaz, aliás, um belo sujeito, hein! A reportagem fala do romance secreto de vocês dois. Todo mundo já sabe, quer ver? Carlota! Oh, Carlota! – gritou ela para sua amiga que parecia ser ainda mais idosa do que ela.

– O que é, Josefa? – perguntou a amiga que se aproximava apressada.

– Lembra da Daniele Cascais? Aquela da revista. A que está com aquele moreno na capa da revista que compramos juntas na semana passada?

– Claro, que lembro. O que tem ela?

– Ora, Carlota! Você não está vendo? É esta moça bonita aqui! – disse ela irritada com a amiga, apontando para Daniele.

– O que você está dizendo? Ela não é nem um pouco parecida com Daniele Cascais! Desculpe a minha amiga, moça, ela está com um pouco de falta de visão – disse Carlota, dirigindo-se à Daniele e já tentando se retirar, enquanto Josefa segurava seu braço e exclama-

va:

– Carlota, você é que está com falta de visão! Pergunte quem é ela e você vai ver!

– Está bem, Josefa. Moça, quem é você?

– Eu sou Daniele Cascais – respondeu ela – mas não sei de nenhuma foto em qualquer revista. A propósito, meu noivo está aqui comigo e, vejam, não tem nada a ver com esse moreno de quem vocês estão falando.

– Você é uma danadinha mesmo, não é? – disse Carlota, com um sorriso malicioso, deixando à mostra a dentadura mal colada. – Eu trouxe a revista comigo. Adorei a foto do garanhão quase sem roupa e resolvi trazer para dar mais uma olhadinha, não é Josefa?

– Carlota, você não tem jeito, mesmo? Isso é coisa que se faça?

– O que tem de mais nisso, Josefa? Se você quiser olhar a revista, moça, está lá na minha cabine.

– Eu quero sim, se não for incômodo para a senhora – respondeu Daniele.

– É claro, que não, querida. Nada pode ser um incômodo neste paraíso! Não é mesmo, rapaz? – respondeu ela, dirigindo-se agora a Eduardo, que as observava em silêncio.

Os quatro seguiram pelo deque até a entrada do elevador panorâmico. Subiram até o quarto andar onde estava localizada a cabine das duas senhoras. Não puderam entrar, pois elas haviam trazido tanta bagagem, que mal havia espaço para elas lá dentro. Edriu ao pensar que uma das duas teria que dormir em cima das malas. Parecia que ficariam hospedadas em um hotel de luxo. Carlota mexeu e revirou as bagagens, até que finalmente saiu vitoriosa com a tal revista nas mãos.

– Aqui está, garota! Você na capa com esta belezinha! – disse entregando a revista para Daniele.

Por um instante, sentiu que o ar acabara em seus pulmões. Não conseguia respirar, não sabia o que pensar. Estava ali estampada na capa da revista uma foto sua quase sem roupa, vestindo apenas uma camisa de homem aberta e uma gargantilha de veludo em torno do pescoço, e Roberto ao seu lado, seminu.

– Meu Deus! – Foi só o que saiu de sua garganta. Olhou para Ed, que estava pálido e parecia mais espantado do que ela.

Daniele via o olhar de condenação do noivo, mas não sabia o que dizer para se desculpar. Sabia que nunca havia tirado tais fotos. Não era possível! Lembrou-se da noite em que ela e Roberto se conheceram, de como estava embriagada a ponto de não se lembrar de nada no dia seguinte. Talvez ele a tivesse drogado e então tirado as fotos. Mas seus grandes olhos azuis estavam tão abertos, fitando a câmera, que seria impossível estar inconsciente. Também não podia existir uma sócia tão perfeita, andando por aí. Se houvesse, com toda certeza já a teriam descoberto muito antes. Saiu correndo escadas acima com a revista nas mãos, não se importando com os gritos de Carlota.

– Ei! Devolva minha revista! Você viu, Josefa? Não se pode mesmo confiar nessa juventude de hoje em dia!

Daniele entrou na cabine, encostando a porta atrás de si. Ed entrou logo depois. Olhou para ela, sem saber o que dizer. A noiva apenas chorava agarrada à tal revista.

– Quando foi isso, Daniele? – perguntou Ed, incrédulo.

– Eu não fiz isso, Ed! – desculpou-se ela, desesperada.

– Como é que não fez? Eu estou vendo! Este é o olhar mais sexy que você já fez em toda sua vida! Imagino como estava excitada

com este... este canalha!

– Ed, você não pode acreditar nessas fofocas! Eu nunca tirei fotos semelhantes a estas, muito menos com o canalha do Roberto!

– Como você pôde se deixar fotografar desta forma? Se não fossem as tarjas pretas, você estaria completamente nua aqui, na capa de uma revista de circulação nacional! Você sabe como estou me sentindo agora?

– Eduardo, eu estou dizendo que não tirei estas fotos, nunca!

– Então como você explica isso? – disse ele tirando bruscamente a revista das mãos dela e folheando-a. – Responda, vamos! Você já viu estas aqui? E este encarde enorme na página central? Olha que beleza! É ótimo para entreter velhinhas caducas em viagens!

Eduardo atirou a revista a um canto e saiu. Daniele permaneceu onde estava, sentada no chão, chorando. Não sabia como aquelas fotos haviam sido tiradas, mas a única explicação lógica para aquilo tudo era o dia miserável em que conhecera aquele homem.

Levantou-se devagar e juntou a revista. Olhou novamente todas as fotografias. Realmente não se lembrava de ter sido fotografada com Roberto. De fato isso jamais acontecera. Na página central, o encarte mostrava Daniele sentada em um sofá forrado com pele branca. Ela continuava com a camisa aberta, mas seus olhos estavam fechados e a cabeça um pouco mais inclinada para trás. Era, sem dúvidas, seu rosto. Não poderia negar. Havia anos que não tinha mais ouvido notícias de Roberto. Agora esse fantasma desagradável voltara para assombrá-la. Daniele pensou em seu pai, que certamente já sabia das tais fotos e devia estar muito envergonhado, pensando que aquilo tudo era verdade.

A reportagem vinha com destaque em grandes letras verme-

lhas que diziam: “O ROMANCE SECRETO DE DANIELE CASCAIS!” e afirmava que ela e Roberto mantinham um caso desde o escândalo envolvendo a empregada da casa de seu pai, ocasião na qual Daniele respondera a um processo por tê-lo agredido junto com a amante grávida. Havia fotos menores dela conversando com Roberto no meio da rua, que com certeza haviam sido tiradas antes da separação dos dois.

Era realmente surpreendente que aquilo estivesse acontecendo logo agora, às vésperas de seu casamento. Na certa, era algum tipo de truque de Roberto para se vingar dela. A revista dizia que ele não quisera prestar depoimento sobre o fato, o que causava a impressão de que era culpado, inclusive Eloísa teria anunciado a sua separação, por causa do então descoberto, caso de amor entre Daniele e Roberto, e afirmara que vira os dois juntos mais de uma vez recentemente.

A reportagem continha ainda, fotos dela na companhia de Eduardo, afirmando que era apenas um noivado de fachada para afastar a mídia das fofocas, levando em consideração que Ed era um rapaz pacato e “socialmente correto”. E considerando que o mesmo não poderia ser dito de Roberto, porque ninguém jamais descobrira quem ele era e de onde realmente viera, isso seria o suficiente para acalmar a mídia e apagar a má reputação de Daniele.

Ela já não controlava mais o seu nervosismo e nem as lágrimas. Pensava em Ed e onde ele estaria agora. Tinha medo de que ele fizesse uma besteira, pois estava muito descontrolado, como ela jamais havia visto antes. Saiu da cabine e desceu até o primeiro deque pelas escadas, pois naquela situação era muito angustiante esperar pelo elevador. Ainda levava a maldita revista consigo, queria uma chance de tentar descobrir o que acontecera e como aquela foto fora

tirada sem que ela se lembrasse de nada.

Ed estava sentado no chão, perto da piscina maior. Seu rosto não expressava nada, nem raiva, nem pena, nem amor, absolutamente inexpressivo, o que a deixou ainda mais preocupada. Não viu sequer uma fagulha do amor intenso que brotava dos olhos dele cada vez que se encontrava com sua amada. Ela quis se aproximar, mas teve medo da reação dele. Ficou em pé a observá-lo sem que ele a visse.

De repente, num surto de loucura, ela imaginou-se sem ele, que seria abandonada ali mesmo, naquele oceano sem fim e sem saída. Uma pontada de dor atravessou-lhe o peito, imaginou-o indo embora para sempre e se viu sozinha mais uma vez. Imaginou Ed nos braços de outra mulher, apaixonado. Não, ela não suportaria tal dor.

18- Amigas...

— **M**oça! O que houve? Você quer conversar?
— a voz era de uma mulher jovem, que
vira quando ela chegou correndo, agar-

rada àquela revista, chorando desesperada. Daniele fez que não, com a cabeça, mas Joana já a tomara pela mão e a conduzia em direção a sua cabine.

— O que você tem aí? Posso ver a revista? — Daniele estendeu a revista para Joana, que imediatamente a reconheceu na capa. — É isso? Oh! Meu Deus! Igor, venha até aqui! Esta moça, a Daniele, está precisando da nossa ajuda! — gritou Joana para Igor, que aguardava no corredor.

— Fique calma, moça. Tudo nesta vida tem conserto, não é mesmo? — disse Igor com ar brincalhão, tentando acalmar Daniele.

— Vocês não entendem... eu não... não sou eu quem está aí... eu... — balbuciou Daniele.

— Calma, vamos pedir um chá para você, está bem? Quando estiver mais calma pode nos contar o que houve. Agora relaxe e esqueça o que a está entristecendo — disse Joana.

Igor foi buscar o chá, que Daniele tomou com avidez. Depois de alguns minutos, já conseguia falar normalmente, apesar de estar com seu coração doendo por Ed.

Agora, diga-nos o que aconteceu que a deixou assim tão triste. Vamos, não pode ser tão horrível assim.

— É sim, é horrível — as lágrimas começaram a brotar novamente, mas desta vez ela respirou fundo e as controlou. — Abram a revista e leiam a matéria toda. Então vão entender o que sucedeu.

Joana e Igor leram a matéria juntos em alguns minutos. A expressão de seus rostos já não era tão tranquila como antes, agora estavam espantados. Quando terminaram, olharam para Daniele quase com uma interrogação. Joana mostrava-se indignada com tal situação.

– Eles são uns canibais, prontos para engolir as pessoas e acabar com suas vidas!

– A quem se refere, querida? – perguntou Igor.

– À imprensa, oras bolas! São mentirosos e sem escrúpulos! Vendem a vida das pessoas em bancas baratas, é absurdo!

– Eu não sabia da existência dessas fotos. Eu acho que ele deve ter me drogado, eu não sei! – defendeu-se Daniele.

– Mas aqui diz que ele já foi seu noivo, não é isto? – Daniele fez que sim com a cabeça. – Então ele pode muito bem tê-la fotografado sem que percebesse. Faz tempo que romperam o noivado?

– Quase três anos, mas na verdade, nunca fomos noivos, tivemos um namoro de pouco mais de dois anos. Não sei como poderia ter me fotografado sem que eu percebesse. Eu não estive com ele assim... Você sabe o que quero dizer, não é mesmo? – disse ela olhando para Joana. – Isso nunca aconteceu.

– Calma, querida. Como você encontrou esta revista? É por isso que está no navio, para fugir da imprensa? – prosseguiu Joana com a conversa, tentando entender por que ela estava tão nervosa.

– Não é nada disso. Eu estou aqui com o meu noivo, o de verdade, o único. Esta revista me foi dada por uma velhinha do grupo de idosos da excursão. Ela trouxe a revista para ficar olhando a foto de Roberto e me reconheceu quando me viu. Até então eu não tinha conhecimento da existência destas fotografias.

– O que o seu noivo disse sobre isso?

– Não acredita em mim. Eu não o culpo, acho que também não acreditaria se o visse nos braços de outra, estampado na capa de uma das mais famosas revistas do país.

– Mas você já explicou tudo para ele, a sua versão dos fatos?

– Tentei, mas ele não está disposto a me ouvir...

– Você só precisa dar tempo para ele esfriar a cabeça – disse Igor – e logo tudo voltará ao normal. Se ele realmente a ama, vai confiar em você.

– Pode descansar aqui, por enquanto, se quiser.

– Muito obrigada. E me perdoem por estragar o passeio de vocês.

– Não estragou coisa alguma. Ficaremos felizes em poder ajudar – dispôs-se Joana.

– Obrigada, mais uma vez. Vou ficar aqui só mais um pouco, depois vou tentar conversar com o Ed.

– Você está com medo, não é? Ele é agressivo? Violento? – preocupou-se Igor.

– Não, de maneira alguma. O Ed é o homem mais doce que já conheci. Acho que foi por isso que me apaixonei por ele. – Ela esboçou um sorriso discreto.

– Que bom! – sorriu Joana – Vamos até o bar, você pode nos mostrar quem é o seu Ed. Se pudermos intervir por você...

– Eu acho melhor ir sozinha. Não sei qual será a reação dele. Talvez ainda não queira me ver nem ouvir o que tenho a dizer.

– Tudo bem, você decide. Mas se precisar de alguma coisa, qualquer que seja, pode contar conosco, não é, Igor?

– É claro – disse Igor. Daniele permaneceu na cabine, mas logo voltou para perto da piscina onde Ed permanecia sentado.

Estava reunindo coragem para ir falar com ele quando inesperada-

mente Ed olhou para trás e a viu ali, olhando para ele. Aquele olhar gélido a atingiu como um punhal e por um instante tudo se tornou trevas para ela. Não queria chorar na frente de Ed, mas não sabia se ia conseguir se conter.

– Precisamos conversar – disse ele, aproximando-se.

– É. Precisamos, sim – respondeu, esforçando-se para se controlar.

– Vamos subir. Quero falar com você lá em cima, a sós.

– Tudo bem – respondeu ela, já se dirigindo ao elevador. Ficaram em silêncio até chegarem à cabine. Ed trancou a porta.

– E então, Daniele? Conte-me a sua versão dos fatos, se é que já deu tempo de pensar em uma.

– Você está acusando sem antes ouvir. Eu não sei dessas fotografias, Ed...

– Eu não acredito mais em Papai Noel faz alguns anos! Esperava no mínimo a verdade de você, mas já vi que não a terei, não é?

– Eduardo, por favor, você precisa acreditar em mim! Eu não estou mentindo e nunca mentiria pra você!

– Daniele, eu li a reportagem. Aí está dizendo que Eloísa deixou Roberto por ter visto vocês dois juntos por mais de uma vez, nas condições aí divulgadas. Como ele conseguiria tais fotos, se não tivesse dormido com você e Deus sabe o que mais vocês dois fizeram?

– Essas fotos são antigas, Ed. Elas só podem ser da noite em que eu e Roberto nos conhecemos. Além disso, eu nunca fui fotografada nua, ainda mais com ele!

– E quanto às fotografias de vocês dois conversando no meio da rua? Como você explica? Vai ter alguma desculpa um pouco mais convincente, Daniele?

– Eu não estou inventando desculpas, Eduardo! Eu estou di-

zendo a verdade...

– Chega, Daniele! – explodiu ele.

– Mas, Ed... Você não pode fazer isso comigo...

– Eu preciso de um tempo. Não sei o que pensar desta história toda – disse ele baixando a cabeça e derramando as lágrimas há muito contidas.

O coração de Daniele estava esfaqueado. Não imaginava que pudesse fazê-lo sofrer tanto assim um dia. Ainda não tinha entendido o que acontecera e nem como aquelas fotos foram parar nas páginas daquela revista.

Não sabia o que fazer ou dizer para que ele acreditasse na sua inocência. Talvez ele tivesse razão em querer dar um tempo; talvez fosse a melhor escolha para curar as feridas... O que mais doía em Daniele era ver Ed triste assim e não poder evitar sua dor e ainda ter que conceber a ideia de que fora por sua causa, direta ou indiretamente que aquele sofrimento existia agora no coração dele.

Permaneceram ali, frente a frente, sem dizer uma palavra por um tempo incontável, até que Ed saiu. Daniele sentou-se no chão ao lado da cama, com a revista caída a seu lado, abraçada aos joelhos e ali ficou esperando que algum anjo pudesse trazer conforto ao seu ser e a Ed também.

O sonho havia se tornado um pesadelo e não tinham ao menos como fugir. Ela queria ir embora para se trancar em seu quarto e ficar lá, sozinha para sempre, ou até que descobrisse o que aconteceu e tivesse como explicar para Eduardo. Provavelmente tudo aquilo não passava de um grande golpe de Roberto para conseguir extorquir mais dinheiro dela e de seu pai. Se ele a amava, teria que acreditar nela. Senão, não teria motivos para continuar a viver sem ele e ficaria ali mesmo. Eternamente, se preciso fosse, ou até que ele vol-

tasse para seus braços. De repente, uma batida na porta da cabine tirou Daniele de seus pensamentos, mas ela permaneceu indiferente, enquanto uma voz dizia do lado de fora:

– Daniele? Você está aí? Daniele? – era Joana quem a chamava, mas ela não queria falar com outra pessoa, senão Ed.

– Daniele? Eu posso entrar? – insistiu Joana, abrindo a porta.

– Então, você está aí! – disse ao ver que Daniele estava sentada no chão – Levante-se, não fique triste assim. Esse sofrimento vai passar, é só uma questão de tempo.

– Não vai passar. Eu conheço Ed. Sei que não vai deixar que eu explique o que realmente significam essas fotos aqui – disse apontando para a revista jogada ao chão – foi o meu ex-namorado, sabe? É dinheiro que ele quer, foi o que sempre quis. Meu pai tinha razão quando me alertava sobre ele, mas eu não queria ouvir e agora a vida está me castigando.

– Não diga isso, Daniele. As coisas não vão se resolver desta forma. Você tem que se ajudar e ajudar Eduardo também. Coloque-se no lugar dele e você verá que não seria fácil vê-lo nos braços de outra mulher.

– Você tem razão, Joana. Mas eu juro que nunca fui fotografada desta forma, entende?

– Sim, você já me explicou isso. Mas diga-me, teve algum contato com esse Roberto depois do noivado com Ed? Talvez ele esteja agindo dessa forma por que já tivesse ciúmes de seu ex-namorado.

– Não, nunca! Eu vou explicar como conheci Roberto. Foi numa festa da emissora onde meu pai trabalha, para homenageá-lo. Eu já tinha visto Roberto em outras ocasiões antes daquela festa, mas ele nunca foi especial para mim. Naquele dia bebi um pouco além da

conta e não me lembro de nada que aconteceu, só que quando acordei, estava na cama dele. Fiquei muito embaraçada com a situação. Só pode ter sido naquele dia que as fotografias foram tiradas.

– É possível, mas por que elas não apareceram antes? Quando vocês terminaram o namoro, por exemplo?

– Eu me pergunto a mesma coisa. Por que será que somente agora elas vieram à tona? Além disso, tem as fotos de nós dois conversando no meio da praça e na rua também, mas estas eu tenho certeza de que são do tempo em que ainda estávamos juntos. Faz mais de três anos – disse ela juntando a revista do chão e abrindo na página em que apareciam ela e Roberto conversando numa esquina.

– Veja como o corte do meu cabelo estava bem diferente.

– E você já mostrou este detalhe para Eduardo?

– Ele não quis nem ouvir o que eu tenho para dizer, imagine olhar de novo para esta revista... Acho que ele não suportaria. – Daniele recomeçara com o choro soluçante.

– Você precisa se acalmar. Olhe, hoje tem o jantar com o capitão. Será uma boa oportunidade para se entender com seu noivo. Venha para a nossa cabine que eu a ajudo a se arrumar para o jantar e então, quem sabe, você se encontre com ele, que nessas alturas já vai estar mais calmo.

– Não posso. Obrigada, Joana, mas prefiro ficar aqui esperando ele voltar. Não irei procurá-lo fora da cabine. Quando ele achar que está pronto para ter esta conversa, então voltará.

– Bem, você é quem sabe. Mas se mudar de ideia, estaremos esperando, certo?

– Obrigada. Nem sei como agradecer a atenção de vocês em um momento como este. Eu queria tanto que meu pai estivesse aqui!

– Será que ele já sabe do ocorrido?

– Com toda certeza. As notícias correm rápido nos estúdios e as atrizes, cá entre nós, adoram uma boa fofoca. – Joana riu baixinho, tapando a boca com a mão.

19- O Jantar do Capitão...

— Então, como foi com a moça da revista? – perguntou Igor, assim que Joana voltou para a cabine.

– Pobre moça! Ainda está muito abatida e o tal noivo não voltou a conversar com ela. Nem deu chance para que tentasse explicar o que aconteceu.

– Você acha que ela é realmente inocente?

– É claro, que sim, Igor! A coitada foi condenada por sua beleza e dinheiro. Com toda certeza esse é mais um golpe do antigo namorado para conseguir mais dinheiro dela e do pai.

– Mas como explicar as fotos, então? E quanto ao depoimento da mulher que diz ter se separado por ter visto os dois juntos em situações constrangedoras por mais de uma vez? E o fato de o noivo dela com Eduardo ser de fachada? Não tem explicação racional para isso.

– Não sei, Igor, mas ela é sincera quando diz que ama o noivo e acho que não seria capaz de magoá-lo dessa forma. Coloquei-me à disposição, se ela precisar de algo. Tudo bem para você?

– Tudo ótimo. Se eu puder ajudar, também o farei.

– Vamos nos arrumar? Já está quase na hora do almoço.

– Claro, eu estava esperando para irmos juntos. Mas antes... – Igor puxou Joana para junto de si e a beijou com força, como da primeira vez, quando se conheceram. Era aquele beijo forte, que deixava transparecer toda sua virilidade e deixava Joana louca de paixão por ele.

Arrumaram-se e desceram pelo elevador panorâmico, cuja

vista era indescritível. Não se via terra até onde seus olhos podiam enxergar, só o horizonte, uma imensidão azul que parecia não ter fim. Por um instante, essa visão causou arrepios em Igor e ao mesmo tempo fascinou Joana. A viagem parecia um sonho e era maravilhoso, depois de tudo o que acontecera em relação a seu pai, ela estar tão feliz. Sim, escolheu Igor para compartilhar com ela o resto de sua vida e o escolheria mil vezes se fosse necessário.

Almoçaram no restaurante vegetariano. Joana comeu uma salada verde e Igor adorou a carne de soja e pediu vinho branco para acompanhar. Terminaram a refeição e permaneceram por um longo tempo no convés, observando a paisagem marítima. Bem ao longe, viam-se nuvens escuras e ali, o vento já não soprava mais em forma de brisa suave, mas açoitava seus rostos com força. Mesmo assim foram tomar um banho de piscina antes de voltar para a cabine, onde descansaram e mais tarde se arrumaram para o jantar com o capitão Geofrey.

À noite, Joana estava linda, com um vestido de cetim vermelho, sem detalhes. Um decote transversal deixava um dos ombros à mostra. Igor, igualmente elegante, trajava um casaco preto em couro e calça cinza escuro axadrezada. A camisa branca quebrava a sobriedade do traje.

Chegaram ao restaurante, onde grandes mesas estavam preparadas, esperando pelos passageiros. O capitão Geofrey já estava sentado à cabeceira da mesa frontal ao lado do seu subcomandante. Igor e Joana sentaram-se na lateral, perto dos vitrais e tinham vista para o oceano. Fizeram seus pedidos com um vinho para acompanhar. Após o jantar haveria o baile de gala.

Joana ainda pensava em Daniele, que ela deveria vir para se distrair um pouco, mas respeitava a decisão da moça. Mas não vol-

tou a tocar no assunto com Igor, com receio de que ele se chateasse. Conversaram sobre assuntos corriqueiros, mas foi inevitável para Joana deixar de falar nos pais, mesmo que o assunto o aborrecesse.

– Eu não queria que tivesse sido assim, meu amor – dizia ela.

– Sim, eu sei. Também não desejei que fosse assim, mas já conversamos sobre isso. Quando voltarmos, tudo estará resolvido, eu garanto.

– Você diz isso porque não conhece meu pai, Igor. Já percebeu o quanto ele é turrão?

– Pude perceber. Mas ele é seu pai, querida. Os pais sempre perdoam aos filhos, certo? Aliás, não vejo por que precisaria do perdão dele. Não fizemos nada de errado.

– Mas eu deveria ter conversado com eles sobre nós dois. A verdade é que passei muito tempo escondendo nossa relação, com medo das repreendas.

– Isso não foi motivo para eles nos tratarem daquela forma. Quando a pedi em casamento, eu imaginei que seria melhor recebido, pela sua família.

– Você tem que concordar que se não fossem as fofocas da Dona Carolina, nada daquilo teria acontecido, não é mesmo?

– É sim. Mas você não acha estranho seu pai ter acreditado nela sem antes ter lhe perguntado?

– Acho. Mas meu pai é assim mesmo. E como você também foi criado no interior, deve entender que a nossa realidade lá é diferente da realidade da cidade grande.

– Eu compreendo. Não estou culpando ninguém. Ele apenas queria sua felicidade e sei que o casamento que ele queria para você está bem longe de ser como foi o nosso.

Ficaram quietos por um longo tempo, apenas bebendo o vi-

nho, até que Igor quebrou o silêncio novamente:

– Você quer casar comigo?

– O quê? – perguntou ela, incrédula – Você está doido? Já nos casamos, lembra?

– Quer casar comigo de novo?

– Como assim, casar de novo?

– Estamos em alto mar, certo?

– Sim, mas o que tem isso a ver com casamento?

– Espere aqui, eu volto já. – Levantou-se e dirigiu-se a um marinheiro. Cochicharam por alguns minutos e então Igor foi conduzido à mesa do capitão. Em seguida, os três se aproximaram da mesa onde Joana estava, e Geoffrey disse, com dificuldade em sua língua:

– Olá, moça bonita! Está gostando da viagem?

– Sim, muito – respondeu ela, tímida.

– Que ótimo! Gostaria que soubesse que terei imenso prazer em realizar a cerimônia de casamento de vocês, mas devo informá-los que nunca fiz isso antes.

– Como assim... Igor? – disse ela dirigindo-se ao marido.

– É isso mesmo que você ouviu. Aceita casar-se comigo, outra vez?

– Aceito! – respondeu Joana, ainda embaraçada.

– Durante o baile, está bem para vocês? – perguntou o capitão.

– Sim, está ótimo! Muito obrigado, capitão! – agradeceu Igor. Geoffrey voltou para sua mesa onde ria e bebia com seus marinheiros.

– Igor, você é realmente doido! – sussurrou ela, enquanto ele beijava docemente os lábios dela.

– Sou doido, sim, mas de tanto que eu amo você, Joana. Desta vez será realmente o casamento dos sonhos.

– Sim, vai ser lindo, meu amor! Eu o amo muito! – Ficaram abraçados, curtindo sua paixão e esperando pelo baile, que certamente seria inesquecível. Joana já não pensava em Daniele, nem em seus pais, só pensava naquele homem que estava ali, completamente apaixonado por ela, correspondendo ao seu sentimento.

20- Perdão...

Eduardo ouviu a música tocando. Não queria sair dali, ainda estava entorpecido pela visão das fotos de Daniele ao lado de Roberto. No entanto, estava quase arrependido por tê-la tratado daquela forma. Começou a pensar na possibilidade de ela ser realmente inocente naquela história toda. Lembrou-se das coisas que ela e o pai lhe contaram sobre Roberto, das suas artimanhas para arrancar dinheiro deles e como usava Eloísa para alcançar seus objetivos. Ele sabia que Roberto não tinha escrúpulos e que certamente seria capaz de inventar aquela história toda e talvez até mesmo a pobre Eloísa tenha se deixado convencer por ele a falar aquelas coisas para os jornalistas. Talvez estivessem passando necessidades ou não pudessem mais sustentar o próprio filho e por isso tentariam tirar dinheiro de Daniele.

Ele estava demasiadamente confuso para chegar a qualquer conclusão racional. No entanto, as imagens de Daniele nua na cama com Roberto ainda perturbavam sua mente. Lembrava-se das noites de amor que os dois tiveram juntos e se perguntava se Roberto teria sido capaz de fazê-la tão feliz quanto ele.

Sabia que se Daniele tivesse mesmo mantido um caso secreto com Roberto, ele teria percebido de alguma forma, seria impossível que ao longo de três anos nunca tivesse desconfiado de nada. Ela não era de esconder aonde ia ou com quem estava. Já houvera inclusive vezes em que ele, chegando de surpresa tinha flagrado Daniele em companhia de algumas amigas, mas nada mesmo que a compromettesse. Permaneceu por mais algum tempo ali. Já estava escuro e ele resolveu que voltaria para a cabine, para conversar com Daniele, se é

que ela ainda estaria disposta a explicar-lhe o que acontecera.

Subiu pelo elevador. Não havia mais ninguém por ali àquela hora, certamente estavam todos no jantar com o capitão. Ao chegar, parou por um momento à porta da cabine, criando coragem para abri-la. Temia que a reação de Daniele fosse indócil a tal ponto de sequer tentar contar-lhe a verdade, por mais que doesse em Eduardo.

Respirou fundo e puxou a maçaneta. Tamanho foi o seu susto ao encontrá-la desacordada no chão. Seu primeiro pensamento foi que Daniele tivesse tentado o suicídio, mas logo descartou a possibilidade. Ela jamais faria uma coisa dessas, mas poderia muito bem ter tomado medicamentos para fingir a tentativa de suicídio, chamando todas as atenções para si, como era do costume dela antes de conhecê-lo. Aproximou-se devagar. Percebeu que ela estava abraçada à revista, aberta no encarte principal. Eduardo cogitou se estaria ela pensando em Roberto, e sua fúria tornou a brotar, mas conseguiu se conter. Fechou os olhos por um instante e quando tornou a abri-los, Daniele olhava para ele e chorava baixinho. Ele então reparou que ela não havia tomado medicamento algum, apenas adormecera depois de chorar sozinha por muito tempo.

Aquela garota descabelada ali a sua frente era bem diferente da Daniele que ele conhecera, incapaz de admitir um fio de cabelo fora do lugar. Bem se notava o tamanho de seu sofrimento e ele se perguntava secretamente se toda aquela dor espelhada nos olhos da noiva era realmente por medo de perdê-lo ou por ter sua vida exposta dessa maneira perante todos, principalmente de seu pai.

– Diga-me então o que aconteceu – disse ele, agora com o timbre de voz baixo e macio.

– Não sei nem por onde começar, Ed...

– Comece pelo começo, Daniele – sussurrou ele tirando a revista das mãos da moça e sentando-se em uma das camas, que agora estavam separadas. – Como e onde este tal de Roberto a fotografou dessa forma?

– Eu não faço a mínima ideia.

– Como assim? Você estava bem acordada, não é mesmo?

– Isso não é o que parece. Conheci Roberto durante uma festa em que bebi muito além da conta. Quando acordei, estava ao lado dele. Não sei o que houve, não consigo me recordar daquela noite.

– Bem típico, não é. Conveniente, também. – Eduardo estava perdendo o controle novamente. Respirou fundo e desviou o olhar.

– Por favor, Ed! Se você está mesmo disposto a me ouvir...

– Continue – interrompeu ele.

– O fato é que não tem como estas fotografias terem sido feitas em outra ocasião. Nunca fui fotografada desta forma! Isto aqui é absurdo!

– Mas você acredita que poderia, hipoteticamente, não ter percebido?

– É a única explicação racional que encontro. Nunca, de maneira alguma eu iria me expor dessa forma...

– Mas nem mesmo na intimidade de vocês? Você tem certeza de que não o fez por algum fetiche deste cara?

– Sim, eu tenho certeza absoluta!

– E quanto às fotos de vocês dois cochichando no meio da rua? E sobre o depoimento de Eloísa?

– Isso foi muito antes de conhecer você, quando ainda estava namorando Roberto e...

– Namorando? – interrompeu ele novamente – aqui diz que estavam prestes a se casar!

– Mais uma mentira do Roberto para chamar a atenção! Ele deve estar querendo dinheiro, você não percebe?

– Talvez não perceba, mesmo.

– Se não acredita em mim, pergunte ao meu pai. Você o conhece suficientemente bem para saber que não mentiria para você, ainda mais agora.

– O que quer dizer com “ainda mais agora”?

– Porque ele já deve ter lido tudo isto aqui. Provavelmente outras revistas também publicaram a mesma história. Roberto não se contentaria com pouca coisa.

– Se você o conhece tão bem a ponto de dizer uma coisa destas, porque ficaram juntos durante tanto tempo?

– Eu estava cega! Só percebi quem ele era realmente quando o encontrei com Eloísa, como meu pai me havia alertado.

– Por que não o ouviu?

– Ed, eu jamais imaginaria que... Logo agora... – balbuciou ela e tornou a chorar. Ele não sabia o que fazer para consolá-la e nem sabia se queria, mas ainda que estivesse extremamente magoado com Daniele, seu coração estava em pedaços por vê-la tão triste.

– Quanto às fotos tiradas na rua e na praça, são antigas. Olhe a revista. Note que meus cabelos estavam bem mais curtos, como há muito tempo não uso. E veja também que a tonalidade é outra. Eu mudei a coloração depois que conheci você, Eduardo.

– Parece mesmo... – admirou-se ele abrindo a revista na parte em que apareciam tais fotos.

Ela não sabia mais o que dizer para convencê-lo de sua inocência.

Eduardo sentiu-se envergonhado por ter duvidado dela, mas ainda não aceitava que Eloísa tivesse inventado aquilo tudo, sem ao

menos se preocupar com o que o filho pensaria de seu pai. Achou que ela e Roberto se mereciam mesmo, afinal os dois eram farinha do mesmo saco.

– Supondo que você esteja dizendo a verdade...

– Supondo não! – irritou-se Daniele – Eu estou dizendo a verdade!

– E então, o que faremos? Isto tudo aqui me parece muito convincente. Com certeza, quando voltarmos os repórteres estarão esperando ansiosos por uma explicação para continuar com esse escândalo. Isto aqui deve vender muitas revistas.

– Você tem razão, Eduardo. Tenho que pensar numa forma de me livrar deles. Sei que se tentar explicar será ainda pior.

– Isso mesmo. É melhor não dar declaração alguma.

– Ed?

– O que é?

– Você me perdoa?

– Se você estiver falando a verdade mesmo, não tenho de que perdoar-lhe. Afinal, você é a vítima dessa situação.

– Por favor, acredite em mim. Não vou decepcioná-lo. Arranjarei uma forma de provar que tudo isso é uma grande farsa.

– Mesmo que estas fotografias sejam reais, não teria por que culpá-la, visto que foram tiradas muito antes de nos conhecermos. Além do mais, não tenho nada a ver com o seu passado e o que você fez ou deixou de fazer. Quero me esquecer destas malditas fotos!

– Eu o amo, Ed! Nunca o trairia, nunca!

– Vamos fingir que nada disso aconteceu. Perdoe-me por ter duvidado de você.

– Sim, se eu estivesse no seu lugar, também teria desconfiado. Eu o entendo.

– Então, por que não vamos ao baile, para nos distrairmos um pouco? – convidou Eduardo, crente de que ela estava doida para aquele evento.

– Baile? Agora?

– É, por que não? O jantar ainda não deve ter acabado. Há tempo suficiente para nos arrumarmos?

– Acho que sim! Vamos, então! – disse ela, surpresa com o convite.

Eduardo pegou um terno que sua mãe colocara em suas bagagens, grato por não tê-lo retirado da mala e foi para o banho, enquanto Daniele escolhia um vestido.

Quando saiu do banheiro, ela estava vestida em um lindo longo de crepe, cor champagne, com um decote em forma de “V”, que descia até a cintura na parte de trás. Seus cabelos estavam presos com alguns cachos caindo sobre os ombros disformemente, o que dava um charme especial à Daniele. Passara uma maquiagem suave, com batom cor de pêssego e os olhos bem delineados de marrom, o que realçava o azul intenso e disfarçava o inchaço e a vermelhidão provocados pelo choro. Usava apenas uma gargantilha de ouro, presente de seu pai, com um pequeno diamante em forma de gota.

– Você será a mulher mais linda do baile! – disse ele, ao vê-la.

Logo ele estava pronto. Formavam um casal muito elegante. Quando entraram no elevador panorâmico, notaram nuvens muito carregadas ao longe. Ed teve arrepios. Nunca imaginara que fosse encarar uma tempestade em alto mar. O vento soprava forte e frio, fazendo o vestido de Daniele esvoaçar.

A tempestade não demoraria a atingir o navio, pois o mar já estava muito agitado.

– Nossa! Você viu o tamanho daquelas ondas?! – exclamou

Ed, assustado.

– Não se preocupe, querido. Navios desse tamanho são como rochas – disse ela para acalmá-lo. Seguiram depressa até o salão nobre, onde o baile estava prestes a começar. Viram o capitão quase embriagado ainda em sua mesa com o segundo e o terceiro comandantes.

– Será que ele já viu a tempestade que está chegando?

– Com certeza já, Ed. Não está nem um pouco preocupado.

Deve estar acostumado com situações como esta.

– É. Você esta certa. Eu sou um bobo, mesmo.

– Eu não disse isso. – Sorriram timidamente um para o outro e adentraram no salão. Sentaram-se a uma das mesas vagas, mas logo um dos tripulantes anunciou que todos deveriam se dirigir para o outro lado, onde o baile começaria.

Joana viu Daniele com Eduardo de braços dados e cutucou Igor para que olhasse. Ficaram felizes em ver que estavam se acertando.

– Viu só, Igor? – disse Joana. – Se ela não fosse realmente inocente, acha que ele lhe daria uma segunda chance?

– Não sei. Eu não daria.

– Bobão! Eu não trairia você!

– Eu sei, querida. Está preparada para se tornar minha esposa pela segunda vez?

– É claro! Mais que preparada! – respondeu ela, beijando suavemente os lábios de Igor.

21- O Segundo Casamento...

Uma valsa tocava no salão. Os casais foram se juntando em uma dança quase que coreografada. Eduardo e Daniele também dançavam, rodopiando salão a fora.

Igor não tirou Joana para dançar. Esperaria a valsa deles. Passou a primeira, a segunda, a terceira música e nada do capitão. Igor estava preocupado se no meio daquela bebedeira ele teria se esquecido do casamento. No meio da sexta melodia, sim, houve a interrupção.

Geofrey fez um breve discurso, proclamando o amor de Igor e Joana, dos quais ele não recordava os nomes, que seria eternizado em seu navio. Pediu com um gesto que os dois se aproximassem do palco que serviria de altar. Daniele e Eduardo estavam muito longe e não reconheceram os dois, lá em cima. Geofrey abriu uma pequena Bíblia, que julgara necessária, e leu duas passagens, em inglês, como se fosse um reverendo. Igor entregou-lhe as alianças e ele deu uma espécie de bênção nelas.

Os passageiros do Seablue assistiam a tudo como se fosse um show que fazia parte das atrações do navio. Aplaudiram muito quando o casal recém-casado deu o beijo final, e tornaram a dançar. Geofrey então anunciou a valsa dos noivos.

Igor conduziu perfeitamente sua dama de vermelho.

Eduardo tirou Daniele e entraram também na dança e outros casais sucessivamente. As velhinhas da revista estavam sentadas, observando os dançarinos. Logo alguém da tripulação veio tirá-las para dançar também.

22- Temporal...

A tempestade começara. O vento soprava muito forte agora, entretanto no salão de baile apenas um balanço suave era observado pelos passageiros. Stuart subiu até a cabine de comando. O mar estava de uma forma que ele jamais havia visto nos seus trinta e cinco anos de vida. Pediu que um dos marinheiros chamasse o capitão com urgência e logo Geoffrey estava ao seu lado.

– Calma, meu jovem! Já enfrentei tempestades piores!

– Mas, senhor? Estamos perdendo muito a estabilidade! Estamos com a lotação máxima! É muito peso...

– Não se preocupe, rapaz! – interrompeu Geoffrey. – Já disse que vamos tirar de letra esta chuvinha!

– Chuvinha? – Stuart não acreditava no que acabara de ouvir. Seria possível que o renomado capitão Geoffrey fosse agir tão irresponsavelmente?

A tempestade parecia muito violenta e o pior é que estava apenas começando. Muitos trovões seguidos de descargas elétricas bestiais e nuvens vermelhas por todo o céu, que pareciam ser feitas de fogo, assombravam todo o entorno do paquete.

Pensou por um instante que Geoffrey estava demasiadamente bêbado para conduzir o navio durante a tempestade. Sem que o capitão visse, ordenou ao marinheiro que fosse imediatamente chamar o segundo comandante, Michael. Passaram-se alguns minutos até que este chegasse, enquanto a chuva e o vento só faziam aumentar sua agonia.

Michael era jovem também, tinha trinta e quatro anos de ida-

de, porém já havia conduzido um navio semelhante a este em águas nebulosas com grande sucesso. Stewart ficou aliviado ao ver que o segundo comandante aparentava sobriedade. A visão que se tinha ali de cima era atemorizadora até mesmo para aqueles homens do mar.

A noite chegara mais cedo, mas não numa escuridão completa. A obscuridade era momentaneamente quebrada pelos clarões dos raios e depois voltava a ser trevas. Geoffrey apenas ria enquanto segurava o leme, o que era uma prova do seu nervosismo.

A tempestade causara uma interferência eletromagnética nos equipamentos de localização, mas apenas o capitão tinha se dado conta desse detalhe até então. Não disse nada para os outros, esperou até que alguém notasse por si próprio. Apenas ficara em silêncio e ria. Stewart achou melhor ir verificar o funcionamento das turbinas, especialmente aquela que havia passado pelo problema com as redes no dia anterior.

Geoffrey sabia que não poderiam lutar contra o mar em fúria, pois havia o risco de tombar o navio. Teriam que ter muita calma para contornar a situação. Stewart esperava pelo rádio as instruções do capitão, mas este permanecia sem dizer uma palavra.

– Senhor! Como devemos proceder por aqui?

– Desliguem os motores – disse o capitão com a voz baixa.

– Como é?

– Você ouviu. Desliguem tudo!

– Mas, capitão... – quis contestar Stewart, achando que Geoffrey não estava em condições de tomar essa decisão e que certamente colocaria suas vidas em risco com alguma manobra arriscada, como era de seu costume.

– Agora! – gritou ele pelo rádio.

– Não! Não podemos ficar à deriva, vamos manter a veloci-

dade! Dê-nos as coordenadas.

– Stuart, não desobedeça às minhas ordens! – explodiu Geoffrey.

– Mas, capitão, o senhor não está em condições de tomar esse tipo de decisão agora!

– O que é isso? Você ficou louco, Stuart? Desligue as máquinas, agora!

– Não, senhor!

– Então eu mesmo vou até aí, desligá-las. – Geoffrey chamou Michael e também Raphael, o terceiro oficial que agora se encontrava na cabine de comando.

– Vejam. O sinal enviado pelos satélites está muito fraco. Não estamos conseguindo ler as coordenadas. É a interferência causada pela tempestade. É melhor pararmos por aqui mesmo até o aguaceiro cessar.

– Certo, mas e se formos carregados para muito longe? – perguntou Raphael.

– Quando a tempestade passar, ligaremos as turbinas com força máxima e recuperaremos o tempo perdido.

– E se for muito longa? Olhe! O que é aquilo?! – disse Michael apontando para bombordo.

Uma nuvem muito negra pairava ameaçadoramente sobre o oceano e um anel escuro se formava no mar, que parecia ser puxado para cima pelas nuvens. Era a coisa mais linda que ele já vira em toda a sua vida e a mais aterrorizante ao mesmo tempo.

Uma tromba d'água se formava em alto mar, bem em frente ao navio.

– Meu Deus do céu! Um furacão! – exclamou Raphael. – A meteorologia não nos avisou que haveria uma tempestade dessas!

– Estamos sem rádio desde ontem. Apenas comunicação interna, Raphael. – disse Geoffrey, mantendo sua voz calma e ponderada.

– Senhor, por que não nos disse? Teríamos enviado um SOS.

– Eu não podia adivinhar que viria uma tormenta dessas, e além do mais, só devemos avisar a Capitania dos Portos em casos de emergência extrema, vocês dois sabem disso.

– Mas falta de comunicação em alto mar é uma emergência extrema, capitão!

– Não era para ser, Michael. Não era para ser – disse Geoffrey, cabisbaixo, saindo da cabine para o elevador interno.

Quando chegou à casa de máquinas, Stuwart estava esperando-o enfurecido.

– Stuwart, já disse para desligar as turbinas!

– Não é conveniente nesse momento, senhor! – respondeu ele ironicamente.

– Não estou perguntando se é conveniente, estou ordenando que o faça!

– Você vai matar a todos! Não vê?

– Perdeu a razão, Stuwart? – perguntou Geoffrey, empurrando-o de sua frente.

– Não vou deixar você entrar, Geoffrey!

– Como é? Este é o meu navio e vou desligá-lo. Agora!

– Não vai, não! – Stuwart deu um murro no olho esquerdo de Geoffrey, que caiu batendo com a cabeça em um tubo metálico.

Ficou desacordado e com um corte profundo na nuca, que sangrava bastante. O próprio Stuwart ficou surpreso com sua reação e brutalidade. Nunca pensara que um dia pudesse perder assim todo o respeito e a admiração que sentia por Geoffrey. Os três mecânicos

que estavam na casa de máquinas se apressaram a levar o capitão lá para cima, para que fosse socorrido pelo médico a bordo.

No momento em que Stuwart ficou sozinho, trancou as passagens que davam acesso à casa de máquinas, de forma que ninguém pudesse entrar para impedi-lo de manter os motores funcionando.



Os mecânicos entraram às pressas na cabine de comando com Geoffrey sangrando e inconsciente.

Michael imediatamente assumiu o comando do Seablue. Não perguntaram o que havia acontecido, mas apenas chamaram o médico para que atendesse o capitão ali mesmo. Pelo rádio, Raphael tentava argumentar com Stuwart:

– Atenção! Por favor! Estamos sem comunicação externa e o sistema de posicionamento não responde! Você está me ouvindo? A única forma de manter o navio na rota é desligando todos os motores imediatamente!

– Não me venha com lorotas, Raphael! Eu sei que vocês dois, que se julgam capitães deste navio, não são mais do que fantoches de Geoffrey! Acha que eu vou cair nessa? Pois enganaram-se!

– Stuwart? O que você está fazendo?

– Estou aumentando a velocidade. Vamos viajar a toda força, agora!

– Você está maluco? Não sabemos para onde a tempestade nos levará! Vamos nos perder! Pare com isso, Stuwart! – determinou Michael, mas Stuwart não queria ouvir.

Ignorou a informação sobre a impossibilidade de saber o rumo correto da viagem. Ele queria salvar a todos, mas principalmente,

queria provar para todos que ele é que merecia estar no posto de segundo comandante do Seablue e não aquele metido do Michael. Não o quiseram ao menos como terceiro oficial e agora iriam ver o tamanho do erro que cometeram.

Aumentou a velocidade, fazendo com que o navio cortasse a espuma branca que flutuava agora sobre toda a superfície marinha e depois se inclinasse fortemente para estibordo, tomado pela violência das ondas enormes e do vento, o que fez com que o Seablue fosse diretamente ao encontro da tromba d'água que se movia veloz.

23- Pânico...

s passageiros no salão sentiram a virada brusca e alguns perderam o equilíbrio.

O medo começou a tomar conta de todos ao olhar para fora e notar todo o furor do mar. Puseram-se a sair em direção as suas cabines. O violinista parou de tocar e imediatamente um marinheiro tomou o microfone e pediu calma aos passageiros. O pânico não diminuiu. O pianista recomeçou a tocar, tentando amenizar o pavor de todos, inclusive o seu.

Igor tomou a mão de Joana e a recostou em seu peito. Os mais idosos falavam alto, quase gritando, assustando os outros passageiros. As filas para os elevadores estavam enormes e a tripulação tentava controlar a multidão. De repente, uma guinada arremessou as pessoas para o lado. Alguns caíram e se feriram levemente.

A tromba d'água estava bem visível dali e as piscinas já estavam transbordando, fazendo com que a água invadissem as cabines do primeiro deque.

Eduardo e Daniele permaneciam no grande salão. Ele estava apavorado e ela tentava acalmá-lo a qualquer custo.

Os tripulantes começavam a distribuir os coletes salva-vidas, alegando que esta era apenas uma operação de rotina, mas deixaram os passageiros ainda mais apavorados. Daniele e Eduardo já haviam recebido os seus coletes.

A velocidade do navio aumentava, fazendo com que a cada onda que o atingia, o Seablue inclinasse cada vez mais para ambos os lados. Parecia que iriam virar a qualquer instante. As escadarias estavam congestionadas.

As pessoas subiam para abrigar-se e os que estavam nas cabines desciam para ver o que estava acontecendo. Ainda havia muitas pessoas sem coletes salva-vidas, embora todos já tivessem sido distribuídos. Era óbvio que a quantidade de coletes não correspondia à quantidade de passageiros a bordo. Ninguém estava preparado para um pacote com a sua lotação máxima. Muitos já estavam refugiados, outros, desesperados, agarravam-se nos peitoris, tentando equilibrar-se.

Igor puxou Joana pelo braço, no meio da multidão, até a sua cabine. A água das piscinas já estava entrando por baixo da porta. Joana colocou as malas em cima da cama, evitando que ficassem encharcadas e em seguida os dois abrigaram-se na cama também.

24- O Traidor...

A situação de Geofrey era preocupante. O corte fora profundo e perdera muito sangue. Já o haviam estancado, mas na idade de Geofrey, a recuperação não seria tão fácil. Ele continuava desacordado. Levaram-no para o pronto atendimento, no convés inferior, onde ficaria até acordar.

Michael e Raphael já não sabiam o que fazer e apelavam para o bom senso de Stewart:

– Stewart! Sua atitude está sendo irresponsável! Há um tromba d'água vindo em nossa direção! Você vai nos matar!

– Não seja ridículo, Raphael! Vocês querem ser os heróis desta história toda, não é mesmo? Pois não vão conseguir!

– Não é uma questão de heroísmo, Stewart! É a vida de quase três mil pessoas que está em jogo, inclusive a sua!

– Eu não vou deixar vocês pararem o navio! Vamos continuar com força total! E nem tentem controlar isso daí de cima, porque como já perceberam, eu cortei todos os contatos e a partir de agora eu sou o capitão deste cruzeiro! – Raphael não sabia mais como apelar, nem o que dizer para que Stewart mudasse de ideia.

Michael já havia testado os comandos da cabine várias vezes e constatado que o que Stewart dizia era verdade, ele tinha mesmo cortado todos os contatos para que ninguém pudesse controlar qualquer coisa dali. Pensou se ele teria sido capaz também de danificar os instrumentos de localização e comunicação. Mesmo que o fosse, a estas alturas já era tarde demais para pará-lo. Estavam perdidos no meio do oceano, sem qualquer possibilidade de pedir ajuda. Não havia nenhum outro navio até onde a vista podia alcançar, o que

tornava impossível mandar um pedido de socorro. Certamente a estação meteorológica avisara a todos sobre a tempestade e dificilmente eles encontrariam alguém em alto mar sob tais condições.

– Michael, o que faremos agora? – perguntou Raphael.

– Não sei. Vou descer e tentar fazer com que ele abra a porta.

– Tudo bem, mas tome cuidado. Lembre-se do que ele fez com Geoffrey.

Michael desceu pelo elevador interno. Pôde ouvir os gritos dos passageiros apavorados pelos corredores. Aquilo era tudo o que precisavam evitar: o pânico entre os passageiros. Mas agora era tarde demais. O mal já estava feito e não podia mais contê-lo. Michael parou em frente à entrada principal da casa das máquinas onde permaneceu por pouco tempo.

– Stuwart! – chamou ele – Abra, para podermos conversar!

– Quem está aí? É você de novo, Geoffrey? – perguntou ele notavelmente perturbado.

– Não, Stuwart, sou eu, Michael.

– Ah! É você! O atual comandante do Seablue! – disse com ar de zombaria.

– Não. O comandante ainda é o Geoffrey, eu sou apenas um mero marinheiro. Precisamos conversar. Abra a porta para eu entrar.

– Vá se catar!

– Por favor, Stuwart! Eu não estaria aqui se não fosse realmente uma emergência. Deixe-me entrar!

– Cai fora! Eu não vou abrir coisa nenhuma!

– Você vai matar a todos, Stuwart, não entende?

– Vocês não vão me fazer parar o navio! Estão todos loucos!

Vamos seguir com a força máxima...

– Não faça isso, vamos enfrentar uma tromba d'água, em

breve! O Seablue não vai aguentar! Você sabe que perdemos muita estabilidade, Stuwart! Estamos prestes a afundar! – interrompeu Michael.

– Nós já estamos mortos – disse Stuwart abrindo uma fresta na porta, bem devagar – Já estamos mortos, ouviu?

– Não, Stuwart! Não estamos e vamos conseguir sair desta se pararmos agora! Ainda pode dar tempo se você me deixar entrar! – Stuwart permaneceu em silêncio, fitando Michael pela fresta, como se fosse ceder, mas de repente, fechou a porta com força.

Michael notou que ele estava suando muito e parecia petrificado e em estado de choque. Estava sem o jaleco e com a regata branca suja de sangue, provavelmente de Geoffrey. Michael perdeu o controle e começou a gritar e a xingar Stuwart, que permaneceu indiferente, recostado à porta, do lado de dentro, apenas ouvindo. A voz de Michael confundia-se aos urros violentos dos céus e ele não podia entender o que lhe era dito.

25- Tragédia...

Eduardo aproximou-se do vitral lateral do salão. Daniele agarrava-se a ele tentando equilibrar-se. O navio balançava muito e movia-se depressa, através das ondas enfurecidas. A cada onda, um violento golpe açoitava as laterais do Seablue.

– Vamos para nossa cabine, Eduardo?

– Não! Vamos ficar por aqui e esperar o pânico diminuir. Não vamos conseguir passar pelas escadas, veja – disse ele apontando para a saída do grande salão, de onde se podiam ver as escadarias e o elevador – estão todos tentando subir agora. É melhor esperarmos aqui.

– Com certeza o capitão já pediu ajuda e a guarda costeira deve estar chegando para nos tirar daqui, não é mesmo?

– Tomara que sim, querida.

Daniele não pôde deixar de observar que era a primeira vez que Eduardo era carinhoso com ela depois do incidente das fotos. Ela imaginou se ele já a teria perdoado, ou se aquela demonstração de afeto se devia apenas ao medo que a situação de perigo causara nele.

As velhinhas integrantes do grupo de idosos tentavam sair, mas os outros passageiros as empurravam e espremiavam, tornando impossível que alcançassem as escadarias ou elevadores. Com um destes empurrões, uma delas caiu e quase foi pisoteada pela multidão. Ed correu até ela e a ergueu. Ela agarrou-se à cintura dele e não queria mais largar. Estava apavorada, como todos por ali. Eduardo tirou seu colete e colocou na velha senhora, que ainda não havia re-

cebido um.

– Muito obrigada, meu rapaz! Muito obrigada! – choramingava ela, ainda agarrada a Ed.

– Vamos levá-la para a beira do salão – disse Daniele. – Vamos nos segurar nas barras, ali perto da parede!

– Sim, vamos! Ajude-me a levá-la.

Daniele segurou num braço da senhora e Eduardo no outro e caminharam em direção da parede mais próxima. Estava muito difícil para Daniele se equilibrar sozinha. Parou no meio do caminho e tirou os sapatos de saltos. Deixou-os ali mesmo e em seguida segurou novamente o braço da mulher e continuaram a caminhar lentamente, em meio à correria. Uma nova onda atingiu a lateral do navio e fez com que se desequilibrassem. Ed conseguiu segurar a velhinha, mas Daniele torceu o tornozelo e caiu. Por mais que tentasse, não conseguia se levantar.

– Vá em frente, Ed! Leve-a para um local seguro!

– Não posso deixar você aqui!

– Por favor, Ed! Leve-a daqui!

– Não, Daniele! – disse ele puxando pelo braço um homem da tripulação que passava correndo por eles. – Ei! Você! Ajude aqui! Leve-a para um local seguro!

– Deus o abençoe, menino! – Foi a última coisa que a velha senhora disse para Ed, antes que fosse levada pelo homem.

– Você está bem? – perguntou ele para Daniele, enquanto a ajudava a se levantar.

– Meu tornozelo... Não consigo caminhar!

– Vamos ter de ir até a enfermaria, segure-se em mim!

– Não vamos conseguir passar por toda essa gente! Leve-me até uma das mesas, preciso me sentar – pediu ela, mas neste momen-

to mais uma forte guinada tornou a derrubá-la. Mais alguns passageiros também caíram, enquanto os demais agarravam-se uns aos outros como podiam.

As viradas eram cada vez mais fortes e mais frequentes e era praticamente impossível manter-se em pé agora. Daniele e Eduardo engatinharam até uma das mesas onde as poltronas eram firmemente fixas ao piso e ela sentou-se com dificuldade. Ed pôs as mãos no tornozelo dela, o que a fez gemer de dor, e sentiu o inchaço que começava a se formar.

– Temos que dar um jeito de sair daqui. Vamos para o convés. Consegue andar?

– Não sei. Acho que não – respondeu ela.

Não queria admitir, mas estava com muito medo. Já havia passado por tempestades em alto mar, mas esta era violenta demais. Queria consolar Ed e já tinha dito de tudo para que ele se sentisse melhor, mas agora chegara ao fim das suas forças. Não podia mais fingir que estava tudo normal, ou que o pavor dos passageiros era apenas inexperiência. Encontrara seu limite e precisava extravasar seus sentimentos, o seu medo.

Eduardo a abraçou apertado. Não tinha palavras para amenizar a dor da noiva. Mal conseguia disfarçar a sua dor, não dor física, mas a dor que sentia cada vez que pensava na possibilidade de ficar sem ela. Era certo que nos últimos dias ele tivesse deixado a raiva tomar conta, mas seus pensamentos estavam claros agora e era igualmente claro que aquelas fotos tinham sido armadas por Roberto e que ela jamais o teria traído.

Seu amor voltara a florescer assim como as flores desabrocham na primavera, depois de enfrentarem todo o rigor do inverno. O seu coração tinha agora plena certeza da inocência de Daniele e

finalmente saíra do frio exorbitante da dúvida e voltara para o calor e aconchego de seu seio.

Ficaram sentados, apenas esperando. A sensação era de impotência perante a catástrofe iminente. O terror e a impossibilidade de salvar as vidas das pessoas e as suas próprias fustigavam o espírito do casal. Cada vez mais tinham a impressão de estar caminhando para uma tragédia. Ela soluçava e ele já não podia disfarçar. Enfim deixou que suas lágrimas caíssem e fossem se juntar às de Daniele.

– Eu a amo tanto, meu amor! – sussurrou ele baixinho ao ouvido de sua adorada.



O nível da água continuava a subir e agora já cobria as camas. Dali de dentro quase não se sentiam as viradas bruscas, mas sim um balanço contínuo para ambos os lados.

Os coletes salva-vidas não haviam sido entregues para Igor e Joana que permaneciam trancafiados em sua cabine, tentando se privar da confusão lá de fora. Estavam encharcados e Joana se queixava do frio enquanto Igor a abraçava na tentativa de aquecê-la.

– Não acredito que tivemos mais um casamento frustrado! – disse ele.

– Acho que a nossa sina é esta mesmo! – riu Joana.

– Como você pode achar graça de uma coisa destas! Que senso de humor mais cruel! – Igor também não pôde deixar de rir.

Abruptamente, um solavanco intenso arremessou Joana contra a parede e fez com que batesse a cabeça. Igor não pôde segurá-la, estava com metade do corpo dentro da água e também foi lançado brutalmente para o lado. Fora a primeira vez que se pôde perceber de dentro das cabines que o problema era realmente sério. Joana

levantou-se e foi para perto de Igor. Sabia que deviam ficar sempre juntos e fosse o que fosse que o destino lhes reservara, queria enfrentar ao lado dele.

– Você está bem?

– Só estou um pouco tonta. Acho que bati a cabeça com força.

– Deixe-me ver... – Igor afastou uma mecha de cabelos da moça e viu uma mancha avermelhada – Não foi nada, não. Só está meio vermelho aqui.

– Ainda bem – desabafou ela.

– Precisamos sair daqui logo.

– Mas ir para onde, Igor?

– Eu não sei, mas se forem evacuar o navio, temos que estar perto dos botes.

– Igor, você acha que o navio vai afundar?

– Eu não sei. Mas sei que não é normal enfrentar uma tempestade assim tão forte em alto mar. Deveríamos ter ancorado em algum lugar e esperado a tempestade passar.

– Mas o capitão deve saber bem o que está fazendo. Ele não é nenhum inexperiente.

– Na verdade, ele bebeu um pouquinho demais durante o jantar, você não acha?

– Esta é outra coisa à qual ele deve estar acostumado também.

– Não achei muito confiável. Se não podemos dirigir alcoolizados, então ele também não pode. – Foram novamente interrompidos. Outra guinada muito forte seguida de um solavanco e um ruído metálico estridente.

– Minha nossa! O que foi isso?

– Eu não sei! Venha! Vamos sair daqui!

– Não, Igor! Aqui dentro é mais seguro! Não sairei!

–Joana, por favor! Está entrando muita água aqui! Se continuar assim...

Igor achou desnecessário continuar tentando convencê-la. Puxou-a para si e a ergueu em seus braços. Quando abriu a porta, a água entrou violentamente, derrubando-o para trás.

O corredor estava inundado, só poderiam sair dali nadando. Joana era uma boa nadadora, mas Igor entrava em pânico quando ficava embaixo d'água. Movendo-se com dificuldade, ele nadou pelo corredor alagado. Quando estava no final da circulação, olhou para trás, mas não viu Joana o seguindo. O ar faltava em seus pulmões e ele não pôde mais esperar. Engoliu um pouco de água, mas conseguiu sair a tempo. Pensou em chamar algum tripulante para ir ao encontro de Joana, mas não havia ninguém por ali.

Correu até o convés e viu a imensa tromba d'água que se aproximava. Igor entrou em choque, tapou o rosto com os braços, para proteger-se do vento e naquele momento teve a certeza de que sua hora havia chegado. Jogou-se ao chão, sentando em um canto qualquer, com água até o pescoço. Pensou em Joana, precisava ajudá-la. Mas talvez fosse melhor deixá-la onde estava e evitar todo o sofrimento. Igor não conseguia mais raciocinar. Manteve os olhos fixos na tromba d'água e ficou ali, até perder a consciência.

26- Inveja...

Raphael estava desesperado. Michael ainda não voltara da casa de máquinas, e ele não sabia como proceder. Já havia pedido para um marinheiro descer e ver o que estava acontecendo lá em baixo, mas este também não voltara.

– Será que Stuart acabou com eles? – perguntava a si mesmo e a si mesmo respondia – Não, ele não seria capaz.

– Senhor! Senhor! – chamava um dos mecânicos que agora estava na cabina com Raphael.

– O que foi, rapaz?

– O senhor ouviu o barulho? Acho que o casco partiu!

– O quê? Não é possível! Mas como?

– Quando começamos a bater contra os arrecifes... O barulho...

– Eu ouvi, sim. Mas pode não ter partido. O atrito do casco contra os arrecifes causa ranhuras nas laterais do casco, mas isto não quer dizer que...

– Senhor, eu sei o que estou dizendo! Trabalho como mecânico neste navio há muitos anos! Eu sei muito bem quando surgem ranhuras nos cascos e desta vez, não foi isso que aconteceu! – Raphael permaneceu em silêncio.

Ele sabia que o mecânico dizia a verdade, mas não queria admitir. Independente do tamanho da fenda no casco, o Seablue não levaria mais de três ou quatro horas para estar totalmente submerso. Não havia comunicação com a guarda costeira ou qualquer outro navio. Estavam sem qualquer possibilidade de pedir ajuda. Raphael

suspirou e baixou a cabeça. Agora só lhes restava esperar.

Stuwart sentia as batidas constantes, que ali embaixo pareciam maiores do que realmente eram. Suas mãos estavam machucadas pelos esforços que fazia para manter tudo lacrado. Pensara em acatar a ordem de Geoffrey e desligar a força, mas sabia que agora era tarde demais. A água já entrara pela rachadura do casco e Stuwart sabia que não demorariam a estar no fundo do mar. A água que entrava por cima aumentava muito o peso, que já era o máximo suportado pelo pacote. Rezava em voz baixa. Por si, por sua mulher e pelos três filhos que deixara alguns anos atrás. Stuwart não sabia se sentiam sua falta, mas não houvera um único dia de sua vida, desde que fora embora, que passasse sem pensar neles.

Stuwart fora um bom profissional, mas no momento de selecionar quem seria o seu braço direito no Seablue, Geoffrey não pensou duas vezes em escolher Michael. Não que Stuwart não fosse igualmente capaz, disse ele não duvidava, mas Michael passara por uma situação de emergência no mar e se saíra muito bem, adquirindo uma preciosa experiência. Já Raphael fora uma exigência do próprio Michael, pelo companheirismo que tinham e em nome dos vários anos que trabalhavam juntos. Dessa forma, Geoffrey não lhe pôde negar o pedido, mesmo porque, não tinha motivos para tal, pois Raphael era um ótimo profissional e fazia jus ao posto.

Stuwart teve que se contentar em ficar como chefe de tripulação e com metade do salário pretendido. Contentou-se. Ainda que estivesse furioso com a decisão de Geoffrey, não poderia mudá-la. E agora estava ali. Prestes a afundar o Seablue. Sua vida toda passava diante de seus olhos.

Quando saiu de casa, jurou para si mesmo que nunca voltari-

a, e agora, como um castigo dos céus, daria tudo para estar em casa. Já não escutava os apelos de Michael do lado de fora, implorando para que ele desligasse os motores. Já não se importava mais com o navio, com as pessoas que estavam ali. Não existia nada além das lembranças, nada além do lastimável passado.



Geofrey enfim recuperara a consciência, mas era tarde demais e qualquer tentativa de salvar o navio agora seria muito arriscada. Naquela velocidade, não havia como evacuar usando os botes e além do mais, estes também não resistiriam por muito tempo no mar agitado. Ficar ali não seria sensato, mas abandonar o navio seria um ato de covardia.

– Os botes não durariam uma hora antes de afundarem também – afirmou Geofrey.

– Seria nossa única chance, senhor! Temos que encontrar uma maneira! Temos que tirar ao menos as crianças e mulheres daqui! – disse Michael numa última tentativa desesperada.

– São quase três mil pessoas, Michael! – interferiu Raphael. – Devem ser quase duas mil mulheres e umas trezentas crianças a bordo!

– Raphael está certo. Em menos de três horas estaremos no fundo do mar. Não temos muito tempo, mas acho que se conseguirmos virar o navio na direção da tempestade e se resistirmos aos ventos, poderemos liberar os botes com o mínimo de segurança.

– Mas como faremos isso? Os controles principais estão todos desativados! Não temos acesso aos controles secundários. Stuwart está trancado lá embaixo e não vai abrir a porta – disse Michael.

– Sim, eu sei. Vamos usar todo o peso na lateral a estibordo,

perto da proa. Veja, a tromba está vindo daquele lado. Se pendermos um pouco ele virará e então a parede formada pelas cabines agirá como um catavento gigante e empurrará a popa para frente, fazendo-o girar em torno do casco.

– Isso é muito arriscado! Se o vento mudar um pouquinho de direção, o que não seria nem um pouco surpreendente, nós podemos tombar!

– Você tem alguma ideia melhor, Raphael?

– Não senhor, mas hipoteticamente...

– Hipoteticamente não vai nos salvar, Raphael! Vamos começar com isso, logo! Chamem todos e mandem-nos para estibordo! Não temos tempo a perder! – ordenou Geoffrey, finalmente.

Michael e Raphael desceram imediatamente, avisando sobre a estratégia aos tripulantes que encontravam pelo caminho. Raphael estava incrédulo. Esta seria uma atitude precária, mas não poderia descumprir uma ordem de Geoffrey e nem duvidava que, com sua experiência conseguisse mesmo passar por aquilo tudo a salvo.

Em menos de meia hora, os passageiros e tripulantes já estavam no local indicado. Alguns ainda usavam seus trajes de festa, como era o caso de Eduardo e Daniele, que apesar do tornozelo inchado, fez questão de ajudar.

27- Perdidos...

A tromba estava a menos de cem metros do navio e os ventos agora pareciam insuportáveis. Daniele estava abraçada ao peitoril e envolta pelo corpo de Eduardo e diante deles estava Geoffrey fazendo frente à grande fileira de homens e mulheres que se juntavam sem se abater pelo medo ou pela dor. O furacão atacava a leste, mas os ataques do vento davam-se curvos, vindo de todas as direções e se ocorresse alguma viravolta súbita, estariam perdidos.

Finalmente o Seablue foi atingido. O golpe da água no casco fez com que o navio quase tombasse. Algumas pessoas foram arremessadas contra a lateral esquerda, nos parapeitos. Um homem não pôde se agarrar a tempo e foi lançado ao mar. O balanço era forte o suficiente para que até mesmo os mais jovens se desequilibrassem. Daniele mal podia respirar. O navio começou a rodopiar e as pessoas iam e vinham, sufocando-a. Eduardo tentava conter o peso dos corpos que a atingiam, empurrando-os na direção contrária, mas seus esforços eram inúteis perante tamanha força.

O peso das centenas das pessoas fora suficiente para conter a queda. A água golpeava a proa e depois do giro, golpeava a popa tornando à posição inicial. Dentro das cabines, as mulheres e crianças tentavam se proteger ao mesmo tempo em que as bagagens se perdiam na água que escorria em direção ao mar.



Finalmente o braço de água rodopiante passou sobre toda a extensão do navio. O Seablue ainda balançava muito e o risco de queda era considerável, mas Geoffrey acreditava que o pior já passa-

ra.

– Vamos começar a liberar os botes! Aqui pela direita mesmo, assim que pararmos de girar!

– Entendi, senhor! – respondeu Raphael e saiu à procura de Michael, equilibrando-se como podia. Geoffrey permaneceu ali, até que os giros cessaram e enquanto o Seablue cavalgava sobre as ondas.

Era hora de começar a salvar aquelas pessoas. As mulheres e crianças já estavam sendo trazidas pelos tripulantes. Algumas estavam passando mal e outras tinham escoriações e contusões por terem se batido demais nas paredes durante os rodopios. O único médico que também estava presente pediu para que fossem até o pronto atendimento os mais machucados, mas Michael advertiu-lhe que não tinham tempo para prestar-lhes socorro.

– Pouco mais de duas horas. Eu sinto muito – explicou ele, cabisbaixo – Temos que nos concentrar em baixar os botes e salvar os passageiros. O resto terá de esperar.

– Duas horas? Meu Deus!

– Vamos, doutor, temos uma lista de prioridades para fazer!

– Desculpe, comandante, mas não posso ajudá-lo.

– Por que não, doutor?

– Não escolherei quem irá viver ou morrer. Minha função é salvar vidas e eu atenderei quem precisar de ajuda, mesmo que tenha de fazê-lo aqui mesmo.

– A escolha é sua, doutor – disse Michael estendendo-lhe a mão – Boa sorte para você. E... muito obrigado...

– Boa sorte para todos nós, comandante. E não precisa agradecer-me. Estou apenas cumprindo o meu dever. – Aquele aperto de mão foi uma despedida. Os dois sabiam muito bem que dificilmente

tornariam a se encontrar nesta vida.



O balanço diminuía e os passageiros começavam a ir para os botes salva-vidas. A prioridade eram as crianças e suas mães e em seguida as mulheres.

O navio pendia para o lado, rangendo e expunha uma grande parte do casco que antes estivera submerso. A força das turbinas ainda ligadas movimentava o gigante mais devagar, o que levou Geoffrey a crer que Michael tinha razão e a inundação do casco e o peso da água fizeram com que perdessem muito a velocidade e em breve estariam parados. Já não se podia mais arriscar a tentativa de descer até os comandos secundários. Apenas a força e a pressão da água que seria liberada se alguma das portas se abrisse seria capaz de afogar alguém. Já haviam se arriscado demais e era quase inacreditável que após aquela manobra tivessem perdido apenas uma pessoa.



Daniele e Eduardo ajudavam as crianças a entrar nos botes primeiro. Havia homens e mulheres esbravejando e tentando entrar a qualquer custo, antes dos que tinham a prioridade determinada pelo capitão.

Do outro lado do navio, o esforço de Raphael não era menor. Entre as mulheres que estavam nos botes sobrecarregados, havia um único homem. Era Igor, que havia sido encontrado desacordado em um canto qualquer.

– Não podemos deixá-lo aqui para morrer! – dizia a mulher que o encontrou.

– E não há por que deixá-lo por último, pois não está pres-

tando ajuda alguma, não é? – reforçava um dos homens que a ajudara a trazê-lo até ali. Raphael não tinha como negar. Seria realmente injusto deixá-lo ali naquele estado. Certamente morreria de qualquer forma, mas não queria ser ele o responsável pelo sacrifício daquele homem. Ele próprio ficaria em seu lugar se fosse necessário.



O paquete se inclinara muito nos últimos minutos e não demoraria a virar. A chuva ainda era forte, apesar de o vento estar mais brando. Michael calculou que não levaria mais de vinte minutos para que tombassem. Faltavam apenas dois botes da lateral esquerda a serem soltos e já estavam quase todos lotados. Ainda não havia terra à vista e nem outro navio a quem pudessem pedir ajuda. A sobrevivência dos que estavam no meio do oceano nos botes era incerta e improvável. Para ele e os demais homens que ficariam por último, a expectativa de sair dali com vida era praticamente nula.

Michael tremia de frio e a hipotermia chegava a uma fase crítica. Um devaneio fez com que tirasse um homem do final da fila e colocasse-o no penúltimo bote, crédulo de que ele fosse seu pai. A realidade aparecia e sumia em lances e se misturava com sonhos e pesadelos. Por um instante se viu em sua casa com os filhos adolescentes, noutra momento estava na igreja, no dia de seu casamento. Foi perdendo a noção do tempo e do espaço. Sentia-se muito tonto e distanciou-se da beira para evitar uma queda acidental. Tentou correr para o outro lado, mas o navio inclinava-se cada vez mais, tornando impossível para ele vencer a rampa que se formara entre as duas extremidades. Deitou-se no chão e foi socorrido por um homem desconhecido, pouco antes de perder a consciência.

No outro extremo restavam apenas três botes vazios e dois

que estavam com metade da lotação. Todos os homens da tripulação ainda estavam a bordo, além de mais ou menos duzentos passageiros, como suspeitou Raphael. Muitos teriam de ficar e entre eles uma moça jovem e linda a quem o acompanhante implorava que entrasse logo em um bote. Raphael aproximou-se e percebeu que seu tornozelo estava muito machucado, mas ela estava decidida e não iria entrar em bote algum. Preferia dar o seu lugar a um dos idosos que eram os últimos da fila.

– Venha comigo, moça! – disse Raphael segurando o braço de Daniele.

– Quem é você? – perguntou ela, sem reparar no uniforme dele.

– Eu sou um dos comandantes deste navio e estou ordenando que entre no bote!

– Você não pode me obrigar! – revidou ela.

– Sim, eu posso! Entre logo e leve seu marido com você! Eu assumo seu posto por aqui.

– Não vou a lugar algum! – esbravejou ela livrando-se rapidamente da mão pesada de Raphael.

– Escute o que ele diz, Daniele! – pedia Ed.

– Vocês não entendem! Eu não posso sair assim e deixá-los aqui! – disse ela, finalmente apontando para os velhinhos que choravam e rezavam no final da fila, com os rostos apavorados de quem temia que o fim estivesse realmente mais próximo do que julgaram e apesar de tudo, deixando transparecer a vontade de viver. Eduardo não se achou capaz de escolher quem deveria viver ou não. Ele e Daniele ainda eram jovens e teriam mais chances de sobreviver em mar aberto.

– Está bem, você tem razão. – Ed dirigiu-se aos idosos, to-

mou-lhes as mãos e começou a rezar junto com eles, enquanto Raphael segurou Daniele pela mão e a encaminhou pela rampa íngreme até a popa que ainda era o ponto mais alto, onde o médico aliviava a dor dos condenados.

– Mas... O que ela faz ainda por aqui? Os botes estão nas laterais, como você bem sabe, Raphael. Leve-a para lá!

– Não, doutor. Cuide deste tornozelo – disse Raphael apontando para o pé manco de Daniele.

– Mas... Não posso permitir... Eu...

– Se não pode me dar um analgésico para aliviar a dor, então me diga o que posso fazer para ser útil por aqui, doutor – exigiu ela, vendo que era grande também o número de pessoas com ferimentos.

– Não foi isso que eu quis dizer... É claro que tenho um analgésico para sua dor e... Deixe-me ver... Vamos enfaixar este tornozelo também. Tome, Raphael, enrole bem apertado em torno desta lesão – ensinou ele. Raphael o fez e em seguida pegou dois comprimidos para a moça.

– Se querem ajudar aqui, são bem-vindos. Podem começar por aquele senhor ali. – Apontou para um homem que jazia encostado na parede, com o braço apertado contra o corpo. Daniele havia perdido Eduardo de vista, mas tinha certeza de que logo o encontraria novamente. Não havia como ir muito longe mesmo. Concentrou-se em enrolar as ataduras no braço do sujeito, com a ajuda de Raphael, mas foi interrompida por um forte estrondo vindo da lateral onde se encontravam os últimos botes.

Raphael correu para saber o que havia acontecido e viu que o último bote vazio havia se desprendido da lateral e caído virado no mar. Com a violência das ondas não teria como desvirá-lo. Mesmo assim os homens, desesperados, pulavam na tentativa de conseguir

se agarrar nas suas laterais e desvirá-lo. Um deles foi sugado para baixo do navio que permanecia com as hélices funcionando lentamente. O navio já não se movimentava, apenas inclinava-se cada vez mais depressa.

Daniele quase não conseguia parar em pé. A dor aliviara um pouco e ela tentava auxiliar um rapaz jovem com uma torção semelhante a sua. Terminava de enrolar as ataduras, mas foi interrompida por um forte estampido seguido do tombamento do navio. Não teve como agarrar-se, estava encostada a uma parede lisa.

O rapaz segurou-se a ela tornando impossível sustentar o peso. Escorregou, mas quando estava passando entre as grades do parapeito, sentiu que uma mão forte a agarrava. Em um segundo, imaginou-se sendo salva por Eduardo.

Quando pôde reconhecer o rosto de seu salvador, viu que era a mão de Raphael que a segurava. Ficou triste por Ed não estar ali e ao mesmo tempo aliviada em pensar que ele poderia ter entrado no bote e agora estar a salvo. Raphael gritava algo que ela não compreendia. Esforçou-se na tentativa de ler os seus lábios, mas repentinamente o comandante agarrou suas mãos e pulou no mar, carregando-a consigo. Ela afundou na água e foi novamente puxada por ele.

– Vamos! Nade para longe! O navio vai tombar em cima de nós! Nade! Agora!

Os fragores eram muitos e ela não conseguia entender o que ele queria que ela fizesse. Raphael apontou para o navio e fez com que Daniele olhasse também. Já estava começando a virar.

– Oh! Meu Deus! – exclamou ela apavorada, tentando nadar com dificuldade por causa do colete, grande demais. Raphael ajudou-a a tirá-lo e em seguida distanciaram-se o máximo possível até que uma violenta onda os arremessou com brutalidade, despren-

dendo a mão de Raphael da de Daniele.

O navio acabara de tombar.



Muitas coisas boiavam na água. A violência do mar agitado jogava malas, peças das bagagens e do próprio Seablue, contra as pessoas desesperadas que tentavam esquivar-se.

O jovem que Daniele ajudara pouco antes de cair na água, estava deitado sobre uma placa, aparentemente de madeira, na qual conseguira subir e agarrava-se na tentativa de conseguir equilibrar-se em meio a tantas ondas. Quando passou rapidamente em frente à moça, espichou o braço para pegar na mão dela, mas não alcançou. Continuou sendo levado pelo mar.

Daniele olhava ao redor, tentando encontrar Raphael. Acha-va que só ele poderia ajudá-la agora. Em um devaneio, pensou ter visto Eduardo. Nadou apressada ao seu encontro e agarrou o colete, puxando um homem morto, com uma fratura na cabeça. Seus gritos confundiram-se com os dos outros sobreviventes que jaziam ali, no oceano gélido, lutando contra a violência das águas, a esperar que um milagre acontecesse.

– Oh! Você está aí! – disse Raphael nadando ao encontro dela. – Segure-se em algo! Vou tentar tirá-la da água, ou irá congelar! – Os objetos boiavam em volta deles e Raphael a segurava pela cintura agora.

Não queria mais perdê-la de seu alcance, não podia permitir que a única mulher com coragem suficiente e uma bondade a ponto de ficar ali e se sacrificar para salvar outras vidas, morresse agora sob sua responsabilidade.

Conseguiu pegar uma espécie de maleta que estava mais

próxima e entregou a ela, pedindo-lhe que segurasse.

– Fique aqui. Eu vou procurar algo maior, para que você possa subir – pediu ele nadando para longe.

– Eu não poderia mesmo fugir para lugar algum... – disse ela consigo, olhando ao redor. Outro vulto ao longe lhe pareceu ser Eduardo, mas desta vez ela não se deixaria enganar. Ficaria ali, como Raphael lhe pedira. Logo ele voltou ofegante. Arrastava consigo uma chapa metálica com mais ou menos um metro e meio de largura.

– Vamos! Suba aqui! – disse ele apontando para a chapa.

– Mas e você? – preocupou-se ela.

– Não se preocupe, eu ficarei bem. Suba logo! – Daniele se apoiou na beira da chapa, mas esta ameaçou virar, fazendo com que se desequilibrasse. Raphael segurou na cintura da moça e deu o impulso necessário para que subisse.

Permaneceram ali por um tempo infundável. Daniele perdeu os sentidos. Raphael estava com tanto frio que já não sentia a parte de seu corpo que estava submersa. De tempo em tempo, verificava os sinais vitais de Daniele, que ainda respirava muito brandamente. Ele não conseguia parar de tremer e torcia para que a ajuda chegasse antes de anoitecer, pois tinha certeza de que não resistiria se a temperatura baixasse mais um pouco.

O mar estava mais calmo agora e as ondas já não os carregavam para parte alguma. O sol começou a aparecer tão inesperadamente quanto a tempestade cessara. Ainda caíam as últimas gotas de chuva enquanto Raphael se esforçava para manter a consciência. Ainda ouvia gritos e lamentos entre as pessoas que ficaram como ele, perdidos no mar e que agora não passavam de pequenos pontos perdidos no horizonte. Cadáveres boiavam e vez ou outra passavam ao seu lado. Um homem morto, ainda com um colete salva-vidas,

parou do outro lado da placa metálica onde Daniele estava e ficou enroscado nela. Raphael queria alcançá-lo e tirar o colete, mas não tinha mais forças para tal façanha. Seus braços começavam a ficar dormentes e não podia prever quanto tempo mais aguentaria antes de afundar. Tentava continuar respirando e isso era só o que podia fazer além de esperar e zelar por Daniele.

28- Bonança...

O apito despertara Igor. Via o céu sobre si e não compreendia nada. Sabia que algo terrível acontecera, mas não conseguia se lembrar. Sua cabeça doía muito e não reconhecia as mulheres a sua volta.

– Ele acordou! – exclamou uma delas, mas Igor ainda estava tonto demais para dizer qualquer coisa.

Ouviu vozes de homens gritando e em seguida carregaram-no na maca. O navio parecia ser um cargueiro ou coisa parecida. Puseram-no ao chão num canto do convés.

As mulheres estavam agora ao seu redor. Um homem de roupa branca, que parecia ser médico ou enfermeiro, começou a examiná-lo e a fazer perguntas num idioma estranho. Enfim entregou-lhe uma muda de roupas secas e indicou uma cabine para que pudesse se trocar. Então foi em direção às mulheres e começou a examiná-las e fazer-lhes perguntas. Procurava por alguém, mas sua memória não ajudava. Mulheres dos outros botes que eram resgatados começaram a subir a bordo. Igor examinava cada uma, mas não sabia a quem procurava...

Um navio da marinha também prestava ajuda. Barcos e helicópteros vasculhavam o mar em busca do local do naufrágio, na tentativa de encontrar mais sobreviventes.

Igor se esforçava para recuperar a memória, mas seus pensamentos estavam bloqueados, como um escudo protetor, para que não sofresse. Sabia quem era, mas não sabia o que estava fazendo ali. Não tinha recordação alguma de um dia ter viajado pelos mares. Seria ele um marinheiro?

Sua cabeça doía. Seu corpo estava muito quente, provavelmente febril. Voltou para o convés, perdido no meio daquelas pessoas. A moça que o segurara durante a trajetória no bote estava agora ao seu lado, novamente perguntando como ele estava se sentindo.

– Eu não sei... – balbuciou ele.

– Você estava sozinho? – insistia ela.

– Sozinho? Onde?

– No cruzeiro! – espantou-se ela.

– Cruzeiro? Então... Eu... – As lembranças brotaram na mente de Igor num súbito *flash*. A lembrança de Joana misturava-se com a sensação de perda e a dor de imaginá-la longe para sempre de seus olhos.

– Joana... eu não queria deixá-la... eu... me perdoe... – disse ele sem conseguir conter o choro.

– O que houve? Quem é Joana? – perguntou a mulher ao ver que ele ficara desolado.

– Joana... Onde você está? – Igor já não ouvia a voz da mulher. Apenas chorava e puxava as lembranças do fundo de sua alma.

Lembrou-se de tudo o que tinha feito por ela, seu amor, sua amiga, sua metade. Temia não tornar a vê-la, mas sentia que em algum lugar ela estava viva, tanto quanto em sua memória e em seu coração.

– Ajude aqui! – gritou a mulher para um homem que passava. – Vamos, me ajude a tirá-lo daqui! Ele está em estado de choque, acabou de lembrar-se de tudo o que houve. – O homem ajudou-a a levar Igor de volta para uma cabine, onde permaneceu meio consciente, meio fora de si.

29- Salvação...

A busca iniciara. O cargueiro que encontrara os primeiros sobreviventes da tragédia do Seablue avisara a marinha sobre o naufrágio. Imediatamente várias unidades de resgate foram mandadas até o ponto onde os botes haviam sido retirados do mar.

Ninguém tinha informações do ponto exato do naufrágio. Além disso, o último aviso que o controle marítimo teve do pacote fora há mais de vinte horas, quando um marinheiro da tripulação chamado Stuart mandara um aviso de tempestade em alto mar. Depois disso não houve mais comunicação. Nesse meio tempo, o deslocamento poderia ter sido quilométrico e estariam no momento da tragédia muito fora da rota pré-definida.

Os helicópteros sobrevoavam as redondezas, sem sucesso. Os barcos e as lanchas mais velozes faziam uma varredura em toda a área. Vários botes virados foram encontrados e corpos boiando também foram resgatados, mas ainda não havia nem sinal do gigante engolido pelo mar.

Mais sobreviventes eram localizados, alguns em grave estado de hipotermia, outros muito enjoados e até mesmo aqueles que, apesar do abalo psicológico, estavam bem.

Curiosamente, ninguém sabia explicar ao certo qual era a direção do naufrágio, nem mesmo as pessoas retiradas do mar, conseguiam informar de que lado vieram trazidas pelas ondas. Os que foram salvos pelo cargueiro alemão foram retirados para que o navio pudesse seguir sua rota normalmente.

Igor procurava desesperadamente por Joana entre os sobre-

viventes. Perguntava a um e outro, mas não havia nenhum indício da sua sobrevivência. O tempo passava e a desesperança de Igor aumentava. A verdade é que com aquele tempo seria quase impossível alguém sobreviver no mar gélido e impiedoso. Mas ele não conseguia conceber a ideia de passar o resto dos seus dias sozinho, sem a mulher que preenchia a sua existência..

A televisão estava ligada no quarto ao lado e ele ouviu o repórter anunciar que haviam encontrado destroços do navio, mas ainda sem nenhuma notícia de outros sobreviventes. Resolveu assistir também ao noticiário. Sentou-se em frente à TV e permaneceu ali, esperando por mais notícias.

30- O Salvador...

 capitão Antônio Medeiros era experiente em circunstâncias como aquela. Já participara de várias buscas e salvamentos bem sucedidos e se houvesse alguma chance de encontrar o navio, ele não mediria esforços para tal.

Já se haviam passado mais de trinta horas desde o fenômeno da tromba, relatado em detalhe pelos turistas salvos. As chances de encontrar mais alguém com vida diminuía a cada hora e era preciso agir rápido.

Nenhum radar detectava a presença do navio naufragado em um raio de cinco milhas. Os helicópteros também não tinham a visibilidade adequada, devido à altitude que deviam sobrevoar, por medida de segurança. Se descessem mais, correriam o risco de atravessar uma cortina de vento muito forte, ainda oriunda da tempestade.

– Senhor! Senhor! – gritou um dos integrantes da equipe de Medeiros – Uma lancha acabou de encontrar um barrote com um garoto vivo! Presume-se que o naufrágio se deu bem perto dali!

– Você tem certeza? Mostre a direção! Iremos até lá agora!

– Sim, senhor! – O rapaz dirigiu-se ao piloto da embarcação e mostrou-lhe para qual direção deveria seguir.

Não precisaram ir muito além para começar a ver os destroços. Alguns corpos boiavam por ali, e por um momento, Medeiros pensou ter visto algum movimento. Ordenou para que seus marinheiros comesçassem a descer em botes para içar os corpos e recomendou que prestassem especial atenção em verificar os sinais vitais

de todos, antes do resgate.

Oito deles desceram e mais três permaneceram em cima, munidos de cordas e outros equipamentos que julgaram necessários. Após mais de quatro horas de trabalho árduo, retirando corpos do mar, um homem foi encontrado com vida. Sua respiração estava muito lenta e ele tentava o tempo todo dizer algo, sem conseguir.

Mais alguns corpos retirados e para surpresa de Medeiros, uma mulher apoiada a um cadáver estava inconsciente, mas ainda vivia. Deitara sobre uma chapa metálica e por isso sobrevivera ao frio intenso da madrugada. Em uma das extremidades da placa estava um homem usando um colete salva-vidas rasgado. Medeiros pensou se aquele seria o marido da linda moça ou se apenas teria ela tentado num último ato de desespero tirar o colete dele para si. Só saberiam quando ela retomasse a consciência e talvez isso levasse muito tempo.

Um homem com uma farda de oficial também foi encontrado com vida. “Raphael” era o nome colado em seu peito. Três homens ainda foram resgatados e mais de cem corpos que boiavam na imensidão azul.

31- Esperança...

Igor não se afastava da televisão ligada, mas o noticiário já havia acabado. Um programa de humor estava no ar, mas Igor sequer ouvia as piadas. Seus pensamentos devaneavam em busca de Joana.

O pai dela estivera certo o tempo todo, pensava, ele não era o homem ideal para ela e enfim trouxera para sua família a desgraça por ele anunciada. Igor imaginou qual seria sua reação quando soubesse do acidente. Certamente o mataria, mas sem Joana, sequer se importava em viver ou morrer.

Ouviu o repórter na televisão anunciar, com surpresa, o resgate de seis pessoas com vida, retirados do mar em meio a mais de cem corpos. Entusiasmado, voltou sua atenção para o plantão de notícias. Igor encheu-se de esperanças ao ouvir que uma mulher estava entre os sobreviventes do naufrágio. Não esperou pelo resto da notícia.

– Só pode ser ela! Joana! – exclamou ele antes de sair correndo pela circulação, sem perceber que usava simplesmente uma camisola de hospital em seu corpo. Logo foi barrado por um dos enfermeiros.

– Aonde vai, senhor? Não pode sair ainda...

– Saia da minha frente! Eu preciso sair daqui! – tentou Igor em desespero.

– Desculpe, mas não posso permitir que saia.

– Isso é um absurdo! Não pode me prender aqui!

– Temos ordens de não liberar ninguém antes dos resultados dos exames, senhor. Precisamos nos certificar de que estão todos

bem.

– Eu estou bem, não está vendo? Tenho que sair daqui, agora!

– Infelizmente não posso permitir! O senhor terá de se acalmar, ou então serei obrigado a lhe aplicar um tranquilizante! – disse o enfermeiro arrastando-o pelo braço em direção ao quarto.

– O quê? Solte-me! Quero sair agora! – gritou ele se debatendo. Outros enfermeiros vieram ajudar a levá-lo. Amarraram o braço de Igor e aplicaram-lhe uma injeção de calmantes, o que o faria dormir pelo resto do dia.



Nos destroços do Seablue, outra tragédia começava. O combustível carregado pelo pacote fazia do mar uma imensidão negra. A vida marinha fora atingida e peixes apareciam mortos por toda a extensão. Os navios de limpeza entraram em ação e tentavam conter o derramamento do óleo que escapara dos tanques da embarcação, que levava mais de quinhentas e cinquenta toneladas de combustível. A todo o momento animais mortos ou quase mortos eram encontrados, além das centenas que ainda morreriam se o alastramento continuasse. O impacto ambiental causado pelo naufrágio seria incalculável.



O pesadelo acabara. Daniele estava recuperando a consciência. Sua visão estava muito embaçada, mas reconhecia o local como um quarto de hospital.

– Eduardo... – sussurrou ela. Tentou olhar ao redor, mas estava tonta e não reconhecia qualquer pessoa. Ergueu a cabeça do travesseiro e pôde perceber a quantidade de equipamentos que funcionavam para mantê-la viva. Sussurrou novamente, mas desta vez

foi algo confuso demais até mesmo para ela compreender.

Esforçou-se para levantar, mas não teve forças para erguer o peso de seu corpo. Seus membros se mantinham em um estado de quase dormência. Recordou-se do pesadelo gelado e sentiu-se aliviada por ter acabado.

Lembrou-se de alguém tentando ajudá-la, mas não sabia quem era. Eduardo era agora sua preocupação maior. A sensação de que algo ruim lhe acontecera tirava da mente dela o alívio de estar a salvo.

Procurou reunir todas as suas forças e, num ato precipitado, arrancou os fios que a prendiam e levantou-se. Imediatamente uma enfermeira interveio, segurando-a. Daniele estava fraca o bastante para não conseguir se libertar das mãos da mulher que a empurrava de volta para a cama. Sentiu seus punhos e tornozelos sendo amarrados. Grades foram erguidas nas laterais do leito e dois homens de branco, os quais ela não definia se eram médicos ou enfermeiros, pediam para que se acalmasse.

Aos poucos, acalmou-se. Respirou fundo, ainda precisando de muito esforço para que o ar adentrasse em seus pulmões doloridos.

– Calma, moça! – disse um dos homens que a seguravam.

– Onde eu estou? – indagou.

– Você vai ficar bem. Qual é o seu nome?

– Onde está o Ed? Preciso vê-lo agora... – a lembrança voltara subitamente. Tornou a esforçar-se para levantar, mas foi novamente contida.

– Você precisa se acalmar! – disse a enfermeira. – Se quiser achar esse Ed, vai ter de se comportar!

– Eu quero sair daqui! Soltem-me! Deixem-me sair! – e estas

foram suas últimas palavras até ser sedada e retornar ao sono profundo de onde há pouco saíra.



O navio que transportaria os sobreviventes sairia do cais dentro de uma hora. Igor, que não havia sofrido nenhuma fratura, já fora liberado pelo corpo médico, mas se recusava a sair sem encontrar sua Joana. Quando retomou a consciência, foi ameaçado por um dos enfermeiros. Se não cooperasse, seria novamente posto sob efeito de tranquilizantes. Vestiu-se e foi levado com os outros sobreviventes para o cais, de onde navegariam para casa.

Estava angustiado. Olhava atentamente os rostos das mulheres que passavam. Nenhum sinal de Joana. Perguntara se todas as mulheres tinham deixado o Seablue antes do naufrágio.

– Não sei, senhor. Apenas fui informado sobre uma mulher encontrada no mar junto aos destroços e sei que permanece no hospital – foi a resposta do homem.

– Muito obrigado. – Nesse momento teve plena certeza de que a moça era Joana. Não podia ir embora antes de se certificar de que sobrevivera.

Saiu da entrada do navio e tornou ao hospital. Seu maior medo era de que os enfermeiros o vissem. Dirigiu-se até a recepção e perguntou sobre a moça internada.

– O senhor veio tentar reconhecê-la?

– Sim. Só pode ser a minha esposa. Acho que ela foi a única mulher que não saiu do navio a tempo.

– Aguarde um momento, por favor. Vou pedir autorização do médico responsável.

– Está bem. – Igor permaneceu de pé, em frente ao balcão da

recepção.

– Siga-me, senhor. – Os dois entraram por um corredor longo e abafado. Igor foi informado de que só poderia observar através do vidro.

Por um instante seu coração parou de bater. Não podia ser verdade o que seus olhos acabaram de ver. A pele muito alva e os cabelos louros como o sol. Linda. Tão linda como ele jamais imaginara, mas não era Joana. O rosto pálido e aparentemente abatido e o corpo esguio por baixo do lençol branco. Tão frágil que era inacreditável que tivesse sobrevivido.

– E então, senhor? É a sua esposa?

– Eu... não... – Igor gaguejou, sem responder. Não podia deixá-la ali sozinha, desamparada. Sabia que a conhecera no navio, mas não se lembrava do nome. Algo como Diana ou... Ele não lembrava, mas sabia que a tinha visto e recordava do incidente das fotografias.

– Não é minha esposa. Mas eu a conheci no navio. – tentou disfarçar a decepção em sua voz.

– Qual é o nome dela? O senhor pode me dar mais informações sobre ela?

– Não sei muito sobre ela, só que ficou amiga de minha esposa. Acho que se chama... Daniele.

– Daniele?

– É isso. Daniele Cascais.

– Um paciente que também foi encontrado no mar perguntou por uma Daniele.

– Sei que ela tinha um noivo, mas parece que tinham brigado. Chama-se Eduardo.

– Eduardo? Vou verificar. – A enfermeira se retirou, deixando Igor de coração partido.

Talvez aquela tivesse sido sua última esperança. Não se deixaria desabar agora. Ficaria forte e continuaria procurando por ela e até encontrá-la, ajudaria esta moça. Com certeza se Joana estivesse ali, era isso que faria e era o que queria que ele fizesse.

32- Alívio...

Eram cinco os desaparecidos. A marinha considerava a possibilidade de usar um robô para resgatar os corpos, provavelmente presos à carcaça da embarcação.

Caso não obtivessem sucesso, os mergulhadores entrariam em ação.

Enquanto isso, os tripulantes prestavam esclarecimentos às autoridades que começariam as investigações a fim de constatar o que realmente acontecera com o Seablue. A opinião pública e os boatos mal intencionados começavam a surgir, deixando as famílias das vítimas ainda mais tristes e confusas.



Rudson soube do acontecimento através de uma colega de profissão que havia ouvido no rádio a terrível notícia. Imediatamente ligou para a embaixada brasileira e conseguiu uma cópia das listas dos mortos e desaparecidos. Aliviou-se em saber que sua filha não estava entre eles. Quando soube que Daniele se salvara, fretou um helicóptero e foi ao encontro da filha.

No hospital, parentes dos sobreviventes aglomeravam-se na recepção em busca de notícias. Rudson, impaciente e ansioso, não esperou ser atendido e adiantou-se:

- Minha filha está aqui! Quero vê-la!
- Qual é o nome dela, senhor?
- Daniele Cascais.
- Um momento, por favor. Deixe-me verificar os registros...

Aqui está.

- Ela está bem?
- Está em observação no centro de tratamento intensivo, se-

nhor.

– Ela está ferida? Posso vê-la?

– Não, senhor, ela não se machucou, mas ficou muito tempo na água gelada e deverá ficar internada em observação, por mais alguns dias. O senhor poderá vê-la, mas devo informá-lo de que ela está sob efeito de tranquilizantes, pois estava muito agitada quando foi resgatada.

Rudson foi conduzido por um enfermeiro até o quarto de Daniele. Chamou-lhe a atenção um rapaz sentado no corredor em frente à porta do quarto onde estava Daniele. Parecia abatido. Entrou no quarto e uma sensação de alívio percorreu-lhe o corpo.

– É a sua filha? – perguntou o enfermeiro que o acompanhara.

– Sim. É a minha Daniele... – respondeu Rudson, emocionado. Abraçou a filha, um abraço quente e demorado, capaz de devolver a energia positiva que sempre caracterizou a sua menina. Fitou por alguns instantes o rosto pálido e abatido e chorou.

Saiu do quarto e no corredor dirigiu-se ao rapaz ali sentado:

– E você, também tem algum parente aqui?

– Sou um dos passageiros. Conheci sua filha durante a viagem. Minha esposa e ela ficaram amigas. Por isso estou aqui em frente ao quarto, é a única pessoa que conheço...

– E onde está sua esposa? – perguntou ingenuamente.

– Na lista de desaparecidos... – respondeu Igor com a voz trêmula, baixando a cabeça.

– Eu sinto muito – disse Rudson, encabulado pela pergunta que fizera. A esposa do pobre homem não tivera a mesma sorte que sua filha.

– Pode ir descansar agora, se quiser. Eu fico com ela daqui

em diante.

– Não, eu também vou ficar. Logo a Joana será encontrada, eu tenho certeza, e ela ficará contente em ver que cuidei da Daniele.

– Qual é o seu nome?

– Igor.

– Está sendo muito difícil para todos nós, Igor. Agradeço sua atenção para com minha filha, mas eu vou levá-la daqui. Vai ficar num hospital da capital e fazer novos exames.

– Eu gostaria de ir também, se o senhor não se importar.

– Imagina! É o mínimo que posso fazer para ajudar, depois de uma tragédia dessas. Ainda tenho que encontrar o noivo de minha filha, ele também consta da lista de desaparecidos. – Rudson falava de Eduardo como se não soubesse que era impossível encontrar mais algum sobrevivente depois de tanto tempo.

O pai de Daniele informou a direção do hospital sobre a transferência da filha e recebeu a autorização, uma vez que ela não apresentava nenhum problema grave que impedisse a viagem.



Durante o trajeto, Igor contou sua história com Joana e Rudson colocou-se à disposição para ajudá-lo no que precisasse. O rapaz estava muito confiante a respeito de Joana, mas Rudson percebeu que ele ainda não tinha retomado completamente a consciência e que em breve poderia tomar conhecimento da morte da esposa, assim como ele próprio, de Eduardo. Mas tinha adquirido uma dívida moral com o rapaz. Provavelmente tinha sido ele quem colocara Daniele sobre a placa metálica no mar, como um dos marinheiros lhe contara, salvando-lhe a vida e arriscando a sua própria. O homem sabia que por mais que quisesse, jamais pagaria àquele homem tamanha cora-

gem e por mais que tentasse, nunca conseguiria demonstrar o tamanho de sua gratidão.

Chegaram ao hospital depois de quase três horas de viagem. Daniele continuava desacordada, e as seções de exames começaram imediatamente. O médico que cuidaria da garota era um dos melhores especialistas do país e, além disso, era amigo pessoal de Rudson. O desaparecimento de Ed certamente seria mais um desastre na vida da garota.

O pai mal conseguia imaginar como lhe daria a notícia, ainda mais acompanhada de outra: suas fotos ao lado de Roberto. Logicamente ele sabia que aquilo tudo era mentira. Conhecia Daniele o suficiente para saber que ela realmente amava Eduardo e que jamais seria capaz de tal atitude. Rudson tinha medo de que ela cometesse algum ato impensado, que fizesse alguma besteira quando descobrisse que ficara sem o noivo.

O homem ficou aguardando no quarto enquanto a bateria de exames acontecia. Após um tempo interminável para o pai, Daniele foi trazida na maca por dois enfermeiros. Acordara durante os exames.

– Papai! – foi só o que ela conseguiu dizer, antes de se pendurar nos braços de Rudson.

– Minha querida! Como você está? – Mas a garota permaneceu em silêncio por vários minutos. Depois olhou aflita para o pai. Sabia da tragédia, mas perguntou mesmo assim:

– Onde está o Ed?

– Ele vai ficar bem, filha.

– Mas eu quero vê-lo, pai...

– Não pode, querida... Ainda não... – respondeu ele, sem saber o que poderia dizer para amenizar a dor no coração da filha.

– Ele está vivo, papai! Eu sinto!

– Estão procurando por ele, agora. Vão continuar procurando até encontrá-lo – tentou dar esperanças a ela.

Não tinha certeza se isso melhoraria ou pioraria as coisas. Não podia mentir para ela, mas também não seria justo dar a notícia assim. Achou melhor não tocar no assunto das fotografias naquele momento, que já estava sendo amargo demais. Conversariam sobre isso depois, quando ela voltasse para casa.

Tudo ainda estava muito confuso para todos. Ela, certamente não se dera conta de que já tinha chegado o domingo, o dia que seria o do seu casamento. Rudson pensava em uma maneira de consolar a filha se ela lembrasse a data e sem ter notícias do noivo.



Passadas setenta e duas horas do naufrágio, a possibilidade de se encontrar mais algum sobrevivente era praticamente nula. A marinha já comunicara que a existência de mais alguém vivo seria um verdadeiro milagre. Cinco pessoas não haviam sido encontradas, quatro homens e uma mulher.

A equipe do Capitão Medeiros ainda tentava sugar com equipamentos de última geração o combustível que vazava dos tanques submersos. Não havia previsão para o fim dos trabalhos. O robô mergulhador não havia localizado nenhum vestígio de corpos, mas havia encontrado a caixa preta do Seablue, que possibilitaria às autoridades saber exatamente os motivos que levaram ao naufrágio. Estudava-se agora uma maneira de tirá-la do interior do navio. Era profundo demais e mandar mergulhadores seria arriscado. Medeiros desceria ele próprio se necessário, mas não deixaria o caso sem solução.

A justiça resolveu processar os supostos responsáveis pelo dano causado ao meio ambiente, mas, dos oficiais responsáveis pelo Seablue, apenas Raphael sobrevivera. Nesse caso, arcaria com as consequências, sozinho. Seria acusado de negligência e crime ao meio ambiente. Sua pena poderia chegar a doze anos de prisão. À empresa responsável pelo cruzeiro, caberia uma punição simbólica e o pagamento de multa milionária que seria revertida na recuperação dos danos ambientais.



Enquanto as investigações prosseguiam, as famílias das vítimas organizaram um grupo de apoio aos que compartilhavam a mesma tristeza. Rudson, que era uma pessoa pública e respeitada, foi convidado para gerenciar a associação, tarefa que aceitou de imediato.

Os parentes mantinham pressão sobre as autoridades, porque estas, uma semana após o desastre, queriam interromper as buscas. Igor fazia parte do grupo, ele ainda alimentava a esperança de encontrar Joana com vida, mas se o pior tivesse acontecido, queria, como os outros acabar com a agonia de não se ter ao menos um corpo para enterrar.

Daniele, depois de longas conversas com o pai sobre o desaparecimento de Ed, já havia perdido quase todas as esperanças.



Charles foi nomeado diretor geral da escola de música de Eduardo, e Rudson seguiu com ideia de expandi-la para todo o país.

Ao contrário do que se podia imaginar, depois do desaparecimento de Eduardo, Daniele uniu-se de corpo e alma na luta pelos sonhos de seu noivo, ajudando seu pai com a expansão da escola de

música. Certo dia, surpreendeu Rudson com a proposta de leiloar o violino que dera para Ed como presente de casamento, o que lhes renderia alguns milhões para investir na ampliação das unidades escolares para crianças carentes nas periferias do país.

– Você tem certeza de que é isso que você quer, filha? – perguntou Rudson, preocupado com felicidade da filha.

– É claro, papai. Tenho certeza de que o Ed ficaria muito feliz.

– Então marcaremos o leilão para o próximo mês. Vamos começar a anunciar entre os especuladores.

– Ótimo! E, tem mais uma coisa de que eu preciso, papai. Quero que o senhor me consiga um detetive, ou algum investigador que seja seu amigo.

– Detetive? Você não está pensando em...

– Estou, sim – interrompeu ela. – Eu preciso lhe contar uma coisa.

– Sobre o Roberto, não é?

– O senhor já sabia, é claro. Mas eu não fiz aquilo, pai.

– Daniele, só um mau caráter como o Roberto faria uma publicação daquelas, e nós dois sabemos da intenção dele, não é? Mas não é melhor deixar essa história pra lá? Não vale a pena, filha, sofrer por um assunto que já foi esquecido.

– Eu concordo com o senhor, pai, mas tenho que descobrir a verdade e Roberto tem que ser punido. Eu devo isso ao Ed.

– Ligue para J. Martins. É o melhor detetive de quem já tive notícias. Tenho certeza de que ela vai resolver o caso.

– Obrigada! – disse ela, abraçando o pai.

33- Desejo...

Raphael, após o naufrágio, procurou não perder Daniele de vista. Não foi difícil descobrir o endereço da filha do famoso empresário Rudson Cascaes. O encontro foi uma surpresa para a moça e ao mesmo tempo emocionante, pois ele fora o seu salvador, devia sua vida a Raphael.

As idas e vindas à casa de Daniele tornaram-se frequentes. Raphael estava cada vez mais próximo da moça. Desde que a encontrara no Seablue pouco antes do naufrágio, não conseguia tirá-la da cabeça. Tinha total conhecimento do amor que ela sentia por Eduardo, pois quando estavam juntos, Daniele referia-se sempre ao noivo, mas acreditava sinceramente que com o tempo esse amor acabaria e então ele estaria ali para que ela o visse com os mesmos olhos amorosos que um dia se apaixonaram por Eduardo. Já conseguira se tornar um dos melhores amigos dela, do pai e do tal Igor.

Daniele também sentia um carinho especial por Raphael, mas não era amor, definitivamente. Ele era carinhoso e a estava ajudando a superar o trauma de ter perdido o homem que amava. Fazia todas as suas vontades e ela sabia que se pedisse uma estrela, ele a traria.

Raphael foi tomado por uma paixão sem limites desde que a vira pela primeira vez. Era um calor imenso que ardia em seu corpo toda vez que a via, e que era quase incontrolável.



A relação de Daniele com Igor era diferente. Ele ainda tinha a forte esperança de que Joana estivesse viva em algum lugar, esperando por ele. Mesmo quando, após vinte dias de incessáveis buscas, a marinha comunicara que não mais continuaria a procura, Igor não

perdera o brilho que tinha nos olhos toda vez que falava na esposa.

Daniele admirava esse lado perseverante do novo amigo e no fundo também queria sentir o mesmo sobre o desaparecimento de Ed. Mas para ela era inconcebível a ideia de que estivesse vivo. Os arquipélagos próximos ao local do acidente haviam sido revistados pelos aviões da força aérea e pelos aviões fretados pelos parentes.

Seria impossível.

Daniele não queria alimentar falsas esperanças. Ficaria sozinha e viveria em função das crianças que Eduardo tanto amava e dos amigos que precisavam de seu apoio.

34- Condenado...

Era chegado o dia do julgamento de Raphael. Daniele foi chamada para testemunhar, mas não tinha muita coisa que pudesse esclarecer. Mesmo assim o advogado de Raphael achava que seu depoimento seria de grande ajuda, visto que contaria como ele fora corajoso ficando até o final e ajudando a salvar vidas, inclusive a dela, no naufrágio.

Ao mesmo tempo, Daniele estava concentrada em sua busca pela verdade a respeito das fotografias publicadas por Roberto. Ainda assim compareceu ao julgamento. Foram três dias até que foi decretada a sentença final: Raphael foi condenado a uma pena de sete anos de reclusão em regime fechado. Seus advogados recorreriam da sentença, mas sem muita chance de sucesso. A alegação seria de que não poderiam condená-lo antes da retirada da caixa preta do navio, que esclareceria com certeza o motivo do naufrágio.

Mesmo assim, Raphael foi condenado. Pouco antes da detenção, foi concedido a Raphael o pedido de ir até a sua casa buscar alguns pertences e objetos pessoais, acompanhado de um policial. Daniele queria estar ao lado do amigo nesse momento, talvez o mais difícil de toda sua vida. Pediu e obteve permissão de acompanhá-lo até sua casa. Foi ao lado de Raphael na viatura da polícia, segurando sua mão. Ao chegarem, ele pediu ao policial alguns minutos a sós com Daniele.

– Sejam rápidos! – respondeu o homem com autoridade, antes de retirar as algemas dos pulsos do condenado. Raphael puxou Daniele pela mão até o seu quarto.

– Eu preciso lhe dizer uma coisa. Não queria que fosse dessa

forma, mas não tive escolha.

– Você está me assustando, Raphael. – argumentou ela.

– Desculpe, não era para assustá-la.

– Pode dizer, então – pediu.

– Eu a amo, Daniele.

– Como é... O que... Você... – gaguejou ela, sem ar, sem pensar e sem querer partir o coração do homem naquele momento.

Ele segurou-lhe a nuca suavemente e beijou seus lábios, confuso. Talvez aquele fosse o único beijo, a única chance que teria em toda sua vida e por isso, não podia deixá-la passar.

Daniele era para ele como um sonho, lindo e inalcançável. Não alimentava esperanças de tê-la, como Eduardo havia tido, e sabia que não iria viver um amor intenso e pulsante como o sangue que corria em suas veias naquele momento.

Quando seus lábios se afastaram dos dela, Raphael chorava. Derramaria agora todo o pranto contido desde o dia do naufrágio. Já não lembrava quanto tempo passara desde então. Só conseguia sentir a presença da mulher a sua frente e ouvia sua respiração ofegante e seu coração batendo inconstante. Seu sonho acabava ali.

– Raphael... Eu...

– Não precisa dizer nada – interrompeu ele – eu só precisava deste beijo. Eu queria lhe contar antes de ir.

– Desculpe. Eu não esperava que você gostasse de mim tanto assim – disse ela, encabulada, tentando achar as palavras no fundo da garganta.

– Eu não gosto de você. Eu amo você, Daniele – afirmou ele.

Nesse instante, o policial bateu à porta do quarto e abriu-a.

– Seu tempo acabou. Precisamos ir. – Raphael baixou a cabeça e saiu, estendendo os punhos para receber novamente as algemas.

– Desculpe, mas somos obrigados a algemá-lo – disse o policial, demonstrando seu respeito pelo ex-capitão. Raphael apenas consentiu com a cabeça e apertou os olhos.

O policial conduziu-os à viatura e deixou Daniele em casa. Ao descer do carro, ela sentiu o olhar suplicante de Raphael. Permaneceu à porta da casa até que sumissem na curva. Só então abriu a porta e entrou.

– Fique calma, filha. Os advogados me disseram que vão recorrer da sentença e têm grande chance de conseguirem a liberdade provisória para Raphael.

– Ele não merecia isso, pai. É uma tremenda injustiça!

– Eu sei. Vamos ajudá-lo. Logo ele estará livre. Você verá.

– J. Martins lhe deu alguma informação nova sobre as fotos?

– Ainda não. Iremos até seu escritório amanhã bem cedo.

Agora durma, filha, já está ficando tarde. – Rudson beijou o rosto da filha e a deixou.

35- Revelação...

Naquela noite ela teve um sonho lindo. Eduardo a esperava no altar, como haviam planejado. Foi tão real que por um instante ela esqueceu a morte de seu amado. Acordou abraçada ao travesseiro e a sensação de vazio retornou. Além de não poder ter seu Ed, agora também teria que se conformar com a falta de Raphael, o melhor amigo que tivera desde o naufrágio. Levantou-se e foi até a cozinha, onde o pai já a esperava com o café da manhã preparado.

Depois do desjejum, saíram para o escritório de J. Martins, o detetive contratado para esclarecer o escândalo das fotos.

– Bom dia! Eu os estava esperando! – cumprimentou o homem calorosamente.

– Alguma novidade? – Rudson perguntou, enquanto o detetive apertava a mão de Daniele.

– Sim. Tenho notícias ótimas! Consegui as originais enviadas aos bastidores da revista. Mandei analisá-las num laboratório, e bingo! São montagens!

– Eu sabia! – exclamou Daniele, aliviada.

– Aquela fitinha preta em seu pescoço foi um artifício usado para disfarçar a emenda, aliás, muito bem feita.

– E quem está nas fotos, então?

– Isso nós não sabemos.

– Mas como vamos provar que não sou eu? Existe alguma maneira de encontrar a pessoa que posou para as fotos?

– Tentarei encontrar o fotógrafo. Poderá identificar a moça, mas isso não importa.

– Como assim? Não importa por quê?

– Teremos laudos técnicos de peritos oficiais da Polícia Federal e não vai ser necessário expor mais ninguém para esclarecer essa história.

– Mas a imprensa pode alegar que os peritos foram subornados, não pode? – perguntou Rudson.

– Sim, mas teremos os depoimentos dos próprios peritos e os laudos. Acho que será o suficiente. Por outro lado, quando a imprensa não tiver um fato importante para publicar, voltará a tocar nesse assunto com força total. Aí vai ser a nossa vez!

– Esse cara é bom mesmo, não é? – disse Daniele analisando as fotografias originais.

– Sim – respondeu o detetive – seria capaz de colar o pescoço da Vera Fisher no corpo do Maguila sem que ninguém percebesse. Não estamos lidando com amadores. Note que escolheram uma modelo com o mesmo tom de pele e tipo físico de sua filha, Rudson.

– É verdade. Não me admira que Roberto esteja andando com esse tipo de gente. Nunca foi mesmo flor que se cheirasse.

– Quanto às outras fotos, aquelas de vocês dois conversando em público, está mais do que provado que não são atuais. Exatamente como você já desconfiava, Daniele.

– Não vejo a hora de acabar com tudo isso.

– Para mim já está acabado, filha. – disse Rudson. Daniele sorriu. Era a primeira vez desde a morte de Eduardo.

36- A Amiga...

Igor estava à espera de Rudson. Levava Brigitte, que queria se associar para ajudar as famílias das vítimas. No fundo, ela estava se mostrando muito solidária a Igor, mesmo sabendo que ele sempre fora contra a amizade dela com Joana.

Brigite havia mudado o conceito que tinha dele. Agora o achava inteiramente sensível e não mais o brutamontes de quando o conhecera. Estava realmente tocada pela perseverança na volta da esposa e pelo amor imensurável que sentia pela amiga e do qual, muitas vezes Brigitte havia duvidado. Arrependera-se dos conselhos que dera à Joana para que o deixasse, assim como também se arrependera de não ter-lhe dado uma oportunidade quando ele a quis. No fundo, Brigitte invejava o amor dele por sua amiga. Talvez ela nunca seria amada dessa forma por homem algum.

– Olá, Igor! Quem é esta moça tão bonita? – cumprimentou Rudson, galanteador.

– Oi, Rudson. Esta é Brigitte. Ela foi muito amiga de Joana e veio se associar a nossa ONG.

– Muito prazer, Brigitte. – disse ele beijando a mão da moça. Daniele cumprimentou-os em seguida e subiu para seu quarto, enquanto Rudson os levava para o escritório.

– Minha filha também estava no navio, Brigitte – contou ele – Foi a única mulher a permanecer lá até o final, ajudando os outros passageiros.

– Sim, Igor contou-me – respondeu ela. – Sua filha deve estar sofrendo muito com a morte do noivo.

– Está, sim. Daniele nunca foi uma mulher forte. Até agora está segurando a barra, mas tenho medo de que ela desabe de uma hora para outra.

– Tenho certeza de que ela irá superar. O tempo apaga tudo.

– Não é bem assim, Brigitte. As pessoas a quem amamos permanecem sempre vivas em nosso coração e hora ou outra, as lembranças vêm. Quando a minha esposa morreu, foi muito difícil para mim. Se não fosse por Daniele, que ainda era um bebê, eu acho que não teria suportado.

– Mas o senhor não parou a sua vida em função da perda, não é mesmo? O tempo cura as feridas.

– Às vezes as cicatrizes são muito profundas. Cicatriz não tem cura. Por isso nunca voltei a me casar.

Havia muito que não falava sobre esse assunto e não devia ter falado agora. A garota trazida por Igor era audaz e curiosa. Extrairia até o segredo mais íntimo se ele permitisse.

Geralmente as pessoas tinham certo receio de falar com Rudson. Sua fama o havia transformado em uma espécie de redoma, quase intocável. Restavam a ele os seus poucos amigos e a sua filha, mas de vez em quando, ele sentia mesmo falta de uma companheira, sincera e leal, como fora a mãe de Daniele.

– Tenho certeza de que não faltarão oportunidades – afirmou ela, brincalhona.

– Minha época já passou, menina – respondeu ele tocando a mão dela sobre a mesa – Quem ia querer se casar comigo?

– Quase ninguém, só metade das mulheres do país! – Riram juntos com a resposta da moça.

Rudson pegou os papéis da ONG e começou a explicar para Igor e Brigitte como era o funcionamento dos programas de assistên-

cia. Em breve, prestariam serviços de apoio às vítimas de outros acidentes também, famílias que passavam por sofrimentos semelhantes aos seus.

Brigite ficou satisfeita em poder ajudar. Era a primeira vez que se engajaria num serviço voluntário. Sentia-se bem com essa perspectiva, ainda mais porque trabalharia ao lado daquele homem simpático e charmoso.

Ela também deixara em Rudson uma primeira impressão muito positiva. Gostava de pessoas desafiadoras, e Brigitte talvez fosse a mais desafiadora que ele conhecera. Seus grandes olhos estavam atentos a cada palavra que ele dizia e a cada passo, no pouco tempo que estivera ali. Seria maravilhoso tê-la permanentemente trabalhando ao seu lado. Rudson esperava que ela levasse o voluntariado adiante e não desistisse logo, como muitas pessoas faziam.



Na manhã seguinte, Daniele foi até o presídio visitar Raphael. Ele estava separado dos outros detentos. Parecia pálido e abatido, mas sorriu quando a viu.

– Não precisava ter vindo. Aqui não é lugar para você – disse ele.

– Amigos são para todas as horas, Raphael.

– Você é mais do que uma amiga.

– Eu não me esqueci do que você fez por mim. Quero retribuir como for possível.

– Não há nada para retribuir – falou ele com voz muito suave, quase sussurrante. – Eu cumpro o meu trabalho. Queria ter ajudado mais pessoas, mas não consegui.

– Não se culpe. Você já está sendo injustiçado demais. Não

deixe que sua consciência o condene também. Eu sei que fez todo o possível, mas não dependia de você. – Daniele passou a mão pelos cabelos de Raphael. Imediatamente ele levantou a cabeça e fitou-a nos olhos.

Pôde ver a paixão dentro dos olhos dele, queimando por ela. Não queria se deixar levar, a perda de Ed ainda era muito recente. A gratidão que tinha por aquele que salvara sua vida e a solidão que sentia deixavam-na confusa. Desviou o olhar. Raphael pôs a mão em seu rosto, fazendo com que tornasse a olhá-lo.

– Eu a amo muito – cochichou para ela.

– Eu... – foi só o que ela falou, porque um policial abriu a porta e pediu que saísse. Os poucos minutos concedidos a ela e a Raphael tinham acabado. Ele segurou nas duas mãos de Daniele e beijou-as antes que ela fosse retirada da cela.

37- Doce Surpresa...

As semanas passaram depressa. Daniele sentia-se mais sozinha do que nunca sem o ombro de Raphael, no qual chorara tantas vezes. Numa manhã de segunda-feira, enquanto Daniele se preparava para ir à associação, foi surpreendida por Rudson, que lhe fez um convite incomum.

– Vamos sair juntos hoje, filha. Já faz tempo que não tiramos um tempinho para nós. Quer tomar café naquela confeitaria que você adorava quando era criança?

Daniele não imaginava o motivo pelo qual o pai insistia tanto. Aceitou o convite. Rudson usara um artifício para tirar Daniele de casa. Queria surpreendê-la, fazia tempo que ela não recebia uma boa notícia e ele queria ser o mensageiro da boa-nova.

Não demoraram em voltar da confeitaria. Rudson entrou primeiro em casa. A surpresa aguardava, mas ele não comentou nada durante o trajeto. Assim que Daniele apontou na porta da sala, viu Raphael, com os braços abertos, sorrindo.

– Raphael! Você está aqui!

– Meu advogado entrou com um pedido de habeas corpus e o juiz concedeu em menos de vinte e quatro horas! Isso não é maravilhoso?

– É ótimo! Que bom que você está aqui!



Três meses se passaram desde o acidente. As famílias das vítimas e os sobreviventes estavam reunidos na capela. Rudson encomendara uma missa em memória dos mortos e de agradecimento pelos que sobreviveram. Daniele, acompanhada por Raphael, como

era de costume, estava sentada no banco da primeira fileira, ao lado seu pai. Ao lado dele estava Brigitte. Igor sentara-se mais ao fundo. Não queria rezar pela alma de Joana, porque tinha certeza de que ela ainda estava viva e esperando por ele, assim como ele sempre a esperaria.

SEGUNDA PARTE

38- O Despertar...

— **Q**uem é você? – perguntou ela, assustada. –
O que aconteceu?

— Graças a Deus! Pensei que estivesse morta! Levante-se, venha me ajudar! Temos muito trabalho a fazer!

— Onde estamos?

O rapaz louro e alto em sua frente lhe era familiar. Já o tinha visto em algum lugar, mas não lembrava onde. Seu peito doía e ela tremia de frio. Esforçava-se para levar o ar até os pulmões. Sentou-se na areia e olhou em volta. Só via o mar a sua frente e uma floresta atrás de si. Não fazia ideia de como fora parar ali.

— Venha logo! Ajude-me a levar esses galhos lá para cima! – chamou ele, com um feixe de galhos secos no braço e apontando para o morro.

Aquela visão fez com que ela se lembrasse da casa em que vivera desde menina. Era numa montanha como aquela que brincava com suas irmãs. Levantou-se devagar, ignorando todas as suas dúvidas, e caminhou em direção ao rapaz. No final da orla de areia branca e fina, ao lado de uma pequena caverna, uma esteira improvisada se estendida e amparava um homem ferido.

— Quem é ele? O que lhe aconteceu? – perguntou ela.

— Está machucado e com muita febre. Tomara que sobreviva!

— Tem mais alguém? – Joana referia-se a Igor.

— Não. Deparei com um cadáver quando acordei, mas já o enterei lá dentro do mato. Não podemos arriscar que algum predador fareje a carne. Não sabemos que tipo de bicho tem aí, não é?

– É – concordou ela.

– Desculpe, eu nem me apresentei – disse ele, limpando as mãos sujas de terra nas calças. – Meu nome é Eduardo.

– Eu sou Joana – respondeu ela apertando-lhe a mão com força. – O que vai fazer com toda essa lenha?

– Vamos acender uma fogueira lá no alto da montanha. Quando um avião passar, verá a fumaça e nos resgatará.

– De onde tirou esta ideia?

– Assisti num filme. No cinema deu certo!

– Bom, não custa nada tentar. – Joana ainda não estava completamente lúcida. Respondia às perguntas de Eduardo, como se aquele lugar fosse apenas mais um ponto turístico pelo qual passariam durante a viagem, ou um acampamento de verão. Catou mais alguns galhos e o seguiu por uma trilha deixada por animais, até o pé da montanha. O caminho íngreme que os levaria até o topo, era forrado de uma vegetação estranha, cheia de espinhos. Não conseguiriam chegar lá em cima sem se ferir.

– O que faremos? – perguntou ela.

– Acho melhor procurarmos comida e água antes que anoiteça. Largue os galhos aqui mesmo. Depois pensamos em uma maneira de levá-los lá para cima. Deve haver um córrego perto daqui.

Joana seguiu Eduardo por um longo caminho, mas nem sinal de água. Ela era acostumada a correr pelas matas, no sítio de sua família. Sabia exatamente onde existiam vertentes. Tomou a frente na caminhada e seguiu as descidas do terreno acidentado. Logo se deparou com um capão de mato fechado e o som agradável de água correndo. Era a nascente e o córrego do qual Eduardo falara, e logo mais abaixo se abria numa cascata e uma imensa lagoa natural ao pé

de um barranco.

– Como conseguiu encontrar com tanta facilidade? – perguntou ele, surpreso.

– Eu nasci e cresci no interior. Morei numa fazenda quase toda a minha vida e aprendi a conviver com a natureza.

– Que bom! Estou aliviado em saber que pelo menos um de nós não vai morrer de fome por aqui. Eu colhi algumas laranjas. Tem outras árvores frutíferas mais perto da praia. Pensei em fazer uma lança e tentar pescar alguma coisa, mas não tenho nada cortante para apontar os galhos.

– Não precisamos de lança para pescar. Podemos fazer armadilhas. Você viu se tem bambu em algum lugar por aqui?

– Tem, sim. Lá ao lado da pedreira, onde você viu o homem deitado.

– Então vamos até lá – sugeriu ela. Os dois seguiram até a pedreira, como ele havia chamado o lugar.

Joana reparou no homem ali deitado. Abaixou-se e pôde observar as várias fraturas em seu corpo. Era um homem velho e dificilmente conseguiria se recuperar se não fosse levado a um hospital o quanto antes. Joana sabia fazer curativos com ervas e ele também precisaria de chás analgésicos e anti-inflamatórios que poderiam ajudar a mantê-lo vivo até que a ajuda chegasse. Precisaria vasculhar a mata para encontrar as ervas necessárias para os remédios. Também necessitaria de fogo e de algum recipiente para ferver água.

Eduardo procurou, dentre os objetos trazidos pelo mar, algo que servisse de panela ou coisa assim, mas nada havia que pudesse ser utilizado para esse fim. Alguns objetos eletrônicos também haviam sido encontrados encharcados. Era pouco provável que algum

deles voltasse a funcionar ou tivessem alguma utilidade. Joana pôs a mão na testa do homem, que ardia em febre.

Ela já não sabia o que fazer. O pobre homem precisava de socorro urgente. Desconsolada, escalou a pedreira até o ponto mais alto de onde se podia ver o horizonte. Chamou Eduardo para escalar também.

Joana permaneceu hipnotizada por algum tempo. Era linda a imensidão azul, mas lhe dava medo. Medo de não conseguir sair dali nunca mais, de morrer sem reencontrar Igor. Agora ela se dera conta de que talvez ele nem tivesse sobrevivido. Não sabia há quanto tempo estava ali com aquele homem. Calculou se teriam se passado muitos dias, desde o naufrágio. Joana perdera a noção do tempo. A sua última lembrança era a de quando Igor abriu a porta da cabine e a deixou para trás. Depois só pôde ouvir os rugidos da tempestade. Ficara boiando por muito tempo e perdera a lucidez. Um aperto no peito fez com que as lágrimas contidas desabrochassem. Então Joana chorou.

– Seja forte! – pediu Eduardo. – O resgate já deve estar chegando. Vamos nos preparar para esta noite. Amanhã, com certeza, já estaremos em casa. Daniele, minha noiva, não vai desistir até me achar.

– Daniele? Eu conheci uma Daniele no navio. Acho que era a sua noiva.

– Então também lembra do incidente das fotos. Eu estou me sentindo péssimo por ter duvidado dela. Quando eu sair daqui vou descobrir a verdade. E nunca mais vamos nos separar. – Joana abraçou Eduardo. Era reconfortante a sensação de não estar sozinha ali. Ele era um estranho, mas naquela situação, era como se fossem ami-

gos de infância.

– Ainda bem que não estou sozinha. Nós vamos ficar bem, não é?

– Vamos, sim. Isto é por pouco tempo. Não passaremos mais que esta noite aqui. Vamos descer? Já esta escurecendo. Aproveitaram para quebrar alguns bambus de uma touceira que havia ao lado da pedreira.

39- A Visita da Morte...

Sentaram-se à beira da caverna, onde o homem ferido gemia de frio e de dor. A infusão, preparada por Joana, não estava funcionando, a febre aumentava, chegando a causar convulsões no pobre homem. Ela umedecia os lábios dele com um pedaço de pano úmido. As compressas de água fria na testa eram a única coisa que podia fazer para ajudá-lo.

Eduardo estava exausto. Não havia descansado um minuto sequer. Sabia que se parasse, por um instante que fosse, o desespero tomaria conta de si e seria capaz de cometer uma loucura. Pretendia manter-se ocupado até que sua Daniele chegasse para lhe tirar do inferno, então voltaria para os seus braços, de onde não sairia jamais.

De qualquer forma, sentia-se aliviado por ter encontrado aquela moça. Seria mais difícil se tivesse que enfrentar isso tudo sozinho. Assim, pelo menos teria com quem conversar. Podia ser que assim não visse o tempo passar e quando acordasse já estaria em sua casa. Recostou-se nas pedras, na pequena fenda e deixou-se levar pelo cansaço, para longe daquela ilha e para junto de sua amada.



– Eduardo! Eduardo! Acorde! – gritava ela. Quando abriu os olhos, ele viu o sol brilhando forte e um céu muito azul. Não parecia que há poucos dias haviam enfrentado uma tempestade capaz de afundar um transatlântico.

– Vamos, Eduardo! Venha ver! O nosso amigo está melhorando!

– É mesmo? – Eduardo levantou-se e olhou através da pe-

quena abertura entre as pedras. O homem, fitou Eduardo e estendeu a mão para alcançá-lo. Eduardo aproximou-se e ele segurou sua mão.

Joana e Eduardo apressaram-se em tirá-lo de dentro da pequena caverna e levaram-no até a praia para apreciar junto com eles o dia lindo que acabara de nascer. Ficaram ali por algum tempo, mas logo Eduardo os deixou e foi até a mata procurar frutas para a refeição matinal. Voltou trazendo mangas e laranjas. Fartaram-se.

Joana começou a abrir os bambus que haviam trazido para baixo no dia anterior, e teceu uma espécie de cesto com pontas agudas na borda.

– São armadilhas – explicou ela. – Vamos amarrar com cipó, colocar iscas no fundo e jogar no mar. Pescávamos assim em um grande rio no fundo das terras de meu pai. Teremos almoço hoje!

Eduardo animou-se. Estava com fome e as frutas pareciam não ser suficientes para saciá-lo. Ajudou a moça com as armadilhas e depois juntou algumas pedras que podiam ser afiadas e começou o difícil trabalho, esfregando-as uma na outra. Faria uma faca, meio rudimentar, mas uma faca.

Joana achou engraçada a maneira como Eduardo passou a manhã inteira tentando forjar uma faca com pedras. Já tinha feito um calo nas mãos, mas não desistira da tarefa. Ela sabia que a ansiedade que ele sentia por estar preso naquela ilha era maior do que a vontade de ter uma faca. Ele precisava extravasar esse nervosismo de alguma forma e o jeito que encontrara para isso era manter-se ocupado o tempo todo, para não pensar no que poderia acontecer se não fossem encontrados logo.

Ela aproximou-se do homem enfermo. Já era hora de trocar as ataduras. Correu até o varal improvisado, onde estavam pendu-

radas roupas trazidas pelo mar, e pegou algumas peças limpas. Foi até o velho e ao retirar as ataduras que envolviam as feridas, o sangue jorrou. Tamanha foi a surpresa de Joana quando ele lhe disse que não sentia dor e permanecia imóvel enquanto ela lavava os ferimentos com água salgada. Naquele instante ela percebeu que a melhora era um estágio muito avançado de infecção, quando não mais havia sensibilidade. Ficou apavorada com a ideia de que ele pudesse morrer em seus braços. Não quis assustar Eduardo sobre o provável fim do homem e por isso guardou a suspeita para si mesma.

Foi até a praia e entrou na água até a parte mais funda para retirar suas cestas. A primeira estava vazia, assim como a segunda, mas na terceira, dois peixes se debatiam tentando escapar. Seriam o suficiente para o almoço improvisado. Joana levou os cestos até a praia e colocou os peixes na areia. Olhou em volta à procura de algo que pudesse usar para limpar os peixes. Eduardo se aproximou da moça, trazendo suas pedras nas mãos.

– Use isto. Não ficaram muito afiadas, mas acho que resolverão o seu problema. – Jogou as pedras na areia ao lado dos peixes e seguiu para a mata. Ela lavou as pedras na água do mar e limpou os peixes. Só então se deu conta de que não tinha nada com o que acender uma fogueira. Quis perguntar a Eduardo, mas ele já tinha sumido de vista.

Foi até a caverna e procurou entre as coisas que ele tinha recolhido do mar, poderia haver algo que produzisse uma chama. Revirou os objetos em busca de algo que lhe fosse útil, mas nada encontrou. No chão havia peças de roupa ainda molhadas. Joana procurou nos bolsos, algum fumante poderia ter um isqueiro. Achou uma carteira ainda molhada, com vários documentos e uma caixinha de fós-

foros de motel. Eles estavam encharcados, mas Joana apostou na tentativa de secá-los ao sol. E foi o que fez. Enquanto isso, catou alguns gravetos e amontoou-os num buraco cavado na areia. Quebrou uma vara pontiaguda e espetou os peixes limpos. Agora era só esperar que os fósforos secassem e acendessem.

Olhou o homem ferido que permanecia sentado ao sol. Sua cabeça estava recostada numa pedra agora. Joana se aproximou para ver como ele estava, mas de imediato notou que não estava respirando.

Seu coração disparou. Começou a gritar, chamando por Eduardo, mas não ouviu nenhuma resposta. Chacoalhou o velho, gritou em seus ouvidos e estapeou seu rosto na tentativa de fazê-lo recuperar os sentidos. Quando teve certeza de que ele já não estava vivo, correu para dentro da mata, atrás de Eduardo.

– Joana! Eu estou aqui! – ouviu ela a voz ao longe. Correu seguindo o som da voz de Eduardo.

– Joana, está chorando? O que houve?

– Nós vamos morrer aqui! – gritava ela desesperada, agarrando-se ao corpo de Eduardo. – Não vamos conseguir sair com vida! Você estava enganado!

– Calma, calma! Sente-se aqui – pediu ele apontando para um barranco gramado que se alongava em frente. Joana despencou no chão. Eduardo pôs-se ao seu lado e abraçou-a docemente.

– Estamos juntos, viu? Você nunca vai ficar sozinha. Precisa se acalmar. Se não pescamos o suficiente hoje, tudo bem, tentaremos de novo mais tarde.

– Não é nada disso!

– O que aconteceu, então?

– Ele está morto!

– O quê? Você tem certeza? – perguntou ele levantando-se e correndo em direção à caverna, onde estava o velho. Eduardo ajoelhou-se ao lado do homem morto e abraçou-o. Aquele homem era a razão da sua esperança, a motivação para continuar lutando para sobreviver. A morte dele, de certa forma, significava que ele também não sobreviveria. O pânico começou a tomar conta do rapaz. Joana também chorava. Não sabia o que dizer para consolá-lo e nem se isso adiantaria.

– Acorde! – gritava ele, enquanto apertava mais o corpo em seus braços – Vamos! Levante! Você estava melhor, eu o vi hoje pela manhã e você estava bem melhor! Por que ir embora agora? Nós precisamos de você! Eu preciso de você!

Joana se afastou devagar. Juntou os gravetos deixados na beira do caminho. Acenderia aquela fogueira a qualquer custo.

– Nós vamos sair daqui, Eduardo, – disse baixinho, antes de entrar na mata fechada.

40- Fogo...

Colocou no bolso a caixinha de fósforos que encontrara e que ainda estava meio molhada. Seguiu até o pé do morro, onde deixaram os galhos secos no dia anterior. Rasgou a manga de sua blusa e com ela amarrou o feixe de galhos bem apertado, de forma que a parte mais larga servisse como alça, e pendurou-o no ombro esquerdo.

Respirou fundo e subiu em meio aos espinhos. Sentia sua pele sendo arranhada a cada passo. Demorou quase meia hora entre a caminhada e as paradas para aliviar a dor, mas enfim, chegou ao topo da montanha. Sentou-se no chão e retomou o fôlego.

Sua determinação era enorme. Sairia daquele lugar de qualquer forma. Precisava sair logo ou enlouqueceria. Amontoou os gravetos. Riscou o primeiro palito, mas este se quebrou antes de acender. O segundo palito nem sequer fez uma faísca. Só restavam mais dois. Não podia perdê-los. Esperou um pouco mais, com os palitos ao sol. Provavelmente já passava do meio-dia, pois fazia muito calor agora. Tentou orar para seu anjo da guarda, como a mãe lhe ensinara quando ainda era uma menina, mas não se lembrava das palavras certas. As lembranças de sua infância invadiram sua mente e por um momento, Joana fechou os olhos e viajou até a fazenda onde nascera. Não sentia mais dor. Já não via mais o sangue que escorria de seu corpo arranhado pelos espinhos do caminho. Só as lembranças existiam agora.

– Joana, onde está você? – A voz de Eduardo a despertara do transe quase hipnótico em que se encontrava. Olhou para baixo e viu ao pé da montanha.

– Eu estou bem! – respondeu – Fique aí! Eu vou acender a fogueira!

– Meu Deus! Como você chegou até aí? E como vai acender a fogueira? Você também sabe fazer fogo esfregando pedras? – perguntou ele entre os soluços do choro ainda incontido.

– Eu achei fósforos! Estou esperando secarem. Nós vamos conseguir sair daqui, logo!

– Eu vou até aí!

– Não! É uma subida difícil. Espere aí, eu já volto!

– Se você conseguiu, eu também consigo! – gritou ele.

– Eu sei que consegue, mas há muitos espinhos no caminho. É melhor um de nós dois continuar inteiro. Assim teremos mais chances de sobreviver. – Ao ouvir isso, Eduardo parou. Ficou imóvel por um tempo.

Precisava sobreviver. Precisava resistir para dizer à Daniele que acreditava nela, que a amava e estaria ao seu lado sempre.

Voltou para a praia lentamente, observando as gaivotas e ouvindo o barulho das ondas. Respirou fundo. Olhou para a caverna. Tinha que tirar o cadáver de lá, dar-lhe uma sepultura digna...

Agora seria por Joana que sobreviveria. Ela precisava dele mais do que nunca. Não resistiria por muito tempo perdida e sozinha, mas com sua ajuda ela ficaria bem. O cheiro de fumaça despertou-o de seus pensamentos e quando voltou os olhos para a montanha, viu as labaredas que lançavam suas línguas de fogo para o alto.

– Ela conseguiu! – exclamou consigo mesmo. Interrompeu sua caminhada rumo à praia e voltou até a planície baixa, onde começavam os espinhais. Joana já vinha descendo, correndo, sem se importar com os cortes que se abriam em sua pele. Trazia consigo

uma madeira em chamas.

Não deixariam que a fogueira se apagasse. Se aquela era a única maneira de sair dali, eles conseguiriam.

Ao chegar à planície, jogou-se nos braços de Eduardo, como se tivesse conquistado o maior de todos os prêmios. Tinha de levar aquele fogo até a areia. Faria uma segunda fogueira, onde preparariam as refeições. Se tudo corresse bem, seria por pouco tempo.

– Eles vão nos encontrar! Em breve algum avião deve passar por aqui, verá a fumaça e virá nos resgatar!

– Estamos salvos!

41- Depressão...

Acada dia, mais objetos eram trazidos pelo mar. Todas as manhãs o primeiro dever do dia era recolher as coisas arrastadas pela maré. Muitas roupas, malas cheias. Pequenos eletrônicos dentro das bagagens. Nada que pudesse ser muito útil.

Naquela manhã, entretanto, tiveram uma surpresa desagradável: um cadáver em decomposição fora arrastado até a praia. O mau cheiro tomou conta da orla. Foi Joana quem avistou o corpo encalhado na areia. Precisava tirá-lo dali. Não teve forças suficientes para empurrá-lo de volta para o mar e, mesmo que o conseguisse, as águas o trariam novamente para a praia. Teriam que enterrá-lo.

Eduardo aproximou-se. Estranhou ao ver Joana parada ali, olhando para o mar. Ao aproximar-se, percebeu o que estava prendendo a atenção da garota. Não se surpreendeu, pois já esperava que algo desse tipo fosse ocorrer mais cedo ou mais tarde. Os mortos iriam acabar encalhando em algum lugar, e pelo que parecia, ali era o lugar. Assim como a maré os havia trazido para aquela ilha, traria também os cadáveres. Dentre os destroços trazidos pelo mar, Joana encontrara várias garrafas, com as mais variadas bebidas. Guardaram-nas com zelo, pois álcool poderia ser bastante útil para reacender o fogo, caso se apagasse.



Terminara de montar uma arapuca. Eduardo não estava se alimentando direito e ela mesma enjoara de tanto comer peixe. Pegaria uma ave para o jantar. Quem sabe assim, deixaria Eduardo um

pouquinho mais animado. Colheu algumas frutas, que usou como isca. Amarrou um pedaço comprido de cipó e escondeu-se atrás de uma árvore. Permaneceria ali, até que algum pássaro se aproximasse da armadilha. Logo o primeiro chegou, e mais três. A arapuca era pequena e não caberiam todos lá dentro. Joana tinha de ser prudente para não puxar o cipó na hora errada, senão perderia sua caça. Uma das aves sempre ficava com o corpo na lateral da arapuca, evitando que ela a derrubasse sobre os demais.

“Parece que adivinham”, pensava. Comeram quase todas as iscas e voaram de volta para a floresta. Joana ficou desapontada. Colheu mais algumas frutas e colocou-as de novo dentro da arapuca. Estava longe de desanimar. Não desistiria antes de ter algo melhor para preparar como refeição.



As semanas demoravam a passar. Trabalhavam tanto e se alimentavam tão pouco que quase não suportavam mais carregar seus próprios corpos.

Eduardo estava preocupado. Perdera o bom humor inicial e a certeza de que sairia daquele lugar. Começara a pensar que morreria ali mesmo, sem nunca mais poder olhar nos olhos de Daniele, ou tocar sua pele.

Continuava mantendo-se ocupado para evitar pensamentos pessimistas, que certamente o levariam a depressão. Construía uma cobertura para manter aceso o fogo baixo onde preparavam as refeições. Fizera muitas outras cestas de bambu para pescar, como Joana lhe havia ensinado. Fora muita sorte tê-la encontrado. Não que ele quisesse que ela ficasse perdida ali também, de maneira nenhuma, mas se estivesse sozinho, sabia que já teria ficado louco.

Mesmo assim era difícil manter a sanidade. Ainda não perdera a noção do tempo em que estavam ali. Quinze dias e dezesseis noites. Inclusive o dia de seu casamento. Ah! A pobre Daniele devia ter ficado muito triste mesmo! Se pudesse mandar um sinal. Uma mensagem avisando que estava vivo... Eduardo sabia que era impossível. Tentava se concentrar em pensamentos positivos. Estava decidido a não deixar o mal tomar conta de si. E nem de Joana. Olhou para as garrafas de uísque ao lado da pedra lateral da caverna. Faria uma surpresa. Talvez conseguisse retomar o ânimo.

42- À Luz de Velas...

— Joana! Onde está você? – chamou ao perceber que não a via há muitas horas. Ela não respondeu. Eduardo insistiu algumas vezes. Ela ouvia seu chamado, mas não podia gritar em resposta para não assustar os pássaros. Sabia que se notassem sua presença, levariam muito tempo para voltar àquele lugar. Os animais que não estão habituados com a presença humana se comportam dessa forma. Caminhou devagar até a orla. Fez um sinal, para que ele ficasse em silêncio.

– Quietos, Eduardo! – pediu ela cochichando – Estou tentando capturar o jantar!

– O quê? Capturar o jantar? Um tigre ou um leão?

– Engraçadinho! – riu ela – Eu não ousaria algo tão medonho! Pensei numa simples ave, mas se quiser, posso procurar algo maior.

– Acho que prefiro carne de elefante. Será que tem algum por aqui? – debochou Eduardo, zombeteiro.

– Pode deixar que caso haja algum, eu o caçarei! – arrematou ela, batendo continência. Voltou para a mata a espreitar a sua presa.



Eduardo pegou galhos compridos, enrolou um pano umedecido em bebida alcoólica e fincou-os na areia. Seriam suas velas. Fez tochas percorrendo a orla toda. Separou um vestido branco, um pouco danificado, mas ainda assim, lindo. Lavou-o e pôs para secar, ele seria o traje de gala de Joana naquela noite. Para si, um dos muitos ternos, das bagagens alheias. Improvisou até mesmo uma mesa, com tocos soltos e parte dos escombros do navio. Para cobri-la, usou toa-

lhas de banho, também das malas encontradas no mar. Colheu flores na beira da mata. Colheu jasmim perto da nascente. Improvisou um vaso de bambu para elas e o pôs ao centro da mesa. Abriu cocos com sua pedra-faca. Seriam seus copos. Os pratos seriam as grandes conchas trazidas pela maré. Faltavam apenas os talheres. Estes ele não conseguiria improvisar. Mas para um jantar à beira da praia, já era o suficiente.



Estava anoitecendo e Joana ainda não voltara de caçada. Eduardo preocupou-se. Já estava quase na hora de acender as tochas. Não queria começar antes de ela chegar. Lembrou-se de que todo dia, no final da tarde, ela subia novamente a montanha dos espinhais para levar mais lenha e não deixar a fogueira apagar. Eduardo queria subir, assumir essa árdua missão, mas ela não admitia.



Banhou-se na água que caía da montanha e vestiu-se. Enquanto esperava Joana voltar do morro, abriu uma garrafa de uísque. Tomou alguns goles e sentiu-se um pouco tonto. Mesmo assim, apressou-se a acender as tochas. A orla ficou realmente linda. “Quase Copacabana!”, pensou. Logo ouviu os gritos eufóricos de Joana.

– Eduardo! Veja! Vamos ter um jantar de gala, hoje!

Parou ao ver a luminosidade do fogo que tremeluzia na orla. Pensou que Eduardo tinha ateado fogo na mata por indignação de estar ali. Se fosse isso realmente, estariam perdidos!

Correu até a orla e a cena que viu a emocionou profundamente. Era lindo! Ela jamais imaginara que ele seria capaz de um ato tão romântico! Daniele tinha muita sorte de ter encontrado Eduardo. Ele, assim que a viu, veio ao seu encontro, trazendo o vestido branco,

agora seco, mas ainda amarrotado.

– Vista-o! Hoje eu prepararei o jantar! – disse ele estendendo-lhe o vestido e tirando de suas mãos o cipó com as aves, já limpas.

Joana olhou para seu traje, sem entender muito bem o que significava tudo aquilo. Mesmo assim, entrou na caverna e trocou de roupa, como ele lhe pedira. O vestido serviu perfeitamente, como se tivesse sido feito para ela. Tirou um pedaço de fita, preso em um laço na cintura e trançou os cabelos. Lamentava não ter um espelho. Não sabia se estavam bem atados. Gostaria de ter um batom. Deu-se ao luxo de demorar um bom tempo, ao menos até Eduardo preparar as aves e colocá-las no fogo.

– Você demorou, hoje. O que estava fazendo?

– Limpando as aves, Eduardo. Não é como os peixes, tem-se que tomar maior cuidado, depená-las e...

– Tudo bem, tudo bem, já entendi! Não precisa explicar os detalhes. – interrompeu ele, fazendo uma cara de nojo. Girou os espetos, já com a caça começando a dourar. Pegou uma casca de coco e serviu um pouco de uísque para Joana.

– O que é isso? – perguntou ela.

– Precisamos relaxar um pouco, ou então não vamos conseguir suportar o que ainda está por vir.

– E o que ainda está por vir?

– Não sabemos. Esse é o problema.

– Gostaria que fosse um avião de resgate. – respondeu Joana, esperançosa.

– Ou mesmo um navio – completou Eduardo.

Joana pegou o coco com as duas mãos e bebeu num grande gole. Sentiu sua garganta ardendo. Não estava acostumada com esse

tipo de bebida. Nas festas na casa de Brigitte, ficava apenas com as cervejas. Sabia o seu limite e nunca ousou ultrapassá-lo. Mas agora já não tinha por que manter a lucidez. Nem ao menos sabia se viveria, para participar de mais alguma festa. Sorveu todo o líquido de uma vez e estendeu o coco para que Eduardo o enchesse novamente.

– Estou com sede! – exclamou.

– Então devo lhe dar água! – brincou ele.

Joana sentiu-se feliz ao perceber que Eduardo voltara a ser aquele brincalhão esperançoso que a encontrara outro dia. Pensou se ele teria recuperado aquela certeza absoluta de que saíam dali logo. Rezou para que aquele jantar fosse uma despedida daquela maldita ilha. Ela esperava que fosse. Bebeu mais alguns goles e sentiu-se tonta. Não era uma sensação desagradável, pelo contrário, queria esquecer-se daqueles dias e seria bom se desligar por um tempo daquela realidade cruel.

Eduardo levantou-se, entrou na caverna e voltou com um pequeno aparelho nas mãos.

– Eu quero mostrar uma coisa – disse ele largando o objeto no chão. Parecia antigo. Eduardo apertou um botão e por mais incrível que parecesse, uma música lenta começou a tocar. Joana ficou encantada. Aquela música era conhecida. Ela sabia que já a tinha ouvido antes e era uma das mais lindas que conhecera. Os dois cantaram juntos:

“Diga-me como você me ama
E como você acha que eu sou sexy, baby
Que você não quer outro alguém
Que você não quer aquele rapaz

Me diga como você ama meu corpo
E como eu faço você se sentir, baby
Que você quer ficar comigo
Que você quer me amar
Eu amo ouvir você dizer isto
Isso faz um homem se sentir bem, baby
Me diga que você depende de mim
Eu preciso ouvir isto...”

– Como você conseguiu isso, Eduardo? Esta música é linda...

– Ainda bem que você gostou. Só consegui salvar esta música. Vamos ter que escutar a mesma a noite toda!

– Não me importo. Imaginei que nunca mais ouviria música alguma.

– Pois é, parece que estava enganada! – disse ele se aproximando dela e estendendo-lhe a mão para que pudessem dançar.

Os dois rodopiaram por toda a orla, na areia branca. Joana estava descalça e para Eduardo, parecia uma sacerdotisa como as dos romances que lia quando era mais jovem. Eduardo pegou uma flor e colocou atrás da orelha de Joana. Ficou ainda mais linda. No meio das danças, pegavam seus cocos e tomavam daquele néctar. Logo ele abriu uma segunda garrafa, desta vez, de um espumante francês, e quando o jantar ficou pronto, uma terceira.

Comeram e depois deitaram sobre a planície de pedras, em cima da caverna que agora era sua casa. Ficaram olhando a lua muito cheia e as estrelas que brilhavam sobre suas cabeças.

– Por que você fez isso? – perguntou ela, recostando-se no peito de Eduardo.

– Porque eu precisava de um motivo para continuar vivo. E porque não aguentava mais comer peixe! – riram juntos.

– Eu estou falando sério, bobo! – repreendeu ela, falando muito enrolado. Estava embriagada, assim como Eduardo.

Ele não disse nada. Ficou um tempo em silêncio, como se estivesse fazendo uma espécie de oração. Em seguida virou-se para Joana, segurando firmemente em seu queixo. Beijou-a. Com os olhos fechados para não ver que ela era real. Deixaria que fosse somente uma alucinação causada pela bebida. Esperou que ela o empurrasse para longe de seu corpo, mas isso não aconteceu. Ela puxou-o mais para junto de si.

– Não vamos sair daqui mesmo, não é? Não temos motivos para morrer sem aproveitar esta noite – sussurrou ela ao ouvido de Eduardo.

– Seja ela pra mim, somente esta noite... – pediu ele.

– Eu serei! – respondeu com outro beijo ainda mais intenso que o primeiro.



Voltaram para a areia macia. Eduardo esperou que Joana abrisse sua camisa, debaixo do paletó. Depois deixou que o peso de seu corpo fosse sentido por ela. Joana gemeu de desejo. Eduardo ergueu-lhe o vestido até a altura da cintura. Abriu a braguilha da calça, sem olhar para o corpo da garota exposto até o quadril. Não estava certo de que conseguiria consumir o pecado que incendiava seus corpos, mas já não controlava seus instintos, talvez de sobrevivência, e além de tudo precisava extravasar as tensões. E não conhecia maneira melhor.

Possuiu-a docemente.

Os dois deitaram-se na areia.

Para Joana era impossível comparar Eduardo a Igor. Ele era carinhoso e gentil, enquanto Igor era uma explosão de virilidade. Ela lembrava-se muito bem das mãos fortes, dos braços musculosos apertando seu corpo com o ardor incontrolável do amante forte que ele era. Seu coração ficara apertado ao trazer à tona essas recordações. Por que agora? Eduardo a tinha feito feliz. Só havia eles dois agora. Ador-meceu.

43- Ressaca...

O estômago de Eduardo dava voltas. Certamente seu organismo se livraria de toda a intoxicação causada pelo álcool. Joana ainda dormia. Beberam tanto, que ele teve medo de que ela entrasse em coma alcoólico. Não podia perdê-la, como perdera o velho. Se acontecesse algo de ruim com ela, a culpa seria exclusivamente sua. Não precisava ter planejado aquele jantar. Não precisava ter lhe oferecido bebida. Podiam ter simplesmente jantado e ido dormir como era de costume. Então, deu-se conta do que acontecera.

Não podia ser verdade.

– Ai! Meu Deus do céu! – falou baixinho consigo mesmo, quando percebeu o que tinham feito durante a noite. Não lembrava como tinha sido. Ele jamais a teria violado. Sabia que não seria capaz, mesmo estando completamente bêbado. Ou seria?

– Deus, me ajude! Tomara que não seja verdade! – repetia a todo o momento. Não estava certo se deveria acordá-la, ou esperar que acordasse sozinha. Se ele tivesse lhe feito algum mal, ela o odiaria pelo resto de suas vidas. Eduardo nada sabia da vida dela, apenas, é claro, o que ela lhe contara. Não sabia se devia confiar em uma estranha, mas já confiara o suficiente para fazer amor com ela.

– Meu Deus do céu! – repetia sem parar. Caminhou pela orla da praia até um ponto bem longe de onde ela dormia. Não queria vê-la quando acordasse.



Joana despertou logo. Sua cabeça doía e tudo estava girando

ao seu redor. As árvores balançavam. Até as pedras pareciam dançar.

Nunca se imaginou bebendo tanto. Mas foi bom. Lavou a alma. Lembrava-se do momento em que dançara com Eduardo e nada mais. Quis lembrar se teria desmaiado durante o jantar. E se tivesse mesmo, não havia nenhum problema. Não tinha mais que dar satisfações a ninguém. Não, enquanto estivessem presos naquela ilha.

Sentou-se. Percebeu o vestido levantado até a cintura. Não deu atenção. Não sabia em qual posição havia dormido. Com certeza desmaiara e Eduardo, tão bêbado quanto ela, deitara-a de qualquer jeito no chão. Levantou-se e seguiu até o lago. Precisava muito de um banho frio, agora. Foi cambaleando. Não encontrou Eduardo pelo caminho.

Despiu-se por completo, quando notou o líquido viscoso escorrendo em suas pernas. “Ainda não estou naqueles dias...” pensou. Correu as mãos pelas coxas umedecidas. Não quis acreditar.

Imediatamente sua respiração tornou-se ofegante. Começou a se desesperar. Ela jamais teria traído Igor! Não podia ter consentido que outro homem a tocasse! Será que Eduardo a embebedara de propósito e assim que ela adormeceu... Não. Ele não seria capaz! Era tão inocente, tão doce e tão frágil, até mais do que ela própria. Seu coração apertou.

Entrou na água gelada, precisava mesmo esfriar a cabeça. Nadou de um lado para o outro, pensando em coisas absurdas. Essa foi a pior sensação que já sentira. Não se julgava capaz de encarar Igor outra vez, não conseguiria olhar para ele e fingir que nada tinha acontecido. Joana desejava que tudo aquilo não passasse de um pesadelo do qual logo acordaria.

E o pior seria encarar Eduardo, depois disso. Concluiu que não adiantaria retardar esse momento. Hora ou outra iriam ter que se encontrar mesmo. E não demoraria, já que sua sobrevivência naquele lugar dependia de estarem juntos.

Saiu da água. Não sabia por quanto tempo ficara ali, imersa em pensamentos. Vestiu-se. Caminhou devagar pela trilha. Sua cabeça estava doendo menos agora, mas precisava achar uma erva amarga para curar sua ressaca. Lembrou-se de já ter visto uma touceira daquelas florezinhas amarelas que sua mãe usava para fazer chá quando alguém estava desarranjado. Não foi difícil encontrá-las. À beira do barranco, divisou os pontinhos dourados que dançavam ao sabor do vento. O amarelo-dourado destacava-se na paisagem. Caminhou por entre os arbustos para colhê-las e surpreendeu-se quando à sua frente surgiu a figura de Eduardo.

– Eduardo? – perguntou surpresa – Não percebi que estava aí...

– Eu estou. Acho que precisamos conversar...

– Sim. Também estou confusa... Não me lembro do que aconteceu ontem à noite. Será que você poderia me explicar? – pediu ela, para ver qual seria a reação do rapaz. Eduardo aliviou-se de certa forma com a pergunta. Podia dizer-lhe que não acontecera nada entre eles, que apenas beberam até apagar.

– Não sei nem por onde começar. Não sei se devo-lhe pedir perdão ou se devo...

– Perdão? – interrompeu ela. – Por quê?

– Você não se lembra de nada mesmo?

– Lembro-me do jantar. Lembro-me de que dançamos. Mais nada.

– Não foi só isso que fizemos. Eu também não me recordo exatamente como foi, mas aconteceu o inevitável.

– Inevitável?

– Joana, eu não sei como aconteceu. Só quero que saiba que eu não fiz nada sem o seu consentimento – disse ele.

Para Joana essas palavras foram as que mais doeram desde que ficara perdida ali. Não podia acreditar no que fizera. Foi quase como quando conheceu Igor. Mas daquela vez, não estava tão embriagada, e as lembranças logo voltaram. Não sabia se devia chorar ou se atirar nos braços de Eduardo. Ficou com a segunda opção. Chorar agora não mudaria nada.

– Desculpe, Eduardo.

– Acho que também lhe devo desculpas. Prometo que não irá acontecer outra vez. Vou atirar aquelas garrafas de volta ao mar. É melhor nos livrarmos das tentações.

– Está bem. Faça como quiser – consentiu ela. E foi até o barranco colher a erva amarga para o chá.



Estava na hora de começarem os trabalhos. Joana teria de subir a montanha novamente, levar a lenha. Os espinhos no caminho e a subida íngreme tornavam a tarefa difícil e desagradável.

Eduardo tentava agir como se nada tivesse acontecido, mas não conseguiria olhar para ela novamente e vê-la apenas como uma amiga. Pensava em Daniele constantemente e isso fazia com que uma sensação de culpa tomasse sua mente. Nessas horas, tentava não encarar Joana. Estava confuso e com medo. Medo da mulher que estava ali com ele. E se não fossem encontrados? E se suas esperanças fossem falsas? Não seria justo que perdessem o pouco de vida

que lhes restava, pensando nas pessoas que ficaram e as quais eles nem sabiam se estavam vivas ou não.

“Pare com isso!” pedia para si mesmo. “Estou enlouquecendo, só pode ser isso.” Enlouquecendo ou não, depois daquela noite, estava ficando difícil demais conter o desejo que aflorara nele. Queria Joana. Achava que o fato de não se lembrar de como tinha acontecido, atiçava-o ainda mais e era o fator responsável pelo que sentia agora, toda vez que olhava para ela. “Estou agindo como um psicopata obsessivo!”, repreendia-se.

Prometeu a si mesmo que iria conter-se. Ficaria o mais longe dela possível. Nada de olhar o luar, abraçados. Nada de dormirem juntos na caverna. A partir de agora ele dormiria na areia mesmo. Nada de abraços ou qualquer outro contato físico, que não fosse de extrema necessidade.

Assim foi durante todo o mês seguinte. Eduardo engolindo seu desejo e evitando Joana. Joana evitando Eduardo, por respeito a Igor.

44- Enfermidade...

Era quase meio-dia e ainda não tinham conseguido nenhum peixe. Chovera na noite passada e a maré estava mais alta que de costume. As arapucas também estavam vazias. Já tinham reacendido a fogueira bem cedo, mas parecia que ainda choveria durante todo o dia. Somente o fogaréu da praia continuava aceso. Joana teve medo de que este se apagasse de vez e não pudessem reacender o fogo na montanha. Pegou uma chapa de alumínio, colocou sobre ela alguns gravetos em chamas e levou para dentro da pequena caverna. Alimentaria o fogo ali mesmo, pelo tempo que fosse necessário.

Correu até a planície de pedras, onde Eduardo recolhia os cestos de vime. Quando olhou para baixo, foi como se o chão sumisse sob seus pés. Uma tontura súbita. Quando acordou, estava nos braços de Eduardo.

– Joana, o que houve? Você está bem?

– Eu estou bem. Foi só uma tontura.

– Você não está se alimentando bem, eu notei. Só tem comido frutas nos últimos dias. Nossos corpos precisam de proteínas. Precisamos de carne.

– Eu não posso mais nem sentir o cheiro de peixe. Acho que me fez mal no outro dia, lembra? – disse ela, referindo-se a um dia da semana anterior, quando depois de comer um peixe com muita gordura, passara mal.

– Lembro, sim. Mas tente fazer um esforço. Hoje não conseguimos pegar nada para o almoço. Vamos ter que nos contentar só com frutas, mas talvez à noite tenhamos mais sorte. Prepararei algo

especial para você.

– Não temos nada especial por aqui. Mas agradeço a boa intenção.

– Joana, eu guardei uma garrafa de vinho.

– Você não havia jogado as bebidas no mar?

– Joguei, mas não resisti ao vinho. Talvez um copo de vinho ajude seu estômago a melhorar.

– Será? Nunca ouvi falar que vinho fizesse bem ao estômago.

– Eu não sei, mas quando eu era garoto, minha avó sempre me dava um gole de vinho quando eu não me sentia bem.

– Então, busque. Não tenho outra opção mesmo – riram.

Eduardo dirigiu-se até os fundos da caverna e puxou um cipó amarrado a uma pedra pequena. Tirou a garrafa do mar. Assim a bebida manteve-se fresca. Joana não tinha reparado naquela amarração. Sempre ia até lá à noite para observar as estrelas, mas não se dera conta daquele cipozinho, colocado ali com tanto zelo. Eduardo abriu a garrafa com dificuldade. Pegou uma casca de coco e pôs um pouquinho de vinho. Branco seco. Joana adorava.

Assim que ingeriu o primeiro gole, seu rosto contraiu-se. Eduardo imaginou se estaria estragado ou muito forte. Joana levantou-se e saiu correndo. Vomitou até seu organismo expulsar todo o vinho e mais um pouco. Lavou-se no mar e voltou para dentro.

– O que houve? Está estragado?

– Não. Está ótimo! Quero mais um pouco – disse ela tirando o coco da mão dele. Levando-o até os lábios, bebeu tudo num imenso gole. Eduardo não entendeu. Joana pediu mais um pouco, mas Eduardo recusou.

– Calma, moça! Acho melhor esperar. Seu estômago ainda

não deve ter se recuperado completamente.

– Você tem razão. Mas está tão bom... – disse ela, fazendo cara de triste. Eduardo não resistiu.

– Está bem. Só mais um golinho – cedeu Eduardo, achando a atitude dela muito estranha. Joana agarrou novamente o coco e bebeu o vinho todo, saboreando com prazer até o último gole. Eduardo concluiu que seu estômago já estava melhor. Trouxe-lhe algumas frutas para que quebrasse o jejum. Ela ainda não tinha comido nada naquele dia e a ingestão de bebida alcoólica, mesmo com baixo teor de álcool, poderia embriagá-la. E isso era tudo o que Eduardo não precisava naquele momento. Justo agora que já estava conseguindo se controlar e que sua mente estava totalmente concentrada em Daniele, nas lembranças dos bons momentos que passaram juntos, porque era a única coisa capaz de afastar Joana de seus pensamentos. Não. Ele não a deixaria beber demais. E se ela insistisse, ele beberia também, para perder a razão e tê-la novamente em seus braços.



Eduardo estava confuso. Procurava uma explicação para o amor platônico que estava sentindo por Joana. Poderia ser carência, desesperança, saudade de Daniele. Poderia ser qualquer coisa, menos amor. Não podia conceber a ideia de que o amor ia e vinha com tanta facilidade. É claro que as probabilidades, numa situação como aquela, eram muitas.

De qualquer forma, Eduardo encontrara o que estava procurando: uma razão, suficientemente forte para continuar lutando pela vida. Pela sua e pela de Joana. E era exatamente isso que faria. Lutaria pela vida e por Joana, que a partir de agora tudo o que fizesse não seria mais para sair dali, mas para sobreviver, ao lado dela. E o pri-

meiro passo seria cuidar do mal-estar de sua Eva. Iria até a mata, ver se achava daquela erva medicinal que Joana encontrara e faria um chá, de que certamente ela necessitaria.



Mesmo com todo o esforço de Eduardo, Joana sentia-se pior a cada dia. Não entendia por que seu corpo não estava reagindo, embora seu apetite estivesse muito aguçado nas últimas semanas. Dormia até tarde e depois das refeições e apesar de não sentir um cansaço excessivo, estava sempre com sono e com fome. Pensava que talvez fora picada por alguma espécie de inseto, cobra, ou até mesmo que estivesse contaminada por algum vírus estranho, ou por alguma substância contida nas frutas ou nos peixes. Era isso! Peixes contaminados! “Acho que exagerei de novo!”, pensou Joana.

Respirou fundo, espreguiçou-se e saiu para um banho de mar. Seu corpo estava diferente, talvez fosse por causa da virose que contraíra há algumas semanas. Se é que realmente era uma virose, como ela suspeitava. Já fazia mais de duas semanas e ela ainda não apresentara sinais de melhora.

Subitamente, uma ideia desesperadora surgiu em sua mente: poderia estar grávida. Se realmente fizera amor com Eduardo, e não podia negar isso, a possibilidade era válida. Tentou concentrar sua atenção a outras coisas. Mesmo assim o fato de poder estar grávida martelava em sua cabeça. Não falaria nada com ele sobre o assunto, afinal de contas, era apenas uma ideia infeliz.

Desde que embarcara com Igor no Seablue, deixara de tomar as pílulas anticoncepcionais. Queria engravidar, queria muito. Estava convencida de que se tivesse um filho homem seria perdoada por seu pai. Não comentara com Igor sobre a sua intenção, pois tinha

medo de que ele fosse se opor, uma vez que achava-se muito velho para criar um filho e dissera várias vezes que o seu tempo já havia passado. Mesmo assim, Joana fez a tentativa. Caso sua suspeita fosse confirmada, teria que contar a Eduardo. Por enquanto, não tocaria no assunto. Agora, precisava manter a calma e esperar.



Eduardo seguia por entre as árvores à procura de Joana, que saíra no clarear do dia para levar a lenha até a montanha, e ainda não retornara. Era comum que demorasse. Ficava observando as arapucas e quando ele se aproximava ela olhava para as aves aprisionadas e dizia:

– Veja. Elas são como nós dois, Eduardo. Não podem sair de seu cárcere, deixaram suas famílias e agora estão sós. Não têm saída, senão esperar que alguém as tire dali. – Ele apenas ouvia em silêncio.

Ela nunca tinha demorado tanto. Eduardo já tinha vistoriado todas as arapucas, e nem sinal de Joana. Decidiu subir até a montanha, onde o fogo ardia. Era a primeira vez que subia até o topo. Joana nunca o deixara terminar a escalada. Preferia subir ela mesma todos os dias. Eduardo não se importava, afinal ela era mais experiente do que ele em sobrevivência na mata e sempre sabia o que estava fazendo.

Começou a vencer a subida íngreme. Suas pernas tremiam. Seus joelhos bambeavam, desequilibrando-o. Como Joana conseguia fazer aquele percurso todos os dias, carregada de lenha? Era quase inacreditável! Chegou bem perto do topo e logo visualizou a moça caída ao lado da fogueira.

– Joana! Acorde! Joana! – gritava desesperado. Joana não reagia. Eduardo precisava tirá-la dali. Mas como, se mal aguentava o

peso do próprio corpo? Bateu levemente no rosto da garota e continuou chamando pelo seu nome. Verificou sua respiração, seus batimentos cardíacos. Pareciam normais. Ficou aliviado. Ela estava viva. Abraçou-a e neste momento, Joana acordou.

– O que aconteceu? Você quase me matou de susto! Que bom que você está bem! – dizia ele sem parar, tornando a abraçá-la.

Joana achou que era chegada a hora de falar sobre a sua suspeita para Eduardo. Quando ia começar a falar, um forte estrondo ecoou no céu. Um trovão. Uma tempestade se armava ao longe no céu escuro.

Desceram até a caverna. Precisavam se abrigar antes que o temporal começasse. Eduardo esperava que a maré não subisse muito, invadindo sua caverna. Caso contrário, não teriam onde se abrigar e ainda correriam risco de ter todos os objetos que recolheram novamente levados pelo mar. Joana caminhava com dificuldade. Parecia estar sentindo dor.

– Você está bem?

– Estou, sim.

– Tem certeza?

– Sim. – Sua resposta foi tão fraca, que ele mal pôde ouvir. Sabia que ela estava lhe escondendo alguma coisa, mas não tinha ideia do que seria. Estava visivelmente doente. Fraca talvez, apesar de seu corpo estar mais roliço. Eduardo não sabia o que fazer para ajudá-la. Não queria perdê-la. Não podia perdê-la.

Chegaram ao abrigo. As primeiras gotas de chuva começaram a cair. Eduardo rapidamente pegou um galho em chamas da fogueira à beira da praia e levou-a até a caverna, para não deixar que o fogo acabasse totalmente. Mantê-lo-ia aceso com pedaços de tecido

e outros gravetos secos que ainda conseguisse juntar antes de a chuva engrossar. Deixou Joana no abrigo e correu até a mata. Juntou o máximo de lenha possível. Voltou encharcado.

– Você precisa se trocar, ou irá pegar um resfriado – disse ela.

– Se você não se importar...

– E por que eu me importaria? – Eduardo permaneceu calado por algum tempo. Joana via o desejo em seus olhos, não podia mais adiar. Era difícil permanecer ao seu lado sem tocá-lo, sentir seu calor.

Aquele lugar era muito solitário e agora ela precisava mais do que nunca de alguém com quem pudesse desabafar. Já tinha esperado tempo demais. Deveria ter contado para ele desde a primeira suspeita. Agora era tarde. Sua desconfiança tornara-se realidade. Estava grávida. Um filho de Igor ou de Eduardo. Não podia dizer. Não sabia quanto tempo depois da fecundação os primeiros sintomas eram sentidos. Segurou a mão de Eduardo. Chorou baixinho.

– Não vai me dizer o que está acontecendo? – perguntou ele. Joana fez sinal positivo com a cabeça. Eduardo tirou a camisa molhada. Recostou-se ao lado dela e acolheu-a em seus braços.

– Eu não sabia... Eu não podia ter... – não conseguia achar uma forma menos dolorida de contar.

– Calma, eu estou aqui ao seu lado, fique tranquila. Temos que ser fortes agora. Se você desabar, eu desabo também. Nenhum de nós conseguirá sobreviver sozinho aqui, por isso temos que ficar juntos e confiar um no outro.

– Eu estou esperando um filho! – disse, finalmente. Eduardo ficou apático. Isso explicava as mudanças de humor, os enjoos, as tonturas e os desmaios.

45- Crime e Perdão...

Não sabia se estava feliz por Joana não estar doente como pensava e nem ter sido picada por algum bicho peçonhento, ou desapontado, pois aquele filho significava o fim de todos os seus planos e expectativas ao lado de Daniele. De uma hora para outra, sua vida inteira passara diante dos seus olhos, como se ele fosse morrer. Não, não estava morrendo. Mas seus sonhos estavam. Joana era a culpada. Ele era o culpado. O único inocente era criança que fora concebida daquela maneira horrível.

Eduardo estava abalado demais para pensar em qualquer coisa agora ou para dizer algo que acalmasse Joana. Tirou-a dos seus braços abruptamente e saiu correndo na chuva, que já caía forte. Ela correu atrás dele. Queria se desculpar, teve medo de que ele comesse uma besteira maior.

– Volte, Eduardo! – gritava ela enquanto corria para alcançá-lo, entre soluços – Eu posso explicar! Não vou deixar que ela descubra! Nunca! Está me ouvindo?

Caiu de joelhos na areia da praia. A chuva forte já a havia encharcado completamente. Deixou que o vento e a água gelados tomassem seu corpo. Desejou morrer naquela hora. Não tinha razão alguma para continuar viva, trazendo sofrimento para Eduardo. Quanto a Igor, ele já tinha certeza de que ela estava morta mesmo e em breve encontraria alguém que o fizesse mais feliz do que ela poderia fazer. Se é que já não tinha encontrado. Sua volta certamente atrapalharia a vida de muita gente. Ainda mais se o filho que esperava fosse mesmo de Eduardo, o que era mais que provável. Deitou-

se de lado. Ficaria ali mesmo. Até que Deus se apiedasse de sua alma sofredora e a levasse para junto de si.



– Não pode ser! – dizia ele para si mesmo. – Eu não fiz isso!

Não conseguia disfarçar o nervosismo. O desejo que sentia por Joana agora se transformara em pânico. Daniele perturbava seus pensamentos. Imaginou-se contando para ela o que acontecera. Ela jamais o perdoaria. Ele queria sumir. Na verdade, ninguém sentiria sua falta. Certamente todos já pensavam que estivesse morto. Deixou que a chuva lavasse seus pensamentos e levasse embora aquele egoísmo que o estava dominando. Onde é que estava com a cabeça? Não estava sendo justo com Joana.

Imaginou como ela estaria se sentindo naquele momento. Um canalha a engravida e foge. Mesmo estando preso com ela em uma ilha deserta, aparentemente sem saída, ele some de repente. Era demais para uma mulher aguentar sozinha. Esse filho era um fardo pesado demais e ele não poderia permitir que Joana o carregasse sozinha. Era sua obrigação ficar ao seu lado agora, antes que fizesse uma besteira irreparável. Quão irresponsável fora em deixá-la, sabendo de seu estado emocional e físico. Tinha acabado de encontrá-la desmaiada e nem ao menos lhe perguntara se estava se sentindo melhor. Voltou correndo. Jamais se perdoaria se algo de ruim acontecesse na sua ausência.



Estava acordada, mas parecia não ouvir seu chamado. Estado de choque? Carregou-a de volta para a caverna. Joana parecia alheia a tudo o que estava acontecendo a sua volta. Deitou-a no leito que improvisara com roupas e panos. Ela tremia.

– Precisamos tirar estas roupas molhadas. – Seria gentil com ela. O máximo possível. Já não importava o mundo que deixaram para trás, ou que os deixara. De agora em diante, ficariam juntos, sem culpas, sem ressentimentos. Tocou de leve o rosto dela e foi correspondido com um olhar penetrante. Puxou-a pelas mãos, fazendo com que se sentasse. Abraçaram-se e Joana suspirou ao sentir o perdão de Eduardo. Ele ficou satisfeito ao sentir que ela estava bem.

O corpo dela já começara a aquecer-se, emaranhado no calor do seu. Tirou-lhe a blusa. Era a primeira vez que a via despida. Era bonita, bronzeada, delicada. Deixou que ela mesma tirasse o resto das suas vestes. Ficaram frente a frente, até que Eduardo não resistiu mais. Beijou sua boca, seu pescoço. Precisava dela agora. Se da outra vez não estava consciente, agora que o mal maior já estava feito, estaria bem acordado. Aproveitaria cada minuto e daria para ela o melhor de si. Desejava que ela o quisesse como ele a queria.



Joana se entregou a ele, de corpo e alma. Precisava viver aquele momento. Não o amava, seu coração seria sempre de um único homem. Mas precisava saber o que realmente acontecera naquela noite. Sonhava com aquele momento, queria sentir como Eduardo segurara seu corpo, como as mãos dele viajaram em suas curvas. Desejava-o mais do que tudo naquele momento.

As inúmeras carícias prolongavam o prazer e faziam-na enlouquecer completamente. Eduardo tinha receio de machucá-la. Não tinha ideia se estava sentindo alguma dor ou não. Não queria ferir-lhe o ventre grávido. Joana subira aos céus e agora pousava delicadamente nos braços do anjo que a instigara.

Eduardo permaneceu deitado ao lado dela. Os dois continua-

ram nus, sobre os panos que serviam de cama e que absorviam o suor. Ela não dissera nenhuma palavra. Não gemeu, nem sussurrou palavras doces em seu ouvido. Apenas acompanhara os movimentos do corpo dele. Estava aninhada em seu peito. Para ele, era gostoso ter uma mulher carinhosa ao seu lado novamente. Gostara de Joana mais do que deveria, mais do que a sensatez lhe permitiria.

Tomara que conseguissem sair daquele lugar antes da hora de ela dar a luz. Eduardo não fazia ideia de como proceder se tivesse que ajudá-la no parto. O risco era muito grande de perdê-la e de perder a criança. De fato, precisava preparar-se. Agora era responsável por duas vidas. Uma delas era a de seu filho. “Meu filho.”, pensou. Nunca se imaginara fazendo um filho em outra mulher, porque seu amor por Daniele era sincero. Ainda não tinha se dado conta do que as palavras “meu filho” significavam.

“Meu filho”. Olhou para a barriga de Joana, adormecida em seus braços. Tocou-lhe o ventre de leve, de forma a não acordá-la. “Será menino ou menina?” Julgou-se um bobão pensando nisso. Tinha coisas importantes a providenciar. Assim que a chuva passasse, colheria os bambus mais grossos e faria uma jangada, amarrada com cipó. Foi assim que o homem do filme conseguiu sair da ilha. “A arte imita a vida e a vida imita a arte”. Não custava nada tentar. Não queria que o seu filho nascesse naquele lugar. Ainda mais se ele tivesse que fazer o parto. Não conseguiria.

Dormiu pensando em que tipo de embarcação poderia construir. Sonhou com Daniele. Ela estava se casando com o marido de Joana. Os dois chegavam durante a cerimônia, mas ninguém os reconhecia. Implorava para que Daniele não se casasse. Neste momento ela virava-se e caminhava em sua direção. Quando estava bem

perto, apontava para a barriga de Joana e em seguida para a sua. Isso significava que também estava grávida. No sonho, não vira o rosto do homem no altar com Daniele. Ela voltou para o altar, lançando um olhar triste para Eduardo. Acordou com a movimentação de Joana que se virou para o outro lado, saindo de seus braços. Respirou fundo. Já estava na hora de levantar. A chuva estava quase cessando.

Olhou para ela. Parecia um anjo, repousara serenamente. Imaginou qual seria a reação do marido quando soubesse de tudo o que aconteceu. Eduardo não o deixaria fazer-lhe mal algum. Antes de tentar qualquer coisa contra ela ou a criança que esperava, teria que passar por cima do seu cadáver.



Saiu em direção à mata. Ainda estava garoando e teria que esperar mais um pouco antes de tentar reacender a fogueira. Subiu nas pedras e puxou os cestos. Durante a chuva a pesca fora farta. Quatro espécies de peixe estavam capturadas. Achou que foram os maiores que haviam conseguido.

Joana reclamara que estava enjoada de tanto comer peixe. Agora ele entendia por que se tornara tão exigente nas últimas semanas. Já tinha ouvido falar que mulheres grávidas enjoavam de certos alimentos. Ele teria que inventar alguma outra coisa para servir a ela. Mas o quê? Não havia nada além de peixes e frutas. Os pássaros! Revistou as arapucas, mas nenhuma ave saíra para se alimentar naquela chuvarada. Faria uma lança e tentaria pegar algum coelho, lebre ou coisa parecida que já tinha encontrado por ali mais de uma vez. Permaneceu espreitando durante horas seguidas. Não apareceu coelho algum. Estava com fome, mas não almoçaria se Joana não o acompanhasse.

Desceu até a orla e, para sua surpresa, ela já tinha reacendido o fogo debaixo do telhado improvisado com folhas de palmeira e estava limpando dois dos peixes das cestas.

– Oi! – disse ele, aproximando-se.

– Onde estava? Isto é uma lança? – Joana riu. Achou graça ao imaginar Eduardo correndo pela mata, tentando caçar sabe-se lá o quê.

– Qual é a graça? Estava tentando pegar um coelho para cozinhar para você. Eu ouvi quando disse que estava enjoada de peixe, mocinha. – disse ele, beijando-a no rosto.

Joana não reagiu. Recebeu o beijo como se a noite passada não tivesse existido. Queria que o sentimento de amizade prevalescesse entre eles, acima de qualquer outra coisa. Eduardo não pensava da mesma forma. A partir de agora queria que Joana agisse como sua mulher. Já que iam ter um filho, deveriam permanecer juntos. Fora essa a educação que recebera de seus pais. Era imprescindível que permanecessem juntos mesmo depois que saíssem dali. Estariam ligados por aquele elo pelo resto de suas vidas.

Comeram o peixe assado com mangas e laranjas na sobre-mesa. Não conversaram durante a refeição. O clima entre eles continuava pesado. Joana foi recolher os galhos, como fazia todos os dias. A chuva havia cessado completamente.

– Aonde você vai? – quis saber ele.

– Vou até a montanha, como sempre.

– Mas não pode fazer esforços! Aquela subida é muito forte para você no estado em que se encontra!

– Não seja bobo, Eduardo. Eu não estou doente. Posso continuar levando a lenha normalmente.

– Mas e se você desmaiar, como aconteceu ontem? E se eu estiver muito longe para ajudar?

– Isso não vai acontecer novamente. Eu prometo.

– Fique aqui que eu levo a madeira. Não conseguirei ficar tranquilo se você for.

– E eu faço questão de continuar agindo normalmente. Você já pensou se esta criança nascer antes de sermos resgatados?

– Nem diga uma coisa dessas!

– Mas e se acontecer? Exercício físico me fará bem. O parto ocorrerá com maior facilidade se meu corpo estiver preparado.

– Está bem. Mas eu vou com você. Não é seguro deixá-la sozinha, pois se algo de ruim lhe acontecer, eu jamais me perdorei.



As semanas seguintes correram normalmente. Eduardo não ousara mais tocar em Joana. Ela não lhe dera nenhum sinal se queria ou não continuar mantendo o que ele chamava de “romance”. Daquela noite em diante o tratara como um irmão, apesar de não ter esquecido os momentos íntimos que passaram juntos e que foram maravilhosos para ela. Joana estava certa de que fora apenas um momento de fraqueza, tanto dela quanto de Eduardo, e que servira somente para tirar-lhes o peso da consciência.

Dormiam juntos na caverna. Joana aninhava-se no peito de Eduardo e ele a aquecia. Os trabalhos o deixavam exausto, pois agora tinha que fazer quase tudo por ali. Joana ainda sentia muitos enjoos, o que a impedia de preparar as refeições. Eduardo a acompanhava até a montanha todas as manhãs e depois pescava, caçava, cozinhava, colhia frutas.

Joana reclamava. Não queria ser tratada como se estivesse

inválida. Sentia-se bem e não havia risco que ela já não tivesse enfrentado naquela ilha. Ainda não era hora de parar.

46- Falsas Esperanças...

Despertaram com um barulho estranho. Parecia que o céu cairia sobre suas cabeças. Eduardo saiu primeiro. Um avião sobrevoava a área. Estava longe demais para ver a fumaça da fogueira. Joana saiu em seguida. Os dois gritavam e pulavam na esperança de serem vistos e resgatados.

– Aqui! Ei! Estamos aqui! – gritavam.

Não foram vistos. Era a primeira vez desde que chegaram que haviam visto um avião. Joana desesperou-se.

– Não é justo! – gritava para Eduardo – Isso não podia ter acontecido! Tínhamos que chamar a atenção deles!

– Fizemos o que foi possível – respondeu Eduardo. Nem ele acreditava nas palavras que acabara de proferir. Eles tinham que ter feito algo mais chamativo. A aeronave passara a uma distância considerável, o que significava que não veriam mesmo a fumaça. Se fosse um avião de turismo, dificilmente se preocupariam com esse detalhe. Precisava pensar em algo mais fácil de ser identificado como pedido de socorro. Mas o quê? Não dispunham de qualquer material. O que podia fazer?

– Nós temos que sair daqui, Eduardo! Não quero ter meu filho aqui! – dizia ela entre soluços.

– Eu prometo que vou pensar em alguma coisa se você me prometer que ficará calma! Não pode se irritar, pense no nosso filho!

“Nosso filho!” Estas palavras a trouxeram de volta à realidade. Eduardo, esperançoso como sempre, explicava-lhe como era um bom sinal o que acontecera. Se um avião sobrevoava por ali, com toda certeza viriam outros. Prometeu-lhe que arranjaría uma forma

de serem vistos da próxima vez. Prometeu que a levaria de volta para casa.



Joana ficou aborrecida durante vários dias. Não com Eduardo, porque ele não tinha culpa de nada, mas consigo mesma, por não ter conseguido sair do navio em um bote, porque não sabia se Igor sobrevivera e por causa daquela gravidez inesperada e irresponsável à qual ela se permitira. Tinha pesadelos todas as noites e acordava aos gritos e encharcada de suor.

Voltara a pensar na reação de Igor e de Daniele quando soubessem que ela esperava um filho de Eduardo. Cogitou novamente a possibilidade de que a criança em seu ventre fosse de Igor e novamente achou que era quase impossível. Quis ter certeza de que ele a aceitaria de volta, mesmo sabendo que ela o tinha traído com Eduardo. Pensou na noiva de Eduardo, se ela o receberia de volta. Era provável que não. Só o que lhe importava era Igor, e nessas alturas, já o teria perdido. Não queria ser a causadora da infelicidade de Eduardo e nem de Daniele. Voltaria para o interior, se seu pai lhe perdoasse. Lá era o lugar ideal para criar seu filho, em contato com a terra e a natureza. Não exigiria que Eduardo assumisse a paternidade. A criança seria sua responsabilidade, só sua e de mais ninguém. Viveria para ela.



Eduardo finalmente teve uma ideia que podia tirá-los dali. Já que não conseguira construir uma jangada, escreveria um pedido de socorro na areia. Faria letras enormes e assim que alguma aeronave passasse, mesmo que a uma distância considerável, veria sua súplica e enviaria ajuda. Chamou Joana e comentou seu plano. Como sem-

pre, ela concordou. Dizia que não tinham outra opção. Eduardo não gostava dessa frase “sem outra opção”, mas mesmo assim Joana a repetia com frequência. Cavou na areia, formando enormes letras. SOS era a mensagem.

– Mas, como vamos saber se lá de cima dá pra ver o que está escrito? Precisaríamos de tinta colorida para chamar a atenção de alguém que passasse a quilômetros de altura.

– Você tem toda a razão – concordou ele, desanimado. – E de qualquer forma, quando a maré sobe durante a noite, as letras são apagadas mesmo. Se escrevermos mais longe da beira-mar, ficarão encobertas pelas copas das árvores e invisíveis da mesma forma.

Ele baixou a cabeça e sentou-se no chão. Não havia pensado nisso antes, mas Joana estava certa. “Que ideia mais absurda!”, decepcionara-se mais uma vez. Joana sentou-se ao seu lado. Queria consolá-lo, mas não sabia o que dizer. Passou os braços em volta do pescoço dele.

– E se colocássemos folhas verdes dentro das valetas? Será mais fácil de visualizá-las lá de cima.

– É, talvez fosse mesmo, mas ainda teríamos que nos preocupar com a maré.

– E se usássemos pedras ao invés de folhas?

– Pedras? – espantou-se Eduardo. Como não pensara nisso antes? É claro que pedras poderiam ser vistas do céu e se procurasse umas bem grandes, a maré não as carregaria. Ele segurou o rosto de Joana com as duas mãos e beijou-a.

– Joana, você é brilhante! – e correu eufórico mata a dentro, para encontrar pedras. Novamente uma fagulha de esperança brotava nos olhos de Eduardo. Tinha certeza de que dessa vez conseguiri-

am. Só desejava que o próximo avião não demorasse muito a aparecer.

47- O Herdeiro...

A barriga de Joana já era notável. Deveria estar com mais de quatro meses de gestação. Sentia-se bem, a não ser por pequenos sangramentos que ocorriam de vez em quando. Eduardo tinha muito medo de que ela perdesse o bebê. Sabia que nesses casos, geralmente, as mulheres precisavam de cuidados médicos apropriados. Não podiam correr o risco.

Na última semana, quando o sangramento mais forte ocorreu, Eduardo convenceu-a a permanecer em repouso durante a maior parte dos dias. Ela continuava insistindo em que o exercício lhe faria bem. Apesar de a gravidez ter ocorrido de uma forma jamais imaginada, era seu filho que estava ali e não podia arriscar sua vida.

Eduardo já conseguira pedras grandes o suficiente para escrever seu pedido de socorro. Faltavam apenas duas e estaria feito! Levava vários dias para concluir sua obra. Desta vez, ele tinha certeza de que daria tudo certo e que alguém, enviado pelos deuses, apareceria nos céus para resgatá-los.



Joana também estava entusiasmada. Pela primeira vez se deixara contagiar com a excitação de Eduardo. Estava quase convencida de que a tentativa não seria em vão. Ao mesmo tempo em que não pretendia alimentar falsas esperanças, também não podia se deixar vencer pelo desânimo.

O sinal fora gravado numa língua universal. Todo o mundo sabia o que significava SOS, apenas esperava que não demorassem demais. Já tinha perdido a noção do tempo em que estava presa na-

quele lugar. Quando voltasse, a primeira coisa que faria era ir a uma lanchonete e se entupir de bolo de chocolate. De todos os alimentos, o que ela mais desejara depois de engravidar, era o chocolate. Sua boca ficava cheia d'água, só de pensar na delícia.

– Eduardo, qual será a primeira coisa que fará quando chegarmos a casa?

– Não pensei ainda – respondeu ele.

Não era verdade. Toda a noite antes de dormir, ele pensava no que faria quando voltasse para casa. Tantas coisas que gostaria. Sua alma não estaria em paz enquanto não recebesse o abraço e o beijo carinhoso que a mãe costumava lhe dar. E Daniele... Como ele queria que tudo ficasse tão bem quanto era antes! Ainda queria casar-se com ela. Estava preparado para isso se ela o perdoasse e se aceitasse seu filho com Joana.

Quando lembrava que teria que enfrentar tal situação, chegava a pensar em não sair dali nunca mais. Diria para o resgate levar Joana embora, mas que o deixassem ali. Por outro lado, estaria se lançando à morte e assim jamais tornaria a ver Daniele. E tampouco veria seu filho nascer. Quis afastar esses pensamentos de uma vez por todas.



Mais quinze dias e finalmente um avião sobrevoava os arredores da ilha. Joana e Eduardo saíram da caverna. Gritaram e acenaram novamente, como fizeram na primeira vez. Não sabiam há quanto tempo estavam ali, mas Eduardo acreditava que já fazia uns cinco meses. E pelo tamanho da barriga de Joana, estava correto. Era o segundo avião que viam desde que chegaram. Isso significava que o local não fazia parte de nenhuma rota convencional. As duas aero-

naves que viram eram semelhantes e podiam até mesmo pertencer à mesma pessoa. Pelo que ele pôde notar, parecia um pequeno jato particular. Não era um grande Boeing comercial, isso era claramente notável. Outra vez não perceberam o sinal de socorro. Mais uma decepção. Joana não disse nada, apenas entrou na caverna. Outro sangramento começara.

– Tudo bem? – perguntou Eduardo.

– Eu estou sangrando novamente. Com um pouquinho de cólica também.

– Não se preocupe com nada. – tentou acalmá-la. – Virão outros, e até lá, eu cuidarei de você. Estamos juntos, lembra?

– É claro. Não tenho como esquecer – respondeu. Eduardo não entendeu se isso era bom ou ruim. Sabia que os sangramentos e agora as cólicas de Joana eram consequência do nervosismo que sentia a cada tentativa frustrada de sair da ilha. Ela precisava de ajuda médica. E de auxílio psicológico também.

– Eu sinto muito – desculpou-se ele. – Não queria que você estivesse passando por isso. Não devia ter bebido naquela noite. Perdoe-me, Joana.

– Eu não posso perdoá-lo, não o considero culpado de nada. Foi uma escolha feita por nós dois.

– Ou por nenhum de nós – completou.

Seguiu até a caverna e pegou o pequeno tocador de música. Ligou-o para que ouvissem novamente aquela que agora era a sua música. Seria inevitável lembrar-se de Joana e daquela ilha toda vez que a ouvisse tocar, mesmo que por algum motivo, estivessem longe um do outro. Ele tinha certeza de que ela pensara da mesma forma, desde o dia em que ligaram aquele pequeno rádio pela primeira vez.

Sentou-se ao seu lado e ficaram ambos apreciando a canção que pairava no ar:

*"...Baby você é a forma perfeita
Baby você é o peso perfeito
Me trate como se fosse o primeiro e único
Eu quero isto deste modo, eu quero isto*

*Diga-me que você não quer que eu pare
Diga-me que isto partiria seu coração
Que você me ama com todos os meus defeitos*

*Que você quer me amar, agora
Você quer pegar fogo comigo
Eu amo ouvir você dizer isto
Isso faz um homem se sentir bem, baby
Você pode me dizer isso todas as manhãs..."*

Não jantaram aquela noite. Joana ainda não se sentia bem. Estava com um mal-estar, era como se alguma coisa grave fosse acontecer a qualquer momento. Temia pela vida do filho e pela sua própria. A tensão era muito grande. Eduardo não sabia se aguentaria por mais tempo. Começava a perder a motivação. Estava assim ab-sorto, quando por uma fenda entre as pedras da caverna pensou ter visto um clarão. Não deu atenção. Deveria ser o reflexo do fogo tremeluzindo na areia.

- Acho que ouvi alguma coisa – disse Joana.
- Eu vou lá fora ver o que é.

– Não vá! Pode ser perigoso! – pediu ela, segurando o braço de Eduardo.

– Não seja boba. Não deve ser nada.

– Não me deixe sozinha aqui, por favor. – Ele entendeu sua preocupação. Recostou-se novamente, acolhendo-a em seus braços.

Um apito estridente quebrou o silêncio da noite. O susto fez com que ela se contraísse. Não podia acreditar! Um barco se aproximava da ilha. A luz que viram era o farol iluminando o caminho da embarcação. Queriam gritar e acenar, tal a felicidade, mas não conseguiram. A luz forte os cegara momentaneamente. O navio vinha em direção à praia.

TERCEIRA PARTE

48- Milagre...

 Os dois irmãos seguiam em silêncio no pequeno jato. Cada qual imerso nos próprios pensamentos. Sobrevoavam o oceano, observando as paisagens. As ilhas praticamente intocadas, ainda conservavam a natureza na sua forma mais pura. As águas limpas e despolidas faziam daquele cenário a visão do paraíso.

Ambos mal podiam acreditar que estivessem indo agora buscar o cadáver de seu pai. Era uma grande perda para todos. Ele sempre fora um homem admirado. Tanto por seus funcionários, quanto por sua família e amigos. Tinha um caráter admirável, do tipo que é difícil encontrar.

Antônio não queria abandonar sua vida de aventuras para se “embrenhar no meio do mato e passar o resto de seus dias criando vacas”, como ele sempre dizia. Pretendia vender a parte que lhe pertencia e investir em outros ramos.

Carlos não concordava. Não podia deixar que o irmão se desfizesse daquilo que fora o projeto de vida do pai. Queria deixar tudo como estava e se fosse preciso, ele abandonaria a medicina para administrar as fazendas.



Antônio julgou ter visto fumaça no topo de uma montanha. “Será que é alguma tribo indígena? Nunca ouvi falar que havia índios por aqui.” pensou. Mudou de poltrona para outra onde pudesse observar melhor a orla da praia. Percebeu um certo movimento, mas não conseguia definir se eram pessoas ou animais.

– Carlos! – chamou – Carlos! Olhe lá em baixo. Será que são índios?

– Não seja tolo, Antônio. Não existem índios vivendo por estas bandas. Devem ser animais. – O rapaz consentiu com a cabeça, mas continuou observando, enquanto o avião se distanciava. O irmão deveria estar certo, a fumaça certamente era proveniente de alguma queimada causada por um raio. Olhou para o céu e viu que o sol brilhava forte e era impossível a ocorrência de raios, com toda certeza.

– Mas como pode haver fogo se não houver ninguém na ilha? – perguntou intrigado.

– Que fogo, Antônio? Você está muito chocado com a morte do papai. Está delirando – disse Carlos.

Antônio continuou calado pelo resto da viagem. A possibilidade de haver índios morando por ali, não lhe saía da cabeça. Queria descobri-los. Seria o primeiro a encontrar uma tribo desconhecida, talvez pré-histórica. Ficaria famoso e todos se orgulhariam dele. Voltaria àquela ilha, por bem ou por mal, mas agora teria que concentrar-se. Ainda havia muitas providências a serem tomadas para o funeral do pai.

Os irmãos precisaram ficar alguns dias longe de casa. A burocracia era muito grande. Antônio só pensava na ilha. Queria sair logo dali, enterrar o pai e voltar para sua vida. Estava abalado, mas sabia que nada podia fazer para mudar a dura realidade que se apresentava.

Quando finalmente conseguiram preencher todos os formulários, reunir toda a documentação e pagar todas as taxas que lhe foram impostas, além de adquirirem as urnas necessárias para trans-

portar o cadáver, puseram-se de volta para casa.

Durante o percurso, Antônio entrou na cabine. Não resistiu e fez um breve pedido aos pilotos.

– Poderíamos voltar pela mesma rota em que viemos?

– Sim, mas lhe asseguro que esse procedimento retardará a chegada. É mais conveniente que voltemos pelo norte desta vez.

– Eu insisto. Quero sobrevoar uma das ilhas pela qual passamos. Acho que vi alguma coisa lá em baixo.

– Fumaça? – perguntou o co-piloto.

– Vocês também notaram?

– Sim. Estranhamos isso. Estávamos acostumados a fazer esse mesmo percurso com seu pai e nunca vimos nenhum sinal de civilização nessas ilhas. Pode ter sido algum incidente natural.

– É, pode sim. Mas acho que vi pessoas na praia. Vamos sobrevoá-las de novo, por favor.

– Tudo bem. Vou contatar a torre e ver se o caminho está livre.

– Obrigado – agradeceu Antônio e voltou para sua poltrona de onde poderia observar melhor.

Logo estavam sobrevoando o arquipélago. O rapaz olhava atentamente cada uma das pequenas ilhas pelas quais passavam. Ainda não localizara nenhum sinal de fumaça. Talvez tivesse mesmo sido um incidente natural ou fora sua imaginação. Admitia que estivesse perturbado com a morte de seu pai e que isso poderia ter afetado sua mente, causando a falsa impressão de ter visto pessoas na praia.

Mesmo assim, seguiu olhando atentamente. Ao menos podia aproveitar a visão paradisíaca daqueles lugares.

Uma nuvem escura se apresentou no horizonte. Ele tinha certeza. Era o exato local onde vira a fumaça. Correu de novo para junto dos pilotos.

– Olhem! Era ali, não era? A fumaça vinha daquela ilhota!

– É, acho que era mesmo. Antônio perguntou se poderiam sobrevoá-la mais de perto.

– Senhor, acho que não é conveniente...

– Por favor, estamos tão perto.

– Seu irmão não vai gostar nada disso.

– Ele nem vai perceber – encerrou a conversa.

Carlos logo percebeu a mudança súbita de rota. Não era possível que Antônio não sossegasse nem ao menos sobre o cadáver de seu pai. Era um desrespeito absurdo!

– Ei! o que estão fazendo? – perguntou aos pilotos.

– Seguindo as ordens de seu irmão, senhor. Já avisamos à torre de comando, mas se o senhor quiser...

– Não, obrigado – interrompeu ele, saindo da cabine.

– Antônio, você ficou maluco? O que você pensa que está fazendo? Por acaso é alguma piada? Porque se for, não tem a menor graça!

– Não, Carlos, não é nenhuma piada. Eu vi pessoas lá embaixo e...

– Você está doente, Antônio! Está precisando de um psiquiatra para tratar da sua obsessão. Você está enlouquecendo!

– Carlos, me poupe do seu discurso. Eu só quero sobrevoar aquela ilha de novo, é só isso! Será tão difícil assim? Você não poderia ao menos guardar sua opinião para si mesmo?

– Não é uma questão de opinião! É uma questão de respeito!

Respeite os restos mortais do papai, seu imbecil! Volte outro dia, se quiser!– arrematou ele, partindo para cima do irmão, como se fosse travar uma luta de vida ou morte.

– Pare com isso, Carlos! Violência agora não vai nos levar a nada! – respondeu Antônio, sem revidar as ameaças de agressão, apenas segurando os punhos de Carlos.

– Meu Deus do céu! – exclamou Carlos repentinamente, olhando através da janela onde estava Antônio – O que é aquilo?

Antônio soltou os pulsos do irmão e virou-se. Não podia acreditar! Seus índios, seguramente não eram índios de verdade. O que viam lá embaixo era um grande pedido de socorro, escrito na areia da praia, com pedras.

– SOS! – sussurrou Carlos. – Você estava certo! O que faremos?

– Vamos ajudá-los!

– Mas não temos como pousar aqui, o que faremos? – repetiu Carlos.

Os dois saíram da janela e se dirigiram ao piloto:

– Vocês viram aquilo?

– Sim, nós vimos – respondeu o co-piloto.

– Onde podemos pousar? Tem algum aeroporto por perto? Precisamos mandar ajuda o mais breve possível.

– Não podemos descer por aqui, senhor. O aeroporto mais próximo fica a mais de duzentos quilômetros daqui. Vou anotar as coordenadas e pedir que enviem ajuda.

– Faça isso – disse Carlos.

Antônio queria estar junto quando o resgate chegasse. Queria muito saber quem estava ali e como viera parar naquele lugar deser-

to. Ficou na cabine por mais alguns instantes. Pediu ao piloto que anotasse as coordenadas do local em um pedaço de papel. Guardou-o no bolso da calça. Ele viria pessoalmente resgatar quem quer que fosse.

– Foi o papai quem nos trouxe até aqui. Ele queria que salvássemos aquelas pessoas. – Antônio calou-se por alguns minutos. – Carlos, permita que eu mude mais um pouquinho a rota de nossa viagem. Quero pousar perto do porto, onde eu mesmo avisarei à marinha e acompanharei o resgate se for preciso.

– Não posso negar seu pedido. Peça para o piloto consultar a torre de comando. Se for possível, deixaremos você perto do porto. Aquelas pessoas precisam de nossa ajuda. Papai não se importará de esperar mais algumas horas, não é mesmo?

– Obrigado – respondeu Antônio, apertando a mão do irmão e puxando-o para um forte abraço.

49- Resgate...

Antônio estava aflito e curioso. Dentro de alguns minutos estariam chegando e saberia qual era a missão para qual seu pai lhe enviara. Formulava milhares de possibilidades, mas a mais provável era de que um acidente aéreo tivesse vitimado os tripulantes, deixando-os presos ali. Com certeza também haveria mortos, corpos de pessoas dadas como desaparecidas.

Já tinha anoitecido e a escuridão fez com que o rapaz ficasse desorientado.

– Estamos mesmo na direção certa? – perguntava ele a todo o momento. Mais alguns minutos e já pôde ver a luz das chamas na areia. Seria aquela a fumaça que vira lá do céu? Imaginou que não, pois esta era uma fogueirinha pequena demais para ser vista de tão longe.

O farol iluminava toda a orla, mas não se podia ver nenhum sinal de vida. Estava claro que alguém estava abrigado ali, no meio da mata, quem sabe. De fato teriam que procurar.

Antônio observou o pedido de socorro feito com pedras, que ainda estavam postas ordenadamente na areia. Assim que o som do apito do navio se propagou, duas pessoas saíram de uma pequena caverna na lateral direita da praia, quase no final da faixa de areia que se estendia em torno da mata densa. Protegiam seus olhos da forte luz do farol da embarcação, de modo que Antônio pediu que fosse desligada. O comandante não o atendeu, pois teriam que desembarcar em botes infláveis e efetuar manobras difíceis na escuridão. Também precisavam se certificar se havia algum ferido e, se

houvesse, tinha de prestar-lhe os primeiros atendimentos ali mesmo. Precisariam de luz.

Antônio desceu logo no primeiro bote. Aproximou-se dos dois. Uma mulher grávida e um rapaz. Realmente era um milagre! No primeiro momento eles recuaram, mas em seguida Eduardo quebrou o silêncio.

– Precisamos de ajuda! Quem são vocês?

– Fiquem calmos, somos da marinha! – respondeu o comandante.

– Graças a Deus! – sussurrou a mulher, abraçando o rapaz – Nós conseguimos!

– Sim, querida, nosso filho não vai nascer aqui! – disse Eduardo.

Joana não pôde conter a emoção. Começou a chorar. Pensara mesmo que nunca mais sairia daquela ilha. Tinha medo de morrer ali e nunca mais voltar a ver sua família e o amor que deixara para trás e agora que estava tão perto de conseguir, estava com muito medo.

O médico da embarcação examinou-a ali mesmo. O sangramento voltara, provavelmente pela forte emoção que estava vivendo. Foi carregada às pressas para dentro do bote.

Eduardo também foi examinado, mas antes de entrar, foi até a caverna e pegou alguns dos objetos que guardaram durante o tempo em que ficaram na ilha.



Embarcaram no navio. Antônio contou para Eduardo como os tinha encontrado e este explicou sobre o naufrágio. Os marinheiros anotaram seus nomes e se encarregaram da tarefa de procurar suas famílias.

– Náufragos! Isto é incrível! Nunca imaginei essa possibilidade, embora tenha formulado várias teses para o SOS que escreveram na areia.

– Sinto muito pelo seu pai – disse Eduardo.

– Está tudo bem. Acho que foi ele quem me mostrou onde vocês estavam. Acho que este era o meu destino. E o de vocês também.

– Pode ser que sim. Tudo o que eu queria era tirá-la daqui antes do parto. Tive muito medo de que não sobrevivesse.

– Estão casados há muito tempo?

– Não somos casados – respondeu Eduardo.

Antônio não fez mais nenhuma pergunta. Já tinha sido muito indelicado perguntando sobre a relação pessoal dos dois. Aquele era um assunto que nada tinha a ver com sua missão. Era melhor deixar isso para lá. Entrou na cabine onde Joana estava ainda sendo medicada.

– Ela está bem? – perguntou para um dos homens que a atendiam.

– Sim, ela é forte! Se ela resistiu até agora, vai conseguir levar a gravidez adiante. Está tudo bem com a criança também, só precisará de algumas vitaminas. O susto já passou!

Joana não perguntou sobre sua saúde, mas ficou satisfeita com a resposta dada a Antônio. Já ouvira também os comentários de que Eduardo estava um pouco desnutrido, mas ficaria bem. Serviram-lhe uma sopa bem leve. Joana devorou-a e pediu para repetir. Não deixaram. Alegaram que seu estômago estava desacostumado com os temperos e deveria ir com calma. Acatou a sugestão.

Eduardo quase não se alimentou. Estava excitado demais.

Não via a hora de ter Daniele em seus braços de novo. Pretendia atirar-se nos braços dela, como da primeira vez, quando se conheceram. Riu ao pensar nisso. Logo seu pensamento mudou de rumo, para o marido de Joana. Como ele a receberia? “O que eu fiz? Acabei com a vida dos dois”, pensou. Imediatamente esse pensamento encheu sua alma de amargura e culpa. Dirigiu-se até a cabine, onde ele e Joana passariam a noite juntos.

– Perdoe-me – pediu ele, com os olhos cheios d’água – Quero que saiba que aconteça o que acontecer, eu estarei ao seu lado, sempre.

– Não me peça que o perdoe, Eduardo. Você não me obrigou, eu quis também. Como será daqui para frente?

– Eu estarei com você. Independentemente de qual seja a reação de Daniele ou do seu Igor, ficarei ao seu lado. – Beijou o rosto da garota e aconchegou-se ao seu lado.

Em breve estariam em casa.

Eduardo não dormiu. Sua tensão aumentava a cada instante e quanto mais perto de casa chegavam, mais preocupado ficava. Não queria alarmar Joana, zelava por sua saúde, mas estava sendo muito difícil se controlar. Durante todo o tempo em que estiveram juntos, ela parecia conhecer a sua alma. Não poderia enganá-la, não conseguiria representar para ela.

Estava suando frio. O dia clareava lá fora e a qualquer momento estariam desembarcando no porto da marinha. Antônio bateu à porta e pediu para entrar. Eduardo levantou-se e abriu-a.

– É então? Como estão se sentindo?

– Podemos conversar lá fora? – pediu Eduardo.

– É claro. Siga-me, por favor – respondeu Antônio cordial-

mente. Eduardo o seguiu até a proa, onde já se podia avistar a faixa de terra no horizonte. Suas pernas estremeçeram.

– Está se sentindo bem? Quer que chame ajuda? – perguntou Antônio ao perceber que Eduardo suava frio.

– Não, obrigado. Eu estou bem. Só o chamei aqui para fora porque gostaria de saber quem vocês avisaram sobre nós e acredito que Joana não está em condições de preocupar-se com isso.

– Está certo. Não sei se encontraram seus familiares, mas ouvi alguém falando sobre o marido da moça.

– Deus do céu! – Eduardo sentiu seus olhos escurecerem. Antônio o amparou para que não caísse.

– Nossa! Você está muito fraco! Sente-se aqui! – disse ele apontando para um banco encostado no parapeito lateral.

– Eu estou bem, mas temo por Joana. O filho que ela está esperando é meu. Isso não pode estar acontecendo...

– Você terá que ter muita calma, agora. A situação é delicada demais.

– Eu sei. Desculpe-me, eu não devia tê-lo aborrecido com esse assunto. Mas é muito bom ter um amigo de novo para conversar.

– Eu entendo. Isso não é aborrecedor, absolutamente. Pode contar comigo. Eu o ajudarei no que for preciso.

– Obrigado, mas acho que não há nada que possa fazer a não ser me ouvir.

– Então me conte. Como tudo aconteceu?

Eduardo contou a história toda, desde que embarcara com Daniele no Seablue. Antônio ouviu tudo em silêncio, sem interrompê-lo. Quando Eduardo terminou, o rapaz lhe pediu que aguardasse um momento. Foi até o comandante e voltou em seguida.

– E então? – perguntou Eduardo.

– Sim, o marido já foi avisado. Parece que ficou muito eufórico com a notícia, como já era de se esperar.

– Qual será sua reação quando a vir? A barriga já está bem saliente, não há como esconder a gravidez para ganhar tempo.

– Isso só pioraria as coisas. Se ela lhe contar a verdade, pode ser que ele a perdoe, mas se souber que, ainda por cima mentiu para ele, sua honra ficará ferida e daí será mesmo muito difícil conseguir seu perdão.

– Talvez você tenha razão. Eu não estou conseguindo raciocinar direito.

– E quanto à Joana? O que ela pensa sobre o assunto?

– Até agora não disse nada a respeito. Eu não quero tocar nesse assunto com ela. Como já disse, não posso deixá-la mais nervosa do que já está. Temo pela vida de meu filho e pela dela também.

– Você a ama? – perguntou Antônio abruptamente. Eduardo olhou-o de relance sentindo as lágrimas subirem-lhe aos olhos.

– Eu realmente não sei. – Ficaram calados e permaneceram onde estavam, até bem perto do porto. Eduardo via grande movimentação de pessoas onde o navio atracaria. Sentiu seu sangue congelar dentro das veias. Sua boca secou completamente. Chegara o momento tão esperado e ao mesmo tempo tão temido!

50- A Notícia...

Mais de cinco meses de espera e nenhum sinal. Daniele já não pensava mais em Eduardo, como antes. Seu coração se conformava aos poucos com a morte do noivo. Raphael, sempre companheiro de todas as horas, ainda se mantinha forte ao seu lado. Apresentava-se à delegacia de polícia uma vez por semana agora. Estava impedido de sair da cidade, mas tudo de que precisava estava ali mesmo: Daniele.

Acabara se envolvendo demais, como nunca imaginara. Encontrava-se completamente apaixonado, embora ela nunca tivesse lhe dado esperanças e mostrasse sempre como Eduardo ainda estava vivo dentro dela. Mas Raphael era paciente. Não apressaria as coisas e os poucos beijos que roubava, vez ou outra, já eram o suficiente para saciar essa paixão.

Rudson e Brigitte estavam namorando. Daniele estava feliz pelo pai e fazia muito gosto que voltasse a se casar. Tinha certeza de que Brigitte não era uma irresponsável e sabia que ela era a pessoa certa para fazer seu pai feliz. Ainda não haviam falado em casamento, mas Rudson pediria a mão de Brigitte há alguns meses. Suas vidas estavam tomando um rumo inesperado.

Igor ajudava como podia nas escolas de música, agora administradas por Rudson. O leilão do violino fora um sucesso. Mais de cinco milhões foram injetados nas escolas, o que possibilitou a compra de imóveis e livrou as filiais dos aluguéis. As doações agora eram suficientes para manter cada uma delas nas doze comunidades carentes. Vários voluntários da ONG se engajavam no auxílio e re-

cuperação de jovens viciados.

Igor preferiu trabalhar com as crianças. Vendeu a lanchonete e agora se dedicava exclusivamente à educação física. Chegara a começar um curso superior para aperfeiçoar seus conhecimentos na área. Continuava sozinho e acreditava fielmente que Joana voltaria. E era com alegria, que ele a esperava. Guardaria seu coração para ela ou nunca mais seria de nenhuma outra mulher. Durante esses meses de solidão e muitas vezes de desespero, Igor se recusava a aceitar a morte de Joana. Os integrantes da ONG chegaram a convencê-lo a consultar um psicólogo, e até um psiquiatra, porém ambos garantiram que não havia nada errado com a saúde mental do rapaz.

– Não existe problema em se ter esperança. Nós também deveríamos tê-la. – foi a resposta do último médico que atendera Igor em seu consultório.

O naufrágio certamente deixara sequelas em todos, naquela sexta-feira sombria, no entanto, tempo curaria a ferida de Igor, assim como de todos os outros.

O vestido de casamento de Daniele ainda estava guardado em seu quarto. De vez em quando ela olhava para ele e sentia a presença de Eduardo, como nos velhos tempos. Seu único e verdadeiro amor, para a vida inteira. Ele fazia muita falta e ela sabia que seria assim ainda por muito tempo. Seu coração só tinha um pouco de paz quando estava com Raphael. Apesar de não estar apaixonada por ele, sua voz e suas palavras confortavam sua alma. Talvez já estivesse na hora de seguir o conselho de seu pai.

– Minha filha, você tem que continuar a sua vida! O que aconteceu foi uma grande tragédia que não tem mais volta. Por que não dá uma chance a esse rapaz? Não foi ele quem salvou sua vida?

Você lhe deve esta chance! – insistia.

Ela não cogitava essa possibilidade, de forma alguma, mas agora, depois de tanto tempo, não seria mais um disparate pensar em Raphael como homem e não mais como o irmão mais velho que ela nunca teve. Com certeza, não era isso que ele gostaria de ser.

Daniele tirou o vestido do manequim. Abraçou-se a ele pela última vez e guardou-o dentro de uma caixa redonda. Iria doá-lo para alguma pessoa que não tivesse dinheiro suficiente para realizar o sonho de ter um daqueles. Pessoas carentes por ali não faltavam.

Estava sozinha em casa. Seu pai havia saído com Brigitte, talvez para um cinema, talvez para um jantar, ela não sabia exatamente. O telefone não parava de tocar, mas ela não quis atender. Estranhou a insistência, mas mesmo assim, não queria ser incomodada. Seu celular tocou logo em seguida, de forma que poderia ser a mesma pessoa. “Talvez seja um recado urgente”, pensou. Teria acontecido algo a Raphael novamente? Tirou o celular da bolsa, mas quando foi atender, já haviam desligado.

Reconheceu o número, era a mãe de Eduardo. Só poderia ser alguma outra missa pela alma do filho. Certamente. Daniele não queria mais rezar, estava cansada de tanto pedir e tinha certeza de que não seria atendida. O celular voltou a tocar. Ela o atenderia e finalmente diria para a mulher que não ajudaria a organizar mais nenhuma missa pela alma do finado noivo.

– Daniele? – perguntou a voz do outro lado da linha. Não era a mãe de Ed, parecia uma mulher mais jovem.

– Sim, sou eu mesma – respondeu ela.

– Você não me conhece, eu sou vizinha dos pais de Eduardo.

Desculpe-me, a mãe dele queria lhe dar a notícia pessoalmente, mas

não teve tempo...

– Notícia? – interrompeu ela. Seu coração parou por um instante. A voz continuou.

– Acharam o Eduardo, e ele está vivo!

– O quê? Não pode ser! Essa brincadeira não tem graça nenhuma! – respondeu ela e desligou o telefone.

Logo se arrependeu pensando na idiotice que tinha acabado de fazer. Sabia que aquele era mesmo o número do telefone da casa dos pais de Ed, mas mesmo assim achou que poderia ser uma brincadeira de mau gosto. “Mas o que foi que eu fiz?”, pensou. Juntou seu celular de cima da cama e discou imediatamente. A mesma mulher atendeu.

– Senhora... Desculpe-me... Eu não queria...

– Está tudo bem, não se preocupe, não devia ter lhe avisado assim, por telefone – interrompeu a mulher.

– Então é mesmo verdade?

– É claro que sim! Os pais foram levados até o porto, onde o navio que o resgatou atracará em algumas horas.

– Onde? Para onde o levarão?

– Eu não sei. Todos saíram muito depressa e não deu tempo de perguntar muita coisa. Apenas me pediram que avisasse você e seu pai.

– Está bem... e muito obrigada! Agora preciso desligar. Obrigada de novo.

Daniele desligou o celular, ainda incrédula. “Não pode ser!” pensava, enquanto tentava discar o número de seu pai. Seus dedos não obedeciam, tremiam demais. Finalmente conseguiu, mas estava obviamente, desligado. Chegou a discar o número de Igor, mas des-

ligou antes de ouvir o sinal chamando. Certamente o fato de Eduardo ter sobrevivido aumentaria suas esperanças de encontrar Joana e isso não seria bom para ele.

Resolveu chamar Raphael. Ele ainda tinha bons contatos na marinha, que podiam ajudá-la a descobrir para onde Eduardo seria levado. Descartou essa ideia também. Não queria partir o coração de Raphael. “O que estou pensando?” repreendeu-se. Largou o celular e começou a caminhar de um lado para o outro da casa. Teria que esperar a volta de Rudson, o que seria uma eternidade para ela.

51- Chegada...

Igor mal podia conter-se. Sabia que ela voltaria, tinha algo dentro dele que lhe dava certeza absoluta e agora, enfim sua suspeita tornara-se realidade! Não suportava mais a espera. O gigante já se mostrava no horizonte, mas a impressão que se tinha dali era de que não se movia. Ele andava para lá e para cá na calçada.

Outras pessoas foram trazidas até o cais, entre eles, um casal que parecia ansioso pela chegada do navio. Igor queria puxar conversa e perguntar-lhes o que faziam ali, mas achou melhor manter-se em silêncio. Os pais de Joana não tinham sido comunicados, com certeza, caso contrário, já teriam vindo também. Seria Igor quem levaria a surpresa até eles e depois disso, o pai de Joana não teria coragem de lhe negar o perdão tão esperado.

Igor já não disfarçava sua agonia, tentava telefonar para Rudson para contar a novidade e pedir que ele o acompanhasse, mas não conseguia. Teria que segurar seu sentimento sozinho. Agora já podia ver a embarcação nitidamente e os marinheiros que acenavam para os repórteres que estavam contidos atrás de uma barreira policial. Não entendia por que tinham comunicado a imprensa, a marinha se preocupava mais com a fama do que com a privacidade das famílias e das vítimas.

O casal parecia também aflito. Igor não fora avisado se mais alguém tinha sido encontrado, mas parecia mesmo que aqueles dois eram pais de alguém que estava chegando. Podia ouvi-los conversando. Aproximou-se um pouco, mas foi interrompido por um policial que pediu para que permanecesse onde estava.

Passaram-se mais alguns instantes e o apito soou fortemente. Chegara o momento tão esperado! Uma espécie de passarela foi posta da saída da embarcação até o cais. Os marinheiros desceram, formando barreira, protegendo os resgatados dos fotógrafos e curiosos. Um rapaz louro, muito bronzeado, foi trazido pelo braço por um dos marinheiros. Ele olhava para trás como se não quisesse descer ou se estivesse esperando por alguém. Foi levado para um departamento da marinha, seguido pelo casal que o estava esperando. Os fotógrafos e repórteres seguiram-no.

Demorou mais um bom tempo, o suficiente para o coração de Igor disparar. Temia que Joana estivesse ferida ou doente, pois teve a impressão de ter visto um médico subir às pressas até o convés. Ele queria subir e ver o que estava acontecendo, mas não conseguia passar pela barreira à sua frente. Não era justo que a perdesse, logo agora que estava tão perto! Chorou como criança, sentou-se à beira da calçada e apoiou a cabeça com as duas mãos.

Quando levantou os olhos, percebeu que uma mulher vinha descendo, amparada por dois homens, um marinheiro e outro sem uniforme. Os longos cabelos castanhos, soltos, cobriam-lhe a face e não deixavam dúvidas: era Joana! Levantou-se e correu ao seu encontro, no final da passarela.



Quando ela o viu ali a sua espera, tentou recuar, mas foi impedida pelos homens que a seguravam. Estava chorando, tanto quanto Igor. Vestia um largo vestido cor-de-rosa amarrotado, que lhe cobria os joelhos.

Aproximaram-se, e Igor notou que ela estava pálida, parecia que desmaiaria a qualquer momento. Quando segurou o corpo dela

e puxou-o para junto do seu, num abraço caloroso, já sentiu seu ventre avantajado. Imediatamente afastou-a de si. Joana segurou a barriga com uma das mãos, lançando um olhar piedoso para Igor. Ele abraçou-a novamente, desta vez com mais cuidado.

Ela olhou para dentro da construção, onde Eduardo sorria e conversava com os pais. Queria falar com ele, estar com ele, mas sabia que era impossível. Não viu Daniele, temeu que ela não tivesse sobrevivido.

– Joana... Eu pensei que a havia perdido, para sempre... – sussurrou.

Um grande alívio tomou o coração de Joana. Esperava que quando Igor soubesse da gravidez, deixá-la-ia de imediato.

– Eu também – respondeu. – Onde estão meus pais?

– Eu acho que não conseguiram avisá-los a tempo. Seu pai quase me matou quando você... – ele ia dizer “quando você morreu”, mas interrompeu a frase. Joana não disse mais nada.

Estava com cólicas e agora elas estavam mais fortes. Mal podia caminhar e foi socorrida por uma ambulância que já a aguardava no porto. Igor foi com ela até o hospital. O sangramento voltara e desta vez, não parecia ser tão simples quanto nas outras.

Igor não acreditava que ela teria chegado tão perto e agora... Não pensaria mais nessa hipótese. Se ela tinha conseguido sobreviver desde o acidente, não iria deixá-lo sozinho agora, não era justo. Ainda mais com um filho seu no ventre. Por que ela não lhe contara que estava grávida? Ele teria movido o mundo para encontrá-la.

Depois de longas horas de espera, finalmente o médico saiu da sala. Olhou para Igor com pena e ele logo imaginou que perdera mais uma vez o filho.

– Ela ficará bem. Não se preocupe.

– E a criança, doutor?

– Está muito bem, fique tranquilo!

Igor mal podia acreditar nas palavras que acabara de ouvir. Seu filho estava vivo! Sua Joana ficaria bem! Era tudo o que ele queria que acontecesse!

– Posso vê-la? – pediu ele, emocionado.

– Daqui a um minuto. A enfermeira a está ajudando a se vestir. Quando ela terminar virá chamá-lo, mas lhe asseguro que não tem com que se preocupar, apenas a mantenha em repouso até o bebê nascer e se ocorrer qualquer sangramento ou dor, traga-a de volta.

– É claro, muitíssimo obrigado, doutor! – respondeu ele, apertando a mão do médico. Sentou-se na sala de espera, agora com um sorriso nos lábios. Não se importaria em esperar mais uns instantes. Isso não era nada comparado aos quase seis meses de espera, quase sem esperanças.



Eduardo estava emocionado pelo o reencontro com os pais. Perguntou por Daniele, aliviado em saber que estava viva e bem, e se questionou se ela não quisera vir encontrá-lo agora, ou se não se importara com a notícia e até mesmo imaginou que talvez ela preferisse que ele tivesse morrido. Imaginou se ela estaria com outro homem ao seu lado. Tentou desviar o pensamento.

Olhou para o navio e tentou enxergar Joana. Ela ainda não havia saído. Ele viu quando o médico subira às pressas. Temeu que ela não houvesse conseguido suportar a emoção. Queria ir até lá para ver o que estava acontecendo, mas não sabia o que dizer aos seus

pais. Também não conseguiria passar por todos aqueles repórteres que estavam à porta esperando por um depoimento seu. No fundo, seria melhor assim. Enquanto eles estivessem esperando por ele, deixariam Joana em paz.

Um homem chorava descontroladamente sentado à beira do cais. Eduardo não sabia se ele era o tal marido de Joana. E se fosse, provavelmente já soubera da gravidez.

Um carro estacionou à porta. Eduardo e seus pais foram conduzidos até a saída. Precisava saber de Joana, não podia sair dali sem notícias dela e do seu filho, mas o levaram para fora de tal forma que não pôde resistir. A mãe insistira para que ele fosse levado a um hospital antes de irem para casa. Queria se certificar de que estava mesmo tudo bem com o filho. Eduardo não contestou.

Depois de ser examinado minuciosamente, Eduardo finalmente foi liberado. Coincidentemente, quando deixava o hospital, reconheceu o homem que ele viu chorando no cais, sentado na sala de espera. Quis aproximar-se e perguntar por Joana, mas seus pais o estavam aguardando ali também. Queria conversar com Igor, de homem para homem e em particular. Mas não poderia ser ali, num hospital. Precisava encontrar uma maneira, não permitiria que Joana enfrentasse essa barra sozinha. Eduardo decidiu que pediria o conselho do seu pai, antes de tomar qualquer decisão e qualquer tipo de atitude.

Chegar a casa era inacreditável. Depois de tanto tempo, já tinha se acostumado ao cotidiano daquela ilha. Não via a hora de tomar um banho quente, arrumar-se e ir ao encontro de Daniele. Os repórteres já estavam de campana a sua porta. Eduardo ainda não tinha dado qualquer depoimento.

– Se você quer se livrar deles terá que contar o que aconteceu, meu filho. – dizia o pai.

– Não estou pronto, ainda. Eu queria conversar com vocês, primeiro.

– Pode falar. Nós estamos aqui agora, filho – disse a mãe, abraçando Eduardo e aconchegando-o em seu colo.

– Mamãe, desculpe, mas eu preciso conversar com o papai, a sós.

– A sós? Mas o que é que eu não posso saber? Você está doente, Ed? Contraindo algum vírus no lugar onde estava?

– Não é nada disso, mamãe. Eu só preciso de um conselho de homem. – desculpou-se ele.

– Está bem, filho. Mas se precisar de mim, chame. Estarei na cozinha preparando o jantar. – Eduardo deu-lhe mais um abraço apertado, e ela se retirou, desconfiada.

– Pode falar. É sobre a Daniele? Eu sempre soube que esse noivado não ia dar certo! Vocês dois são de mundos muito diferentes...

– Não é nada disso, pai. – interrompeu ele – Eu não estava sozinho naquela ilha.

– Não estava sozinho?

– Não, pai. Eu estava com uma mulher. O nome dela é Joana.

– E? Já sei, você está apaixonado por ela, não é? – perguntou o pai, passando a mão na cabeça de Eduardo.

– Eu não sei, papai. Ela é casada. Acho que o marido estava no hospital quando saímos. Ela deve estar internada.

– Vocês tiveram um caso? – Eduardo assentiu com a cabeça. – Ela também está apaixonada por você?

– Eu creio que sim. Mas tem mais uma coisa.

– Que coisa? O marido já sabe?

– Ela está grávida – respondeu Eduardo. – Foi uma loucura, eu sei, mas não pude evitar. Nós pensávamos que nunca mais sairíamos daquele lugar. Não seria justo perder o restinho de vida que ainda tínhamos. O senhor me entende não é, papai?

O pai de Eduardo permaneceu o observando. Não moveu nem um músculo e ele ainda não sabia o que dizer ou pensar a respeito. Não fora a favor de seu noivado, assim como a mãe também não, mas tinha que admitir que essa gravidez inesperada era bem pior do que o casamento indesejado. O que o marido da garota faria quando soubesse, quer dizer, já deveria saber.

– Você já conversou com a moça sobre o que vocês farão no futuro?

– Conversamos durante seis meses inteiros, papai. Quando ela descobriu que estava esperando um filho, a primeira coisa em que pensei foi não sair de lá nunca mais. Queria que o resgate trouxesse Joana pra casa e me deixasse lá para sempre. Mas eu sei que não poderia abandoná-la agora. Esse filho que ela está esperando é meu também, e não é justo deixar que ela arque com as consequências sozinha. Eu vou assumir minha responsabilidade e dar um lar para ela e para essa criança que vai nascer em breve.

– Eduardo, muitas coisas mudaram enquanto você esteve desaparecido. Rudson assumiu sua escola de música. Agora são mais de doze sedes. Se você abandonar a Daniele agora, estará abrindo mão do seu sonho.

– Mas o que eu farei, então? Deixar Joana sozinha eu não posso. Não foi isso que o senhor me ensinou, pai!

– Não estou dizendo que deva deixá-la, filho. Estou dizendo que essa é uma decisão que só cabe a você. Procure por Daniele e Rudson. Converse com eles, fale a verdade. E além do mais, se for afastado da sua escola, como vai sustentar ela e essa criança, meu filho?

– Eu posso voltar a cantar em bares e restaurantes, como fazia quando comecei. Daniele jamais vai me aceitar de volta e nem ao meu filho. Já será muito se eu conseguir um emprego na minha própria escola.

– Você sabe que o que se paga para um cantor noturno não será o suficiente para manter vocês dois e mais uma criança.

– Eu sei, mas preciso começar de alguma forma. Não consigo pensar em nada melhor neste momento.

– É melhor dar um tempo. Você precisa descansar e reordenar seus pensamentos antes de tomar qualquer atitude – encerrou o pai de Eduardo.

Logo a mãe veio até a sala chamá-los para o jantar. Ela tinha preparado uma massa ao molho branco que Eduardo adorava. Como era deliciosa... Simplesmente um manjar dos deuses. Eduardo pensou em como não dera valor àqueles pequenos detalhes, que agora tornavam-se tão importantes para ele. Assistiram um pouco de televisão antes de irem deitar-se. Apenas uma pequena nota sobre seu resgate. Logo os olhos de Eduardo arderam, desacostumados com o brilho do aparelho.

52- Reencontro...

A cama era macia demais. Ele estava desacostumado e suas costas doíam. O barulho dos automóveis em frente a casa também tiravam o seu sono. Nunca imaginou que sentiria falta do canto dos pássaros, do barulho da água que descia rio a baixo, do som das ondas quebrando com a maré. Virava-se de um lado para outro. Sentia falta de Joana aconchegando-se em seu peito. Suspirou ao imaginá-la feliz nos braços do marido.

A campainha tocou e fez com que ele quase pulasse da cama, tamanho susto. Ficou imóvel por alguns minutos. Provavelmente era mais um repórter querendo saber dos acontecimentos. Ouviu os passos do pai no corredor. Escutou vozes vindas da sala de estar. Seu pai não deixaria que o interrogassem àquela hora da madrugada. Bateram à porta de seu quarto, mas ele preferiu não responder. Fez de conta que estava dormindo. Ouviu o ranger da porta se abrindo seguido por um choro de mulher. Abriu os olhos. Daniele estava ajoelhada ao lado da cama, olhando para seu rosto, enquanto Rudson e outra mulher esperavam de pé à porta.

– Meu amor! Eu não acredito que está vivo – sussurrou, sem tocar em Eduardo.

Ele sentou-se devagar. Não sabia o que fazer, não a esperava e ainda não tinha se preparado para esse encontro. Não teve tempo de dizer nada, mas a garota se atirou em seus braços. Ah! O perfume! Não teve um só dia desde que ficara preso naquela ilha, que não tivesse desejado sentir o perfume de Daniele de novo. Abraçou-a e sentiu a maciez da sua pele branca, os cabelos acetinados. Era o para-

íso para ele.

Por um instante, as lembranças sumiram. Deixou que Joana fosse para longe de seus pensamentos. Só Daniele existia agora e preenchia o vazio da sua alma. Finalmente a beijou. Esperara tanto por aquele momento que nem podia contar as infindáveis vezes que o imaginara. Agora era real, ela estava ali. Eduardo apertou-a em seus braços. Viu que Rudson e seus pais saíram do quarto e fecharam a porta.

– Onde você estava, meu amor? Nós pensávamos que não tivesse sobrevivido.

– Mas eu sobrevivi. Não podia deixá-la – respondeu ele, tornando a abraçá-la.

– Tinha mais alguém com você?

– Tinha sim. O mar nos carregou para uma ilha. Éramos três no início, mas perdemos um. Estava muito machucado e não resistiu. Achamos mais dois corpos, um deles em avançado estado de decomposição.

– Havia cinco pessoas desaparecidas. Então foram todos levados para o mesmo lugar. Como era essa ilha?

– Tinha uma mata virgem, onde colhíamos alguns frutos. Só sobrevivemos graças a... – ele ia dizer “graças à Joana”, mas interrompeu – Deus.

Ela deu-se por satisfeita e não perguntou mais nada. Queria levar Eduardo para sua casa, mas ele achou melhor ficar com seus pais por enquanto. Daniele não contestou a decisão do noivo. Teriam muito tempo para matar a saudade que afligia seus corações e seus espíritos.

Os pensamentos de Eduardo voltaram para Joana. Era muito

angustiante não saber como ela estava. Se pudesse ao menos telefonar para ela...

Igor arrumou a cama. Joana notou que a casa estava diferente. Ele a havia reformado por dentro. No lugar que servia de lanchonete, agora se estendia uma saleta com escritório anexo e uma suíte espaçosa com uma grande banheira de hidromassagem. Ele abriu o armário lateral do closet e retirou de dentro uma camisola branca, com rendas no decote e uma abertura lateral até a altura da coxa.

– Eu comprei para você – disse ele. – Sabia que voltaria para mim. Você gostou?

– Sim, eu gostei muito – respondeu em um tom de voz quase sussurrante. Estava um pouco amedrontada. Será que ele não mencionaria a gravidez inesperada? Ou não sabia da existência de Eduardo e pensava que ela ficara sozinha naquela ilha? Se fosse dessa forma, não contestaria a paternidade do filho que ela esperava.

– Pena que não vai lhe servir. Se eu soubesse que estava grávida, teria comprado um número maior. – Travou-se um silêncio desolador entre eles. Joana evitava olhar Igor nos olhos. Ainda estava se sentindo muito culpada por ter se deitado com Eduardo.

Igor não a tocara desde aquele abraço no cais, pela manhã. Ele queria perguntar por que ela não lhe contara que estava esperando um filho, mas achou que ainda não era o momento.

– Deite-se um pouco. Vou preparar alguma coisa para você comer, deve estar com fome, não é?

Joana não respondeu. Igor a ajudou a caminhar até a cama. Ajeitou os travesseiros e a cobriu com a colcha cor-de-rosa. Ela queria atirar-se nos braços dele, beijar-lhe como fazia sempre, mas ainda

estava com cólicas e precisava descansar. Quando ele virou-se para sair, Joana segurou-lhe pelo pulso, fazendo com que ele olhasse direito para ela.

– Eu o amo, Igor! Sempre amei! – Ele não disse nada, apenas passou a mão pelo seu rosto. Queria tocá-la, matar a saudade, mas sabia que se a beijasse não conseguiria conter o desejo contido durante todo o tempo em que ficara sem ela. Não tinha namorado outras mulheres, nem uma aventura desde que ela se fora. Era difícil segurar-se, mas ele conseguiria, pela saúde de Joana e pela vida do filho em seu ventre. Não podia perdê-los, certamente não aguentaria.

Levantou-se e foi até a cozinha. Prepararia uma refeição leve, sem muitos condimentos, até que seu organismo se acostumassem novamente à alimentação apropriada. Não sabia o que ela havia ingerido durante os seis meses passados, mas certamente o que comera era preparado com, no máximo, um pouco de sal.

Arrumou numa bandeja um vaso solitário com uma rosa branca. Ele não esquecera que eram suas favoritas. Serviu-a na cama, apesar de ela lhe garantir que podia se levantar e ir até a mesa facilmente. Ele não a deixaria fazer qualquer esforço, por menor que fosse.

Joana devorou o arroz branco com legumes cozidos ao vapor. Adorava quando Igor cozinhava para ela, sempre adorou. Essa foi uma das coisas da qual sentiu mais falta. No final ele recolheu a bandeja e lavou o prato. Voltou para o quarto e deitou-se ao lado dela.

– Você está bem mesmo? – perguntou-lhe.

– Como poderia, meu amor? Não foi fácil para mim, ficar todos esses dias longe de casa. Pensei que morreria sem nunca mais

vê-lo.

– Quem era o rapaz que estava no navio com você? – agora ele chegara ao ponto que ela temia: Eduardo. Não podia contar a verdade, tinha medo da reação de Igor e do que ele seria capaz de fazer.

– Chama-se Eduardo.

– Eduardo? O mesmo Eduardo do Seablue?

– Sim, noivo daquela moça, você se lembra?

– É claro que lembro! Eu e Daniele nos tornamos grandes amigos. O pai dela, Rudson Cascais, fundou uma ONG para ajudar as famílias das vítimas do naufrágio. Eu larguei a lanchonete, como você viu, e agora estou trabalhando com ele.

Joana achou que Igor ficara mais feliz em saber que Eduardo estava a salvo do que ela própria. As coisas estavam muito diferentes desde o acidente.

– Igor, eu quero ver a Brigitte. Ela está bem?

– Ela está ótima. Está namorando o pai de Daniele e acredite: ele tem o dobro da idade dela! – os dois riram. Era a primeira vez que ele contemplava aquele sorriso lindo de Joana. Novamente o desejo o cegou. Não conseguiu resistir. Beijou-a com força, com toda a força de seu ser. Apertou-a contra o peito e tornou a beijá-la.

Joana não conteve as lágrimas. Havia desejado tanto aquele momento que mal conseguia acreditar que fosse real. Finalmente estava onde deveria, ao lado do seu marido, seu amor.

53- Explicações...

— **A** coletiva fora marcada, seria dali a dez minutos. Você está pronto? – perguntou Daniele.

– Eu não quero falar com ninguém da imprensa. Você sabe que eu não gosto de publicidade.

– Mas tem que contar o que aconteceu. Se você se negar será pior, eles não lhe darão sossego, você sabe.

– É, eu sei – concordou ele, finalmente. Mas não queria mesmo comparecer à coletiva. Joana estaria lá e não seria a ocasião mais apropriada para conversarem, além do mais, ela estaria acompanhada do marido.

Preocupava-se com a sua reação ao ver Joana novamente, pois queria muito saber como ela estava e precisava ter notícias do filho.

Como a vida pôde mudar tanto em apenas seis meses? Tudo parecia muito diferente de antes. Era como se muitos anos tivessem se passado. Tudo o que idealizara com Daniele enquanto estava na ilha, agora parecia tão sem sentido.



Daniele ainda não tinha perguntado sobre a convivência dele com Joana naquela ilha. Ela deveria estar desconfiada, se é que não tinha certeza absoluta do caso que haviam tido. Ainda não sabia sobre a gravidez de Joana, seria mais uma das surpresas que a coletiva de imprensa reservara.

– Então, vamos, querido? Não devemos nos atrasar – pediu

ela. Saíram no carro de Daniele e desta vez ela mesma dirigiu. Ainda queria fazer algumas perguntas para Eduardo durante o caminho e não queria nenhum empregado ouvindo suas conversas para depois passar para os repórteres curiosos.

A conversa foi agradável e descontraída. Daniele tomou o cuidado de escolher as palavras para não constranger Eduardo. Não queria que ele lhe contasse da relação que mantivera com a moça durante o tempo que esteve perdido, embora estivesse implícito que se relacionaram “intimamente”. Ela sabia que ele não conseguiria resistir durante todos aqueles meses. Ela se lembrava de Joana no navio, sabia que ela era uma mulher bonita e jovem e que também ela não devia ter resistido aos encantos de Eduardo, e estes Daniele conhecia muito bem.

Ocorreu-lhe se ele estaria apaixonado por ela. Podia ser que sim, afinal não teria por que resistir tanto a vê-la novamente. Ainda não havia tocado em Daniele desde sua volta. Ela compreendia que ele estivesse cansado, quase doente, além de muito abalado. Mas poderia não ser este o problema, ele poderia estar realmente apaixonado por Joana.

– Daniele? Está me ouvindo? – a voz de Eduardo a tirara de seus pensamentos.

– Desculpe, eu não o ouvi – respondeu ela com a face corada, como se ele tivesse escutado seus pensamentos. Ele lhe perguntara algo sobre a escola, mas não teve tempo de refazer a questão. Já haviam chegado. Desceram do carro. Daniele saiu na frente e Eduardo logo em seguida. Ele sentou-se atrás da grande bancada em cima de um tablado de madeira. Os repórteres estavam sentados à sua frente em cadeiras plásticas.

Olhou ao redor. Joana ainda não havia chegado. Afligiu-se ao imaginar que seu marido a teria impedido de comparecer porque não queria que ela contasse para todo o país que trazia em seu ventre o fruto de uma traição, mas logo sua desconfiança foi sanada. Joana acabara de descer no estacionamento atrás da bancada. Eduardo viu que estava acompanhada por um homem moreno, alto, de traços fortes, o mesmo que vira no cais e depois no hospital. Ele ajudou Joana a subir os degraus e a sentar-se. Antes de descer, o homem olhou para ele e estendeu a mão.

– Muito obrigado, Eduardo.

– Por que me agradece?

– Porque você cuidou da minha mulher e do meu filho durante todo esse tempo. Muito obrigado, mesmo – acrescentou Igor.

Uma agonia profunda tomou conta da alma de Eduardo e fez com que seu coração quase parasse. O que ele queria dizer com “minha mulher e meu filho”? Joana mentira para o marido, dizendo que já estava grávida antes do acidente. O rosto de Eduardo empalideceu, fazendo com que até mesmo Igor se preocupasse.

– Você está bem?

– Sim... sim... – gaguejou Eduardo encabulado, desviando o olhar para onde Joana acabara de sentar-se. Queria muito lhe falar, perguntar se o filho que ela esperava era mesmo do marido ou se ela inventara essa história apenas para acalmar a ira do homem. Não era justo que entregasse o seu filho para outro homem criá-lo. Eduardo tinha que esclarecer esta história e, se o bebê de Joana fosse realmente seu filho, iria lutar por ele.



Joana não pôde ouvir o que Igor sussurrara para Eduardo.

Teve medo de que fosse algum tipo de ameaça. Em nenhum momento, até então, ele tinha demonstrado dúvidas sobre a paternidade da criança. Joana não sabia se ele acreditava que o filho fosse seu, ou se apenas não tocara no assunto para preservar sua saúde. De qualquer forma, seu coração ficara apertado ao rever Eduardo, sem poder falar com ele. Queria muito sentir o seu cheiro, aconchegar-se no seu peito, como fazia na ilha... Desviou o pensamento. Uma mulher pediu a Igor que se retirasse da bancada, porque a entrevista iria começar.

– A minha pergunta é para o Eduardo – a manifestação partiu de uma repórter jovem, da emissora de televisão local – Onde vocês estavam durante todo esse tempo?

– Ficamos em uma ilha, mas não sei informar a localização exata.

– Como vocês se salvaram do terrível acidente?

– Eu fiquei preso a uma parte da carcaça do navio e fui levado pelo mar. Quando cheguei à ilha já havia um homem, muito machucado, na beira da praia. Depois vi que uma pessoa desacordada boiava em um barrote flutuante. Puxei-o até a beira. Era Joana.

– E quanto ao homem a quem se refere, veio junto com vocês?

– Infelizmente, não. Ele morreu na ilha.

– E o que vocês fizeram com o corpo do pobre coitado?

– Enterramos no meio da mata. Ficamos com medo que algum predador farejasse a carne, já que não sabíamos que tipos de animais habitavam aquele lugar.

– Como sobreviveram por tanto tempo? Do que se alimentaram?

– Na maioria das vezes de frutas. Mas como Joana sabia fazer

uma espécie de armadilha começamos a pescar também.

– E caçamos pássaros – interrompeu Joana.

– Vocês já prestaram depoimento à polícia, depois do resgate?

– Ainda não fui chamado. – Joana não disse nada, apenas fez um sinal positivo com a cabeça, mostrando que sua resposta era a mesma de Eduardo.



Passara-se mais de uma hora e Joana já não se sentia bem. Um mal-estar tomara conta de seu corpo e as cólicas haviam voltado, ainda que muito suavemente. Queria sair dali, voltar para casa, seus pais já deveriam estar chegando para vê-la. Não queria que eles encontrassem a casa vazia. Seria uma falta de educação. Olhou para trás, mas Igor parecia ocupado, conversando concentradamente com Brigitte e o pai de Daniele.

Brigitte estava diferente. Não mais velha, mais madura talvez. Que saudade ela sentira da amiga. Precisava muito de um ombro para desabafar e era nela que Joana pensava nessas horas de angústia. Agora teriam muito o que conversar.

A entrevista estava terminando. Eduardo estava satisfeito por não ter sido obrigado a responder a nenhuma pergunta constrangedora e nem Joana. Mas quando ia levantar-se para deixar o local, foi subitamente interrompido por uma voz masculina. Virou-se e viu um dos mais famosos repórteres, que apresentava um programa de repercussão nacional. Tornou a sentar-se, olhando para Joana.

– Minha pergunta é para vocês dois, ou para quem tiver coragem de responder. Esse filho que Joana espera, é seu, Eduardo? – ouviram-se murmúrios entre os presentes.

As vozes se misturavam cochichando por todos os lados. Parece que até agora ninguém tinha se interessado pelo assunto, mas assim que ouviram a pergunta, todos se mostraram muito curiosos. Igor não esperou, subiu imediatamente na bancada, sussurrando para Joana.

– Não se preocupe, querida. Eles só fizeram essa pergunta para ter alguma coisa para contar em seus programas de fofocas. Responda a verdade para eles. Diga-lhes que já estava grávida quando embarcou no navio comigo e que esta criança, logicamente é minha. – Joana ficou imóvel. Sentiu o sangue parar em suas veias e pensou que desmaiaria. Igor notou que seu rosto perdera a cor.

– Você está se sentindo bem? – perguntou, preocupado. Joana sentiu os olhos escurecerem. O mundo rodopiou a sua volta. Sua última sensação foi a de que cairia, mas chegou a sentir o braço forte de Igor que a segurou.

Eduardo levantou-se depressa e ajudou Igor a tirá-la dali.

– Que pergunta idiota! – comentou Igor – Fazem isso só para nos irritar, não respeitam ao menos o estado de Joana. Esses patifes! Depois desse comentário, Eduardo teve certeza de que ele achava fielmente que a criança na barriga de Joana era seu filho. Se ela tivesse engravidado no navio, a possibilidade até poderia existir, mesmo que fosse muito remota. A diferença entre a relação de Joana com um e com o outro não passava de dez ou quinze dias. Nem mesmo ela poderia saber ao certo quem era o verdadeiro pai da criança. De qualquer forma, Eduardo precisava falar com ela o mais rápido possível. Só ela poderia aliviar seu coração.



Joana aos poucos recuperou os sentidos. Viu que Eduardo a

segurava e por um instante pensou ter voltado para a ilha. Não ficou atemorizada, pelo contrário, sentiu-se imensamente aliviada por não precisar mais mentir para Igor, para todos. Esboçou um sorriso, como fazia todas as manhãs quando acordava nos braços de Eduardo, gesto que o emocionou profundamente, mas logo foi interrompida pela voz de Igor.

– Ainda bem que acordou, querida. Já chamei a ambulância. Fique calma, você vai ficar bem – dizia ele enquanto passava a mão pela barriga dela. Em seguida tirou-a dos braços de Eduardo.

– Pode deixar que eu a levo daqui em diante. Muito obrigado de novo, Eduardo.

Eduardo não saiu de onde estava. Ficou imóvel até Igor desaparecer com Joana nos braços. Estava claro que ele cuidaria muito bem dela e da criança. Olhou para o lado e viu que Daniele o observava.



Daniele o abraçou. Vira nos olhos do noivo o que mais temia em sua vida, a paixão que ele sentia por outra mulher. Era compreensível que depois de tanto tempo sozinhos em uma ilha, eles não tivessem resistido às tentações e era até concebível a ideia de que tivessem mantido o caso durante aqueles meses. Mas a paixão que ela reconhecera nos olhos de Ed, do seu Ed, era algo bem diferente. Ela conhecia bem aquela faísca que brilhava nos olhos dele toda vez que a via. Agora a faísca brilhava por Joana. Daniele estava ferida. Precisava desabafar e só podia contar com a amizade de Raphael. Ao pensar nisso, Daniele se deu conta de que ele não esteve ao seu lado agora, como havia feito desde o acidente.



A entrevista foi dada por encerrada. Todos ficaram escanda-

lizados pelo fato de Joana ter passado mal justamente naquele momento. Isso abria caminho para os boatos e com certeza Joana, Eduardo e seus parceiros sentiriam na pele a dor das mentiras que seriam contadas pela imprensa novamente.

Daniele sabia bem como era isso. Agora os papéis se invertiam. Era Eduardo quem estava sendo acusado de traição, e ela sabia exatamente como ele deveria estar se sentindo. Apesar de ter dúvidas quanto à paternidade do filho de Joana, ela se manteria forte e acreditaria no que Eduardo lhe dissesse. Pretendia apoiá-lo, de qualquer forma, mesmo que ele tivesse tido seus momentos de fraqueza. E quanto à fagulha de paixão que vira em seus olhos, trataria de reconquistá-la para si. Ela sabia que era capaz.

Não conversaram durante o caminho. A pergunta estava subentendida. Daniele queria saber a mesma coisa que o repórter lhe perguntara, mas não tivera coragem de perguntar de novo, talvez por medo da resposta.

Eduardo mentiria e arriscaria perder Daniele para sempre? Estava confuso ainda quanto a sua resposta, mas sabia que não poderia adiar por muito tempo. Precisariam conversar a respeito, mas não queria confiar seu segredo para mais ninguém.

– Daniele, nós precisamos conversar – disse ele, disposto a acabar com o suspense.

– Claro, Ed, pode falar – respondeu Daniele com a voz trêmula. Já sabia do que se tratava, finalmente sua desconfiança seria confirmada. Ele lhe diria que amava Joana e que ficaria com ela e com o filho que era seu.

– Vamos almoçar naquele restaurante japonês onde nos encontramos antes da viagem, lembra?

– Sim, eu me lembro. Nunca mais voltei àquele lugar. Achei que me traria lembranças demais – disse ela, e em seguida mudou a rota em direção ao restaurante.

Dirigiu o mais lentamente possível. Não queria apressar aquele momento, apesar de saber que era inevitável e que a hora que ela temia chegaria em breve. Seu coração estava em prantos. Não queria deixar transparecer seu desespero, mas parecia inevitável. Eduardo procurou não encará-la até a hora do almoço. Sabia que estava muito aflita e não queria que ela desabasse antes da hora. Conhecia Daniele como ninguém e ela era um redemoinho de emoções, nem sempre boas. Ele não conseguiria prever qual seria sua reação diante da verdade que ele abriria, se dar mais um de seus escândalos ou compreender e o perdoar pelo seu erro terrível, ele não podia deduzir.



Chegaram ao restaurante. Daniele viu que a mesa em que almoçaram naquele dia estava vaga. Sentaram-se ali. Daniele pediu um licor de amoras e Eduardo pediu uma água sem gás. O silêncio novamente travou-se entre os dois. Permaneceram escolhendo os cardápios até que o garçom aproximou-se novamente para anotar os pedidos. Não fizeram o pedido, apenas Daniele queria mais licor, uma garrafa inteira. Finalmente, Eduardo juntou suas forças e começou a difícil conversa.

– Bem, é melhor irmos direto ao assunto. Eu preciso que você compreenda...

– Eu compreendo! – interrompeu ela. – Eu já sei o que você vai dizer, Eduardo, não precisamos perder tempo com essa conversa. Está tudo bem, eu o amo agora como amei desde o dia em que o co-

nheci. Nada mudou para mim.

Eduardo não sabia muito bem a que ela estava se referindo. Se aceitaria o seu filho ou apenas estava entrando em uma disputa infundada com Joana pelo seu coração.

– Calma, Daniele, você ainda não ouviu o que eu tenho a dizer. – O coração de Daniele quase parou neste momento. – Por favor, não seja precipitada agora, por favor... – as últimas palavras saíram quase como um sussurro.

– Eu posso conviver com o fato de que você e Joana tiveram um caso naquele lugar, Eduardo. Eu entendo o seu ponto de vista, pensando que morreria... Eu sei que ela o seduziu, eu...

– Não é nada disso! – foi a vez de Eduardo interrompê-la. – É muito pior do que você está pensando, Daniele!

– Eu sei, você está apaixonado por ela, você pensa que está, mas tenho certeza de que com o tempo você vai ver...

Daniele não conseguiu terminar a frase. O pranto corria-lhe pela face e ela não podia acreditar que depois de tanto tempo de espera, seria abandonada por ele dessa forma. Os seis meses de convivência com Joana não poderiam significar mais do que a história de vida que construíram juntos durante anos. E seus planos, suas expectativas, seriam agora jogados no lixo! Ela não podia deixar que isso acontecesse, simplesmente não podia! Faria de tudo, usaria todas as suas armas para não perder Eduardo de novo.

– Eu sei que é muito difícil para você, mas acredite: também não está sendo fácil para mim. Esta criança... eu não escolhi isso, mas agora é muito tarde, Daniele. Esse filho é meu e de Joana. Eu não posso desampará-la agora, você está entendendo? É minha responsabilidade estar ao lado dela, apoiá-la até o nascimento da criança, e

depois se for preciso. Não sei qual foi a reação do marido, o tal do Igor. Eu preciso falar com ela de novo, preciso saber por que ele está fingindo que o filho é dele.

Eduardo suspirou profundamente.

– Desculpe, não era isso que eu queria conversar com você...
– Daniele anuiu com a cabeça. Seu pranto agora era quase incontrollável. Estava tentando disfarçar seu desapontamento, mas tinha vontade de sair correndo daquele lugar e nunca mais voltar a ver Eduardo.

Mas não poderia viver sem ele.

Depois de quase seis meses, quando ela começara a se conformar com sua morte, ele aparece-lhe vivo, fazendo com que todos os sonhos e esperanças ressuscitassem e agora... Era demais para ela! Daniele baixou a cabeça, tapando os olhos com as mãos e chorou. Despejou tudo o que estava guardando até aquele momento. Precisava descarregar sua alma o quanto antes, antes que explodisse. Queria muito estar com seu pai. Ele saberia como consolá-la.

– Daniele, entenda! Isso não é um fim, eu só preciso de um tempo, até esclarecer essa história com Joana e depois...

– E depois o quê? Você vai abandonar seu filho? Vai deixar Joana sozinha com o bebê? A resposta é não! Você não vai deixá-la, simplesmente porque está apaixonado, Eduardo! Você vai me fazer esperar, mais do que já pude, e depois vai me pedir um tempo mais uma vez, e outra e outra... Acontece que eu não tenho esse tempo para você! Ou nos casamos, ou prefiro nunca mais vê-lo! Nunca mais! – desabafou.

Daniele chorava descontroladamente agora. O seu tom de voz já não era amistoso e chamava a atenção das pessoas. Eduardo

não sabia o que fazer ou dizer. Não podia perder Daniele e nem tampouco abandonar Joana. Estava confuso quanto a seus sentimentos. Fora um erro se abrir com ela antes de saber o que Igor resolvera com Joana. Quem sabe Igor tivesse realmente assumido a criança e Joana preferisse ficar com o marido, a quem ela sempre jurou amor incondicional.

Também tinha de considerar a hipótese de ele estar fingindo o tempo todo, chantageando a pobre mãe de seu filho ou até mesmo mantendo-a em cativeiro até o nascimento do bebê para depois livrar-se dele e seguir sua vida com Joana normalmente, afinal de contas, Eduardo não sabia quem era “esse tal Igor”, como ele dizia.

– Daniele, você conhece bem o marido de Joana, não é?

– Sim. Ele é um bom homem, não se preocupe. Cuidará bem da mãe do seu filho. Ele a ama, Eduardo! Ama sinceramente, não com um amor vulnerável, como o seu que na primeira dificuldade agarrou-se a outra mulher e me esqueceu... – A voz de Daniele saía entrecortada pelos soluços.

– Meu amor não é vulnerável. Você sabe disso. – Ele tocou a mão dela sobre a mesa. – Eu só não quis enganá-la, não achei que fosse justo mentir para você, dizendo que não aconteceu nada entre Joana e mim. Não vou mentir para você, nunca. Você ainda é minha companheira, minha amiga de todas as horas, como havíamos jurado que seríamos um para o outro.

– Pois eu não quero ser sua amiga, Eduardo. Se eu não posso ser a sua mulher, não será no meu ombro que você vai chorar.

– Que ironia do destino. Tudo o que eu queria nesses seis meses era você. Se eu sobrevivi à fome, ao frio, foi por sua causa. Só você me inspirava a não desistir, a não me deixar deprimir. Eu quase

morri naquela ilha, Daniele, se eu consegui ficar vivo para sair de lá, foi só por sua causa.

– E mesmo assim você dormiu com Joana? – indagou Daniele aflita. – Qual é o tamanho do seu amor, Eduardo? Aguentou a fome, o frio, mas não resistiu a ela?

– Parece inacreditável, mas eu tentei resistir. Acontece que achei umas garrafas de uísque no mar e bebi um pouco além do que devia. Joana também, e aconteceu...

– Não seja ridículo, Eduardo! Você nunca foi de beber! Como se eu não o conhecesse!

– Tente se colocar no meu lugar, Daniele. O que você faria se tivesse certeza de que iria morrer? Você sabe como é passar seis meses esperando por um resgate, lutando contra o tempo e pensando em por que sua família desistiu de você? Você não pode sequer imaginar. – Eduardo não conseguiu mais segurar a emoção. Deixou que as lágrimas rolassem pela face magra e ainda empalidecida.

Daniele não disse mais nada. A dor da traição agora se misturava a uma espécie de piedade. Ela realmente tentara se colocar no lugar de Ed, mas era totalmente impossível imaginar-se perdida. Também pensara em Joana que no primeiro momento se mostrara tão sua amiga e depois se aproveitara de uma situação como aquela para tirar-lhe o noivo. Sentiu pena do pobre Igor quando descobrisse. Ela sabia que ele amava Joana incondicionalmente e era plausível que a perdoasse, mas quanto a ela, era sabido, pelo que acontecera, que não correspondia ao amor que ele lhe dedicava.

Se fosse dessa forma, não teria se deixado levar pelas tentações. Não adiantava ficar pensando nos motivos que os levaram àquela traição. Daniele jamais conseguiria compreender e nem queria

mais pensar no assunto. Talvez Eduardo estivesse certo e ela também precisasse de um tempo para digerir melhor essa história toda antes de tomar qualquer decisão.

– Leve-me embora, Eduardo. Eu não estou em condições de dirigir.

– Está bem. Eu dirijo. Só quero que saiba que, aconteça o que acontecer, eu ainda amo você, Daniele – disse ele, tocando o rosto de Daniele. Ela levantou os olhos e afastou-lhe a mão. Não poderia permitir qualquer contato, até que a situação dos dois estivesse resolvida. Isso só pioraria as coisas.

54- Ombro Amigo...

Estava claro que depois dessa conversa ele não iria mais a sua casa. Não conversaram durante o trajeto. Daniele estava se sentindo exausta. A discussão e as revelações de Eduardo a perturbaram muito. Precisava descansar e ordenar seus pensamentos.

Eduardo estacionou o carro na garagem e antes de descer, deu-lhe um beijo na face. Isso fez com que ela se sentisse ainda pior. Em seguida, foi direto para casa.

Uma espécie de comitiva aguardava por Daniele. Se ela soubesse, não teria voltado para casa. Observou a expressão de Igor quando a viu entrar sozinha e de Raphael, que aguardava ansioso para conhecer o noivo de Daniele. Seu pai também olhou para ela surpreso. Alguém, enfim, perguntou.

– Onde está o Eduardo? Estávamos esperando por ele. Igor tinha um assunto importante para conversar e...

– Ele já foi – interrompeu Daniele – acabou de sair.

– Aconteceu alguma coisa? – preocupou-se Igor.

– Nem lhe conto, meu amigo! Nem lhe conto! – respondeu ela, baixando a cabeça. Subiu as escadas, seguida por Raphael.

Raphael notou de imediato que ela tinha tirado o vestido de noiva do manequim que agora estava nu ao lado da cama. Aproximou-se e envolveu-a com seus braços fortes.

Daniele soluçava, não queria admitir que fora traída novamente. Parecia que essa era sua sina.

– Não fique assim. Seja o que for que aconteceu, vai passar – dizia Raphael, tentando consolá-la.

Raphael sofria ao ver Daniele triste, mas isso era nada se comparado ao tamanho de sua dor quando soube que Eduardo estava vivo. Se ele tivera alguma chance de ganhar o coração de Daniele, ela acabava ali. O amor que ela sentia por Ed sempre estivera bem claro entre os dois.

Agora ele contemplava uma nova oportunidade. Não estava feliz com o sofrimento de Daniele, mas tinha de admitir que esperara ansiosamente, e até mesmo torcera para que seu amor por Eduardo acabasse. Concentrou-se no perfume e no calor do corpo dela junto ao seu. Como desejava que aquele momento não acabasse... Ele percebeu que tinha uma chance real e não pretendia desperdiçá-la. Afastou-a um pouco e passou a mão em seu rosto, para secar-lhe as lágrimas.

– Quer me contar o que aconteceu?

– Você já deve ter percebido, Raphael. Já conversou com Igor a respeito de Joana?

– Sim, ele me contou a novidade. Pena que ela não pôde vir junto para podermos conhecê-la. Ela não se sentiu bem durante a coletiva, não é? Ele a deixou descansando com Brigitte, as duas eram muito amigas antes do acidente.

– O filho que ela está esperando... – Daniele conteve-se por um momento. Pensou se deveria dividir mesmo aquele peso com Raphael, principalmente porque Eduardo lhe dissera que não queria que as pessoas soubessem, por enquanto. Mas Raphael era a única pessoa em quem ela poderia confiar. Seria pior se ela se abrisse com seu pai, que sendo amigo de Igor, não suportaria a mentira e acabaria por abrir o jogo.

– O que tem esse filho? – perguntou ele, ao ver que ela se de-

teve.

– Raphael, por favor, você terá que me prometer que nunca revelará isso para ninguém. É muito importante que guarde segredo.

– Pode confiar.

– Bem, a criança que Joana espera, não é de Igor. É filho de Eduardo.

– Deus do céu! Você tem certeza?

– Hoje Eduardo me convidou para uma conversa e me contou que ele e Joana tiveram um caso durante o tempo em que ficaram perdidos lá na ilha. – Raphael abanou cabeça em um gesto negativo.

– Infelizmente é verdade, Raphael. Mas parece que o coitado do Igor ainda não se deu conta. Ele acredita mesmo que Joana já estava grávida quando se perdeu no acidente.

– E o que você vai fazer?

– Vou guardar segredo. Este assunto não é problema meu. Eduardo me pediu um tempo para poder resolver primeiro entre eles.

– E você, logicamente, concordou.

– Não. E não sei se um dia vou me perdoar por isto, mas eu rompi o noivado. – As lágrimas caíram com mais intensidade. Os soluços não permitiam que continuasse.

Raphael conduziu-a até a cama e sentou-se ao seu lado. Envolveu-a novamente em seus braços e ficou ao seu lado, onde ficaria enquanto ela precisasse dele.



Joana estava em casa. Não poderia acompanhar Igor até a casa de Rudson, por mais que quisesse. O médico lhe recomendara repouso absoluto e a fugir de qualquer situação que representasse

abalo emocional, por menor que fosse. Brigitte finalmente viera visitá-la. Ficaria com ela até a volta de Igor.

– Minha amiga! Eu rezei tanto por você! – dizia Brigitte, enquanto abraçava a amiga.

– Também não precisa exagerar. Eu estou bem, agora, isso é o que importa.

– Igor estava tão esperançoso durante todos esses meses. Chegamos a levá-lo a psiquiatra e psicólogos. Pensamos que ele estivesse enlouquecendo. Se ele soubesse que você estava grávida, então... teria ido atrás de você a nado! – Brigitte riu alto. Joana apenas sorriu. Brigitte estava diferente. Joana perguntou-se se ainda podia confiar nela. Se contasse a verdade sobre seu filho, era possível que ela contasse para Rudson, que se encarregaria de contar tudo a Igor.

– Brigitte... eu... – Joana conteve-se. A verdade é que precisava desabafar com alguém e só tinha a ela. Contaria tudo.

– Brigitte, essa criança que estou esperando... eu não sei se Igor é o pai.

– O quê? – Brigitte não pôde acreditar nas palavras que acabara de ouvir. Joana nunca teria sido capaz de trair Igor.

– Eu e Eduardo... você sabe melhor do que eu, Brigitte. Estávamos sozinhos naquela ilha. Pensávamos que morreríamos lá. Não tivemos como evitar – explicou-se. Brigitte permaneceu estática. Não havia o que dizer. Depois de alguns minutos, foi recuperando o fôlego.

– Ele já sabe? – ela se referia a Igor e a Eduardo ao mesmo tempo.

– Não. Não pude contar. Ele está tão feliz! Tenho certeza de que seu mundo desabaria se eu contasse. Tem uma possibilidade,

ainda que remota, de o filho ser mesmo de Igor. Quando viajamos, eu parei de tomar as pílulas. Queria engravidar o mais rápido possível para fazer as pazes com meus pais. Quando embarcamos, eu enjoiei bastante, passei mal e Igor só me tocou uma vez, antes do naufrágio. Há uma possibilidade...

– É muito remota! – Brigitte interrompeu de imediato – Minha nossa! E agora? O que você vai fazer?

– Eu não sei. Preciso contar a verdade a Igor, mas acho que ainda não estou preparada. Tenho medo da reação dele. Quando ele discutiu com meu pai, antes da viagem, ficou muito agressivo.

– Não, ele nunca seria capaz de machucá-la! Eu acho que você precisa contar a verdade o quanto antes. Será pior se ele souber por outra pessoa.

– Eu sei, mas preciso falar com Eduardo antes. Eu não pude conversar com ele antes da coletiva, Igor não saiu do meu lado um só minuto. Não vou tomar nenhuma decisão sozinha. Preciso de Eduardo. – Brigitte viu o desespero nos olhos de Joana. Aquela era sua chance. Levá-la-ia até Eduardo, mas antes, iria certificar-se de que Igor não voltaria para casa tão cedo.

Pegou o celular em sua bolsa e telefonou para a casa de Rudson. Pediu-lhe que segurasse Igor ali o máximo de tempo possível. Inventou que Joana não estava se sentindo bem e que a levaria ao pronto-socorro, mas que não queria assustar Igor. Rudson concordou, sem pestanejar. Como quem não quer nada, Brigitte perguntou se Daniele já estava em casa e Rudson deixou escapar que ela chegara sem Eduardo.

– Pronto! Agora você espera aqui, bem quietinha, que eu vou buscar seu Eduardo para você! – Brigitte vestiu o casaco e pegou sua

bolsa. Quando levou a mão até a maçaneta, Joana a chamou.

– Obrigada! – disse ela com brilho no olhar.

– Não tem de quê! – respondeu Brigitte e saiu.

55- O Encontro...

Não levou mais de quinze minutos até que chegasse com Eduardo.

Ele entrou no quarto antes de Brigitte. Joana quase não acreditou quando o viu. Ele estava lindo, como ela jamais tinha imaginado. Vestia uma calça jeans e uma camisa preta, com o colarinho aberto. Tinha os cabelos bem curtos e estava barbeado. O azul de seus olhos parecia ficar mais intenso quando ele olhava para Joana.

– Oh, Joana! – exclamou ele e sem conseguir se conter, correu para os seus braços – Minha querida! Como você está?

– Eu estou bem, Eduardo. Senti sua falta.

– Eu também. – Ele sorria para ela. Joana tinha muita coisa para falar, mas agora as palavras fugiam-lhe dos lábios. Apenas contemplava Eduardo.

– Precisamos conversar.

– Nós já conversamos, Joana. Minha opinião ainda é a mesma. Hoje cedo eu falei com Daniele e contei toda a verdade. Pedi um tempo para resolver essa situação junto com você.

– E qual foi a reação dela?

– Nada amigável, como nós já sabíamos. Acho que esse tempo não vai mais ter volta. – Joana pôde ver a tristeza espelhada nos olhos de Eduardo. Era tudo o que ela queria evitar. O que mais doía era que, em breve, também veria essa tristeza estampada nos olhos de Igor. Ela não poderia suportar.

– Eu não disse nada a Igor. Ele está crente de que a criança em meu ventre é mesmo seu filho. Eduardo, eu devia ter-lhe contado que... – ela não continuou.

Sentiu uma fisgada em seu peito e retomou o fôlego. Eduardo não a apressou. Esperou paciente até que ela se sentiu segura para continuar.

– Essa criança pode mesmo ser dele. – As palavras saíram como um peso enorme da consciência de Joana. Não precisava ter ocultado essa informação de Eduardo. Talvez o filho nem fosse seu e ele tivesse estragado sua vida, o futuro brilhante que tinha ao lado de Daniele, por causa disso. Ela sabia que não tinha esse direito, mas agora era tarde demais. O mal já estava feito. Ela notou que Eduardo respirou fundo antes de encará-la.

– Eu sei que você está dizendo isso para me confortar, não é mesmo? Mas, eu quero esta criança, assim como eu quero você. É claro que eu não esperava que a vida fosse me pregar uma peça dessas, mas já que aconteceu... Você não tem com o que se preocupar. Vamos contar toda a verdade para o seu marido. Eu vou ajudá-la, não pretendo sair do seu lado. Você não precisa inventar histórias para me afastar.

– Eu não estou inventando. É a mais pura verdade. – Eduardo só ouviu as palavras dela, não as respondeu.

Um barulho de freada na rua em frente, tirou-o de seus pensamentos. Em seguida a porta abriu-se. Era Igor. Brigitte tentou atraí-lo para fora da casa, pela porta dos fundos, para que Eduardo pudesse sair sem ser visto, mas sua tentativa foi inútil. Igor insistiu em ver Joana, antes de qualquer outra coisa. Eduardo nem ao menos havia se levantado do lado de Joana. Se precisavam resolver aquela situação, seria agora, antes que fosse tarde demais.

– Eduardo, você por aqui? – disse ele com um sorriso nos lábios. Foi até Joana e beijou-a. – Que bom que você veio! Veja, ela está

bem melhor agora, e o nosso filhinho também! – Igor passou a mão pela barriga de Joana ao falar do filho.

Eduardo sentiu uma pontada no peito. Igor era sincero em seu amor pela mulher que o traía. Agora ele entendia os medos de Joana e o remorso que sentira depois da primeira vez com Eduardo. Mas estava decidido, seria pior enganá-lo. Esta era uma coisa que aprendera com seu pai: seja qual for a situação, a verdade é sempre melhor do que a mentira.

– Olá, Igor – respondeu ele. – Eu vim conversar com você. A sós. – Igor admirou-se do tom solene do rapaz.

– É claro, vamos até o escritório.

– Não. Desculpe-me, mas eu prefiro ir lá fora. Aprendi a contemplar a lua e as estrelas. Se não se importar...

– É claro que não! Vamos para a varanda dos fundos, assim poderá ver melhor a lua. – Os dois homens seguiram para fora. Brigitte ficou no quarto com Joana e viu os olhos de pavor da amiga.

– Ajude-me a levantar, Brigitte. Quero ir lá também. Eu preciso estar junto com Eduardo nesta hora – pediu Joana.

– É melhor você esperar aqui, amiga. Eduardo disse que queria conversar com Igor a sós, você ouviu. Ele sabe o que está fazendo. Confie nele.

– Não, eu preciso estar ao seu lado, ajude-me!

– Não, você não pode se emocionar, pense na saúde do seu bebê! – Ao ouvir isso, Joana recostou-se e permaneceu sentada. Brigitte tinha razão. Seria melhor ficar ali.

Muito tempo se passara e nenhum sinal de discussão fora ouvido do quarto. Joana pediu para Brigitte ir até a varanda ver o que estava sucedendo, mas ela achou melhor não ir. As cólicas haviam

recomeçado. Algum tempo depois, a porta se abriu e Igor entrou no quarto com expressão desolada, seguido por Eduardo. Ela não imaginava como tinha sido a conversa entre os dois, mas agora era sua vez. Devia explicações para seu marido e agora era o momento certo.

– Igor, por favor... – balbuciou.

– Não precisa dizer mais nada. Eduardo já me contou tudo. Poupe-me de ter que ouvir da sua própria boca.

– Mas... eu... Igor... – ele saiu do quarto. Não queria conversar com Joana agora, sabia que perderia o controle. Teria que se acalmar antes de qualquer coisa. Joana caiu num choro inconsolável. – Igor! Igor! – chamava. Não tinha o direito de magoar Igor.

– Fique calma, amiga, – dizia Brigitte. – Você não pode se emocionar assim.

– Vá embora, Eduardo! – gritou Joana – O que você falou para ele? O que você lhe disse? Você não podia ter feito isso, eu é que tinha de contar-lhe tudo...

– Não vou sair daqui! Não vou deixá-la mais uma vez! Você teve sua chance de contar a verdade a Igor e preferiu mentir esse tempo todo! Eu não vou deixar que meu filho seja criado por outro homem, não vou! Se eu tive que abrir mão da minha felicidade pela vida desta criança, você também terá! – desabafou Eduardo.

Joana segurava o ventre com as duas mãos. As cólicas aumentavam a cada instante. Eduardo percebeu que ela empalidecera de repente. Estava muito arrependido por ter proferido aquelas palavras. Não pretendia magoá-la, mas a conversa com Igor já tinha sido demasiadamente difícil para ele.

– É melhor você ir agora. Pode deixar, eu cuidarei bem dela – pediu Brigitte. Eduardo achou melhor fazer o que ela pedia. Sua pre-

sença ali fazia com que Joana ficasse mais agitada. Voltou para casa. Precisava mais do que nunca dos conselhos do pai.

Igor não sabia o que fazer. Não havia passado por sua cabeça a possibilidade de que o filho que Joana trazia no ventre pudesse ser de Eduardo. Ele confiou nela, cegamente. Não era possível que tivesse se enganado tanto assim. Caminhou pelas ruas, sem rumo. Não podia acreditar em Eduardo sem ouvir a versão dela. Já estava começando a garoar e a chuva fez com que Igor extravasasse a sua dor. Já podia voltar para casa e conversar com Joana, sem deixá-la mais nervosa do que estava.

Entrou sem fazer ruídos. A porta ainda estava destrancada. Tirou o casaco molhado e foi até o quarto. Joana se contorcia de dor sobre a cama. Brigitte administrara as medicações corretamente, como o médico de Joana indicara. Uma toalha molhada estava sobre a testa dela, para conter o suor.

– Igor! Graças a Deus! – exclamou ao vê-lo. – Eu estou precisando de ajuda aqui! Ela está piorando, precisamos levá-la ao hospital!

Igor tirou a camisa molhada imediatamente e vestiu uma seca, que estava sobre a poltrona ao lado da cama. Ergueu Joana em seus braços e foi até o carro. Ela estava delirando, mas reconheceu-o assim que ele a segurou em seus braços.

– Igor, meu Igor! Eu amo você, eu amo você... – essas palavras o deixavam ainda mais sensível. Não estava revoltado e nem com raiva dela. Ele não a deixaria por isso e com o tempo, sabia que podia perdoá-la. Já tinha perdido Joana uma vez e não a perderia novamente. Criaria o filho dela como se fosse seu. Já tinha mesmo se apegado ao bebê, nesses dias que se passaram. O amor que sentia

por Joana era suficientemente grande para acolher esta criança também. A hipótese de abandoná-la sequer passara por sua cabeça, como Eduardo imaginava, e se ele preferisse, podiam esconder de Daniele essa paternidade equivocada. Assim seria melhor para todos.

56- Possibilidades...

— Ela ficará bem, o médico me garantiu. Mas vai ficar em observação por alguns dias – acalmou-o Brigitte. – Como vai ser daqui por diante, Igor? Ela não merece o seu desprezo. Ela o ama.

– Eu não a estou desprezando, Brigitte. Eduardo precipitou-se ao tirar suas próprias conclusões. Eu também a amo. Agora já estou mais calmo e posso ver com clareza como fui tonto em pensar que essa criança era minha. Não tinha sequer cogitado a possibilidade de ela e Eduardo... É quase inacreditável! Mas eu a aceito, assim como aceito o seu filho e acho que Daniele nem precisa saber desse detalhe.

– Agora é tarde, meu amigo. Eduardo já contou toda a verdade a ela. Parece que ela não o perdoou. Rudson me disse que ela está há horas trancada no quarto com Raphael.

– Pobre Eduardo, deve estar carregando o peso do mundo em suas costas! Pelo que ele me falou, renunciaria ao amor de Daniele por essa criança. Claro que ele não imaginou que eu aceitaria Joana de volta depois de saber toda a verdade. Eu não poderia deixá-la, nem neste momento. Eu sei que não será fácil para nenhum de nós.

– Eu o admiro, Igor. Acho que nenhum outro homem tomaria uma atitude como essa.

– Agora a decisão cabe apenas a Joana, não mais a mim ou a Eduardo. Ela terá que decidir com qual dos dois pretende criar seu filho.

– Eu acho que vocês poderiam esperar a criança nascer e pedir um exame de DNA. Então não restariam dúvidas quanto à paternidade, não é?

– Acho que não será necessário. Está claro que o filho é mesmo de Eduardo. Que ironia! Joana disse-me que a única maneira de fazer as pazes com seu pai seria tendo um filho homem para colocar seu nome. Agora, se ele souber da verdade, vai condená-la ainda mais.

– Não, se o filho for seu, Igor. Ela lhe contou que deixou de tomar a pílula anticoncepcional quando vocês embarcaram? – Igor pareceu surpreso. Estava claro para Brigitte que ela não lhe tinha contado, e essa era a melhor notícia que alguém poderia ter-lhe dado num momento como aquele. Ela pôde perceber a alegria voltando aos olhos de Igor. Era como se uma pequena lâmpada se acendesse lá no fundo.

– Quer dizer então que... o bebê pode... Obrigado, Brigitte! – gaguejou ele e saiu em disparada pelo longo corredor. Voltou algum tempo depois trazendo um buquê de rosas brancas. Entrou no quarto onde Joana descansava. Ao vê-lo com o ramalhete, Joana entendeu o recado, como sempre. Ele havia lhe perdoado. Ele pôs as flores ao lado da cama, no criado-mudo e sentou-se na poltrona estrategicamente posta ao lado da cama.

– Por que você não me contou? Eu teria entendido. Foi muito doloroso ter que saber pela boca de Eduardo. Mas eu estou esperançoso de que este bebê seja mesmo de nós dois.

– Tem cinquenta por cento de chance – sussurrou ela.

Igor sorriu.

– Não precisa dar explicações. Eu não estou cobrando nada. Só quero a nossa vida de volta, como era antes deste acidente terrível. Eu já mandei avisar seus pais e logo eles também estarão aqui. Ficarão felizes em saber que serão avós, em breve.

– Você está certo. Mas eu estou preocupada com Eduardo. – Joana não se deu conta do que acabara de dizer. Como pudera dizer a Igor que estava preocupada com Eduardo! Se não controlasse suas palavras, ele logo saberia que sentia por ele um carinho mais do que especial e perceberia que o que acontecera naquela ilha, foi mais do que um simples ato impensado entre os dois.

– Eu já vou para casa. Você precisa de repouso. Voltarei amanhã bem cedo, está bem?

– Sim, está bem. – Joana notou que a voz de Igor mudara. Por certo percebera o sentimento, no tom de sua voz. Achou melhor não perguntar. Deixaria que ele fosse em paz. Teriam bastante tempo para conversar e Igor estaria com a cabeça mais fria. Pediu para que ele chamasse Brigitte. Ainda tinham muito que conversar. Joana falara de si mesma o tempo todo e não deixara que ela lhe contasse como conhecera Rudson. Era sua vez de ouvir a amiga.

57- Indecisão...

Eduardo não dormiu durante toda a noite. Seu pai lhe fez companhia, aconselhando, repreendendo. Eduardo já não tinha tanta certeza se tomara a decisão certa ao pedir um tempo para Daniele. Depois da difícil conversa que tivera com Igor, ele lhe garantira que não deixaria Joana em hipótese alguma, e até prometeu que assumiria o filho sem nenhuma recriminação. Ele se sentia o pior homem na face da terra. Acabaria sem Daniele e sem Joana, que certamente concordaria com o marido.

Não a julgava. Sabia que seus pais já a haviam recriminado demais pelo seu casamento com Igor e que enlouqueceriam se soubessem que ela esperava um filho de outro homem. Ele deixaria que ela própria tomasse a decisão. Não interferiria na sua vontade de mãe e de mulher. E quanto a Daniele, talvez já fosse tarde demais para voltar atrás. Eduardo a conhecia muito bem e sabia que ela não era de rever as suas decisões. Além do mais, a conversa que tiveram no dia anterior já tinha sido suficientemente clara. Ela não o aceitaria de volta.

Seu pai estava certo, como sempre. Ele devia ter procurado Joana antes de contar toda a verdade a Daniele. Mas Eduardo sabia também que se tivesse omitido a existência dessa criança, não teria sua consciência tranquila e não poderia encarar Daniele de cabeça erguida. Se ela descobrisse sozinha, não o perdoaria da mesma forma. Agora era tarde demais e não cabiam mais arrependimentos. Bastava esperar.



Rudson bateu à porta, mas Daniele não o deixou entrar. Telefonara para Brigitte várias vezes, mas não conseguiu ligação. Ele sabia que todos estavam lhe escondendo alguma coisa, mas não podia imaginar o que era. Estranhara o fato de Eduardo não ter vindo com ela para o jantar e agora ela e Raphael há horas trancados no quarto. Isto não estava cheirando bem.

O barulho nas escadas fez com que Rudson se desconcentrasse. Olhou para o patamar e contemplou Daniele e Raphael de mãos dadas, descendo.

– O que houve? Aconteceu alguma coisa que eu não sei, filha?

– Aconteceu, papai. Mas eu prefiro que Eduardo lhe conte, pessoalmente.

– Está tudo bem com você, minha filha?

– Não está, não. – respondeu ela, abraçando-se a Raphael. Rudson percebeu que ele a acolhia em seus braços carinhosamente.

– Pode deixar que eu acompanho Raphael até a porta. Você deve estar cansada, depois do dia de hoje. Vá deitar-se. – Daniele despediu-se de Raphael e voltou para o quarto.

No fundo era isso mesmo que ela queria: ficar sozinha. Tinha sido muito dura com Eduardo. Há pouco tempo, tudo o que ela queria era tê-lo de volta. Teria feito qualquer coisa para senti-lo novamente e agora que o tinha... Não sabia o que fazer. Não acontecera como ela havia sonhado. Olhou para a caixa com o vestido de noiva, embrulhado em papel de seda. Suspirou ao imaginar-se dentro dele, seguindo para o altar onde ele a esperava, linda como nunca.

– Por que você fez isso? – disse em voz baixa para a caixa, como se falasse com Eduardo – Por que você tinha que fazer isso?

Por quê? Por quê? – Daniele descontrolou-se. Agora gritava e chutava a caixa cor-de-rosa.

Parou subitamente. Era como se sua energia tivesse se esgotando. Deitou-se de costas em sua cama e chorou alto. Precisava descarregar toda a tensão dos últimos dias. Se não fosse Raphael tê-la consolado, estava certa de que seria capaz de cometer uma besteira. Agora era a vez de seu pai saber de toda a verdade.

Rudson ainda estava na varanda com Raphael. Conversaram por várias horas. Raphael não pôde deixar de falar o que se passara. Pediu que Rudson mantivesse o segredo em nome da amizade dos dois. Logicamente ele não comentaria nada com Daniele e menos ainda com Igor. Se alguém tinha de contar toda a verdade a ele, esse alguém era Joana. Ele agradeceu a Raphael por estar ao lado de sua filha, tão prontamente. Esperou que ele se fosse, serviu uma dose de uísque sem gelo e ficou pensando no que poderia fazer para ajudar a filha.

Ouviu passos atrás de si. Daniele estava se aproximando, também com um copo de uísque nas mãos.

– Raphael já lhe contou? – perguntou ela.

– Contou o quê? – disfarçou Rudson. Daniele percebeu imediatamente que ele estava tentando disfarçar.

– É claro que contou, não é? Tudo bem, não tinha por que manter segredo entre nós dois. – Fez uma pausa e depois prosseguiu – Está tudo bem.

– Não está, filha. É uma situação muito delicada. Você precisa estar calma e lúcida se quiser resolver isso da melhor maneira possível.

– E qual é a melhor maneira, papai? Isso não tem solução.

Um filho é para a vida toda... Sabe, quando eu estava no navio, descobri aquela maldita revista, com fotos minhas com Roberto. Eduardo não pensou duas vezes para me recriminar, para me acusar. Se fizemos as pazes, foi graças a Joana e a Igor, que me acolheram quando eu estava sozinha e não tinha mais em quem agarrar-me.

– Então ela merece algum mérito também, não é?

– Você não entende, papai. Eu pensei que ela fosse minha amiga. E tinha que ser justamente... – não consegui concluir a frase. Pôs-se a chorar mais uma vez. Rudson nada disse, apenas abraçou-a.

58- Pecado e Salvação...

A noite foi longa. Já eram quase oito horas da manhã e Joana quase não dormira. De tempo em tempo, as cólicas voltavam a lhe afligir o corpo e a alma. Uma enfermeira já passara por ali mais cedo e colhera sangue e urina para os exames diários.

– Você tem visita! – disse-lhe ela, animada. Mas já? Igor havia-lhe dito que iria até a rodoviária buscar seus pais e só poderia vir vê-la no período vespertino. A porta se abriu bem devagar e um ramalhete de flores vermelhas campestres surgiu, escondendo o rosto de Eduardo.

– Olá! – Joana esboçou um sorriso forçado, demonstrando sua surpresa ao vê-lo ali tão cedo. Eduardo quis ir direto ao assunto que o trouxera. Igor certamente não tardaria.

– Conte-me como foi sua conversa com Igor ontem.

– Foi tranquila. Não discutimos como eu imaginava. – Eduardo baixou os olhos. – Desculpe, Eduardo. Eu nunca devia ter gritado com você daquela forma. Eu fiquei tão preocupada com Igor, saindo de casa daquele jeito...

– Ele a ama, Joana. Talvez mais do que eu. – Aquela era a primeira vez que Eduardo dizia que a amava. Joana ficou surpresa com tal revelação.

– Estivemos juntos na noite passada. Acho que ficará tudo certo entre nós.

– Eu acho que sim. Ele é bem diferente do que imaginei. Parece ser muito calmo, controlado.

– Ele é, sim. Mas sabe, ele não teve uma vida muito fácil. Foi

muito ferido no passado. Seria difícil deduzir como ele reagiria a uma notícia que mudaria sua vida toda.

– Seria difícil prever a reação de qualquer pessoa numa situação como essa. Eu mesmo, não sei o que faria se fosse Daniele quem estivesse grávida de outro homem.

– Mas Eduardo, nós não sabemos com certeza quem é o pai desta criança, não se esqueça. Ela também pode ser filha de Igor e nesse caso, você está se torturando em vão.

– É meu filho que está aí, Joana – disse ele, acariciando-lhe a barriga. – Eu sei, eu sinto isso. – Joana sentiu o filho se revirando dentro do seu ventre. Parecia que o pequeno feto conseguia compreender exatamente o que se passava do lado de fora de seu abrigo intocado.

– Você já sabe o sexo do bebê? – Perguntou ele, curioso.

– Ainda não. A ultrassonografia está marcada para amanhã de manhã, aqui mesmo no hospital. – Joana notou que os olhos de Eduardo se entristeceram.

– Joana, eu sei que não tenho direito de lhe pedir nada, mas eu gostaria que você me deixasse assistir ao exame.

– Assistir ao exame?

– Sim. Eu quero ver o nosso bebê. Você acha que é possível?

– Francamente, eu acho que Igor não irá gostar nada disso. Ele faz questão de estar comigo no momento do exame. Mas não se preocupe, depois eu lhe mostro o vídeo com as imagens do bebê.

– Tudo bem. Não quero criar mais problemas para vocês. – O celular de Eduardo começou a tocar nesse momento. Ele desculpou-se com Joana e foi atender no corredor.

Era Daniele. Eduardo atendeu, mas ela não falou nada. Ele

pôde ouvir seus soluços.

– Daniele, é você? – perguntou, na esperança de que ela respondesse.

– Onde você está agora? – perguntou ela, finalmente. Eduardo hesitou por um instante, mas depois respondeu.

– Estou no hospital. Vim ver como está Joana.

– E como ela está?

– Está melhor, mas ainda ficará em observação por mais alguns dias. – respondeu ele, naturalmente.

– E o seu filho, Eduardo? – ele sentiu a aspereza da voz de Daniele e a ironia de suas palavras, para frisar que ele a traíra. – Responda, Eduardo, como está o seu filho?

– Está vivo – respondeu ele, com a voz quase sussurrante. Conhecia Daniele. Sabia que aquela ligação não era nada mais do que uma provocação. Mas ele não iria cair nas armadilhas dela, porque ao contrário do que ela pensava, ele queria – e muito – fazer as pazes com ela.

– Eu liguei só para dizer que quero me encontrar com você. Ligue-me quando estiver desocupado. – Ele quis lhe dizer que iria agora mesmo, mas ela desligou antes que ele pudesse responder qualquer coisa. É claro que iria ao seu encontro. Era o que mais desejava agora, já que Igor aceitara Joana de volta. Não tinha por que persistir naquele tempo infundado que pedira à Daniele. Voltou ao quarto de Joana, somente para se despedir.

Pegou um táxi em frente ao hospital e foi imediatamente até a casa de Rudson. “Tomara que ela esteja lá!”, pensava ele no caminho. O percurso não levou mais de meia hora. Quando parou em frente à entrada do condomínio, Eduardo pediu para que o motorista

parasse. Seguiria a pé dali em diante. Aproximou-se do portão da casa e entrou sem fazer barulho. O motorista estava lavando o carro no recuo lateral esquerdo, de onde se podia ver a piscina. Eduardo o cumprimentou e depois olhou para a pequena mesa redonda nos fundos, onde Daniele estava sentada com um copo na mão. Ela conversava com alguém que Eduardo não conseguia enxergar dali. Ficou observando, sem ser visto. Certamente era Rudson a pessoa com quem ela discutia tão avidamente.

Alguém se aproximou, puxou uma das cadeiras de ferro dourado e sentou-se. Não era Rudson. Tratava-se de um homem alto, de cabelos castanhos, vestindo uma sunga, provavelmente tentando convencê-la a entrar na água com ele. Daniele gesticulava negativamente, mas o homem insistia. Eduardo não o reconheceu. “Alguém integrante da ONG de Rudson, ou algum parente distante”, pensou. O sujeito pareceu convencer Daniele. Segurou-lhe as duas mãos e a conduziu em direção à piscina. Eduardo já não conseguia enxergá-los de onde estava. Aproximou-se mais. O homem segurava o corpo dela como se fossem muito íntimos.

Eduardo não pôde deixar de sentir-se enciumado com a cena. Resolveu entrar pela porta da frente. Voltou e tocou a campainha. Rudson logo apareceu para atender à porta.

– Olá, meu rapaz! Que bom vê-lo!

– Olá, Rudson. Eu vim conversar com Daniele. Você já deve estar ciente de tudo.

– Sim, mas não se preocupe, eu não vou abrir o bico...

– Igor já sabe de tudo.

– Como?

– Eu mesmo contei a ele, ontem à noite, depois que ele saiu

da sua casa. Eu estava com Joana quando ele chegou, mas eles vão ficar bem.

– Quer dizer que ele a perdoou? Graças a Deus! Igor é um bom homem, Eduardo. Espero que Joana o mereça.

– Ela o merece, Rudson. Ao menos você, tente se colocar na nossa pele. Foram muito difíceis os seis meses sozinhos naquela ilha. Já não tínhamos mais esperança. Já não tínhamos mais nada e até mesmo as lembranças estavam nos abandonando.

– Eu não estou julgando vocês, Eduardo.

– Daniele está em casa? – perguntou ele, mudando de assunto.

– Sim, está na piscina com Raphael. Não sei o que houve entre vocês ontem, mas creio que terá de se esforçar muito para conseguir o perdão dela. Quero que saiba que farei o que puder para ajudá-lo.

– Quem é Raphael? Algum integrante da ONG?

– Sim, também. Você tem certeza de que não se lembra dele? Era um dos oficiais do Seablue.

– Um dos oficiais? Quer dizer que ele também é responsável por tudo o que aconteceu?

– Não, de forma alguma. Raphael é um bom homem, mas apesar disso, está acertando as contas com a justiça. Foi condenado sozinho pelo naufrágio e todas as suas consequências. Na minha opinião, ele não merecia isso. Foi ele quem salvou a vida de Daniele quando o navio afundou.

– Obrigado, Rudson. Eu vou até lá falar com ela. – Eduardo achou melhor não prosseguir com a conversa. Seria difícil ter que ouvir Rudson elogiando aquele homem.

Seguiu até a varanda dos fundos, onde a grande porta de vidro estava bem aberta. O homem segurava Daniele pela cintura. Eles pareciam brincar na água e ele olhava para ela de uma forma que Eduardo conhecia muito bem. Não lhe agradavam os olhos gulosos de Raphael.

De repente, Raphael puxou-a para mais perto, prestes a beijá-la. Eduardo permaneceu estático, o coração palpitava, esperando o beijo inevitável. Nesse instante, Daniele olhou para a casa e o viu ali.

– Eduardo! – exclamou Daniele. Raphael olhou-a com espanto.

– Tempo suficiente – respondeu ele. – Desculpem pela interrupção. Podem continuar de onde pararam.

– Não, espere! – gritou Daniele enquanto saía da água. – Eduardo, vamos conversar... espere... – Eduardo atravessou a sala de estar quase correndo.

– Ed, espere, por favor! Não é nada disso que você está pensando!

– O que é, então? Ao menos eu tive a decência de não esfregar a Joana assim na sua cara! Você é pior do que eu imaginava, Daniele. Muito pior! – Essas palavras doeram em Daniele e fizeram com que ela se arrependesse profundamente por tudo o que dissera a Ed no almoço do dia anterior. Não precisava ter corrido para os braços de Raphael e agora ela estava realmente se sentindo culpada. Muito mais culpada do que Eduardo, que passara por uma situação horrível a qual por si só já justificava a atitude dele e de Joana também.

– Não diga isso, Ed, por favor. Está sendo muito difícil para mim também, acredite. Vamos subir. Precisamos conversar, esclarecer as coisas de uma vez por todas. Dê-me só uma chance. Você me

deve isso. – Ele devia mesmo e sabia disso.

– Está bem. Vamos esclarecer as coisas. De uma vez por todas. – Daniele subiu na frente. Eduardo a seguiu de longe. Ela entrou e esperou-o com a porta aberta. Trancou-a em seguida.

Eduardo foi até o sofá da pequena sala de estar conjugada. Que saudades ele tinha daquele quarto. Passaram momentos maravilhosos ali. Se ele pudesse voltaria no tempo, para longe de todos os problemas, das traições que tanto machucavam seus corações, para aquele tempo em que somente os dois existiam, e a felicidade.

– E então, Daniele? Quem é aquele cara lá na piscina?

– O nome dele é Raphael. Conhecemo-nos no Seablue, ele era um dos oficiais daquele navio. Aquele homem que estava nos ajudando a organizar as filas para os botes e que me levou até o médico, quando nos separamos, você se lembra? – perguntou Daniele.

– É claro que não. Você sabe que sou péssimo fisionomista e além do mais, eu estava muito preocupado com você para prestar atenção nas pessoas que nos cercavam – respondeu ele asperamente.

– Ele salvou a minha vida, Ed. Quando o navio tombou, eu teria morrido se Raphael não estivesse por perto. Ele me ajudou a nadar para longe e depois me ergueu sobre alguma coisa, para que eu não morresse congelada. Ele quase sacrificou sua própria vida para salvar a minha.

Daniele respirou fundo, retomando o fôlego.

– Não me julgue, por favor. Você não sabe o que está dizendo. Raphael é apenas um bom amigo, nada mais.

– Não acredito. Um homem não se aproxima assim de uma mulher sem segundas intenções. A menos, é claro que ela lhe dê algum sinal de que é isso o que quer.

– Isso também se aplica à Joana?

– Não misture as coisas. O que aconteceu entre Joana e mim foi bem diferente, não tem nem comparação...

– Não seja ridículo! – interrompeu Daniele – Por que foi diferente? Porque você não teve ao menos o cuidado de não engravidá-la? Porque você nem se importou com o que eu e o marido dela sofreremos, tendo que esperar mais seis longos meses para saber se realmente... Oh! Eduardo! Eu não preciso continuar com isso! Eu não o chamei aqui para discutir. Este assunto é uma bola de neve que crescerá cada vez mais.

– Então esqueçamos este assunto – concordou ele. Não podia condená-la. A escolha agora era simples: ou recomeçariam do zero, ou nunca mais reatariam e o que fosse decidido naquele quarto, não poderia ser revogado.

Eduardo aproximou-se de Daniele. Ela estava muito nervosa, trançava os dedos quando ficava apreensiva. Ele segurou o seu queixo, fazendo-a olhar para sua face. Ela não resistiu. Estava trêmula, ele sentiu. Tocou-lhe os braços que estavam gelados e desceu até as mãos que suavam frio.

– Eu não a quero culpar de nada, porque o grande culpado nessa história toda, sou eu. Perdoe-me, eu não tinha o direito de duvidar de você de novo. Desde o caso das fotografias, eu me arrependi muito. Enquanto estive preso naquela ilha, fiquei imaginando uma forma de me desculpar, de fazer com que me perdoasse por ter sido tão... estúpido! Eu imaginei este momento, quando eu chegaria até você e eu a amaria, como a amei naquele dia antes do embarque, lembra? – Daniele sorriu timidamente.

– Como poderia esquecer? – sussurrou.

– Quando Joana me contou sobre o bebê – os olhos de Daniele se desviaram nesse momento e Eduardo percebeu que não devia ter tocado no assunto de novo – eu juro que quis morrer. Isso é horrível, eu sei, mas foi exatamente o que senti. Porque naquele momento eu soube que estava perdendo você. Tive pena de Joana, mas meus pais jamais permitiriam que eu a abandonasse, embora a vontade que eu tive foi de sumir. Roubar você e sumir! Ir para longe! Só nos dois! Mas a vida nos prega peças, não é? Eu não sou homem de fugir das minhas responsabilidades. Então ela me contou que o marido era agressivo quando ficava nervoso e que já tinha quase atacado quando brigara com os pais dela. Eu tive medo. Foi a primeira vez que me senti responsável pela criança, e a partir daí, vi que ela necessitava da minha proteção.

– O que é isso, Igor é o homem mais doce que já conheci! Ele nunca se convenceu de que Joana estivesse morta. Não teve um só dia de sua vida que ele passasse sem pronunciar o seu nome. Acho que se ela sobreviveu foi por quanto Igor o desejou. Fê-lo com tamanha força, que os deuses ouviram suas preces.

– Mas eu não sabia disso. Eu não o conheci no navio, como você e nem tinha sequer noção de qual seria a reação dele quando soubesse. Mas agora isto já não importa mais. – Daniele tornou a encará-lo. – Aqui estamos, não é? E está tudo bem, vai ficar tudo bem, não vai? – Ela o abraçou. Não pôde mais resistir à proximidade de Eduardo. Desejara estar ali com ele tantas vezes que já tinha perdido a conta.

– É claro que vai, Ed.

– Então você pode me perdoar? Eu sei que não será assim, de um dia para o outro que você vai esquecer-se de tudo e nem estou

pedindo isso, mas com o tempo, será que...

– Eu já o perdoei – interrompeu novamente. – Eu amo você, amei você a cada dia. Esperei por você todo esse tempo, eu não cedi às investidas de Raphael. Ele foi só meu amigo, assim como foi amigo de meu pai.

– Desculpe, Daniele. Eu não devia ter dito isso também. Na verdade, não foi o que eu quis dizer, eu...

– Não diga mais nada – disse ela, levando a mão até os lábios de Eduardo para calá-lo. – Beije-me, Eduardo. Eu ainda o amo, muito mesmo.

– Eu também a amo, querida! – respondeu ele e em seguida a beijou com paixão.

59- Paz...

Daniele acordou nos braços de Eduardo. Mal podia acreditar, tinha medo de abrir os olhos e ver que o lindo sonho acabara. Ela não estava acostumada a dormir assim durante o dia, mas depois da avalanche de carinhos que trocaram, não resistiu e deixou que sua alma se libertasse.

Agora que acordou, era difícil crer que já não estava mais sonhando e que ele era real. Observou-o ali, naquele lugar que era só seu e que seria para sempre se ele quisesse. Viu a caixa cor-de-rosa ao lado da cama, agora semiaberta e com parte do vestido caído para fora. Ela a deixara assim depois do acesso de raiva de ontem. Mas agora estava em paz. A paz que só os braços protetores de Eduardo podiam lhe trazer. Levantou-se com cuidado para não acordá-lo. Parecia que finalmente as coisas estavam em seu devido lugar.

Foi até a cozinha e tomou um grande copo de água com gelo. Seu pai estava sentado ao lado da piscina, conversando com Raphael. Daniele pensou em ir até lá e pedir para que ele voltasse para sua casa, mas teve pena. Ele parecia chorar, mas ela não conseguia definir se era isso mesmo, estava longe. Não pretendia fazê-lo sofrer. Ele era seu melhor amigo e a única pessoa em quem ela podia confiar. Não queria que a volta de Eduardo prejudicasse essa amizade pura e verdadeira que ela sentia por Raphael.

Agora cabia a ela ter uma conversa sincera entre os dois, porque apesar de ter certeza da paixão um tanto infundada de Raphael por ela, nunca lhe dera esperanças. Não abdicaria do seu amor, ainda que tivesse que ver seu amigo sofrer. Se a amasse de verdade, ficaria satisfeito em vê-la feliz.

Eduardo segurou a cintura de Daniele. Ela estava distraída observando a conversa de Rudson com Raphael e levou um susto. Quase derramou toda a água do copo. Eduardo riu.

– Sou eu, tolinha! – brincou ele.

– Você me assustou! – respondeu ela e abraçou-o em seguida.

– Agora me conte a verdade. Eu não estou zangado com você. Apenas queria saber o que aconteceu enquanto estive fora. – A voz dele agora não era nem um pouco ameaçadora. Estava doce, como Daniele lembrava de ter sido sempre.

– Foi como eu contei, Ed. Por favor, não se zangue com Raphael. Ele também não teve culpa. Eu havia comentado com ele que você tinha me pedido um tempo e aí... ele tirou suas próprias conclusões. – Eduardo não falou mais nada. Viu que o rapaz e Rudson estavam agora olhando para eles. Rudson disse-lhe alguma coisa e o rapaz foi embora. Afinal seria melhor assim. Eduardo não gostou do que vira, mais cedo, e não queria nenhum pretendente em potencial perto de sua Daniele.

Lembrava-se do sonho que tivera quando ainda estava na ilha, onde Daniele se casava com o marido de Joana. Concluiu que o sonho fora um presságio. Se ele não voltasse, Daniele se casaria com Raphael.

– E então? – perguntou ele para Daniele.

– Então o quê? – ela não entendeu a pergunta.

– Quando nos casamos?

– O quê? Você está brincando?

– Por que eu estaria? Eu voltei, Daniele, estou aqui pra recomeçar nossa história de onde paramos. Se você me perdoou como disse lá em cima, não quero mais adiar nosso casamento.

– Oh! Ed, eu o amo! – disse ela e beijou-o. Era exatamente isso que queria: casar-se com Ed, como tinha sonhado todo o tempo. Apesar de tudo o que acontecera, ela não sobreviveria sem ele e o seu perdão era verdadeiro, de dentro do seu coração.



Joana teve alta do hospital depois da ultrassonografia. Seu filho era um menino! Completamente normal e perfeito. Parecia um milagre! Há pouco tempo ela duvidara que esta criança chegasse a nascer e agora, vendo o rostinho dele, mesmo que pela tela do computador, ela não pôde conter as lágrimas.

Igor também se emocionou. Era um pequeno pedacinho de Joana, e talvez dele também, que estava ali, vivo, esperando para vir ao mundo e escrever mais um capítulo no grande livro da vida. Incrível, totalmente incrível!

– Veja, meu amor... é o nosso bebê... – sussurrou ela para o marido.

–É... A partir de agora seremos três. Você vai ter que me ajudar, não sei ser pai, – brincou ele.

– É claro que sabe, Igor. Todos nós já nascemos prontos para isso.

Joana pensava em Eduardo, se ele julgava-se pronto para ser pai. Ele queria estar ali também, mas ela não pôde permitir. Novamente por causa de Igor. Por que ela tinha tanto medo dele? “Que bobagem!” No fundo, queria que Eduardo estivesse ao seu lado, nesta hora. Não sabia quando teria a oportunidade de conversar com ele de novo. Pelo jeito, não demoraria até que se acertasse com Daniele. Era assim que tinha de ser. Ele com Daniele e ela ao lado de Igor. Por mais que doesse.

60- Presente...

Os meses se passaram e Igor já lhe contara que Daniele marcou a data do casamento com Eduardo para dali a três semanas. Até lá, seu bebê já teria nascido e ela não compareceria à cerimônia. É claro que ela fez isso de propósito, pois odiava Joana. Eduardo não a procurara mais. Igor ainda frequentava a casa de Rudson e vez ou outra dava um jeito de manter Eduardo informado sobre a saúde de Joana e do bebê, como que para provar que não guardava mágoas. Também gritava aos quatro ventos a felicidade que estava vivendo com a chegada do filho, mas não sabia que no coração de Joana ainda pairavam as dúvidas.

O carinho que ela sentia por Eduardo não tinha acabado. Joana sentia-se uma estranha na casa de Igor. Sua casa era aquela ilha. Ela não sabia que estivera no paraíso e agora sentia muita falta dele. Ainda pretendia voltar àquele lugar algum dia, levar o filho e contar para ele como tudo acontecera.

– Igor, você está acordado? – perguntou Joana. Não conseguira dormir desde que foram se deitar. Sentiu uma fisgada. Era como uma cãibra, mas estava demorando a passar e agora fortes contrações se iniciaram.

– O que foi? – perguntou ele, ainda sonolento.

– Oh! Meu Deus! Igor, acorde! – Joana contraiu-se. A dor estava mais forte.

– O que houve? Está se sentindo mal de novo? – perguntou ele, crente de que era só mais uma crise, daquelas que a deixavam alguns dias hospitalizada.

– Acho que o bebê vai nascer! – respondeu ela se contorcendo com a dor.

– Mas como? Agora? – Ele estava muito nervoso, não sabia o que fazer. Via Joana com fortes dores e queria ajudá-la, mas precisava levantar-se e se vestir. Tinha de levá-la ao hospital, depressa.

– Igor, me ajude! Acho que a bolsa estourou!

– A bolsa... que bolsa? Onde?

– Assim você não está ajudando, Igor! Pegue a chave... – mais uma contração... – A chave do carro! Depressa!

– Está bem... a chave... onde está? – Ele estava muito mais nervoso do que Joana. Levantou-se cambaleando, tropeçou nos próprios sapatos.

Joana esperou um intervalo entre as contrações e levantou-se, com cuidado. Foi até a mesa da cozinha, onde estava a chave do carro. Pegou a mala do bebê e ainda ajudou Igor a abotoar a camisa. Outra contração e ela sentou-se no sofá da sala, perto da porta de saída. Gemeu com a dor que era cada vez mais frequente e demorava mais a cessar. Igor ajudou-a a caminhar até o carro e saiu em disparada.



Um enfermeiro com uma cadeira de rodas levou Joana até a sala de parto. Permitiram que Igor ficasse ao lado da esposa. Ele pensou que ela não iria suportar. Ela gritava e agarrava-se a mão dele. Estava suando frio. Joana parecia morrer, aquilo era demais para que ele pudesse suportar. Ela já tinha sofrido muito e não merecia sentir tamanhas dores. Igor se odiou ao pensar que fora ele quem a engravidara, obrigando-a a passar por isso. Chegou a jurar para si mesmo que jamais tornaria a tocar em Joana.

Mais um grito, e tudo acabou. Igor viu quando o médico ergueu o bebê, ainda ensanguentado. Foi muito mais chocante do que todo o sofrimento de Joana, Igor sentiu uma tontura súbita e quase desmaiou.

Joana chorava e sorria ao mesmo tempo. A criança foi posta em seus braços, chorando forte e alto, como que para avisar ao mundo de sua chegada. Ela passou a mão pela pequena cabeça, quase desprovida de cabelos, não fosse por uma fina plumagem molhada. Ele se acalmou e logo o choro era apenas um resmungo. Igor viu os grandes olhos azuis voltados para Joana, encarando-a.

– Sou eu, meu bebê! A sua mãe que está aqui! – a voz dela acalmou-o de imediato.

Igor o deitou sobre o seio de Joana e a pequena boca começou a procurar o leite, sua fonte de vida. Uma das enfermeiras veio buscá-lo. Precisava ser examinado e vacinado antes de ser deixado junto da mãe.



Colocaram-na em uma maca com a criança já enrolada em um manto de pelúcia, sobre si. O bebê mantinha os olhos bem abertos e agora encarava Igor, que estava em pé ao lado da maca. Aqueles eram os olhos de Eduardo. Já não era preciso nenhum tipo de exame para comprovar a paternidade daquele menino. Mas ele não permitiria que soubesse, nunca. Iria se recusar ao exame de DNA e em último caso mudaria de cidade com Joana e o pequeno, talvez voltasse para o interior. Ele também não pretendia contar para Eduardo do nascimento de seu filho. “Não posso fazer isso!” censurou-se.

– Igor, desculpe-me... – sussurrou Joana. Ele sabia muito bem

de que ela estava se desculpando, mas disfarçou.

– Ele é lindo, querida. Tem os olhos de minha avó! – inventou.

– Ele é filho de Eduardo, Igor. Perdoe-me... – Ele viu a dor estampada nos olhos de Joana. Não a dor física, como a que ele presenciara um pouco antes, mas a dor do medo. Medo dele, medo do próprio Eduardo, talvez.

– Você quer que eu o avise? Ele tem direito de saber. – Igor se corroía por dentro enquanto proferia essas palavras. Esperava receber um sonoro “não!”, mas não foi isso que aconteceu.

– Você faria isso, por mim? – perguntou ela emocionada.

– Eu faria qualquer coisa por você! Qualquer coisa, mesmo! Não tem ideia de como eu sofri quando pensei que estivesse morta. Mas tinha alguma coisa dentro de mim que piscava o tempo todo, como um alerta para me dizer que estava viva! Eu jurei para mim mesmo que a faria feliz. Mas se é ao Eduardo que você quer... – Ele achou melhor não continuar, apenas respirou fundo.

Não era o momento para terem aquele tipo de conversa. Joana estava exausta e precisava descansar. Sabia que as mulheres ficavam muito sensíveis depois do parto e evitaria aborrecê-la para que não adocesse. – Eu o chamarei. Vou buscá-lo para você – disse ele finalmente, com os olhos voltados para o chão.

A expressão no rosto de Igor agora já não era mais de alegria. Estava duro e ríspido como ela temia tornar a vê-lo um dia. Ele saiu pelo corredor a fora, mas antes lançou um último olhar para o bebê que agora sugava com força o seio de Joana.

Igor voltou para casa. Eduardo poderia esperar até o dia seguinte. Pretendia passar a noite toda no hospital ao lado dela, mas

depois daquele pedido, decidiu que não deveria. Talvez ela quisesse pensar, planejar alguma coisa para dizer a Eduardo quando ele chegasse. Talvez ela o amasse. Quem sabe pretendia deixá-lo e ficar com o pai de seu filho de uma vez por todas.

Igor sabia que Eduardo se reconciliara com Daniele. Os dois se casariam e tudo voltaria a ser como deveria. Tudo em seu lugar. Igor se deitou, mas não dormiu. Era pouco mais de sete horas quando se levantou. Olhou no relógio. Eduardo ainda não devia ter ido para a escola, onde ele voltara a trabalhar. Pegou o telefone e discou o número de sua casa. Ele mesmo atendeu.

– Alô! – disse a voz do outro lado.

– Eduardo?

– Sim, quem fala?

– Igor.

Eduardo ficou apreensivo. Não imaginou o que Igor quisesse falar com ele, pois durante todo o tempo ele se esquivara dele, deixando bem claro que ele e Joana estavam felizes e não queriam contado algum com ele.



Às vezes, quando o seu telefone tocava e ninguém respondia, ele sempre imaginava que fosse Joana. Então ele lhe perguntava sobre o bebê e contava seus planos. A pessoa do outro lado ouvia e depois desligava. Às vezes Eduardo ouvia sussurros e até mesmo pensava ouvir um choro quase silencioso. Chegou a imaginar que fosse o próprio Igor, só para saber o que ele sentia por Joana. Eduardo sempre dizia a verdade, acreditando que era ela, de outra forma não teria coragem de dizer o quanto a amava.

Quando saíram daquela ilha, alguma coisa mudou entre eles.

Uma ligação muito forte entre os dois prevalecera e era essa ligação que dava certeza para Eduardo de que o filho de Joana era seu.

E agora esse telefonema inesperado de Igor.

Não o acordara. Ele não havia dormido mesmo. Uma angústia fatigante tomara conta de seu corpo e não deixara com que seus olhos se fechassem em nenhum momento.

– Igor? Aconteceu alguma coisa com Joana?

– Aconteceu. Seu filho nasceu, Eduardo – disse Igor com a voz dura e sóbria.

– O quê? Nasceu? Mas como? Quando?

– Fique calmo! Eles estão bem!

– Por que não me avisaram antes? Eu queria estar ao lado dela... eu... – Eduardo se conteve. Estava eufórico com o nascimento do menino, mas guardaria sua euforia para comemorar ao lado de Joana, se ela quisesse.

– Ela está na maternidade, esperando por você.

– Me esperando? Quer dizer que eu posso...

– Vá logo, rapaz! Ela não tem a vida inteira para esperar! – interrompeu Igor, não querendo prolongar demais a conversa torturante. Percebera a alegria de Eduardo. Ouviu ele lhe agradecer e então desligou. Não iria ao hospital pela manhã. Não queria encontrá-lo lá. Talvez procurasse Daniele e Rudson e lhes contasse a novidade.

61- A Visita...

Eduardo foi imediatamente até o hospital. Joana ainda dormia, com seu pequeno filho nos braços. Estava mais linda do que nunca, com um sorriso nos lábios. Pareciam duas crianças dormindo, isso sim! Ela virou-se um pouco e abriu os olhos, sentindo a presença dele.

– Eduardo?

– Sim, sim. Eu estou aqui com vocês – respondeu ele, emocionado por vê-los.

– Olhe, é o nosso bebê – disse ela apontando-lhe o filho para que Eduardo o segurasse.

– Eu nunca segurei uma criança tão pequena. Você terá que me ajudar – pediu ele. Joana sentou-se com cuidado e então colocou a pequena criatura no colo do pai. Ele estranhou e pôs-se a chorar.

– É um guloso! – brincou ela. Eduardo contemplou os imensos olhos, azuis como o céu. Era seu filho, não podia negar. Entregou-o de volta para que ela o amamentasse.

– E você, está bem?

– Sim, não poderia estar melhor. O nosso filho é lindo!

– Ele é, sim. Eu queria tanto ficar com vocês, vê-lo crescer... – Joana notou tristeza na voz de Eduardo. Ele tocou seu rosto com a ponta dos dedos, e aproximou-se dela como se fosse beijá-la, mas uma voz o interrompeu.

– Eduardo? Sabia que estaria aqui, Igor me avisou. – Era Daniele. É claro que Igor a tinha avisado. Não permitiria que Joana ficasse sozinha com Eduardo, nem mesmo nesse momento, que deveria ser só dos dois.

– Daniele, o que faz aqui? – perguntou Joana.

– Vim ver o filho do Igor – respondeu ela. Joana não respondeu, apenas baixou a cabeça e se concentrou em seu filho.

– Daniele, você sabe que este filho é meu – disse Eduardo.

– Não é, não. É filho do Igor, não é Joana? – perguntou para constranger Joana. Ela não respondeu nada. Eduardo faria o que quisesse, ela não se intrometeria mais em suas vidas.

– Vamos, diga para ele quem é o pai desta criança – Eduardo segurou Daniele pelo pulso.

– Está na hora de ir embora, Daniele. Você enlouqueceu? Joana acabou de ter o bebê, não está vendo? Ela não pode se aborrecer com os seus caprichos!

– Eu não vou sair daqui até que ela lhe diga a verdade, Eduardo! Este bebê não é seu filho, você não percebe que nem ela mesma sabe quem é o verdadeiro pai?

– Daniele, vamos embora, agora! – disse Eduardo mais uma vez, puxando-a para fora do quarto. Os dois saíram discutindo pelos corredores.

Joana chorava baixinho quando Igor chegou.

– Por que você fez isso?

– Fiz o quê? Eu trouxe o seu Eduardo, como me pediu, não trouxe?

– Daniele esteve aqui. Ela quase me agrediu. Disse que foi você quem a chamou, Igor.

– Sim, eu a avisei que Eduardo estaria aqui. Mas não lhe pedi que viesse.

– Você não podia ter feito isso, Igor. Você está vendo que o bebê é mesmo filho dele. Poderia ao menos nos deixar conversar em

paz?

– Conversar? Sobre o quê? Você o ama, Joana? É isso que quer lhe dizer? – Ela permaneceu calada. O bebê recomeçara a chorar, assustado pelo tom de voz dos dois.

Igor parou imediatamente, ao se dar conta do que estava dizendo. Não queria deixá-la mais nervosa do que já estava depois da visita de Daniele. É claro que ele tinha avisado que seu noivo estaria no hospital. Conhecia Daniele e sabia que ela logo estaria junto com ele, evitando que ficasse sozinho com Joana.

– Desculpe, eu estou confuso. Você poderia ao menos fingir que este filho é meu? Eu queria tanto... – Igor não estava revoltado, mas sim magoado. Isso era demais para ele – Escute-me, sua mãe está chegando hoje. Vai ficar mais uns tempos por aqui, com você. Eu vou para um hotel. Não posso permanecer na casa com você, pelo menos por enquanto. Quando você estiver certa do que realmente quer, eu estarei esperando. É só me chamar.

– Igor, não me deixe, por favor! – Essas palavras entraram no coração dele. Mas já não podia voltar atrás. Sabia que ela estava balançada e que Eduardo se dispusera a terminar tudo com Daniele outra vez e ajudá-la a criar o filho. Ele tinha esse direito. Igor não tinha.

– Perdoe-me, mas será desta maneira. Brigitte virá buscá-la à tarde. Eu já não estarei mais em casa quando você chegar. – Ele aproximou-se e beijou-lhe a testa – Adeus, Joana!

– Igor, não faça isso, por favor! – implorou novamente. Não se sentia segura sem ele. Tinha medo de não resistir e cair novamente nos braços de Eduardo. Ela teria que ser muito forte, mas este não era o melhor momento para se exigir força. Não queria estragar a

vida de Eduardo, logo agora que ele estava tão perto de realizar o sonho de se casar com Daniele.

62- A Decisão...

Brigite chegou. Já havia buscado a mãe de Joana na rodoviária e era ela quem levaria o bebê, enquanto Brigitte ajudava Joana a locomover-se até o carro.

Ainda estava fraca. Levaria algum tempo para se recuperar.

– Você está linda, Joana! – disse Brigitte. Não parecia que tinha acabado de dar a luz. Estava um pouco inchada ainda, mas já quase recuperara o corpo de antes.

– Obrigada, Brigitte. Estou muito carente mesmo de elogios como este.

– Ora, não seja modesta! Você já se olhou no espelho? Está linda, mesmo! – Joana nada respondeu, apenas sorriu.

Os primeiros dias não foram nada fáceis, mas logo ela se acostumou à rotina do bebê, e sua mãe resolveu voltar para casa.

– Eu gostaria de ir com senhora, mamãe. Creio que o papai ficaria feliz em conhecer o seu neto.

– Sim, ficaria – disse apenas.

– Se quiserem, eu levo vocês duas até lá – ofereceu Brigitte, mas foi logo interrompida pela mãe de Joana.

– Não! De forma alguma! Joana ainda não está forte o suficiente, minha filha. Terá muito tempo para nos visitar. Agora fique aí e descanse.

– Mas, mamãe... – choramingou.

– Você sabe que dia é hoje? – perguntou Brigitte no caminho de volta.

– Sim, é domingo – respondeu apenas. Ela sabia que Brigitte se referia ao casamento de Eduardo.

– Será a sua última chance. Você tem certeza?

– Eu tenho sim, Brigitte. Acho que nunca tive tanta certeza em toda minha vida – respondeu Joana, confiante.

As duas voltaram para casa. Ela abriu o guarda-roupa e começou a se arrumar para a cerimônia. Brigitte avisou Rudson que se atrasaria um pouco, não podia deixar Joana muito tempo sozinha com o bebê. Ele não se importaria. Joana lhe entregou o CD com a música e as duas saíram em direção à pequena capela. Eduardo já esperava pela noiva, mas ainda era cedo.



O casamento se realizaria em uma das fazendas de Rudson. Duas grandes sedes eram interligadas por uma pequena ponte em arco, estendida sobre um córrego e um campo verde, onde se estendia uma cerca viva em formato de caracol. Uma espécie de pista de dança tinha sido montada ao lado da capela, onde os convidados já se aglomeravam e dançavam ao som das caixas, colocadas estrategicamente nos quatro cantos do salão.

Eduardo estava muito nervoso, naturalmente. Charles estava ao seu lado. Seria seu padrinho de casamento. Apesar de estar prestes a subir ao altar com Daniele, o assunto preferido de Eduardo eram Joana e o bebê. Charles chegou a lhe chamar a atenção, alguém poderia ouvir e não pegaria nada bem. Eduardo conteve-se. Charles tinha razão. Se Daniele desconfiasse era bem capaz de abandoná-lo ali mesmo, em frente ao altar. Uma música conhecida começou a tocar.

Não podia ser verdade!

Era Joana quem entrava no salão, pela porta da frente. Linda, como Eduardo jamais sonhara em vê-la. Os cabelos escuros estavam

presos em um rabo-de-cavalo no alto de sua cabeça. Vestia um macacão preto, com um decote frontal que deixava à mostra a curva dos seus belos seios, contrastando com as plumas e os paetês das convidadas extravagantes de Daniele, que dançavam no meio do salão.

Joana viu Eduardo lá no fundo conversando com Charles e foi em sua direção. Séria, atravessou o salão todo sem tirar os olhos dele. Os convidados iam saindo do caminho da bela que se aproximava como que desfilando ao encontro do seu príncipe. Ela parou diante dele e beijou seus lábios pela última vez, enquanto o envolvia em seus braços.

Virou-se e saiu da mesma forma que entrou, sem olhar para trás.

Era chegada a hora de ir buscar Igor em seu quarto de hotel. Ela o levaria de volta para seu lar, de onde ele nunca mais deveria sair.

Ao fundo, a música continuava a tocar...

*“...Diga-me como você me ama
E como você acha que eu sou sexy, baby
Que você não quer outro alguém
Que você não quer aquele rapaz
Me diga como você ama meu corpo
E como eu faço você se sentir, baby
Que você quer ficar comigo
Que você quer me amar
Eu amo ouvir você dizer isto
Isso faz um homem se sentir bem, baby*

*Me diga que você depende de mim
Eu preciso ouvir isto..."*

*"...Baby você é a forma perfeita
Baby você é o peso perfeito
Me trate como se fosse o primeiro e único
Eu quero isto deste modo, eu quero isto*

*Diga-me que você não quer que eu pare
Diga-me que isto partiria seu coração
Que você me ama com todos os meus defeitos*

*Que você quer me amar, agora
Você quer pegar fogo comigo
Eu amo ouvir você dizer isto
Isso faz um homem se sentir bem, baby
Você pode me dizer isso todas as manhãs..."*